



O . DOCTOR . FRANCISCO . DE . SA . DE . MIRANDA

O
POETA DO NEIVA.



Noticias Biográficas e Genealógicas
recolhidas e compostas por
JOSE DE SOUSA MACHADO



BRAGA
LIVRARIA CRUZ — Editora
1929

JOSE

L.VIZ.

Trabalho local
129

→ Em lembrança do dia do nosso Aniversário
— 18 de Julho de 1992 — Com um grande
abraço, do irmão,
« O Catao Português » — AP Bento

O POETA DO NEIVA

NOTÍCIAS BIográficas E GENEALÓGICAS

DO AUTOR :

A SINDICANCIA Á CAMARA MUNICIPAL DE BRAGA.
Acusação e defesa — Braga 1897.

ALVARO DE BRAGA. Reflexões ao snr. Pereira Caldas — Braga 1900.

APOSTILAS Á MEMORIA GENEALOGICA E BIOGRAFICA
SÔBRE MARINHOS FALCÕES — Braga 1904.

BRAZÕES INÉDITOS. — Braga MCMVI.

MEMORIAL DE DIOGO SOARES — (Seculo XVII) —
Braga 1921.

CARTA ABERTA ao snr. Dr. António Cabral a proposito do seu livro — «Alexandre Cabral — Memórias politicas — Homens e factos do meu tempo» — Braga 1923.

QUE MÁ RESPOSTA! — Ligeiras Observações em defesa da «Carta Aberta ao snr. Dr. Antonio Cabral» — Braga 1923.



O . DOCTOR . FRANCISCO . DE . SA . DE . MIRÁDA

O

POETA DO NEIVA.

Noticias Biográficas e Genealógicas
recolhidas e compostas por
JOSÉ DE SOUSA MACHADO

BRAGA
LIVRARIA CRUZ — Editora
1928



7674

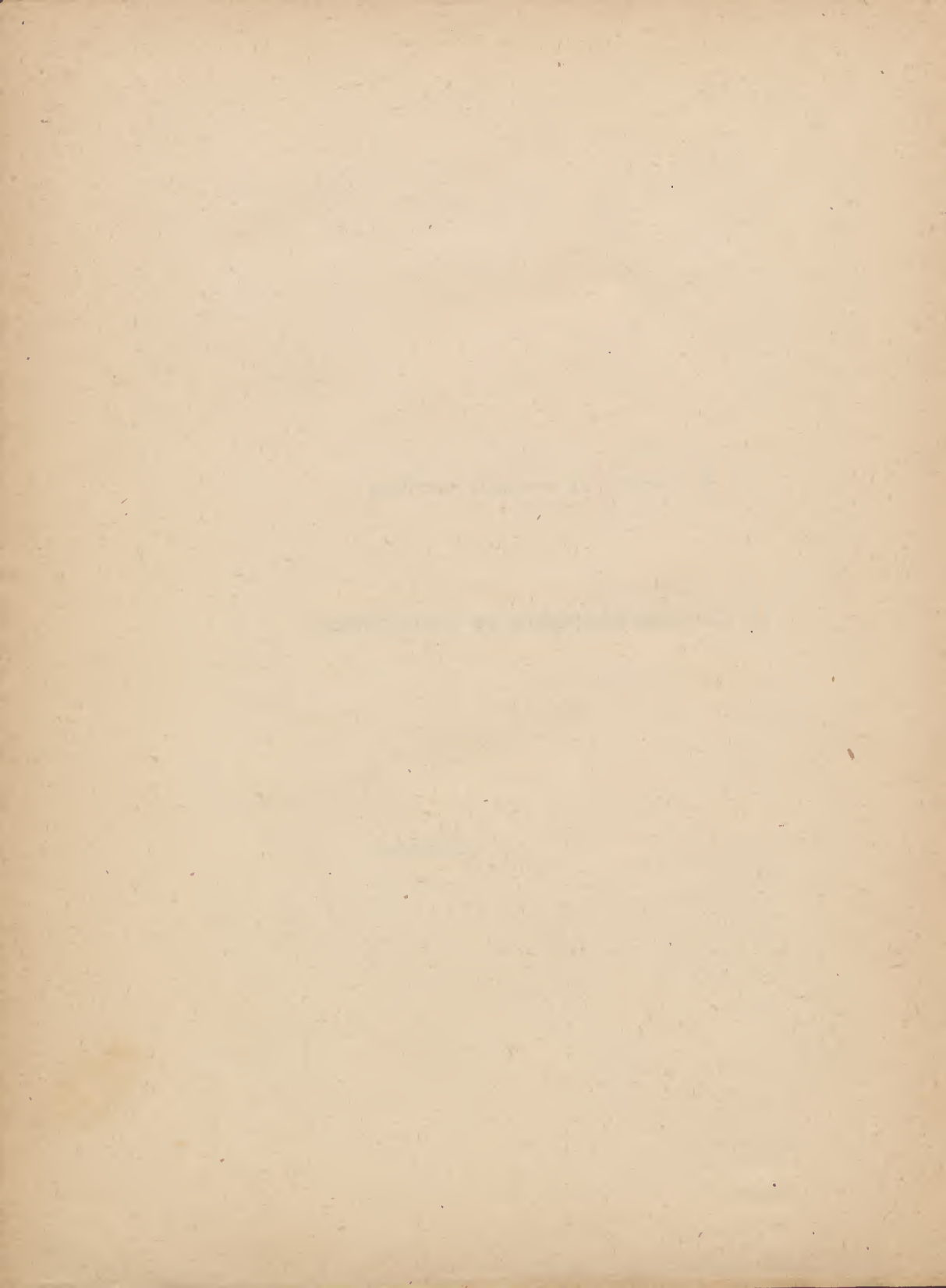
Frâncisco de Sá de Miráda.	registro n.º
	16106
	data
	16.09.2015
	cota

929 Miráda, Francisco de Sá de

À memória da eminente escritora

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

CONSAGRO.



Interessaram-me sempre as ruínas, silenciosas evocadoras do Passado, os edifícios desolados pela impiedade dos séculos e pelo menosprêzo do homem, os documentos mordidos da traça, escurecidos e sepultados no pó dos arquivos, tôdas as sobrevivências, tôdas as relíquias das civilizações pretéritas, das grandezas abatidas e das instituições extintas.

À leitura fácil e enervante dos românces de cordel, preferi, desde minha afastada mocidade, a busca e interpretação de esquecidos documentos, o estudo das nossas velharias, a observação dos monumentos, a visita aos museus e as lições, sempre proveitosas, dos bons clássicos.

Todo o tempo que sobejava dos trabalhos oficiais era pouco para realizar meus sucessivos programas de investigação, para completar ou verificar uma notícia recolhida.

E assim passei anos, cêrca de meio século, enchendo algumas dezenas de cadernos com notas documentadas, que em grande parte desperdicei em jornais e revistas de vida efêmera.

Essas notas teem geralmente um carácter regional, mas algumas, não poucas, interessam à História, à Literatura e à Arte nacionais. Recordarei, como exemplo e prova, as relativas ao insigne filósofo Francisco Sanchez, aos poetas Diogo Bernardes e Sá de Miranda, aos architectos Castilho e Machim e à cerâmica de Prado.

Acêrca do poeta do Neiva consegui reünir um crescido número de interessantes notícias, produto de antigas diligências e de recentes e cuidadosas investigações.

No Arquivo Distrital de Braga, nos documentos existentes na Casa da Tapada, gentilmente confiados ao meu exame pela Ex.^{ma} Senhora D. Branca de Azevedo Sá Coutinho e no Tombo da Casa de Castro, em poder do snr. Alberto Vieira Soares, que delicadamente me permitiu sua leitura, — obtive seguros elementos para aproximar datas que interessam à vida de Sá de Miranda, fixar os derradeiros domicílios do poeta filósofo, esclarecer algumas notícias confusas e até acrescentar-lhes factos inéditos que merecem registo.

Na Casa da Tapada não encontrei nobiliário algum, nem apontamentos genealógicos, tão vulgares nas casas aristocráticas, como necessários para regular a sempre discutida sucessão dos vínculos e das capelas.

Esperava, confesso, ver ali preciosos livros genealógicos, porque Vasco de Azevedo Coutinho, 6.º snr.

desta casa, fundada por Sá de Miranda, foi bom genealogista, e seu filho Rodrigo, e ainda seu neto Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, seus imediatos sucessores, também se applicaram à genealogia; mas a falta dêsses livros não me causou surprêsa, porque me recordei logo do violento incêndio que destruiu o Paço de S. João de Rei, na segunda metade do século XVIII, e sabia que era, então, nêsse antigo solar a residência dos senhores da Casa da Tapada.

A perda dêsses nobiliários não me prejudicou porque abundam manuscritos fidedignos na minha numerosa coleção genealógica.

A genealogia, aproveitada com prudência esclarecida e justificada com documentos aceitáveis, é um valioso auxílio dos biógrafos e dos historiadores. Não pode desprezar-se.

Erra por ingenuo, quem aceita, como seguras verdades, as informações viciosas da grande maioria dos nobiliários particulares, escritos geralmente sem honestidade e sem critério, pela louca vaidade dos recém-enobrecidos; mas peca, por excessivo receio, quem a condena como inútil e prejudicial, regeitando o auxílio que lhe pode dispensar a lição dos bons nobiliários.

Por mim, declaro que, com a prudente cautela, que uma longa experiência me recomenda, quotidianamente bebo na fonte genealógica, a única que em muitos casos mitiga, se não mata, a sêde da curiosi-

dade; e que considero deliciosa a sua água, quando, bem analisada pela crítica e atentamente comparada com outra, pura mas avara, de origem autêntica, se lhe reconhecem qualidades que a recomendam como potável.

Filtrada por documentos, pode beber-se sem receio. (1)

A ela recorri para melhor conhecer a ascendência e descendência do Dr. Francisco de Sá de Miranda, de seus parentes e afins e de pessoas mais ou menos relacionadas com o poeta do Neiva, pelo sangue, pela amizade e pelo laço literário.

(1) Documentos e não produtos avariados da falsificação ao serviço da vaidade burguesa ou da cobiça ladina. Se é certo que estes falsos *documentos* abundam em toda a parte e aparecem de preferência na confirmação das árvores genealógicas, também (porque a Providência não dorme) é certo que veem sempre acompanhados de caracteres que denunciam a má origem, que os tornam suspeitos, e que provocam o exame cuidadoso do leitor prudente. Os pretendores à casa do Conde da Feira e os falsos descendentes do infante D. Duarte forjaram numerosos *documentos* com grande cuidado, muita paciência e inegável perícia; e lograram iludir alguns homens inteligentes, talvez ingénuos; mas pouco depois, esses *documentos* transformaram-se em testemunhas de acusação, em provas do crime dos seus autores; isto é, a crítica fez deles, que eram falsos, verdadeiros documentos contra os falsificadores. Podia citar numerosos casos semelhantes, mas bastará lembrar o mais recente: a cópia do simulado assento do baptismo dum filho de Martim Velho da Fonseca Barbosa, senhor do Paço de Marrancos.

É esta até a principal intenção dêste livro, que não tem a menor pretensão literária e que entra no prelo para satisfazer instantes desejos de prestimosos amigos.

Ainda se não apagou a memória dêsse generoso, mas efêmero, movimento vivificador do culto dos homens de letras pelo famoso mestre de Andrade Caminha, de António Ferreira e de Diogo Bernardes.

Ao seu benemérito iniciador Bertino Daciano Guimarães — que tão cedo conquistou um nome ilustre — e ao meu velho e respeitável amigo Dr. Santos Mota, prometi então minha desvaliosa colaboração na justa homenagem ao Poeta do Neiva, que êstes dois eruditos e abalisados professores projectavam realizar; e, pouco depois, aceitei o gentil convite do conselho do Liceu Sá de Miranda para fazer a história genealógica da Casa da Tapada, que o poeta fundou.

Prometi e aceitei sem reparar na imprudência; mas quando o desânimo me dificultava a tarefa, recebi a promessa dum precioso elemento para dar valor e interêsse ao meu livro.

Foi-me revelada a existência de alguns cadernos manuscritos, autógrafos do iniciador do progresso da poesia nacional no século XVI; foram-me até generosamente oferecidos pelo seu legítimo possuidor, que era o meu desventurado amigo D. Luís de Azevedo Sá Coutinho, quando me inçou pela publicação dêstes

meus estudos biográficos e genealógicos, que muito lhe interessavam.

Por infelicidade minha e dos leitores, faleceu na sua quinta da Carriça, próximo da Casa da Tapada, a 22 de Março de 1925, sem realizar sua reiterada promessa, sempre adiada pelos seus crueis padecimentos. Baldadas foram minhas instantes diligências por vêr e examinar o precioso códice, perdido no reduzido espólio. (1)

Estes e outros factos, revestidos de estranhas circunstâncias, que devo calar, determinaram a excessiva demora, os repetidos adiamentos, prolongados pelo natural desalento que me assaltou ao ler a desoladora notícia do falecimento de Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem devia ser consagrado êste livro.

Não prouve a Deus conceder-me a oportunidade de prestar tão justa homenagem em vida da prestigiosa escritora, que com tanto amor e carinho, auxiliada pela luz poderosa da sua invejável erudição, nos ressuscitou o poeta do Neiva, reconstituindo a época de sedutora opulência em que fôra educado, a vida ainda faustosa, mas decadente, da côrte pelo varão forte abandonada.

Seja êste livro o meu modesto mas sincero tri-

(1) Oxalá que não tenha sido destruído, como *inútil* por ser *latim*, e que esteja na companhia dos valiosos documentos desviados do arquivo da Casa da Tapada.

buto de homenagem à memória da imortal académica, que, sem descanso e sem desânimo, estudou profundamente a obra poética de Francisco de Sá de Miranda, nas suas duas feições bem definidas (nacional e italiana) anotando e interpretando seus versos — alguns de intrigante obscuridade; corrigindo êrros de cópia e de impressão; recolhendo e coordenando notícias dispersas e disfarçadas, examinando e comparando códices e edições e registando suas numerosas variantes, para dotar, com fidalga prodigalidade, a Literatura Portuguesa, com a edição definitiva das poesias do cantor do Neiva.

Há, é certo, correcções e reparos a fazer nessa obra monumental; mas ela ficará sempre no seu lugar reservado como fruto prodigioso dum trabalho realizado com critério e honestidade, como joia preciosa ennobrecida com os labores de castiça literatura, que tanto relêvo e opulência dão à grande obra de Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

I

O POETA E SEUS BIÓGRAFOS

Tem-se escrito muito acêrca de Sá de Miranda, mas nem sempre se tem respeitado a verdade, ou se tem, pelo menos, procurado descobri-la.

O Marquez de Montebelo e Faria e Sousa, no século xvii, Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco, em nossos dias, são, no meu conceito, os mais culpados, como oportunamente demonstrarei; mas o autor da biografia que acompanha a segunda edição das obras poéticas de Sá de Miranda (1614) vencendo a todos na prioridade e nas condições favoráveis de acertar e referindo os nomes dos seus idóneos informadores, conquistou fácilmente, a despeito de se esconder no anonimato, tão larga aceitação que as suas numerosas inexactidões são seguramente as que mais engrossaram as dificuldades em que tropeça quem pretende reconstituir a vida do Horácio português.

Esta biografia, que se manteve anónima na edição

de 1677, foi atribuída a D. Gonçalo Coutinho pelo autor da Biblioteca Lusitana, talvez por mera presunção, por quanto não deu a razão desta notícia bibliográfica e certamente a daria se fosse sólido seu fundamento.

Camilo Castelo Branco duvidou da notícia porque não tinha confiança em Barbosa Machado a quem apanhara em algumas mentirosas afirmações; todavia, Teófilo Braga aceitou a indicação da Biblioteca Lusitana, apresentando razões que não convencem, porque apenas mostram a possibilidade daquela biografia ser escrita por D. Gonçalo Coutinho.

A todos passou despercebida a informação do Marquez de Montebelo acêrca do autor da biografia anónima. Lê-se no célebre Memorial a páginas 199:

«... e assi lo dezia Gomes Machado de Azevedo, cavallero muy antiguo, que fue el que escrevio la Vida d'aquel illustre Poeta, a instancia de Don Gonçalo Coutiño.»

Gomes Machado de Azevedo é um dos filhos bastardos de Fr. Bernardino Machado, comendador de S. João da Guarda e de Oliveira do Hospital, na ordem do Hospital de Jerusalem, e cunhado de Sá de Miranda.

Criado na vizinhança de seus tios com quem conviveu na sua mocidade, passou a viver em Vila Real, onde casou com D. Isabel Pereira de Sampaio, filha de Afonso Botelho. Depois da morte de D. Isa-

bel, de quem não ficou descendência, voltou para a sua casa e quinta da Bornaria, junto à Honra de Vasconcelos, na freguesia de Ferreiros, no antigo concelho de Entre Homem e Cávado (Amares) e ali faleceu a 16 de Janeiro de 1624, tendo sepultura na igreja de Carrazedo. (1)

O ignorado, ou duvidoso autor, escreveu em data posterior a 1593, aproveitando, como afirma, notícias recebidas, directa ou indirectamente, de Diogo Bernardes, Gonçalo da Fonseca e Castro, Gomes Machado de Azevedo, Jerónimo Pereira e Sá, Henrique de Sousa e D. Manuel de Portugal. Diogo Bernardes já era falecido, quando, em 1596, foram publicadas as suas *Rimas Varias*, encerradas pela *Elegia* de seu irmão Fr. Agostinho da Cruz.

Gonçalo da Fonseca e Castro, senhor da casa das Brôlhas em Lamego (hoje representado pelo meu velho amigo e antigo Par do Reino, Macário de Castro da Fonseca Pereira) possuía, em 1584, o exemplar duma edição grega de Homero que pertenceu a Sá de Miranda, e tinha notas marginaes, na língua grega, do punho do poeta do Neiva. (2)

(1) Arquivo Distrital — Registo Civil, Livro mixto n.º 1, da freguesia de Ferreiros (Amares).

(2) Êste livro, como a remota tradução do Velho Testamento que estava na Biblioteca dos Bispos de Lamego e também pertenceu a Sá de Miranda, devia ter saído da casa da Tapada por ocasião do

Não dou á biografia anónima o grande crédito que geralmente lhe concedem. Aceito aqui o juizo de Camilo Castelo Branco e do meu obsequioso amigo, sr. Delfim Guimarães, cuja autoridade crítica se impõe a quem conhece seus valiosos trabalhos literários.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que acolheu bem essa biografia, afirmando que fôra o seu mais valioso auxiliar, não hesitou em reconhecer-lhe algumas inexactidões.

Mas elas são tantas e tão evidentes que se não deve aceitar, sem prudente reserva, o que ali se afirma com sugestiva feição de verdade.

A data do nascimento, evidentemente errada; o estudo na Universidade de Coimbra, quando é certo que êste estabelecimento de instrução superior ainda se conservou por muitos anos em Lisboa; a lenda do bordão e da noiva pouco formosa e de avançada idade; a sua vida de extravagante desprezo do mundo, depois de viuvo; o longo domicílio na Tapada; a sepultura na capela de Santa Margarida; e outras informações, fácilmente destruidas, autorizam-me a dizer, à moderna, que bateu dentro dos acañhados limites dessa reduzida biografia, o *record* da inexactidão.

ajuste de casamento de Francisco de Sá de Menezes (neto do poeta) com D. Antonia Monterroyo de Carvalho, sobrinha e tutelada de D. Diogo Leitão, Deão da Sé de Lamego, cuja assinatura se vê na escritura dotal, lavrada na casa de Castro a 14 de Setembro de 1585.

A *Vida de Sá de Miranda*, desenhada e colorida pela pena firme e delicada de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na *Introdução e Notas* do seu precioso livro, é, sem dúvida, a melhor de tôdas as biografias do poeta do Neiva.

Ninguém, no pretérito, a excedeu nessa piedosa tarefa.

No porvir, é de esperar que alguém, descobrindo *novos* documentos que o pó ingrato dos arquivos conserva na actualidade escondidos, encontre a solução de problemas, factos ignorados e circunstâncias inéditas, na biografia do poeta filósofo.

Posteriormente à edição monumental de 1885, alterou a insigne romanista, em estudos suplementares, algumas das suas anteriores afirmações; (1) o Dr. Sousa Viterbo (2) e o general Brito Rebelo (3) publicaram valiosos e interessantes documentos; e o sr. Delfim Guimarães, tendo a felicidade de descobrir um mutilado códice de Sá de Miranda, que dormia esquecido numa Miscelânea da Biblioteca Nacional de Lisboa, generosamente comunicou a sobrevivência desse precioso autógrafo a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que o publicou acompanhado de valio-

(1) *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. v, pág. 9-230.

(2) *O Instituto*, vol. XLII e XLIII.

(3) *Arquivo Histórico Português*, vol. 2.º e 3.º

sas notas (1) algumas das quais foram judiciosamente comentadas pelo erudito director do Arquivo Literário, prestando gentil homenagem à distinta professora e benemérita académica, cujas conclusões em parte regeitou. (2)

Teófilo Braga, que na sua *História dos Quinhentistas* escrevera em 1871 a vida de Sá de Miranda, publicou em 1896 um dos seus melhores livros, *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, aproveitando todo o material recolhido por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Sousa Viterbo, Brito Rebelo e Camilo Castelo Branco, para emendar e esclarecer êrros e contradições; mas o invencível e teimoso apêgo à sua opinião, a doentia preocupação demolidora que tanto prejudicou seus fecundos estudos, e a inexplicável ingenuidade com que deu crédito ao Marquez de Montebelo e a outros escritores da mesma fôrça, mantiveram, se não agravaram, por vezes, os defeitos do seu estudo inicial.

Pródigo em notícias históricas e esclarecimentos aproveitáveis, Teófilo Braga documenta com êste seu valioso trabalho, sua invejável erudição. É-me grato confessar o auxílio que me prestou a leitura demorada do seu livro que, repito, a-pesar-dos defeitos apontados, é obra útil e digna do geral aprêço em que é tida.

(1) *Boletim da Segunda Classe.*

(2) *Arquivo Literário*, de Delfim Guimarães, vol. 1, pag. 13-35.

Outros consagrados escritores podia mencionar entre os biógrafos de Sá de Miranda, mas, para texto, preferi os estudos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e do Dr. Teófilo Braga, que são os mais valiosos, a despeito de repetirem as erradas informações anónimas e as patranhas do Marquez de Montebelo, exageradas pela desenfreada imaginação de Camilo Castelo Branco.

Reproduzindo, sem preocupação literária, despidas de galas e de brilho, as notícias aceitáveis entre as contidas nas biografias anteriores, vou tentar a aproximação de algumas datas evidentemente erradas, comentar serenamente determinadas afirmações que merecem reparo, divulgar alguns factos interessantes, na sua maioria inéditos, e lembrar outros já esquecidos ou infelizmente desprezados.

II

NASCIMENTO E MOCIDADE

Francisco de Sá de Miranda nasceu em Coimbra.

Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo,
.....
Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro. (1)

Em que data?

O autor anónimo afirma que o poeta nascera no dia «em que el-rei D. Manuel tomára posse dêstes reinos» (27 de Outubro de 1495) mas essa data não

(1) *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda, edição feita por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Halle, 1885, pág. 215. As nossas citações referem-se a esta preciosa edição, sob a denominação *Poesias*.

Nicolau António (*Bibliotheca Hispana Nova*) diz que Francisco Sá de Miranda era natural de Montemor. Interpretou mal a carta VII a Jorge de Montemayor. (*Poesias*, pag. 456):

«De mucha gloria al nido suio i mio.»

pode aceitar-se: é incompatível com a data da sua perfilhação e legitimação (1490) e com o facto do *Cancioneiro geral*, coligido por Garcia de Rezende e impresso em 1516, incluir algumas poesias do Doutor Francisco de Sá, que é, sem dúvida, o poeta do Neiva. Teófilo Braga e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (nas *Poesias de Sá de Miranda*) aceitaram como boa a falsa data; mas o snr. Delfim Guimarães demonstrou, à evidência, que essa data (1495) não podia estar exacta, devendo o êrro explicar-se por lapso de memória do informador do biógrafo anónimo. O poeta nascera no dia em que el-rei D. João II tomou posse do govêrno dêstes reinos (28 de Agosto de 1481) e o informador referiu-se a D. Manuel e não ao seu antecessor. (1)

Com a aplicação dos documentos de perfilhação dos filhos do cónego Gonçalo Mendes (2) Teófilo Braga alterou a data, afirmando que Sá de Miranda devia ter nascido na primavera de 1485 e que D. Gonçalo Coutinho (o autor anónimo) se equivocara escrevendo 1495 e relacionando retóricamente êste ano com a aclamação de D. Manuel. (3)

O snr. Fidelino de Figueiredo, eminente escritor e autorizado crítico afirma, sem apresentar a razão do

(1) *Arquivo Literário*, vol. 1.º, pág. 109.

(2) *Instituto de Coimbra*, vol. XLII, ff. 678 e 679.

(3) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, 1896, pág. 19.

seu conceito, que o poeta nascera em 1490, supondo-o assim perfilhado no leito da mãe ou no primeiro berço. (1)

Braamcamp Freire, que tão relevantes serviços prestou à História e à Literatura, e que restituiu à genealogia o prestígio desbaratado pelos «linhagistas adultores» referindo-se aos documentos que o Dr. Sousa Viterbo ofereceu nos seus *Estudos sobre Sá de Miranda*, publicados em três séries no *Instituto* (vol. 42 e 43) e em separatas, considera aproveitáveis para a «biografia Mirandina» quatro dêsses diplomas, e examina dois dêles, para concluir que Francisco de Sá de Miranda não é o filho Francisco do *cónego* Gonçalo Mendes de Sá e irmão de Mem de Sá.

Repudiada assim a carta de legitimação de 1490, aceita a data do nascimento (27 de Outubro de 1495) com tanta firmeza precisada na vida do poeta que acompanha a edição de 1614. (2)

Braamcamp Freire, vencida a primeira dificuldade que a legitimação de 1490 lhe punha à aceitação da data do nascimento, pretende desviar o novo obstáculo que se opõe à data fixada pelo biógrafo anónimo, pondo em dúvida que Francisco de Sá de Miranda, nascido em 1495, seja o Dr. Francisco de Sá, autor de treze poesias publicadas no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende em 1516.

(1) *História da Literatura Clássica*, 1917, pág. 109.

(2) *Vida e obras de Gil Vicente*, pág. 174.

Não podia ser mais infeliz no exame e na crítica dêsses diplomas. Prejudicou-o a sua habitual presunção de vêr e discutir melhor que os outros.

O cónego Gonçalo Mendes, o beneficiado Gonçalo Mendes de Sá é, sem dúvida nesse mistério, uma só pessoa, o pai do Dr. Francisco de Sá de Miranda; e o poeta do Neiva é o autor de várias trovas incluídas no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende.

Como é grande e justificada a autoridade de Braamcamp Freire, devo apresentar os factos que me autorizam a regeitar as suas erradas afirmações.

Para identificar o referido cónego com o beneficiado Gonçalo Mendes de Sá, ofereço os seguintes factos, cada um dos quais é de per si sobeja prova.

- a) Gonçalo Mendes, cónego na Sé de Coimbra, filho de João Gonçalves e de sua mulher Filipa de Sá, freguesia de S. Salvador do Campo, recebeu ordens sacras em Braga em 1483. ⁽¹⁾
- b) Henrique de Sá (irmão do poeta) foi cónego em Coimbra pela renúncia do cónego Gonçalo Mendes seu pai.
- c) O cónego Henrique de Sá deixou filhos naturais e entre eles conta-se Inês de Melo (nome da avó, mãe dos filhos do

(1) *Arq. Dist. Braga, Matriculas d'ordens.*

cónego Gonçalo Mendes) que foi casada com Luiz Pessoa de Andrade c. g.

Que Francisco de Sá de Miranda, comendador de Duas Igrejas, o poeta do Neiva, é o autor das poesias que Rezende publicou em nome do Dr. Francisco de Sá, é um facto geralmente aceite, confirmado pela tradição e declarado «com grande firmeza» na vida publicada com a edição das suas obras em 1614; mas, se alguma dúvida podesse levantar-se, bastava, para desfazê-la, comparar com o *Cancioneiro* de Rezende as poesias de Francisco de Sá de Miranda desde a sua primeira edição (1595).

Entre as poesias enviadas pelo poeta do Neiva ao príncipe D. João, acham-se algumas incluídas no *Cancioneiro* e ali atribuídas ao Dr. Francisco de Sá.

São, pois, quatro as datas do nascimento que nos apresentam os biógrafos: 1481, 1485, 1490 e 1495.

As duas últimas, repito, são incompatíveis com a data da perfilhação e legitimação (1490) e com o *Cancioneiro Geral*, cuja impressão se concluiu em 1516, e contra a primeira (28 de Agosto de 1481) apresenta Teófilo Braga a circunstância do poeta do Neiva ter nascido na primavera, circunstância que se infere da ode de Andrade Caminha, *aos anos de Sá de Miranda*.

O vento que sobejo
Com furia estava tudo ameaçando,

De todo está ja brando;
O ceo claro e sereno e assi corado
Se mostra que parece
Que a este nosso dia favorece.
Tudo aqui está calado,
Tudo vos quiere ouvir assocegado. (1)

O leitor pode recordar o belo dia em que foi escrita a ode de Andrade Caminha e convencer-se de que na véspera soprava a feroz ventania que o tem fustigado tantas vezes na primavera, no estio, no outono e no inverno; mas, certamente, não sabe, como eu não sei, explicar a extravagante afirmação de Teófilo Braga.

A data indicada pelo snr. Delfim Guimarães, se tivesse merecido a aceitação de Teófilo Braga, seria confirmada pela reprodução indispensável da carta de António Ferreira:

Trazes ãa alma sempre num só rosto,
Nem o ano te muda, nem o dia:
Um te deixa dezembro, um te acha agosto. (2)

A data apresentada pelo snr. Delfim Guimarães (28 de Agosto de 1481) é a única aceitável e não é contrariada, antes reforçada, pelo testemunho de Diogo Bernardes e Andrade Caminha, acêrca da

(1) *Poesias*, pág. 664.

(2) *Poesias*, pág. 643.

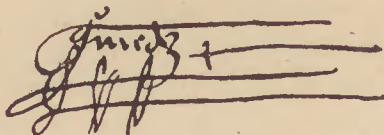
velhice do poeta do Neiva, falecido em 1558. Ouçamos Bernardes na ecloga ix:

Dezia o mór cantor destas montanhas
Sendo, *bem velho* e bem enfermo.

Escutemos Andrade Caminha na sua Elegia:

O corpo fraco jaz aqui sômente,
Da alma á *força de idade* despedido. (1)

Francisco de Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá, cônego da Sé de Coimbra e de Inês de Melo, solteira e nobre, (2) e neto paterno de João Gonçalves de Crescente, Cavaleiro Fidalgo, e de sua mulher Filipa de Sá, que viveram em S. Salvador do Campo (Barcelos) e em Coimbra, no episcopado de D. João Galvão, como veremos nas *Noticias genealógicas*.



Assinatura do cônego Gonçalo Mendes, do Livro dos Acordãos
do Cabido de Coimbra

(1) *Poesias*, pág. 668.

(2) Não era conhecida a mãe, antes da publicação dos documentos de legitimação já citados, feita pelo Dr. Sousa Viterbo no Instituto de Coimbra (vol. XLII, pág. 678 e 679) em 1895.

III

ESTUDOS EM COIMBRA E EM LISBOA

Nada se sabe da vida de Sá de Miranda nos seus primeiros anos.

Meras hipóteses, mais ou menos aceitáveis, nos indicam o caminho que seguira, desde o seu berço em Coimbra, até à Universidade em Lisboa.

Teófilo Braga supõe, com judiciosas considerações, que Francisco de Sá, vencendo a barreira dos doze anos, entrara como aluno no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cujas escolas eram preferidas pela fidalguia portuguesa, e ali começara os estudos de Artes e Humanidades, pela leitura dos *Dísticos* de Catão, passando como *donatista* a freqüentar as *três* Regras (três anos) de Gramática e Retórica. Depois, como *summulista*, freqüentara as aulas de Humanidades, durante quatro anos; estudando a *Isagogè*, os *Predicáveis* de Porfirio, as *Perihermencias*, de Aristóteles, no primeiro; os *Priores*, *Posteriores*, *Topicos*, *Elencos* e parte da *Physica* de Aristóteles, no segundo;

o tratado *De Cælo, Metaphysica, Meteoros e Parva Naturalia*, no terceiro, e *De Generatione, De Anima, Ethicas*, e as *Partes* de S. Tomaz, no último. ⁽¹⁾

Aceitando nós a data do nascimento apresentada pelo sr. Delfim Guimarães, Sá de Miranda prefez os doze anos em Agosto de 1493, e, se aproveitou regularmente seus estudos, devia ter deixado as escolas do Mosteiro de Santa Cruz em 1501, para seguir a carreira que lhe indicava seu pai, ainda vivo e no gôzo da sua conezia em 1518.

Ouçamos o biógrafo anónimo, a quem geralmente se concede imerecido crédito :

«Depois das primeiras letras de humanidades (em que foi insigne) estudou leys, mais em obsequio ao gosto del-Rey Dom Joam o III, que de novo plantara então a Universidade na sua terra, que por inclinação que tivesse aquella maneira de vida, e comtudo obdecendo a seu pay que lha escolhera, continuou nella com felices progressos, e sahio grande letrado, tomou o grao de Doutor e leo varias cadeiras daquella faculdade em sua propria patria.»

Que serie de flagrantes inexactidões em tão pouco que nos conta da vida do nosso poeta!

Quando D. João III subia ao trono, já Francisco de Sá tinha, havia anos, recebido o grau de Doutor;

⁽¹⁾ Teófilo Braga, *Sá de Miranda e a escola italiana*, pág. 22-24.

e, quando a Universidade foi transferida para Coimbra, o poeta do Neiva, casado e com filhos, residia na sua comenda de Duas Igrejas, afastado da côrte e prezando pouco os graus recebidos na Universidade de Lisboa. Os documentos numerosos que sobreviverem, referem-se ao comendador, ao fidalgo Francisco de Sá de Miranda; não lhe dão a categoria de Doutor.

Raros, são, todavia, os biógrafos do poeta do Neiva, antigos e modernos, que repararam nos êrros e equívocos lamentáveis do autor anónimo da vida de Sá de Miranda.

Teófilo Braga, aceitando, com as indispensáveis emendas, as informações anónimas e reproduzindo o quadro pedagógico da Universidade na época em que Sá de Miranda estudou nas escolas gerais a *Instituta* (um ano) o *Digesto Velho* (quatro anos) e o *Código* (três anos) admite a hipótese do moço poeta ter lido, por substituição, a cadeira de *Terça* ou de *Instituta*, vaga em 1510. (1)

A Universidade era já então uma boa escola de humanismo. Disto nos convence o ilustre professor da Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra, sr. Doutor Gonçalves Cerejeira na sua apreciada obra *O Renascimento em Portugal*. (2)

(1) Teófilo Braga, *Sá de Miranda e a escola italiana*, pág. 27.

(2) Pelas suas virtudes, mereceu o talentoso e erudito professor a sua sagração como Arcebispo de Metilene.

E assim devia ser.

A escolhida, a produtiva semente italiana, mercê dos perseverantes esforços dos filhos de D. João I e dos reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, frutificou no solo português, fertilizado por sucessivas gerações.

Se não eram vigorosas as nossas relações comerciais com a Itália, eram fortes os laços que nos prendiam a Roma, nesses tempos memoráveis, em que os nossos triunfos, conquistas e descobrimentos, eram prodígios, vitórias e dilatações de Fé.

Por outro lado, a raça portuguesa não teme distâncias, nem receia dificuldades. Não se aventurou ela, sulcando mares nunca dantes navegados, voando por ares nunca dantes percorridos?

Apenas se avistaram os primeiros clarões da Renascença, lá marcharam, como outrora os reis magos atraídos pela estrela brilhante no céu de Belém, alguns portugueses deslumbrados para receberem a luz e calor dos grandes astros.

Florença era então para os homens de letras o que é hoje Lourdes para os piedosos crentes: a terra bendita, alumada por um esplêndido sol vivificador. Lá a educação perfeita, a grande Arte; aqui a sugestão do milagre, o supremo consôlo para quem sofre e para quem duvida.

Luís Teixeira Lobo e Henrique Caiado, João Roiz de Sá de Meneses, Diogo Pacheco e Aires Barbosa,

e outros, lá receberam as proveitosas lições de Angelo Policiano. (1)

Passados anos, dizia Sá de Miranda a João Roiz de Sá e Meneses :

As letras que i não achastes,
Vos as metestes na terra ;
À nobreza as ajuntastes
Com que d'antes tinham guerra. (2)

Mas voltemos ao poeta do Neiva.

Foi nas Escolas Gerais que Sá de Miranda conheceu Bernardim Ribeiro, com quem criou estreitas relações de amizade, lealmente mantidas e fortalecidas na cultura literária, nos serões poéticos do paço real da Ribeira, na intimidade, em confidências e na comunhão de alegrias e dissabores.

(1) Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal*, pág. 76 a 79.

(2) *Poesias*, pág. 206.

IV

NA CÔRTE — TROVADOR

Se as ninfas do Mondego lhe embalaram docemente o berço e lhe deram as primeiras inspirações, o sangue dos de Sá, tão rico de vida e de fulgor, e o seu parentesco com a fidalguia da côrte, abriram-lhe as portas do paço da Ribeira, que era então o templo das musas.

Ali ouviu ainda os velhos trovadores D. João de Menezes, o *Pica-sino*, que assistiu á tomada de Azamor (1513) e lá morreu em 15 de Maio de 1514; e D. João Manuel, camareiro-mór del-rei.

Na carta a D. Fernando de Menezes, Sá de Miranda refere-se, com viva saúde, no seu retiro de Duas Igrejas, às festas da côrte, aos velhos trovadores e aos faustosos serões:

Os momos, os seraos de Portugal,
Tam falados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

.....

Porem, oh bom dom João, o de Menezes,
E oh Manoel, que tais tempos lograstes
Chamar vos hei ditosos muitas vezes,

Que com tanto louvor aqui cantastes
E com tal rezão dado, inda alcancei
O derradeiro som que ó ar soltastes! (1)

O Cancioneiro Geral, de Rezende, impresso em 1516, publica treze poesias do Doutor Francisco de Sá. Seus versos, à maneira dos trovadores da época (quasi todos de boa linhagem, mais destros na espada que na pena, mas superiores à maioria dos fidalgos, que era quasi analfabeta) já revelam o carácter do homem e a vivacidade e cultura do seu espirito; e a sua publicação entre as poesias dos melhores trovadores, denuncia o lisongeiro conceito e bom acolhimento que o moço poeta havia conquistado nos salões da côrte.

O *Cancionero General* de Hernan de Castillo, impresso em 1511, publicando as poesias dos fidalgos espanhóis, impressionou vivamente os poetas da côrte faustosa de D. Manuel e animou Garcia de Rezende a compilar os versos dos nossos trovadores que floresceram nos reinados de D. Afonso v, D. João II e D. Manuel.

Sá-de Miranda começou, imitando os poetas do

(1) *Poesias*, pág. 256.

Cancionero General, glosando, em castelhano, os motes ou cantigas de Jorge de Manrique e de García Sanchez; e nunca abandonou as formas tradicionais da redondilha, antes e depois de conhecer e aceitar a escola italiana, e de introduzir em Portugal o verso endecassílabo.

V

VIAGEM A ITÁLIA E ESPANHA

O exemplo de João Roiz de Sá e Menezes e as notícias sugestivas do maravilhoso foco da renascença determinaram Sá de Miranda a realizar sua viagem a Itália. O facto não é tão extraordinário que seja necessário acumular motivos de difícil averiguação para se aceitar como espontâneo.

Não gastarei tempo e espaço com a reprodução das explicações boas ou más dos seus biógrafos.

Na carta a D. Fernando de Menezes, diz o nosso poeta:

Vi Roma, vi Veneza, vi Milão

Em tempo de Hespanhois e de Franceses. (1)

A sua demora em Itália coincidiu pois com o calamitoso periodo da luta entre os invasores — espanhóis e franceses: entre os dois audaciosos rivais

(1) *Poesias*, pág. 251

Carlos v e Francisco I (1521-1526); não pode, porém, à míngua de melhores informações, fixar-se o ano da partida e o do seu regresso a Portugal. Em Itália, como na Espanha, criou boas relações com poetas de renome, estudou costumes e preceitos, observou estranhas paisagens, magestosos monumentos, belas esculturas, magníficas telas, variadas e sugestivas manifestações artísticas, educando seu espírito curioso e preparando-se para reformar o teatro e a poesia do seu país, com a nacionalização dos modelos clássicos da Renascença.

Dessa feliz viagem, que o poeta recordou, saudoso, na carta a D. Fernando de Menezes, resultaram seus inegáveis triunfos, o progresso do nosso teatro e a introdução do verso endecassílabo a par de novas formas poéticas. Foi, sem dúvida, o introdutor da escola italiana, o arauto da Renascença literária em Portugal.

Em Itália conheceu a famosa poetisa Vitória Colonna, Marqueza de Pescara, com quem tinha relações de parentesco, e conviveu com os consagrados poetas Laurazatro, Giovani, Rusellai, Lathauri, Tolommei e outros.

Por otros verdes mirtos
I sauzes mas crecidos,
Otras iervas mas frescas i otras fuentes

Van los altos espirtos
Que adelante son idos,
De los que aca dejaste diferentes.
Que nuevo gozo sientes
En compañía viendo
Aquel buen *Sanaçaro*
De un Sebeto mas claro
Por la fresca ribera departiendo
Com el su Meliseo,
De nuestro tiempo uno Lino, el otro Orfeo.

Dos pastores toscanos
Que en tiempos antigos,
Laura uno, otro Fiameta aca han cantado,
Saldran, a ti las manos
Tendiendo como amigos,
Honra de la zampoña i del caiado;
I aquellos que han alzado
Sena i Florencia tanto
Por noble sangre i lengua,
(Ai grave daño, ai mengua
Que no la pudo igualar el llanto,
Aunque fuera de lei)
Juan Rucellai, Lattanzio Tolomei! (1)

Na ida ou na volta, demorou-se em Espanha. Na carta em que respondeu a D. Fernando de Menezes, que lhe havia escrito de Sevilha, refere-se Sá de Mi-

(1) *Poesias*, pág. 375 e 376.

randa aos logares que lhe deixaram mais viva impressão :

Os jardins de Valença de Aragão
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão.
Mas isto (caje direi) que mais parece
Às cousas de Sevilha soterranhas
Onde a vida em prazer desaparece.
Quem não dirá também que são patraúhas
As cousas que ali vistes em verdade ?
Sabeis de que lhe vem ? de ser tamanhas! (1)

(1) *Poesias*, pág. 251 e 252.

VI

REGRESSO A COIMBRA

Faltam ainda elementos seguros para fixar a data do regresso de Sá de Miranda. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, afirma, todavia, que o poeta voltou para Portugal em 1526 (1) ou, com mais certeza em 1527, fixando sua residência em Coimbra ou nos seus arredores. (2)

Podemos, sem receio, afirmar que Sá de Miranda estava em 1527, na sua terra natal, como logo se verificará. Foi em Coimbra e em Buarcos que êle estudou e escolheu a melhor forma de executar seu plano de reforma litterária concebido em Itália. Não tinha génio que lhe assegurasse um rápido e seguro triunfo, mas sobrava-lhe intelligência, erudição, cultura e firmesa de carácter para a luta contra as grosserias do velho teatro e para aperfeiçoar a poesia

(1) *Poesias*, pág. xiv.

(2) *Poesias*, pág. xv.

portuguesa com a nacionalização dos metros e modelos italianos.

Todo o tempo lhe parecia pouco para recordar preceitos da nova Arte, para experimentar tentativas da planeada renovação literária, para produzir obras que afastassem receios e estimulassem a imitação.

A comédia *Os Estrangeiros*, em prosa, foi talvez, a sua primeira obra (1) e é, sem dúvida, a nossa primeira comédia clássica. Sá de Miranda, no propósito de apresentar um modelo clássico que triunfasse dos autos de Gil Vicente, tão apreciados pelos cortesãos, imitou «mais do que deveria» o teatro de Terencio e de Plauto.

O distinto académico e autorizado crítico sr. Fi-

(1) Como Braamcamp Freire (*Vida e Obras de Gil Vicente*, Porto 1919) não creio na possibilidade de Sá de Miranda, nos cinco meses da estada da corte em Coimbra e no meio do bulício dos festejos, compor a Fábula Mondego, contando com elevação a lenda heráldica, que Gil Vicente apresentara burlescamente na comédia sobre a Divisa da cidade de Coimbra — farsa grotesca, semsabor e vulgar, no conceito de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

É certo que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a supõe escrita em 1528 ou 1529 e que Teófilo Braga a dá recitada em Coimbra na presença de D. João III em 1527; mas é posterior. O poeta já residia em Duas Igrejas:

«Lloró la ninfa Neiva i ninfa Lima». (1)

(1) *Poesias*, pág. 288.

delino de Figueiredo afirma que a acção de Sá de Miranda na nossa história literária é a dum reformador; foi êle que primeiro ensaiou alguns novos géneros poéticos: o soneto e canção de Petrarca, os tercetos de Dante, a oitava rima de Policiano, Bocaccio e Ariosto, as éclogas de Sannazaro e seus versos encadeados e o endecassílabo jâmbico. (1)

A vida do nosso poeta em Coimbra mal se descobre ainda na sombra dos séculos, resultando inúteis as tentativas de investigação da identidade da sua tão amada Célia.

Seria interessante a história dos amores de Sá de Miranda, mas quando poderá fazer-se com probabilidades de acêrto?

Continuam paralelamente ignoradas as suas relações com seus irmãos, conhecendo-se apenas sua predilecção por Mem de Sá, que foi, sem dúvida, homem de valor e prestígio.

(1) *História da Literatura Clássica*, pág. 119-120.

VII

SAÍDA DA CÔRTE

Um dos factos interessantes da vida de Sá de Miranda, que tem prendido a atenção dos biógrafos e cuja explicação continua mais ou menos escondida entre hipóteses, dúvidas e inexactidões, é o abandonô da côrte, a fuga do povoado, o abrigo à sombra das florestas, o domicílio no Minho.

¿Qual o motivo de tão violenta resolução?

¿Qual a causa do ostracismo do poeta, tão apreciado nos serões do paço?

Resolvido, ou obrigado, ¿quando e porquê se afastou da côrte, preferindo a aldeia e escolhendo para seu asilo e repouso a terra minhota?

O biógrafo anónimo, o primeiro a falar, attribue êste facto à errada e malévola interpretação dada pelos seus inimigos à Égloga Alejo. Reproduzo:

«porque, ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo maior que a enveja (como Quinto Curcio diz que foy Alexandre no seu) nam quiz ella per-

doar-lhe, concitando em seu dano hũa pessoa muito poderosa d'aquella era, em despraser de quem se interpretava mal polla mesma enveja hum lugar da sua Egloga Aleyxo.»

Teófilo Braga, não encontrando nesta poesia motivo para o desterro do poeta, e descobrindo, com rara felicidade, as transparentes alusões, feitas na *Égloga Andrés*, ao escandaloso casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, herdeira da grande Casa de Marialva, que havia casado clandestinamente com D. João de Lencastre, Marquez de Torres Novas, mais tarde Duque de Aveiro, convenceu-se de que foi esta e não aquella a égloga causadora do ostracismo de Sá de Miranda. (1)

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, fazendo a história dêste casamento que «deu que falar a todos os poetas da côrte» e que é o assunto da *Égloga Andrés*, convence-nos de que «o comentário poético a êste enorme escândalo não foi a causa do ostracismo de Miranda, porque foi escrito só depois de 1538, isto é depois do primeiro cerco de Diu, quando já eram falecidas as pessoas directamente interessadas, e o poeta vivia longe da côrte no seu retiro campestre. (2)

Em nota à égloga *Alejo*, havia aceitado D. Caro-

(1) *História dos Quinhentistas*, pág. 74.

(2) *Poesias*, pág. 765 e 827.

lina a informação do biógrafo anónimo e oferecido a hipótese de, nesta poesia, se fazer a defeza de Bernardim Ribeiro e se acusar «um gran senhor» de crueldade e inconstância para com êle.

Essa «pessoa muito poderosa em despraser de quem se interpretava mal a Egloga Aleixo» era um enigma e o acaso favoreceu a consagrada escritora indicando-lhe a «solução provável».

«Num exemplar da 2.^a edição das obras de Miranda (1614) pertencente à Biblioteca Real d'Ajuda (diz D. Carolina) encontra-se a fls. 83 v. ao lado da estrofe 49 uma nota de letra do princípio do século xvii, que diz: *inde a occasião do sentimento dos Attai des.*

O anotador via pois na passagem: «... *De aquel gran pino a la sombra ... Ia vez quanto que ensanchó* (ou *Que a tal dicha se plantó*) *Que el prado i zarzas cobrió I los vezinos asombra*» a causa do ostracismo de Miranda. O *pino* porém (continua D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos) é antes um *castanheiro*, isto é, D. António de Ataide, neto de uma Maria Pigneiro (hesp. *pino*), primeiro conde da Castanheira (desde 1532) o valido omnipotente de D. João III, que serviu 28 anos o cargo de vedor da fazenda, não perdendo nunca as boas graças do seu amo, apesar de lhe falar com grande franqueza. Foi de índole altiva, de compleição melancólica, vingativo e mal visto de muitos «*adorado como deus e temido como*

o diabo, esfaimado de cobiça, de soberba e de inveja,» conforme dizem as trovas satíricas, falsamente atribuídas a seu inimigo Damião de Goes (v. C. C. Branco, pág. 313), e que, apesar-de inspiradas por um ódio profundo, talvez tivessem plausível fundamento. Eis o que soubemos investigar.» (1)

Posteriormente, Teófilo Braga, concordando com a interpretação dada à égloga *Alexo* por D. Carolina Michaëlis, afirma «que o ressentimento contra Sá de Miranda podia buscar-se numa ou noutra Écloga, *Andrés* ou *Aleixo*, porque não foram sómente os Ataíde que deram ouvidos às más interpretações.» (2)

D. Carolina Michaëlis, nas anotações desta Écloga *Aleixo* (diz Teófilo Braga) penetrou o sentido misterioso que por falta então de documentos históricos, apresentou como hipótese.

«Quando lemos esta Écloga sem ter alcançado o sentido histórico (continua Teófilo Braga) parece-nos fria e sem interêsse; quando encontramos nela a confirmação de factos revelados pelos documentos biográficos de Bernardim Ribeiro é que conseguimos compreender o seu vivíssimo drama psicológico: a loucura de Bernardim Ribeiro depois do desastre dos amores com sua prima D. Joana Tavares Zagalo.» (3)

(1) *Poesias*, pág. 766.

(2) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 229.

(3) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 186.

«A interpretação malevola do *gran pino* (diz Teófilo Braga) era nada menos do que a interpretação de que o conde da Castanheira tinha sangue judeu na família. Uma sátira pungente, conhecida pelo título *Trovas da Maria Pinheiro*, correu por êsse tempo na côrte e repetiram-se na tradição reservada as seguintes quadras:

Mestre João sacerdote
de Barcelos natural,
houve duma moira tal
um filho de boa sorte

Pedro Esteves se chamou
Honradamente vivia!
Por amores se casou
com uma *formosa judia*.

Desta (pois nada se esconde)
Nasceu *Maria Pinheira*
Mãe da mãe daquele conde
que é conde da Castanheira (1)

O sr. Delfim Guimarães, no seu *Bernardim Ribeiro*, anotou a célebre estrofe da Égloga *Alexo* nos seguintes termos:

«Esta estrofe de Miranda foi mal interpretada em vida do poeta, querendo alguns ver no *gran pino*,

(1) *Sã de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 200 e 201.

em que o poeta se refere ao trono português de D. João III, uma alusão a D. António de Ataíde, por êste ser neto de *Maria Pinheiro!* O *gran pino*, plantado com tal *dita* que se foi desenvolvendo até ao ponto de assombrar os vizinhos, não era o valido de D. João III, mas sim a monarquia portuguesa, que alcançara o máximo esplendor com o afortunado D. Manuel e que em breves anos começaria a declinar gradualmente, até ir afundar-se no desastre de Alcácer-Quibir.» (1)

Anos depois, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nos seus *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, insiste em considerar a estrofe 49 da *Écloga Alexo* — *Daquele gran pino a la sombra* como causadora do ostracismo do poeta, fundamentando seu conceito na informação do biógrafo anónimo, e na mencionada indicação que o anotador coevo de um exemplar da edição de 1614, faz da referida estrofe como origem do ressentimento dos Ataídes.

E acrescenta:

«Do contexto vê-se claramente que Miranda alude a uma entidade determinada, malfazeja, à qual atribuíra a desgraça de Ribeiro, e não à monarquia portuguesa, como entende Delfim Guimarães (O Poeta Crisfal, 1908, fls. 62) sem se importar com as restantes alusões do *Alexo* que versam exclusiva-

(1) *Bernardim Ribeiro*, 1908, pág. 62.

mente sôbre amores infelizes, seus e, na scena v, do amigo; em desarmonia completa também com as ideias patrióticas do homem «de antes quebrar que torcer» nunca louvaminheiro, nem mesmo na *Carta moral* a el-rei, tão cheia de advertências políticas e filosóficas.» (1)

E repete: «A meu ver *pino* é alegoria. Simboliza o já mencionado ministro e valido de D. João III: o bisneto de D. Maria Pinheiro.»

O sr. Delfim Guimarães, no seu valioso *Arquivo Literário*, insistindo na interpretação que dera ao *gran pino*, justifica-a nos seguintes termos:

«A Maria Pinheiro lançaram os maldizentes o labeu de *judia* como se vê das cópias atribuídas a Damião de Goes, conhecidas de quantos se interessam pela literatura quinhentista... Compreender-se-ha, por isso, quanto seria desagradável, naquela época, que alguém aludisse, veladamente que fosse, ao facto de D. António de Ataide contar entre os seus avoêngos um individuo acusado (se com verdade não sei) de ter sangue judaico...

«Naqueles tempos não ter «sangue limpo» era uma indelével mancha, um estigma deprimente, ignominioso...

«Ora Sá de Miranda, «homem às direitas», que

(1) *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, vol. v, pág. 171.

não devia ignorar o que se propalava acêrca da descendência de *mestre João sacerdote*, não era criatura para ir agravar o poderoso D. António de Ataíde, nas bochechas do monarca, recordando-lhe, de peito feito, a avó judia, o sangue imundo que maculava a sua prosápia.

«Não. Sá de Miranda não era capaz de praticar essa feia acção, seja dito para honra do introdutor da Escola italiana em Portugal.

«Poderá, porventura, alguém retorquir-me que nas poesias de Miranda há alusões deprimentes para Gil Vicente... Há com efeito; Francisco de Sá, no meu juizo, alvejou com alguns remoques depreciativos Gil Vicente...

«Mas êste, embora poeta de génio, era um mecânico, ou ourives, um cómico, e no Paço era *tolerado* pela protecção que lhe dispensava a *Rainha velha*, e porque fazia rir a côrte, de que não fazia parte...

«Protegido do Paço, era um plebeu, um artífice... e não um grande senhor da côrte, como o conde da Castanheira.» (1)

Como um dos motivos que determinou D. Carolina Michaëlis a rejeitar a interpretação do sr. Delfim Guimarães era, evidentemente, o facto da apologia feita na *Écloga Alexo á monarquia portuguesa* não se harmonizar, no seu conceito, com «as ideias patrióti-

(1) *Arquivo Literário*, vol. 1.º, pág. 28 e 29.

cas» do homem de «antes quebrar que torcer», nunca louvaminheiro, o sr. Delfim Guimarães, estranhando o reparo da ilustre académica, afirma que Miranda, dizendo que a monarquia portuguesa *fôra plantada com tal ventura que conseguira medrar e desenvolver-se, assombrando os visinhos*, não falseava as suas ideias patrióticas, a sua feição moral de homem de antes quebrar que torcer, nem passava á categoria de louvaminheiro ...» (1)

Na opinião do sr. Delfim Guimarães, Miranda, no Alexo, alveja com efeito uma entidade determinada e malfazeja, que não é nenhum poderoso da côrte, mas sim o *poderoso amor altivo*. (2)

Há uma afirmação do sr. Delfim Guimarães que devo repetir: «O que eu vejo nitidamente é a mágoa funda, a revolta insofrida, que devia agitar a razão de Sá de Miranda ao saber que a sua alusão ao trono portuguez fôra tomada á conta de uma diatribe contra o conde da Castanheira; como compreendo igualmente a satisfação com que êle disse adeus à côrte, refugiando-se no Minho, procurando na rusticidade aldean esquecer a atmosfera do Paço.» (3)

Admite o sr. Delfim Guimarães que a causa do ostracismo de Sá de Miranda, foi a malévola interpre-

(1) Arqu. Lit., 1.º, pág. 29.

(2) Ibid., pág. 30.

(3) Ibid., pág. 29.

tação da *Écloga Alexo*: perfilha como Teófilo Braga e D. Carolina Michaëlis a informação do biógrafo anónimo.

Mas eu tenho motivos para embargar a sentença dos doutos juizes. As troyas de *Maria Pinheiro*, bem ou mal atribuídas a Damião de Goes (não quero discutir êste caso bibliográfico) são posteriores à criação do condado da Castanheira (1532).

Teófilo Braga, comentando a quadra

«Deste (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira
Mãe da mãe daquele conde
Que é conde da Castanheira

informa-nos de que na versão que conservou D. Manuel Caetano de Sousa o último verso dizia: *E sua avó verdadeira*, em vez do verso — *Que é conde da Castanheira*, que nas suas *Memórias inéditas* traz Diogo de Paiva de Andrade; e attribue a primeira lição a uma época em que D. António de Ataíde não era conde da Castanheira, isto é, antes de 1532. (1)

Como Homero, Teófilo Braga dormia às vezes, quando devia ter os olhos abertos, para ver que, substituído o último verso *Que é conde da Castanheira*, permanecia, nas duas lições da quadra, o verso anterior — *Mãe da mãe daquele conde*. D. An-

(1) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 201.

tónio de Ataíde teve só o título de conde da Castanheira.

São, repito, posteriores a 1532 as *coplas de Maria Pinheiro*; e oportunamente mostrarei que em 1530 já Sá de Miranda se tinha retirado para a província do Minho.

O *gran pino* só podia ser mal interpretado depois da famosa sátira; e Sá de Miranda, ao escrever a *Écloga Alexo*, não podia ter intenção de ferir D. António de Ataíde, recordando a origem judaica de Maria Pinheiro, sua avó.

Convencido, como muito boa gente, de que Maria Pinheiro não era judia e de que o autor da sátira mentiu para se vingar do conde da Castanheira ou para despejar o ódio que a inveja ou má vontade gerou na sua alma de carrasco a quem faltava coragem para fugir do torpe anonimato; convencido, repito, de que a sátira carece de fundamento, afirmo, sem hesitação, que Sá de Miranda ignorava que alguém attribuía sangue judeu a D. António de Ataíde.

Suponho até que ignorava a genealogia dos Pinheiros quando se referiu ao *gran pino*.

A sátira, além de ser posterior, deprime sem motivo aceitável a ascendência de Pedro Esteves. (1)

(1) A justificação de nobreza, que se diz feita em Barcelos no ano de 1373, extractada pelo sr. comendador José de Azevedo e

A má interpretação do *gran pino* é sem dúvida posterior ao aparecimento das Trovas de Maria Pinheiro; e o autor anónimo da Vida de Sá de Miranda, conhecendo essa má interpretação, attribuiu à Écloga Alexo a causa do ostracismo voluntário do poeta do Neiva.

Os biógrafos, deve notar-se, não viam na Alexo um forte motivo para o gesto violento de Sá de Mi-

Menezes (*Ninharias*, pag. 251) é evidentemente falsa, mas não pode prejudicar outros testemunhos de nobreza e fidalguia.

Para justificar meu juizo contra o documento apresentado como fidedigno por quem merece crédito, atenção e respeito, bastará indicar alguns *factos ali comprovados*.

Em 1373, jura-se que Estevão Anes (pae do dr. Pedro Esteves) era filho de João Esteves, escudeiro do condestável e de Maria Rodrigues que foi *donsela* da senhora D. Beatriz, neto de Pedro Esteves, escudeiro do sr. condestável e de Afonso Chamorro, cavaleiro do condestável!...

Naquele ano, D. Nuno Alvares Pereira teria apenas *treze anos*; mas já era tão velho que os bisavós de Pedro Esteves, *seu afilhado de pia*, tinham sido seus escudeiros e cavaleiros!...

E Maria Rodrigues, mãe do justificante e avó de Pedro Esteves, *afilhada da pia* do condestável, foi *donsela* da senhora D. Beatriz!...

Os documentos desta categoria e os nobiliários que os reproduzem, teem desacreditado a genealogia e provocado as sátiras contra os monopolistas da nobreza e fidalguia destes reinos e senhorios.

Aliquando dormitat Homerus. O sr. José de Azevedo e Menezes, não reparou no anacronismo, porque considera dignos de toda a fé os documentos do seu arquivo.

randa, e procuraram outras razões para a aversão do poeta pela vida da côrte.

Tudo aproveitaram sem conta e sem medida.

Camilo Castelo Branco, sempre ousado desfrutador da ingenuidade alheia, improviza relações de parentesco e amizade antiga entre o poeta e Simão de Miranda Henriques e seu irmão, esbulhados de seus haveres por intervenção del-rei.

Pinheiro Chagas opta pelo grande e profundo golpe que Sá de Miranda recebeu com a morte de Célia.

Teófilo Braga refere-se à ordem de prisão de Garcia de Sá em 1534 e aceita, como boa, a lenda camiliana, aponta o crescente fanatismo da família real e fala na Reforma (!) com vivo pesar de a cronologia lhe impedir a repetida evocação dos *autos de fé* e dos indispensáveis jesuitas.

Além destas, outra razão, igualmente inaceitável, apresenta, para pouco depois rejeitar, como logo veremos.

Antes de dar minha opinião acêrca da causa do ostracismo voluntário do poeta, devo, por coerência, registar as diversas datas dêsse facto fixadas pelos biógrafos. O *quando* e o *porquê* não podem separar-se: são duas vogais num ditongo. Teófilo Braga diz que, na Elegia à morte do príncipe D. João, Sá de Miranda alude à época em que se recolheu ao Minho:

Oh mundo tudo vento e tudo enganoso,
Que é de aqueles triumphos, que é das festas
Que havião de tornar cedo em mais danos?
Sabe quem tudo ve, que logo eu d'estas
Outras que se seguirão me temi,
Andando polas sombras das florestas
E polos bosques fonde me escondi
Ha tanto já) guiado da influencia
Quando d'aquelle Ingles malvado ouvi. (1)

«Como D. Henrique VIII em 1533 se declarou protector e chefe supremo da Igreja em Inglaterra; guiado da influencia dêste desgosto, quando ouviu falar no *malvado Inglês*, é que Sá de Miranda foi esconder-se nas sombras das florestas da comenda de Duas Igrejas.

A circumstancial — *Há tanto tempo já* (acrescenta Teófilo Braga) — com que outro successo pode relacionar-se, escrevendo o poeta em 1554?» (2)

Teófilo repetiu o que tinha escrito na *História dos Quinhentistas* (pág. 78 e 79) e no *Manual* (pág. 270).

D. Carolina Michaëlis, comentando a Elegia, afirma que se trata «do sacrilégio cometido em Lisboa pelo Inglês Robert Gardner com a hóstia na capela real, em presença de tôda a côrte.»

«A data que Teófilo Braga fixa para a retirada

(1) *Poesias*, pág. 467.

(2) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 249.

de Miranda, realizada por causa das heresias del-rei de Inglaterra (1534) não tem pois o menor fundamento.» (1)

Teófilo Braga insiste, como vimos, na data 1534; e, referindo-se, em nota, à crítica feita por D. Carolina Michaëlis, acrescenta:

«A data de 1534 está fixada e aceite por D. Carolina Michaëlis, como aquela em que Sá de Miranda se estabeleceu na Tapada (pág. 23); e eu nunca attribuí à heresia de Henrique VIII a causa do ostracismo do poeta. A alusão ao *malvado Inglês* está relacionada com a época do seu retiro para a província, e para que vinha o falar neste facto, senão para limitar essa época passada *Há tanto já*. Demais se o poeta quisesse aludir ao desvairado inglês de Bristol que calcou aos pés a hóstia, dar-lhe-hia um nome menos genérico e importante, sem empregar a letra maiúscula *Inglês*, forma antonomástica de designar o rei de Inglaterra.

«O crime do desacato foi logo exageradamente castigado, emquanto que a desmembração da Igreja pelo *malvado Inglês (Henrique VIII)* é que ocorria ao grave juizo de Sá de Miranda, associando o seu retiro a um grande acontecimento, mas só como mnemónica.» (2)

(1) *Poesias*, pág. 853.

(2) *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 249 e 250.

No capítulo immediato mostrarei que as datas até hoje apresentadas e aceites pelos biógrafos são inexactas. O poeta abandonou 'a côrte antes de 1530; e esta circunstância, que se não pode desprezar, quando se pretende explicar aquelle factó, autoriza-me a considerar preferível a interpretação de D. Carolina Michaëlis.

O poeta alude ao desacato praticado pelo inglês Robert Gardner; mas não pretende indicar a época afastada em que resolvera retirar-se para a província.

Teófilo Braga suprimiu um parêntesis indispensável.

Deve ler-se :

Oh mundo tudo vento e tudo enganos,
Que é de aqueles triumphos, que é das festas
Que havião de tornar cedo em mais danos?
Sabe quem tudo ve, que logo eu d'estas
Outras que se seguirão me temi,
Andando pelas sombras das florestas.
E polos bosques (onde me escondi
Ha tanto já) guiado da influencia
Quando d'aquelle Ingles malvado ouvi.

— Altissimo senhor, tua paciencia
Não se pode vencer, posto na cruz.
Sofreste agora e então sem resistencia.

Admiro-mê do factó dos interpretes não terem reparado no último verso transcrito: Sofreste *agora* e então (no Calvário) sem resistêcia.

Refere-se sem dúvida a um desacato, a um sacrilégio recente: não alude à heresia inglesa que já contava vinte anos.

Sugestionados pela indicação do autor anónimo da Vida de Sá de Miranda, e convencidos de que o poeta vivia na côrte pelos anos de 1534-1536, os biógrafos não atinaram com a causa última, o motivo que determinou o poeta a retirar-se, a afastar-se do meio palaciano que o seu espírito vivo e independente aborrecia.

Essa causa, se não erro o elevado conceito que faço do poeta filósofo e moralista, se não me iludem as memórias bibliográficas que a boa crítica, na actualidade, aceita sem hesitação, devia ter sido provocada pela má vontade e despejada linguagem de Gil Vicente.

Francisco de Sá de Miranda achava-se em Coimbra quando a côrte para ali veio em 1527. Não discutirei agora se foi elle o Francisco de Sá que fez a oração á chegada ali del-rei D. João III. Basta ler a carta dirigida pelo poeta ao Dr. Pedro de Carvalho, para ter-se a convicção do autor ter sido testemunha presencial dos factos ali passados, durante a permanência da côrte, e que provocaram a mordaz censura de Sá de Miranda á ingratição e maledicência dos fidalgos.

Que tenção todos tomastes
À terra que me criou

De que tanto praguejastes ?
Por que ? Que vos acoutou
Da *peste* com que i chegastes.
Fostes mal agasalhados ?
Não, certo, que té as fazendas
Vos davão parvos honrados.
Pois, por que ? Porque os privados
Tinheis longe vossas rendas ? (1)

Sá de Miranda assistiu á representação da comédia de Gil Vicente *sôbre a divisa da cidade de Coimbra*.

No argumento, Gil Vicente promete explicar :

Outrosi as causas por que *aqui tem*
os **clerigos** todos muy largas *pousadas*
e mantem as regras das vidas casadas,
desta anteguidade procedem tambem.
Sem serem culpados,
porque sam leis dos antigos fados,
cousa na terra já determinada,
que os *sacerdotes*, que nam *tem ninhada*
de *clerigozinhos*, sam escomungados. (2)

No prólogo, descrevendo a nobreza de Coimbra, omite os Sás e fala dos *Melos* :

(1) *Poesias*, pág. 214-215.

(2) *Vida e Obras de Gil Vicente*, pág. 168, Pôrto, 1919.

De mim procederam os *melos dereyτος*,
.....
esta he sua alcunha e seu sobrenome
falo nos finos e nam contrafeytos.

Filho do cónego Gonçalo Mendes de Sá e de Inês de Melo; homem culto, que assistira em Itália a artísticas representações dramáticas, e conhecia bem o teatro de Terêncio e Plauto — o nosso poeta devia sentir-se mal entre os numerosos admiradores de *Gil Vicente* — que tinha talento genial, mas carecia de cultura e delicadeza para se aproximar dos modêlos italianos e evitar alusões grosseiras e picarescas, de que abusou para ter graça e conquistar aplausos. Da crítica desfavorável de Sá de Miranda e dos comentários que dela resultaram no meio intriguista da cõrte, nasceram o ódio de Gil Vicente, a indisposição de Sá de Miranda, e as discussões mais ou menos violentas entre os seus respectivos admiradores.

Sá de Miranda apresentou ainda em Coimbra a sua comédia em prosa *Os Estrangeiros*, e no prólogo queixa-se dos bárbaros haverem mudado o nome de *comédia* em *auto* e dirigindo-se aos espectadores (um deles seria Gil Vicente) declara :

dos vossos versos vos faço graça, que são forçados d'aquelles seus consoantes.

Na carta dedicatória ao infante, havia dito que *em Portugal escrevem poucos; nesta maneira de escrever ninguém.*

Os Estrangeiros, primeira comédia portuguesa da Renascença, são evidentemente anteriores à *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos e foram ouvidos com grande interêsse e justificada admiração; mas os partidários de Gil Vicente acolheram mal a novidade e os remoques de Sá de Miranda ao velho teatro português. Daí resultaram necessariamente apreciações desagradáveis que magoaram o nosso poeta. Aborrecido e desgostoso, Sá de Miranda retirou-se para Buarcos.

Fugindo do povoado
Me acolhi para esta serra.
Sei, fui mal aconselhado.
Mas não tenhamos nós guerra
Sobre quem foi acertado. (1)

Ali o foi visitar Pedro de Carvalho, talvez por ordem del-rei D. João III.

No lugar onde me vistes
De agua e do monte cercado
E de outros males que ouvistes,
Tenho mais dias contado
De ledos que não de tristes. (2)

(1) *Carta a João Roiz de Sá e Menezes — Poesias*, pág. 675.

(2) *Poesias*, pág. 214.

Logo que a côrte se retirou para Almeirim, Sá de Miranda recolheu, como parece, à sua terra.

Lê-se na carta a Pedro de Carvalho:

Como vos partistes de i,
Logo abrigados achei
Em que me desencolhi.
Seguramente dormi,
Seguramente veleí. (1)

Gil Vicente desforçou-se na farsa do *Clérigo da Beira*, representada na côrte em 1529. (2) Camilo Castelo Branco pôs em relêvo as transparentes alusões pessoais de Gil Vicente a Sá de Miranda.

A sátira a Sá de Miranda é pessoal de mais (diz Camilo) para a considerarmos mera casualidade. (3)

O clérigo da farsa diz ao filho Francisco:

Filho de clérigo és,
Nunca bõ feyto farás.

Medraria este rapaz
na côrte mais que ninguem
porque lá nam fazem bem
senam a quem menos faz.

(1) *Poesias*, pág. 215.

(2) A rubrica diz 1526, mas Braamcamp Freire, que judiciosamente a considera inexacta, afirma que esta farsa foi representada nos fins de 1529 ou nos princípios de 1530.

(3) *História e Sentimentalismo*, pág. 33.

Outras manhas tem assaz, (a Sás?)
cada hũa muyto boa
nunca diz bem de pessoa
nem verdade nunca a traz.
Mexerica, que por nada
rebolveraa sam Francisco,
que pera a côrte he hum visco
que caça toda a manada.

Antes refere-se aos filhos de Frei *Mendo* :

«Piores sam os de frey Mendo
e os do beneficiado.»

Como os Sás de Coimbra eram parentes dos Sás Menezes, do Pôrto, Gil Vicente aproveita êste facto para vibrar novo golpe no seu adversário :

Bofa! vejo eu Portugueses
da côrte muyto alterados
mais propincos dos *arados*
que parentes dos Meneses.

Os aplausos ruidosos dos espectadores, que conheciam o alvo atingido por Gil Vicente, feriam o brio do poeta filósofo e pretendiam rebaixar seu carácter de rija tempera. Sá de Miranda foi ofendido e ridicularizado em plena côrte. Eu não sei que motivo mais poderoso pudesse influir para se afastar da côrte quem, por independência, por feitio moral, por conhe-

cimento de si e dos cortesãos, aborrecia êsse meio vicioso e respirava a custo o ar pesado dêsses salões, aparentemente faustosos, onde se descobriam já os primeiros sintomas da decadência nacional.

Se fôra outra a causa do profundo desgosto de Sá de Miranda; se o poeta se tivesse incompatibilizado com a côrte, ofendendo o valido del-rei, como poderia explicar-se a mercê posterior da comenda, e a amizade inquebrantável do monarca, a consideração crescente do príncipe D. João e dos infantes?

Sá de Miranda retirou-se de pé e em tão honrosas condições, que seu nome, a fama do seu talento e a admiração pelo seu carácter cresceram sempre, até na côrte, principalmente na côrte, a despeito da crítica severa, mas justa, contida nas suas admiráveis cartas.

Se, como penso, achei o *porquê* verdadeiro, também encontrei um *quando* que se harmoniza absolutamente com o facto de Sá de Miranda já estar casado no Minho em 1530.

Êste *quando*, como disse, não coincide com as causas indicadas pelos biógrafos e aceites pelos escritores a que me referi.

O desfôrço de Gil Vicente não podia ser mais violento e os aplausos dos favoritos agravaram profundamente a ofensa, que devia ter dado margem a comentários e conflitos entre a gente do paço.

Não sei, mas talvez acertasse quem dissêsse que

na defesa de Sá de Miranda se singularizou Nuno Álvares Pereira, irmão de António Pereira, senhor de Cabeceiras de Basto. Dois factos devemos recordar aqui:

Nuno Álvares Pereira, diz D. António de Lima, foi mal visto; Sá de Miranda, todavia, tinha por êle grande consideração, oferecendo-lhe a égloga *Basto*, não obstante êste Marramaque não ser conhecido como poeta, escritor ou homem de cultura intelectual. É possível que a gratidão seja o motivo da simpatia do poeta; e que a indisposição dos cortesãos resultasse da sua attitude violenta contra Gil Vicente ou contra seus admiradores.

Ainda a favor desta hipótese, temos a vinda de Sá de Miranda para Basto.

Não veio, como erradamente dizem seus biógrafos, para Duas Igrejas, porque a mercê da comenda é posterior: data de 1534.

VIII

NO MINHO — CASAMENTO

Começa, agora, a minha principal tarefa: a vida de Sá de Miranda na província de Entre Douro e Minho, onde viveu longos anos, escrevendo as suas melhores poesias e conquistando a admiração dos espíritos mais cultos e o respeito dos homens de bem.

Até aqui a biografia do poeta do Neiva, escurecida de dúvidas, embaraçada de enigmas e falha de datas, mal se podia reconstituír fora da margem larga e arriscada das hipóteses; mas desde 1530 a 1558, ano do seu falecimento, a vida de Sá de Miranda pode, em grande parte, documentar-se.

Os documentos até hoje inéditos substituem datas arbitradas pelos biógrafos, desmentem informações autorizadas e afastam conjecturas correntes, tornando mais difícil, com a necessária e conseqüente alteração na cronologia de seus versos, o intigrante e tentador *puzzle* bibliográfico. Desde 1530, disse eu, porque o primeiro documento da Tapada que apro-

veitei, foi lavrado na quinta de Crasto, no concelho de Entre Homem e Cávado, pelo tabelião Luís Fernandes, terça-feira, 3 de Maio daquele ano. Por essa escritura vendeu Gonçalo de Abreu, escudeiro, morador na vila de Viana da Foz de Lima, em seu nome e como procurador de sua mulher Ana da Costa e de sua sogra Guiomar Fernandes, metade da quinta do Barrio, sita na freguesia de Fiscal do dito concelho, que herdaram de seu sogro Pedro Tinoco, a Francisco de Sá de Miranda e à senhora Dona Briolanja de Azevedo, sua mulher, que presentes estavam, por preço logo nomeado e certo de quarenta e cinco mil reais brancos, da moeda corrente de seis ceitis o real. (1)

A 20 de Julho de 1531, em Penela, Isabel de Freitas, moradora na Honra de Avesadas, no termo de Bemviver, vendeu a D. Briolanja, mulher do snr. Francisco de Sá de Miranda, a sua quinta de Refontoura, em Felgueiras, por quarenta mil reais brancos, declarando que, valendo mais, fazia doação do excesso a eles compradores, pelas muito boas obras que deles tinha recebido e cada dia recebia por criar *a dita dona Briolanja de menina como filha* e sempre lhe assim chamar por a ter em *logar de filhos*. (2)

(1) Êste documento consta da certidão requerida por Francisco de Sá de Miranda, fidalgo da casa del-rei, e passada pelo tabelião Diogo de Nantes a 29 de Outubro de 1542.

(2) Documentos posteriores dão-lhe a denominação de Torre de Refontoura. Passou, por venda ou emprazamento, aos Lemos.

D. Maria de Sousa, da casa solar de Cergude, irmã inteira de Aires Coelho, senhor de Felgueiras e de Vieira e prima co-irmã de D. Joana de Azevedo, mãe de D. Briolanja, criou esta como se fôra sua filha, e em seu testamento público de 19 de Agosto de 1541, vinculou a sua Honra de Avessadas em Bemviver ⁽¹⁾ escolhendo para administradora esta sua *sobrinha*, casada com Francisco de Sá de Miranda, não obstante ter sobrinhos directos e entre êstes se contar Gonçalo Coelho que succedeu na casa, senhores e vínculos de seus maiores.

Aproximei estes três valiosos documentos, porque, se o primeiro nos convence do casamento anterior de Sá de Miranda, os outros apresentam-nos D. Briolanja de Azevedo com a simpatia da sua mocidade, acariciada pela ama que a criou e mantendo os affectos da velha fidalga de Avessadas, que a amava como se fôra sua filha.

Sá de Miranda casou antes de Maio de 1530; e todavia D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga e o snr. Fidelino de Figueiredo afirmam que o casamento do poeta do Neiva se efectuara em 1536, seis anos mais tarde. ⁽²⁾

O autor anónimo apresenta-nos D. Briolanja, a

(1) Vide nota final — Honra de Avessadas.

(2) *Poesias*, pág. xxiii; *Sd de Miranda*, pág. 294; *História da Literatura Clássica*, pág. 115.

noiva do poeta, quasi velha e nada formosa; e o Marquez de Montebelo assim a pinta, ao informarnos do seu pequeno dote, a par da sua grande fidalguia e das suas elevadas virtudes e qualidades.

¿Que idade teria D. Briolanja quando se casou?

Não podia ser velha porque ainda teve dois filhos, devia ser ainda nova, porque seu irmão Bernardim (¿o primogénito como afirma o Marquez?) recebeu ordens menores em 1511 e o irmão mais novo, Simão, recebeu essas ordens em 1522.

As ordens menores, nos termos das Constituições do arcebispado, então vigentes, eram conferidas na idade dos sete aos quinze anos.

Bernardim Machado devia ter em 1530, menos de trinta e tres anos; e Simão Machado era menor de vinte anos.

A repetida lenda do bordão a que se apoiava a velha D. Briolanja, quando Sá de Miranda lhe pediu que com êle o castigasse por vir tão tarde, já ha muito perdeu o perfume da verdade, cristalizando-se num mero equívoco do biógrafo. O poeta, porque era mais velho, ofereceu seu bordão a D. Briolanja para esta o castigar por êle vir tão tarde.

Na lenda evidentemente falsa, Sá de Miranda aparece-nos um dêsses ridículos noivos de comédia, que pouco falam e só dizem inconveniências e grossarias.

Mas, em volta do facto do seu casamento, as

antigas lendas e os velhos biógrafos não descançam; continuam a tecer artísticos veus que nos ocultam, como mantilhas de parteira, o rosto da verdade.

O Marquez de Montebelo, sempre disposto a exagerar a fidalguia dos seus maiores e o prestígio dos senhores de Entre Homem e Cávado, afirma que el-rei D. João III conseguira para Sá de Miranda a mão de D. Briolanja de Azevedo, quebrando, com sua autoridade soberana e com seu real prestígio, os grossos ferrolhos que fechavam ao nosso poeta as portas fronhas do grande solar de Crasto.

Não creio, nem por uma bula, nem por um decreto, comõ diria o saúdoso e ilustrado cónego da Sé Primaz, tio do meu velho amigo e consagrado escritor Antero de Figueiredo.

Não creio. Que o Marquez fizesse uma afirmação que não destoa do seu feitio, compreende-se; mas que todos os biógrafos de Sá de Miranda, ainda os mais escrupulosos, a aceitem e reproduzam, não sei como possa explicar-se sem os prender nos laços do dilema que a lógica formula:

Ou não meditaram no caso, ou, a despeito da sua admiração pelo poeta filósofo, desconheciam os brios do biografado, incapaz de aceitar e menos de solicitar uma mercê que era um vexame.

Sá de Miranda e D. Briolanja casaram porque se amavam e não se realizaria o casamento (que naturalmente foi sugerido ou facilitado por terceira pes-

soa), (1) se a família da noiva mostrasse a menor repugnância pelo noivo. Faça-lhe essa justiça.

Casou por amor, sem quebra de brios, o desertor da côrte. Na carta a João Rodrigues de Sá de Menezes, Sá de Miranda dá-lhe a boa nova:

Fui posto em gram differença
Se casaria, se não ?
Houve de sair sentença
Que a só ùa desse a mão,
Às outras boa licença.
Isto assentado, Amor deu
Claro sinal que era ali ;
Eu o som do coldre, eu
O som das setas ouvi. (2)

D. Briolanja de Azevedo não seria noiva de grande dote, mas devia ter recebido sua legítima pa-

(1) Inclino-me para a hipótese que os documentos me sugerem: Sá de Miranda, estando ainda em Basto, conheceu D. Briolanja de Azevedo em casa de sua *tia* D. Maria de Sousa, que *a criou de menina como filha e sempre lhe assim chamou*. Isabel de Freitas, ama de D. Briolanja, vivia também com D. Maria de Sousa, na Honra de Avesadas.

(2) *Poesias*, pág. 213.

terna (1) e esta não podia ser insignificante porque a Casa de Crasto ainda não estava vinculada. (2)

A Casa de Crasto que possuía muitas propriedades no concelho de Entre Homem e Cávado, devia ter herdades em Penela, porquanto foi honra de Rui Vicente de Penela (3) e conservou-se em seus descendentes (Vasconcelos e Azevedos) até Lopo de Azevedo, a quem foi confiscada por D. Afonso v, que dela fez doação a Pedro Machado.

É certo que D. Briolanja teve a quinta da Torre em Penela (4) e que ali residiu com seu marido até à mercê da comenda. Ainda há pouco me referi à escritura de 20 de Julho de 1531, lavrada em Penela, onde residia o nosso poeta. Esse documento é interessante, porque vejo nele um facto que me parece

(1) Francisco Machado, havia falecido a 27 de Agosto de 1518; e a 19 de Abril de 1521, o Arcebispo D. Diogo de Sousa, confirmava na igreja de Carrazedo Gil Roiz, apresentado pela mulher e filhos de Francisco Machado, senhor que foi de Entre Homem e Cávado (Arq. Dist. — Registo de Confirmações de 1505-532.)

(2) A viuva D. Joana de Azevedo, mãe de D. Briolanja, instituiu o morgado de Crasto, no seu testamento aprovado em Navarra, por Jorge de Barros, tabelião em Braga, em 1534.

(3) Inquirições de D. Afonso III.

(4) Dentro dos limites do extinto concelho de Penela, só é conhecida uma quinta da Torre, que está na freguesia de S. Tiago de Arcozelo, a que esteve anexa à freguesia de Marrancos. Foi dos senhores do Paço de Marrancos e hoje pertence à casa da Codeçosa.

denunciar o nascimento do primogénito Gonçalo Mendes de Sá. Isabel de Freitas, a velha ama de D. Briolanja, moradora na Honra de Avessadas, no afastado concelho de Bemviver, está presente e a sua identidade é abonada por João Ferreira, criado de Francisco de Sá de Miranda e por Branca Roiz, criada da senhora D. Joana de Crasto, mãe de D. Briolanja.

Passados mais de vinte anos, residindo já na Casa da Tapada, Francisco de Sá de Miranda e D. Briolanja de Azevedo, vindo a Duas Igrejas, estiveram na sua Casa da Torre. (1)

(1) A escritura de 25 de Outubro de 1552, em que Pedro Anes da Amoria e sua mulher lhes venderam o casal de Amoria em Avessadas, foi lavrada pelo tabelião Pedro Álvares, na casa da Torre do snr. Francisco de Sá, no concelho de Penela, terra do snr. D. Simão de Castro.

IX

COMENDAS DE MORONHO E DE DUAS IGREJAS

A inexactidão alheia continua, impenitente, a pejar de obstáculos o nosso caminho. Agora embaraça-nos a mercê da comenda de Duas Igrejas.

Todos a consideram anterior ao casamento do poeta; mas é, evidentemente, posterior. Quando casou ainda não era comendador. Se o fôra, os documentos que citei referir-se-iam certamente a esta qualidade, nunca esquecida nos documentos posteriores.

Nessa época, ser comendador da Ordem de Cristo, representava uma elevada posição, nobreza, fidalguia, honras, privilégios e isenções, de que o interessado não prescindia e de que os oficiais públicos se não esqueciam por cortesia e por dever de officio, principalmente nos contractos de compra e venda para justificar o não pagamento da cisa.

O documento que Sousa Viterbo achou na

Torre do Tombo e publicou no *Instituto* (vol. xii, pag. 683) merece, pela sua importância, que seja aqui reproduzido.

«Aos Xbiiij dias do dito mez (abril de 1537) recebeo mais o dito frey Gaspar, recebedor, de frey Francisco de Saa de Miranda, per hum seu criado, desesete mil e quinhentos rs. de hum quarto das comendas de Santa Maria das Duas Igrejas, do arcebispado de Braga e de S. Gião de Moronho, do bispado de Coimbra, de que hé comêdador, perante mim sobredito scpriuão e por verdade assino aqui. = Frey Sebastiã = frey Gaspar.

Encontra-se êste recibo no «*Caderno do recebimento do dinheiro dos tres quartos que os Commendadores da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo pagam das suas Commendas para as obras e fabrica deste Convento de Thomar.*»

O Dr. Teófilo Braga nota que S. Julião de Moronho não se encontra na lista das comendas da ordem de Cristo, explicando êsse facto pela possibilidade de ter sido anexada à paróquia por causa do seu pequeno rendimento.

Não teve o cuidado de verificar quais foram as comendas novas concedidas pelo Papa.

Entre elas está S. Julião de Moronho, mas não se acha Santa Maria das Duas Igrejas, que era, sem dúvida, uma das comendas novas em 1535.

Houve, portanto, uma substituição de comenda,

sendo comendador de Moronho Sá de Miranda, que passou a ser comendador de Duas Igrejas. Não era permitida a acumulação de comendas; e Sá de Miranda pagou os *quartos* de duas comendas que teve sucessivamente e não cumulativamente.

Como os *quartos* se pagavam pelos dois primeiros anos, a mercê da comenda poderia fixar-se entre 1535 e 1536: isto é, cinco ou seis anos depois do casamento do poeta; mas, no arquivo da Tapada, existiu um documento que nos obriga a recuar a data da mercê. Li-o, meses antes da minha visita àquela casa, estando já nas mãos do sr. José Gomes da Silva Matos, ex-agente do Banco de Portugal em Braga. Em 1535, data dêsse documento autógrafo de Sá de Miranda, já o poeta do Neiva tinha fixado domicílio na sua comenda de Duas Igrejas. É a minuta do contracto para a compra duns moinhos em Caldelas, onde se lê: *nesta minha comenda de Duas Egrejas*.

Aqui viveu até 1552, como verifiquei em numerosos documentos; aqui passou os anos mais felizes da sua vida, na doce companhia de D. Briolanja, criando e educando seus filhos; aqui o visitaram seus amigos e os admiradores do seu talento e do seu carácter. Foi aqui, bem junto do rio Neiva, que Francisco de Sá de Miranda concebeu e compôs a maior e melhor parte da sua obra literária.

É esse o Neiva do nosso Sá Miranda
Ainda que tão pequeno tão cantado
.....
Aqui cantava Sá. (1)

Louvas o teu doce Neiva. (2)

Aqui Neiva, aqui Lima triste chora. (3)

Sá de Miranda refere-se também ao Neiva na Fábula Mondego e na Écloga Célia:

Lloró la ninfa Neiva i ninfa Lima. (4)

Poco aca, mas con fe, mas con poca arte
Cantan pastores al modo estranjero.
Corren lagrimas justas sin parar
Mientras Neiva tambien corre a la mar. (5)

Foi aqui, repito, bem junto do rio Neiva e não na quinta da Tapada, como geralmente se tem afirmado. É manifesta a ignorância corográfica dos illustres biógrafos de Sá de Miranda. (6)

(1) Diogo Bernardes, *Flores do Lima*, soneto xc.

(2) Pedro de Andrade Caminha, *Obras*, pág. 203, ode vii.

(3) António Ferreira, *Obras*, Écloga i.

(4) *Poesias*, pág. 288.

(5) *Poesias*, pág. 295.

(6) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, afirma que o rio-sinho *Neiva* passa ao pé da Quinta da Tapada, entre Cávado e Lima



Pedro de Andrade Caminha, na Epístola que lhe dirigiu, refere-se ao êxito feliz dos trabalhos do nosso poeta:

O grande Sá de Miranda
Bem entendeu a verdade
D'este mal que entre nós anda,
Lançou-se da outra banda
Seguro que nom se enfade.

(*Poesias*, pág. 323) depois de nos ter dito que a comenda de Duas Igrejas ficava na margem esquerda do rio *Neiva*, que o poeta tornou tão célebre (*Poesias*, pág. xxii).

A situação topográfica da comenda de Duas Igrejas, como a da Quinta da Tapada, tem sido tão erradamente fixada, que nós, para evitar que se repitam as más indicações de Camilo Castelo Branco, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e doutros biógrafos (entre os quais está o sr. dr. Fidelino de Figueiredo) oferecemos o mapa corográfico, fielmente reproduzido pelo sr. Felix Maria Cardoso Cruz, meu velho amigo e hábil desenhador das Obras Públicas do distrito de Braga.

Basta vê-lo para se verificar que a Tapada não está, como se diz, nos arredores de Braga, nem ao pé de Ponte de Lima; não fica na proximidade de Cabeceiras de Basto, nem a pouca distância de Lindoso. Se Teófilo Braga tivesse examinado um mapa corográfico, não teria dito após a descrição da freguesia de Santa Maria de Duas Igrejas: «Em uma dessas caçadas pelas serras, é que foi parar a Cabeceiras de Basto, e começou a convivência literária com Nuno Álvares Pereira e António Pereira, senhores da terra.

Levou me um lobo apos si;
Eu como doudo corria;
Toma aqui! toma ali. (*Poesias*, pág. 381).

Bem se vê que não se enfada
Nas maravilhas que escreve,
Que alta fama tem ganhado,
A ve só n'elle achada
Quanto todo ingenho deve. (1)

Foi, com efeito, grande a actividade de Sá de Miranda, nos seus primeiros anos de vida contemplativa. A violenta resolução que o afastou da côrte exigia uma explicação, se não um desfôrço.

As *cartas* a el-rei D. João III, a João Roiz de Sá e Menezes e a António Pereira Marramaque e a écloga *Basto*: as suas formidáveis *sátiras* traduzem e confirmam a sua legítima indignação e seu justo receio pela decadência nacional.

Nobremente e lealmente repete ao rei, o que devia ter dito na intimidade:

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto, e d'ũa fe,
D'antes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas de corte homem não é. (2)

«Seguindo de outeiro em outeiro, conta como foi parar a Basto, guiado por uns pastores (*Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 273 e 274).

(1) Caminha, *Poesias*, pág. 103.

(2) *Poesias*, pág. 192.

Na carta a António Pereira, descobre seu vivo
ressentimento, a sua aversão à obra de Gil Vicente :

Que troca ver la Pasquinos
Portugueses cento a cento
(Quem o ve sem sentimento?)
Tratar os livros divinos,
Com tal desacatamento!
E o que não podem ousar
De lerse em gíolhos não,
(Que graças pera chorar!)
• Torcem fazendo falar
Ó som da sua paixão. (1)

«As composições satíricas — *Égloga Basto* e as
Cartas — diz D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos
— representam o que há de mais original e de mais
valioso entre tôdas as poesias de Sá de Miranda e são
ainda hoje as que atraem mais a atenção. Durante
três séculos serviram de modelo a muitos engenhos;
os poetas mais notáveis de Portugal imitaram-nas:
p. ex. D. Francisco de Portugal, Francisco Rodrigues
Lobo e Francisco Manuel de Melo. (2)

Sá de Miranda, o reformador do teatro e da poe-
sia, o arauto da Renascença em Portugal, o introdutor
da Escola Italiana, conquistando um legítimo título,
um lugar de elevada investidura, na História da Lite-

(1) *Poesias*, pág. 242 e 243.

(2) *Poesias*, pág. xxviii.

ratura Portuguesa, não conseguiu com os novos modelos e com o verso endecassílabo, igualar, e menos exceder o encanto das suas redondilhas e das suas quintilhas.

O facto explica-se facilmente, atendendo-se às dificuldades do novo processo e à pouca eufonia da nossa língua, que obrigou a preferir, repetidas vezes, o melodioso idioma castelhano.

O poeta do Neiva adoptou, no desabafo, a forma mais fácil, mas não perdeu seu entusiasmo pela escola clássica italiana.

A égloga Aleixo, que até aqui tem servido de explicação ao *ostracismo* do poeta, foi composta em Duas Igrejas e é a sua primeira poesia clássica, como afirma Sá de Miranda na Epístola a António Pereira, senhor de Basto, que precede esta égloga, já modificada:

Estas nuestras zampoñas, las primeras
Que por aqui cantaran, bien o mal
Como pudieran, rimas extranjeras (1)

As églogas em metro endecassílabo *Celia*, *Nemoroso*, *Andrés*, *Encantamento*, *Epitalamio*, a comédia os *Vilhalpandos*, etc. e as suas remodelações (2)

(1) *Poesias*, pág. 453.

(2) *Poesias*, pág. 476.

confirmam seu propósito reformador, a sua admiração pelos grandes escritores da Renascença.

A écloga *Encantamento* é portuguesa; as outras são em versos espanhóis. É oferecida a D. Manuel de Portugal, como resposta à écloga que êste lhe dedicara.

Sá de Miranda informa-o de que é a primeira poesia da nova escola que tentou em português:

Rigores a departe, que são dignos
De perdão os começos. Já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquele, um só dos liricos latinos.
Provemos ja esta nossa linguagem
E, ao dar da vela ao vento: boa viagem! (1)

D. Manuel de Portugal foi o primeiro imitador do Poeta do Neiva, e as suas íntimas relações com Sá de Miranda explicam-se fácilmente, sabendo-se que aquele ilustre fidalgo foi comendador de S. Pedro de Calvêlo e que esta comenda é visinha da de° Duas Igrejas: dois factos ignorados pelos biógrafos e comentadores de Sá de Miranda. (2)

Seguem-lhe o exemplo Francisco de Sá de Me-

(1) *Poesias*, pág. 476.

(2) O rio Neiva passa também por Calvêlo, como o leitor pode verificar no mapa que oferecemos.

nezes, Pedro de Andrade Caminha, António Ferreira, Diogo Bernardes e outros; e o joven príncipe D. João, tão amante das letras e apreciador de poesias, pede a Sá de Miranda uma colecção dos seus versos.

O poeta do Neiva, assim honrado, satisfez o pedido, enviando-lhe sucessivamente três colecções de poesias, precedidas cada uma de um soneto ao príncipe.

No soneto que acompanha a primeira colecção (composta de *glosas, cantigas, vilancetes, esparsas, sextinas, redondilhas, diálogos e epitáfios*) diz Sá de Miranda:

Era já tudo como encomendado
Á traça e pô da aldeia e sua baixaza,
Entre teas de aranhas encantado:

Já 'gora, gram senhor, tudo despreza
Quem sai á praça por vosso mandado.
Abasta o nome sô de vossa alteza. (1)

Na segunda remessa, enviou-lhe as éclogas *Alejo* e *Basto* e as *Cartas* a el-rei D. João III, João Roiz de

(1) *Poesias*, pág. 3. O penúltimo verso leva-me a supôr que o príncipe tinha o propósito de imprimir as obras do Poeta do Neiva. A demora de Sá de Miranda e a morte precoce de D. João explicariam, nessa hipótese, o facto lamentável de não se imprimirem em vida do poeta.

Sá e Menezes, Pero de Carvalho, Mem de Sá, António Pereira e D. Fernando de Menezes.

A terceira colecção (*Fábula do Mondego* e as éclogas *Célia, Andrés, Nemoroso, Basto* e *Montano*, *sonetos, cantigas, epigramas, trovas*, etc.) foi enviada da Tapada, após longa demora.

Tardei, e cuido que me julgão mal,
Que emendo muito e que emendendo, dano.
Senhor, que hei grande medo ao desengano,
D'este amor que a nos temos desigual.

Todos a tudo o seu logo achão sal :
Eu risco e risco, vou-me de ano em ano. (1)

O nome de Francisco de Sá de Miranda crescia no meio literário pelo seu talento e pela sua erudição e na côrte e na província, pelo seu carácter de rija tempera, pela sua honestidade, pelo seu amor à justiça.

Se outro senhor não conhece
Salvo justiça e rezão. (2)

O dr. Sousa Viterbo publicou (Instituto, vol. XLII) uma carta de Francisco Gil a el-rei D. João III, descoberta, na Torre do Tombo, por Brito Rebelo. Vamos reproduzi-la por que é muito interessante:

(1) *Poesias*, pág. 261.

(2) *Poesias*, pág. 168.

«Ihus = Senhor = Por que vosa Altesa ve os almoxarifes deste Reyno cuidão que o que arecadão das rendas de v. a. he seu, e asy alguns deles tratão e enriquecem com o dinheiro que recebem como se seu fosse, o qual roubo se lhe não sofreria em Fez nem em Turquia quanto mais o ha v. a. de estranhar, por que posto que não fosse senão por estes almoxarifes não ofenderem a deus com os roubos que fazem em não responderem a v. a. com o dinheiro do reyno pelo que v. a. he forçado a tomar dinheiro a caymbo e a recaymbo seria evidente rezão pera os mandar punir como a ladroes que por menos furtos de que estes são justamente são enforcados o remedio está claro que pois os almoxarifes se fyão em manhas e adherencias daqueles a quem servirão e os recebedores pela mor parte são homens que tambem por adherenças procurão o officio de receber. V. a. mande de este janeiro por diante que os almoxarifes e recebedores do seu Reyno sejam os mais ricos homens que nos taes almoxarifados ouuer, por que os pobres almoxarifes querem enriquecer e asy os pobres recebedores e os ricos não querem perder o que tem ganhado e se v. a. manda que lhe traga a verdadeira enformação dos ricos homens deste Reyno pera serem almoxarifes começarei logo por alentejo ou por onde v. a. mandar, e se v. a. não for mui bem pago dos almoxarifes a culpa seja minha sendo eu o executor real destes ricos homens que digo. nosso senhor

jhu xpõ seja sempre com v. a. e o liure de poder de tantos ladrões por que o pouo paga e os almoxarifes roubão.

«he mui necessario que v. a. mande Antre Douro e Minho chamar um homem que cuida que o seu nome he *Francisco de Saa de Miranda* e se nã quizer vyr uenha por força por que o vasalo nã tem direito pera se escusar de servir seu Rey e despois vindo saberá v. a. que lhe fez deus mercê com sua vinda por que o mal vay tão descuberto que he necessaryro prover-se v. a. de homẽs de alto entendimento por que como está escripto *consiliarius sit tibi unus de mille*.

Se v. a. mandar que va saber esta verdadeira enformação de quem seguramente responde com os pagamentos dos almoxarifados e não ponha a v. a. em necessidade de tantos recãybos partirei logo e per este nã he necessaryo prouisão algua de v. a. senão despois que trouver a enformação que será antes do natal prazendo a deos e se v. a. for servido que va saber esta tam necessaria verdade mandemo dizer por Dom Duarte sem lhe dizer mais que va ou que não va.

«lembro a v. a. que el Rey David e outros reis fortes como dis a santa spritura poseram homes de muito alto entendimento pera lhe arecadarem seus tributos como se conta no Paralipomenon e noutras partes porisso dise a v. a. mandase chamar este *Fran-*

cisco de Saa de Miranda, que he homem de alto e heroico entendimento e sobretudo o que mais lhe dá o lustre disem que he bôo xpão o mais ficará pera outro sprito por que he melhor e mais necesario — Francisco Gil.» (1)

Num dos livros do Tombo da Casa de Crasto, encontrei um processo civil em que Francisco de Sá de Miranda foi árbitro por escolha das partes litigantes.

Na partilha entre dois dos filhos que ficaram de João de S. Pedro Machado e de sua mulher ainda sobrevivente, Branca de Magalhães (2) realizada por escritura de 2 de Julho de 1522, foi dividida a grande quinta das Quintans de Real (que de seus possuidores em breve recebeu a denominação de quinta de Magalhães) na freguesia de S. Martinho de Ferreiros, Póvoa de Lanhoso, foreira a Manuel Machado, senhor de Entre Homem e Cávado. Uma parte ficou a Rui de Magalhães e a outra a sua irmã Francisca de Magalhães, casada com Jorge de Alvarenga; mas quem deveria ser o cabecel do grande prazo?

A requerimento de Manuel Machado correu lití-

(1) Torre do Tombo — *Maço de Cartas dos Governadores d'Africa* n.º 179.

(2) Branca de Magalhães, também natural de Coimbra, era filha do cónego Rui Pires de Magalhães e foi legitimada em 23 de Abril de 1477.

gio, visto que ambos os foreiros se consideravam cabeceis.

Foi então que «para evitar demandas e rixas entre parentes tão proximos» se escolheu para árbitro o snr. Francisco de Sá, Fidalgo da Casa del-Rey e Comendador de Duas Igrejas, que, examinando os documentos apresentados pelos litigantes, lançou nos autos sua decisão: «Vistos estes autos e coanto por elles se mostra assim o dote e casamento de Jorge de Alvarenga com o Praso dos senhores Francisco Machado e a senhora Dona Joana sua molher e assim os instrumentos apresentados de concerto e nomeação de Branca de Magalhaes depois da morte de seu marido João de São Pedro em que nomea primeiramente seu filho Ruy de Magalhães e sua filha Francisca de Magalhães e assim no praso tambem o filho primeiro que a filha como tambem assim ser de direito comum pelo qual julgo por verdadeiro possuidor o dito filho Ruy de Magalhães e no mais se lhe guardará o seu praso inteiramente como se nelle contem.» Assim consta da certidão que examinei e que continua no seguinte teor: «com o coal despacho e determinação dos ditos autos me foi trasida e conclusa e publiquei em minha publica audiencia por meu mandado foi publicado em presença e pessoas dos ditos Ruy de Magalhães e Jorge Alvarenga, a coal determinação mandei se cumprisse como nelle se continha da coal o dito Ruy de Magalhães pedio sentença a coal foi

publicada aos vinte e dois dias do mez de março de mil quinhentos e *noventa* e cinco annos.» (1)

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos mostrou à evidência como são injustas as censuras feitas a Sá de Miranda a propósito da sua vida campestre, do seu voluntário isolamento, da sua suspeitada indiferença pela reforma a que «só de longe e a mêdo presidia» como afirma o Visconde de Castilho (Júlio) na sua biografia de António Ferreira, vol. 1.º, pág. 117 e 160, (2) mas aceitou informações igualmente inexactas que vamos examinar.

Aquelas ruidosas festas, honradas com a presença dos infantes e realizadas na casa de Crasto no baptisado do primogénito de Manuel Machado, são uma entre muitas extravagantes *criações* do Marquez de Montebelo. Pode conceder-se-lhe a respectiva patente de invenção.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos só considera inexacta a descrição dessas festas na parte em que se dá também presente o infante D. Fernando, falecido três anos antes de D. Henrique entrar no arcebispado de Braga (1537), mas afirma, convicta, a presença dos infantes D. Luís e D. Henrique. (1)

O infante D. Henrique, arcebispo de Braga, che-

(1) Data evidentemente errada. Quem passou a certidão lia tão mal como escrevia. Considero prováveis as datas de 1535 ou 1545.

(2) *Poesias*, pág. xxv.

gou a esta cidade nos princípios de Agosto de 1537 (1) e aqui se conservou apenas alguns meses.

Em 30 de Janeiro de 1538, estava já em Lisboa, como mostra um documento existente no Arquivo Distrital de Braga, e em 23 de Julho dêsse ano escreveu ao Senado da sua cidade avisando que chegaria de novo no dia 6 ou 7 de Agosto, com demora de alguns dias, como se vê dum documento existente no Arquivo Municipal. Acresce ainda que no pouco tempo que residiu na arquidiocese convocou e realizou um sinodo e reformou largamente os estudos públicos do Colégio de S. Paulo.

O infante D. Luís nunca, que eu saiba, esteve em Braga e posso declarar, com tôda a firmesa, que aqui não veio durante os anos de 1537 e 1538.

Afirma também D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos que os Abreus do Pico de Regalados, os visinhos *defronte*, nunca tiveram em casa o poeta do Neiva, que lhes chamava *maus lobos*. (2)

Quer Sá de Miranda residisse na Tapada, quer estivesse em Duas Igrejas, nunca tinha os Abreus, senhores de Regalados, por visinhos *defronte*. Êstes fidalgos e donatários nunca foram conhecidos por

(1) No dia 18 recebeu pessoalmente, em seu Paço de Braga, a obediência do sufragâneo D. Miguel da Silva, Bispo de Vizeu.
(*Arg. Dist. Colecção cron.*)

(2) *Poesias*, pág. xxv.

Abreus do Pico de Regalados e nunca ali residiram porque a sua morada era no solar de Coucieiro. (1)

Maus lobos! Quando Sá de Miranda residia em Duas Igrejas ou no mesmo concelho de Penela — Leonel de Abreu e Lima, senhor de Regalados, vivia no Paço de Coucieiro, com seus filhos, menores, do primeiro matrimónio, e com sua segunda mulher D. Maria de Noronha, com quem casara em 1533 e de quem teve sete filhos, um dos quais, seu sucessor, veio a casar com D. Francisca da Silva, filha de Manuel Machado e sobrinha de D. Briolanja de Azevedo.

D. Maria de Noronha era irmã de D. Catarina, segunda mulher de João Roiz de Sá e Menezes e de D. Inês, mulher de António de Sá e Menezes (mãe de D. Camila, que casou com João Roiz de Sá) todas filhas do 3.º Visconde de Vila Nova da Cerveira.

Êstes factos afastam a pretendida aversão de Sá de Miranda aos Abreus, de Regalados, conhecendo-se

(1) A propósito, devo informar que, há anos, se imprimiu no Pôrto uma falsa genealogia dos Abreus, da *responsabilidade* de José Augusto Carneiro, em que se afirma que o solar de Regalados era a casa dos Abreus (conhecidos por Abreus Canêlos), no Pico de Regalados e se chega a dizer (como a vaidade cega!) que essa familia, mais ou menos ilustre, mas de origem próxima muito humilde, representa hoje os senhores de Regalados! O autor, como o responsável, ignorava que a Casa dos antigos condes de Regalados pertence ao sr. D. António de Siqueira Freire (S. Martinho) seu legítimo representante.

as boas relações do poeta do Neiva com os Sás, do Pôrto.

António Pereira da Cunha, fazendo o panegírico da heroína Margarida de Abreu, filha de Cristóvão Rebelo de Abreu, senhor da casa de Vila Nova em S. Miguel de Prado (Vila Verde) freguesia próxima de Duas Igrejas, refere-se à amizade e parentesco do poeta filósofo com Cristóvão Rebelo de Abreu, e diz que um tio de Margarida de Abreu morrera ao lado de Gonçalo Mendes de Sá, em Tetuão. (1)

O parentesco remoto com D. Briolanja, pelos Azevedos, aparece em alguns nobiliários; mas as outras afirmações de Pereira da Cunha excedem a fonte indicada: Duarte Nunes do Leão.

A educação dos filhos, as obras e as plantações na quinta do Barrio em Fiscal deviam roubar muito tempo e prender a atenção do poeta. O primogénito, Gonçalo, recebeu ordens menores em Braga a 17 de Dezembro de 1541 e o filho segundo, Jerónimo, a 5 de Março de 1546. (2)

(1) *Brios Heroicos de Portuguesas*. Lisboa, 1861.

(2) *Arquivo Distrital. Matriculas. Vide Documentos*.

NA CASA DA TAPADA

Já me referi à compra de metade da quinta do Barrio, na freguesia de S. Miguel de Fiscal, no concelho de Amares (antigo concelho de Entre Homem e Cávado) feita por Francisco de Sá de Miranda com sua mulher D. Briolanza de Azevedo, a 3 de Maio de 1530.

Com êste prédio e com outras propriedades a pouco e pouco adquiridas, nas freguesias de Fiscal e Torre, entre as quais se incluíra a Bragada da Fonte de Barrio, constituiu-se a quinta de Barrio Novo ou Barrio da Fonte pelos anos de 1545. Com as posteriores aquisições da outra metade da quinta do Barrio (1550) e doutros prédios e com a vedação dos respectivos montados — essa propriedade veio a constituir a quinta da Tapada, mas não perdeu logo a denominação de Barrio da Fonte ou de Barrio Novo. (1)

(1) Nas escrituras ali lavradas a 2, 13 e 16 de Maio de 1558 (ano do falecimento de Sá de Miranda) ainda conserva a anterior denominação: Barrio Novo.

Em seu *testamento*, como logo veremos, manda Sá de Miranda que a cabeça do vínculo seja a quinta «a que chamamos da Tapada em que ao presente vivo e que fiz de novo no fogo morto como se diz mas da primeira pedra.»

Em 24 de Outubro de 1545, lavrou-se na quinta do Barrio Novo, do snr. Francisco de Sá, a escritura da compra de parte da quinta do Sobrado em Fiscal, mas os compradores continuavam a residir na comenda de Duas Igrejas. O domicílio do poeta na casa da Tapada só pode documentar-se desde 28 de Abril de 1552 ⁽¹⁾ mas devia ser um pouco anterior. ⁽²⁾

Não foi longa nem feliz a vida do Poeta do Neiva no seu derradeiro domicílio. A casa que edificara com tanto carinho; a sua quinta cercada, ao cimo, por uma larga devesa que a nova vedação defendia, dominando extensos vales e afastados montes; as árvores que plantara e a fonte que o deliciava — foram impotentes para lhe assegurar um fim de vida tranqüilo e descuidado.

Desgostos, receios, cuidados e desventuras, pre-

(1) Escritura de compra de certas herdades em Prado. Em 27 de Maio do mesmo ano, lavrou-se outra escritura de compra (do campo de Nogueira, em Fiscal) na quinta do *Barrio da Fonte*.

(2) O facto de Francisco de Sá de Miranda e D. Briolanja estarem no dia 25 de Outubro de 1552 na quinta da Torre em Penela, na proximidade da comenda de Duas Igrejas, parece indicar a conclusão da mudança após as colheitas.

cupitavam-se entre a velhice e a enfermidade, para disputar as honras de coveiros do homem de antes quebrar que torcer.

Não foram, nem podiam ser, numerosas as produções de Sá de Miranda, neste curto e doloroso período, que devia ser o derradeiro da sua vida; mas foi na Tapada, na decadência do poeta, que êste recebeu os melhores testemunhos de admiração dos continuadores da reforma literária por êle empreendida: António Ferreira e Diogo Bernardes.

Mas não antecipemos os factos: respeitemos a cronologia.

Em 1552, ou princípios de 1553, enviou ao príncipe D. João, como disse, terceiro caderno com as suas poesias mais conformes à nova escola italiana.

Era precedido, como os outros, dum soneto:

Tardei, e cuido que me julgão mal,
Que emendo muito e que emendando, dano.
Senhor, que hei grande medo ao desengano,
D'este amor que a nos temos desigual.

Todos a tudo o seu logo achão sal:
Eu risco e risco, vou me de ano em ano.
C'um dos seus olhos só vai mais ufano
Felipe, assi Sertorio, assi Anibal.

Ando cos meus papeis em diferenças!
São percebidos de Horacio, me dirão.
Não posso em al, sigo o em aparenças.

Quem muito pejejou, como irá são ?
Quantos ledores, tantas as sentenças.
C'um vento velas vêm, e velas vão! (1)

Em 5 de Maio de 1552, seu cunhado Frei Bernardino Machado, comendador de S. João da Guarda e de Oliveira do Hospital, com licença de Fr. João de Omedes, grão mestre do Hospital de Jerusalem, fez doação das suas legítimas paterna e materna, a seu sobrinho e herdeiro Francisco Machado, filho de Manuel Machado. A escritura foi lavrada na casa de Crasto pelo tabelião Gaspar de Nantes, sendo testemunhas Francisco de Sá de Miranda, Gonçalo Fernandes, alfaiate, morador no Couto de Rendufe e Francisco Duarte e António Gonçalves, também alfaiates, moradores em Braga, no arrabalde de Santa Ana. (2)

Jorge de Monte-Mor, famoso autor da *Diana*, voltou a Portugal, acompanhando a princesa D. Joana, a noiva do príncipe D. João. Lendo as poesias de Sá de Miranda, não hesitou em dirigir-lhe uma carta na qual se autobiografa, e presta homenagem ao poeta do Neiva.

(1) *Poesias*, pág. 261.

(2) *Documentos*. Em que trabalhariam ali pelo menos três alfaiates? É possível que se tratasse do enxoval de Gonçalo Mendes de Sá.

.....
A Francisco de Sá el de Miranda
Escribo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas de lo que puede se desmanda.
.....

Enfin, señor ilustre, he de meter me
So tu amparo i favor, por sublimar me
I al mundo podré luego anteponer me.

Que pierdes de tu ingenio en levantar me?
Ha de menguar por dicha tu gran ciencia
Por la pequeña mia acrescentar me?

Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mundo
Publique tu alto estilo i gran prudencia?

Puedes dejar de ser el mas profundo
En ciencia, erudicion que alguno ha sido?
O tu ingenio podrá hallar segundo?

No, cierto, que tan alto te ha subido
Que te pierdo de vista, i no és posible
Poder dejar de ser lo que ha sido:

.....
Si con tu musa quieres acudir me,
Gran Francisco de Sá, darás me vida,
Que de la mia estoi para partir me.

De tu ciencia en el mundo florecida
Me comunica el fruto deseado,
I mi musa será favorecida.

✓ Pues entre el Duero i Miño está encerrado
De Minerva el tesoro, a quien iremos
✓ Si no es a ti do está bien empleado?
.....
Mui confiado estoi, de ti esperando
Respondas a mi letra por honrar me
Pues d'escrevir te io me estoi honrando. (1)

Esta carta deu a Sá de Miranda o melhor entre os raros momentos felizes da sua vida na Tapada. Não demorou a resposta.

Montemaior, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Trujieses dulces aguas de Pegaso
Que haré? que al responder tiembla la mano.
Trabajé por escusa si la hallara!
Buscando lo que no ha i, cansa se en vano.
.....
Forzado a responder te en fin me muevo,
Ierro a sabiendas, van i vien sudores,
Agora el huelgo, ora la pluma pruevo.
.....
Vezino a quel tu Monte do has nacido,
Cogi este aire de vida, i del Mondego
Tan clara i tan sabrosa agua he bevido.
Asiento de las musas, tras el ciego
Niño que vuela, perdi el tiempo andando,
Uno de los sus locos, no lo niego.

(1) *Poesias*, pág. 653 a 657.

.....
Levanta los sentidos al amparo
Tan seguro i tan alto, como tienes
De esta princesa nuestra, un sol tan claro;
No seas como muchos que sus bienes
Bien no conocen; mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te avienes. (1)
.....

Nesse ano (1552) a morte do seu desventurado amigo Bernardim Ribeiro deu a Sá de Miranda uma dolorosa e viva impressão de saúde; e a escolha duma carreira nobre para o primogénito exigia cuidados e trazia-lhe receios. Gonçalo Mendes de Sá teria, então, cêrca de vinte anos. Era moço brioso.

Sabia a sua condição altiva
(Nesta só parte, no mais branda, humana.);
Era para morrer, não ser cativa. (2)

Jerónimo, mais novo, era, como veremos, de compleição débil e doentia.

Gonçalo quiz seguir a carreira das armas e seu pai aprovou, se não aconselhou, a sua partida para Ceuta.

Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer pola fé, se assi cumprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade):

(1) *Poesias*, pág. 454 a 461.

(2) *Poesias*, pág. 464.

— Tu vas pelo caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta!
Sem perigos quem se acha que subisse?

De tempo que assi fôge, que te monta
Vinte anos, trinta mais? que montão cento?
Ergueu a vista a mim alegre e pronta,

Sospirando por ser lá num momento,
Se ser podesse! tam de pressa os fados
Corrião! nomes vãos, sem fundamento!

Então o encarreguei d'estes cuidados:
Deus e logo honra, logo o capitão
Quam prestes a cumprir foi tais mandados! (1)

Partiu para África *a servir uma comenda (aonde quasi todos os moços daqueles tempos iam cingir a primeira espada)* como diz o biógrafo anónimo.

Que partiu ansioso de cingir a primeira espada não posso duvidar; mas que fôsse servir uma comenda, não acredito, sem uma prova ou presunção aceitável. (2)

Vejamos como o biógrafo anónimo refere o pre-

(1) *Poesias*, pág. 462 e 463.

(2) O genealogista Pina, citado como fidedigno por Teófilo Braga (*Sá de Miranda e a Escola Italiana*, pág. 336) afirma que a comenda que Gonçalo Mendes de Sá serviu em África, passou, por morte deste, para Sá de Miranda! Não é verdade. Não era permitida a duplicação de comendas.

coce e desgraçado fim do moço cavaleiro Gonçalo Mendes de Sá:

«e chegado de poucos dias a Ceyta succedeu a perda de D. Pedro de Menezes, filho do primeiro conde de Linhares, D. Antonio, que era capitão do logar, onde Gonçalo Mendes tambem acabou com outros muitos, entre os quaes foi D. Antonio de Noronha, sobrinho do capitão, filho do conde D. Francisco, que deu com sua morte occasião àquella lamentavel Ecloga de Luis de Camões de *Umbrano e Frondelio.*»

Braamcamp Freire faz, como a encontrou, a indicação dum documento que interessa ao caso e contraria o autor anónimo:

«No maço vinte e sette dos numerados da casa da Rainha (na Torre do Tombo) está uma certidão do capitão de Ceita, e de seus officiaes dos que morrião no desbarato de D. Pedro de Menezes capitão daquela Cidade no anno de 1553, a qua tem huma verba que dis assy: Matarão Gonçalo Mendes de Sá filho de Francisco de Sá de Miranda que avia tres annos que era vindo a esta cidade a servir Vossa Alteza, mancebo solteiro o qual matarão a cavallo e hum homem seu noutro cavallo. Matarão João Rodrigues de Sá filho de Mem de Sá Desembargador de Vossa Altesa e avia seis meses que viera a esta cidade onde estava servindo Vossa Altesa á sua custa e perdeu os dittos cavallos (Gaspar Alvares Lousada, *Summarios*

da Torre do Tombo III fl. 275).» Braamcamp Freire conclue que é inexacta a informação anónima que dá Gonçalo Mendes de Sá morto «chegado de poucos dias a Ceyta» porque já lá estava havia três anos. (1)

Eu, confesso, desconfio dessa certidão, que ou está errada ou é falsa. Neste caso estou excepcionalmente ao lado do biógrafo anónimo, porque a sua informação harmoniza-se plenamente com depoimentos dignos de todo o crédito. Ouçamos Sá de Miranda:

No dia do começo a conta encheu. (2)

Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer: vim, vi, venci,
Cerrando e abrindo a mão posto em seguro. (3)

António Ferreira, na elegia que dirigiu ao poeta do Neiva, dizia:

Verás um pai a quem o duro fado
Desamparou d'um filho, em que esperava
Ver seu nome nos ceos alevantado;

Verás a mãe que tanto o filho amava
Que, partindo a sua alma pelo meo,
A metade lhe deu, a outra ficava,

(1) *Vida e Obras de Gil Vicente*, pág. 176.

(2) *Poesias*, pág. 463.

(3) *Poesias*, pág. 464.

Dizendo : — Filho, viverei em receo
Em quanto te não vir! — E ele partido,
Eis que subitamente a morte veu.

Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bem não s'enchugavão,
Inda não tinham d'ele nova ouvido,

E a primeira nova que lhe davão,
Era de morte! porem morte qual
Ele quis sempre, e a que eles o mandavão. (1)

Gonçalo, logo que chegou a Ceuta, foi uma das vítimas da traiçoeira surpresa do Monte da Condessa, da emboscada do alcaide de Tetuão, efectuada a 18 de Abril de 1553, com três mil mouros contra trezentos portugueses, dos quais apenas se salvou João Rodrigues Pereira, primogénito de António Pereira, senhor de Cabeceiras de Basto.

Um só, que em sangue aberta traz a cruz
Branca por armas, deu deus á cidade,
Milagre que em sinais claros reluz. (2)

Os biógrafos do Poeta do Neiva dizem que Gonçalo Mendes de Sá era ainda moço de dezasseis anos; mas devia ter, como afirmei, cêrca de vinte anos.

(1) *Poesias*, pág. 638.

(2) *Poesias*, pág. 465.

Tomou ordens menores em 17 de Dezembro de 1541, e, portanto, não podia ter menos de dezanove anos em 1553. (1)

A lutuosa participação da sua morte veio surpreender impiedosamente seus pais que esperavam ansiosos notícias de Ceuta.

Do enganoso bem que tam ufano,
Tam ledo e altivo me fazia
E que tanto me encheu a fantasia
D'um alto pensamento soberano,

Agora por meu mal me desengano ;
Que aquele bem tamanho pretendia
Vir só pera fugir, e so queria
Mostrar me tanto bem pera môr dano!

Mal entendi o bem d'aquela gloria
Que me fora melhor que nunca fora,
Pois pera maior mal então a via!

(1) As constituições do Arcebispado de Braga, impressas em 1538, dizem a fol. xviii verso:

«Ordenamos e mandamos que todo aquelle que se ouver de ordenar na primeira tonsura e aas quatro ordēs menores, ao menos saiba ho Pater noster. Avé Maria. Credo. Salve regina e bem ler pelo salteiro e ajudar aa missa e de idade de sete, ate quinze annos: e receberam as ditas ordēs e de xv annos para cima lhe não seja dada licença para as tomar: nem as receberam ao exame sem nossa especial licença.»

Porque o cruel tormento e mal d'agora
Podião-se fundar só na memoria
D'aquele bem passado em que me via. (1)

D. Briolanja de Azevedo nunca pôde resignar-se,
mas o poeta pretendia consolar-lhe a dôr pungente.

No bañes mas tus ojos, ni derretiendo
Estés la vida, pues lloros no han podido
Redemir el cuerpo en tierra tendido,
Ni dal-le fuerza que tu estás perdiendo.

Consola te, señora, que está cogiendo
El fruto del sacrificio havido:
Alla no desea lo que aca ha perdido
Si tus gritos el no estuviese oiendo.

Contempla tu dios que lo ordenó,
I con esto da alivio al pensamiento!
No rompas el aire con tus gemidos,

Pues ia no aprovecha al que murió.
Bive, que ia no pueden con tormento
Tus ojos llorosos, tan afligidos. (2)

No estado doloroso de Sá de Miranda que per-
dera seu esperançoso e estremecido filho e que pres-
sentia as consequências dêsse desastre no inconsolá-

(1) *Poesias*, pág. 597.

(2) *Poesias*, pág. 598.

vel coração de D. Briolanja — um moço poeta se lhe dirige procurando facilitar-lhe a necessária resignação.

António Ferreira envia ao mestre uma delicada Elegia, que começa assim :

Verás um pai a quem o duro fado
Desamparou d'um filho, em que esperava
Ver seu nome nos ceos alevantado ;

Verás a mãe que tanto o filho amava
Que, partindo a sua alma pelo meo,
A metade lhe deu, a outra ficava. (1)

Sá de Miranda não demorou a resposta à gentileza do novo discípulo :

Esta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço e tal
Que vai fugindo ante ela a nevoa grossa,

Bem vejo que era a empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor recente
Tempo esperava, cura mais geral.
.....
Tornemos ao desastre a nos choroso !
Furtando m'ia á dor que inda ameaça
Como um parto ao fugir mais perigoso.

(1) *Poesias*, pág. 638.

Não ousa inda a falar tanto de praça,
Falo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça. (1)

E assim começaram as relações entre António Ferreira e Sá de Miranda; mas nunca se trataram pessoalmente. António Ferreira dedicou-lhe duas Elegias (2) e depois da morte do cantor do Neiva escreveu a Écloga *Miranda*, que confirma aqueles factos.

Ah meu bom mestre! ah pastor meu amigo!
Como minha alma e olhos se estendião
Por ver te, e o duro tempo foi me imigo.

Mas inda que os meus olhos te não vião,
Ca te tinha minha alma, e os teus bons cantos
La me levavam e de ti todo enchião. (3)

Em 2 de Janeiro de 1554, morreu de amores, como se dizia geralmente, o príncipe D. João, herdeiro do trono; mas êste facto manteve-se mais ou menos occulto até ao nascimento de D. Sebastião. A princesa viuva teve a notícia depois do parto.

Sá de Miranda perdeu no joven príncipe — tão

(1) *Poesias*, pág. 461 e 462.

(2) *Poesias*, pág. 197 e 198.

(3) *Poesias*, pág. 652.

ennobrecido de virtudes e qualidades e tão chorado por todos os portugueses — um grande amigo e um devotado admirador das suas obras e do seu carácter. Ferido cruelmente, Sá de Miranda escreveu a Elegia, que principia assim :

O príncipe dom João de Portugal
É morto! ouça o a grande natureza
Que no-lo dera em mostras d'immortal.
Como pode cair tanta grandeza?
Como poderão os pecados tanto?
(Que alcança a perda a toda a redondeza)
Eu digo os nossos, que no peito santo
Nunca pecado entrou, nunca entrou errô:
Bem se ve da sua glória e nosso pranto. (1)

Pedro de Andrade Caminha dirigiu ao Poeta do Neiva uma Elegia: *Na morte do Príncipe que Deus tem*, porque conhecia as íntimas relações de Sá de Miranda com D. João :

Em tristesa tam nova, e tam devida,
Rarissimo Francisco, são devidas
Novas palavras, nova dor, e vida.
.....
Qu'esperanças com elle se criavam!
Que maravilhas nelle o mundo vira,
Pois teus raros conselhos o guiavam!

(1) *Poesias*, pág. 465.

.....
Que condições tão brandas sempre teve!

Qu'inclinações tam altas se lhe viam!

Quanto louvor a ti nisto se deve!

.....
Como foi sempre em tudo verdadeiro!

Qu'extremos tinha mais que tu sabias,

Que ant'elle sempre em tudo eras primeiro!

Em 1555, morre D. Briolanja de Azevedo, que não pôde resistir à violenta dôr sofrida pela perda de seu filho; e Sá de Miranda, que, hora a hora, presentia a nova punhalada, sofreu resignado o duro golpe.

Todavia, o biógrafo anónimo dá-nos uma informação discordante, que merece registo e breve censura.

«Morreu-lhe sua molher o anno de 1555, com o que elle começou a morrer logo tambem para todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios, tanto que vivendo mais tres annos depois della, não se acha que compoesses mais que um Soneto que fez á sua morte, que começa: *Aquelle espirito ja tam bem pagado* etc. e affirmam pessoas que o conheceram, que nunca mais sahiu de casa senão para ouvir os officios divinos, nem aparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que lhe alguem escrevesse, até que acabou de todo.»

O soneto está a pág. 451 das *Poesias*, mas não é a única poesia posterior à morte de D. Briolanja.

Basta-me, neste momento, lembrar a sua Epístola a António Pereira, senhor de Basto, que acompanha a última redacção da écloga *Alejo*, destinada às festas realizadas na casa da Taipa, no regresso de João Rodrigues Pereira — único sobrevivente do desastre de 18 de Abril de 1553, em que morreu o primogénito de Sá de Miranda.

Estas nuestras zampoñas, las primeras
Que por aquí cantaran, bien o mal
Como pudieran, rimas extranjeras,
Envía las el nuestro maioral
Que a ver os vengam en todas maneras,
Que, a mas de ser el día festival,
Supo por ser venido el maior hijo
Que anda toda esta casa en regozijo.

Teneis mil bienes en que os emplear,
No andeis tan pesaroso en vuestros daños,
Que el vado es alto i ciego de pasar;
Tratad vuestros pesares con engaños.
Bolvió quien vuestra casa ha de heredar,
Tan grande capitan en tiernos años.
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando venció el hijo segundo. (1)

(1) *Poesias*, pág. 453.

Em que ano seria escrita esta carta?

Rejeito a opinião dominante entre os biógrafos, segundo a qual o regresso de João Rodrigues Pereira foi imediato ao desastre. Interpretou-se mal um terceto da Elegia de Sá de Miranda em resposta a outra de António Ferreira:

Um só, que em sangue aberta traz a cruz
Branca por armas, deu deus á *cidade*,
Milagre que em sinais claros reluz. (1)

O poeta não queria dizer nem diz que João Roiz Pereira era portuense e estava na cidade do Pôrto, como erradamente afirmou D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. (2)

João Rodrigues Pereira ficou em Ceuta, substituindo o capitão D. Pedro de Menezes, que foi uma das vítimas de 18 de Abril de 1553; e não é lícito supor o seu regresso a Portugal antes de completar o tempo de serviço em África. Sá de Miranda difficilmente poderia vencer a grande dôr pela perda de seu filho, para se associar às festas da Casa da Taipa, se o tempo lhe não tivesse dado a necessária resignação. Inclino-me à data de 1557 ou 1558, porque, como logo veremos, nos derradeiros anos de Sá

(1) *Poesias*, pág. 465.

(2) *Poesias*, 847 e 852.

de Miranda, António Pereira interveio no ajuste de casamento de Jerónimo de Sá de Azevedo com D. Maria da Silva, sua *sobrinha*. Se a ausência e os desgostos adormeceram, como creio, as relações de velha e leal amizade, a correspondência travada acêrca dos noivos, recordando factos e facilitando testemunhos de simpatia, restituiu-lhes seu antigo vigor.

Em data posterior à morte do príncipe D. João, 1554, Diogo Bernardes, tendo regressado à sua terra natal (Barca) e no propósito de se relacionar com Sá de Miranda (cujas poesias conhecia pelas três colecções enviadas pelo poeta do Neiva àquele príncipe a cujo serviço estava o cantor do Lima) dirigiu-lhe a carta que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos incluiu na edição monumental.

Lume das nove irmãs, mais que o sol claro,
Francisco, em cujo peito Apolo inspira
Um saber peregrino, um canto raro,

Ha muito ja, se tam alto subira
O baixo ingenho meu, que no gran Pindo
Com Febo mão por mão cantar te vira,

Que fora a minha musa descobrindo
A sua pobre vea, em teu louvor
Outros versos tecendo, outros urdindo.

Julguei sempre o silencio por melhor
Por fugir da peçonha que derrama
A lingua má do mao murmurador.

.....
O doce estilo teu tomo por guia :
Escrevo, leo, e risco, vejo quantas
Vezes s'engana quem de si se fia.

Se guardo teus preceitos, que t'espantas
De não me conhecer ? mas certo espanto
Recebe o mundo todo do que cantas.

.....
Por isso não se afaste a tua rica
Musa de dar a mão à minha pobre
Que no caminho do Parnasso embica.

.....
Não te dêrão os ceos graças tamanhas
Pera só as logreres, mas por seres
Bom mestre d'artes boas, boas manhas.

Se te roubou a morte os teus prazeres,
O tempo (como dizes) força e gosto,
O melhor te deixirão. Que mais queres ? (1)

Sá de Miranda respondeu-lhe num soneto :

Neste começo d'ano em tam bom dia,
Tam claro, porque não faleça nada,
Me foi da vossa parte apresentada
Vossa composição boa a porfia.

(1) *Poesias*, pág. 634 a 636.

De que espanto me encheu quanto ali via!
E mais em parte ca tam desviada
Sempre até 'gora da direita estrada
De Clio, de Caliope e Talia.

Oh que enveja vos hei a esse correr
Pola praia do Lima abaixo e arriva
Que tem tanta virtude de esquecer,

O que estes tristes corações aliva,
Do pesar igualmente e do prazer
Passado, que não quer que inda homem viva. (1)

Que data podemos dar a esta correspondência poética?

É evidentemente posterior à morte do príncipe D. João, porque, repetimos, Diogo Bernardes havia regressado à sua terra natal (1) e coincide com o começo do ano, como declara Sá de Miranda.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, considerando esta poesia posterior à morte de D. Briolanja, oferece a data 1556 (2) mas o sr. Delfim Guimarães opta pelo ano de 1555 (3) quando ainda vivia D. Briolanja, porque só neste caso o poeta do Neiva escreveria o último terceto:

(1) *Poesias*, pág. 452.

(2) *Poesias*, pág. 845 e 846.

(3) *Arquivo Literário*, vol. III, pág. 90.

O que estes tristes corações aliva
Do pesar igualmente e do praser
Passado, que não quer que inda homem viva.

Mas, acrescentarei, podia referir-se ao pesar seu e de seu filho Jerónimo; e a indicar-nos essa hipótese está Diogo Bernardes.

Nesse caso, o soneto de Sá de Miranda foi composto em Janeiro de 1556 ou de 1557.

Qualquer que seja a data preferida, como mais provável para o começo das relações do poeta do Neiva com o cantor do Lima, foi curto o período das suas relações pessoais. Ouçamos, mais uma vez, o biógrafo anónimo:

«Contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o hia ver, vivendo em Ponte do Lima, patria sua, lhe mandava tanger o filho em diversos instrumentos e o reprehendia algũa vez de algum descuido.»

Aproximando êste período do outro que, há pouco, transcrevemos, verificamos a incoerência e falta de honestidade do seu ignorado autor. As relações pessoais, com toque de instrumentos, não podiam ser posteriores à morte de D. Briolanja (1555) se o viuvo levou a vida excêntrica que nos descreve; mas, sendo anterior, durou apenas alguns meses. Acresce que Sá de Miranda não residia então em Duas Igrejas, onde podia com relativa facilidade ser

visitado por Diogo Bernardes, mas na Tapada, a grande distância de Ponte de Lima, que o autor anónimo, para não se afastar da inexactidão, declara ser a pátria de Bernardes. (1)

No mesmo ano em que faleceu D. Briolanja de Azevedo, morreu o infante D. Luís, a quem Sá de Miranda havia oferecido a Écloga *Célia*.

Entre os filhos de D. Manuel, aquele infante foi, sem dúvida, o mais querido dos portugueses. Inspiravam-lhes a maior simpatia sua figura de gentil cavaleiro, sua provada lealdade, sua audácia militar, sua cultura intelectual, sua desvelada protecção às letras e às artes e seu fervor religioso.

Na poesia que acompanha a écloga *Célia*, o poeta

(1) O biógrafo aceitou, sem reparo, a naturalidade do cantor do Lima, indicada na edição das *Varias Rimas ao Bom Jesus por Diogo Bernardes, natural de Ponte do Lima*, feita por Pedro Crasbeeck em 1608. Diogo Bernardes e Fr. Agostinho da Cruz, seu irmão, nasceram na ribeira do Lima, mas no concelho da Ponte da Barca, como é facil provar, a despeito dos *argumentos* com que o velho caturra J. G. da Costa Caldas, há pouco falecido, pretendeu sustentar a falsa informação do biógrafo anónimo, aproveitando habilmente alguns erros de Camilo Castelo Branco e forçando factos e hipóteses à sua opinião soberana, ennobrecida de sciência certa e poder absoluto! O leitor curioso deve ler *A Naturalidade de Diogo Bernardes. Subsídios para a historia da literatura portuguesa*. Lisboa 1927 e o *Arquivo Literario*, do sr. Delfim Guimarães. (V. vol. 4, p. 148 e seg.) depois de ter manuseado o *Diogo Bernardes (a sua naturalidade)* do sr. João Gomes de Abreu. Famacião 1916.

do Neiva, referindo-se aos actos valorosos do infante na conquista de Tunis por Carlos v, lamenta que haja guerras entre cristãos, esquecidos do dever de perseguir os infiéis :

Ah los juizios ciegos de cristianos!
Ah furias infernales ! ah pecados !
Que en vuestra sangre ensuziais las manos
A tanto sabor de arrenegados !
Havia os Jesu Christo hecho hermanos ;
Deshazeis os crueles a bocados.
Tantas banderas, tantos capitanes
I dejais la ciudad santa a los canes ! (1)

Sá de Miranda prometia-lhe cantar seus novos actos de heroísmo contra os infiéis :

Quando será que io vea una laguna
De sangre infiel vertida d'esa diestra,
Io que lo cante al sol, cante a la luna ?
Triunfos, quanto a vos, mucho devidos,
Deseos, quanto a mi, mucho atrevidos ! (2)

Sá de Miranda também comemorou a glória do infante na emprêsa de Tunis, no prólogo da comédia *Os Vilhalpandos*.

(1) *Poesias*, pág. 294.

(2) *Poesias*, pág. 295.

O pêso dos desgostos cresce sempre para esmagar o coração do poeta.

Por carta régia de 23 de Julho de 1556 seu irmão Mem de Sá foi nomeado «capitão da cidade de S. Salvador da capitania da Bahia de todos os Sanctos na costa do Brasil e Governador Geral da dita capitania e das outras capitanias da dita costa.» (1) Esta mercê agradou ao poeta por ser justa e beneficiar seu irmão predilecto, mas a separação de Mem de Sá e a difícil esperança de tornar a vê-lo, agravou seu coração desolado.

Em 1557, morreu El-Rei D. João III, por quem Sá de Miranda teve sempre a maior veneração, a quem foi sempre leal e grato, porque o monarca, bondoso e ilustrado, teve, desde moço, grande afeição ao poeta do Neiva. A mercê da comenda, a carta que Sá de Miranda lhe dirigiu, após o abandonô da côrte, e a dedicatória da Fábula Mondego — sobejam para confirmar as boas relações que a morte de D. João III aniquilou.

Depois da morte de D. Briolanja, Francisco de Sá de Miranda viveu com seu filho Jerónimo, ainda menor, na casa da Tapada, dando mostras de bom administrador e aumentando seus bens. A compra de várias propriedades nas freguesias de Coucieiro,

(1) *Instituto de Coimbra*, vol. XLIII, pág. 335.

Torre, Fiscal e Regalados e na Honra de Aversadas desmentem o biógrafo anónimo.

Os desgostos sofridos, o pêso dos anos, os insultos da enfermidade (1) foram a pouco e pouco enfraquecendo o corpo do varão «prudente e forte» que, reconhecendo seu estado, promoveu o casamento de seu filho para assegurar a conservação da casa da Tapada.

A noiva escolhida foi D. Maria da Silva, filha única de Francisco da Silva e Menezes (primo co-irmão de António Pereira, senhor de Cabeceiras de Basto) e de sua mulher D. Leonor de Melo e Lima.

António Pereira interveio no ajuste do casamento, que se não efectuou em vida de Sá de Miranda. A escritura antenupcial foi lavrada na casa da Taipa em Cabeceiras de Basto a 14 de Janeiro de 1559.

Concertado êsse casamento, Francisco de Sá de Miranda escreveu seu último testamento, de que tenho notícia pela reprodução que dêle se fez naquela escritura, na forma que o leitor pode ver nos *Documentos* que vão na última parte dêste livro.

Nele instituiu um morgado com obrigação dos administradores se chamarem de Sá, cuja cabeça seria a sua quinta da Tapada, onde então vivia e que êle

(1) Diogo Bernardes, na *Égloga ix*:

Dizia o mor cantor destas montanhas
sendo bem *velho* e bem *enfermo*.

fizera de novo no fogo morto, desde a primeira pedra. Os bens eram poucos, mas Deus, pela sua misericórdia, os acrescentaria.

Proibia que levassem aos caseiros, encabeçados ou por encabeçar, lutuosa ou entrada por lhe parecer ser serviço de Deus, ainda que o costume fosse contrário. ⁽¹⁾

Vou transcrever uma disposição acêrca dos successores no vínculo :

«vindo pelo tempo adiante a caber esta herança e vir a molher á mingoa de varão, que a tal molher seja bôa e de bôa fama, virtuosa e sem voto de religião ou daqueles que ha mister dispenção apostólica, doutra maneira passe adiante e siga por sua linha e dos homens assim mesmo que sejam de bons costumes e verdadeiros fidalgos doutra maneira salte adiante. Isto se entenda por fama geral e notoria e não por malicia das partes.» ⁽²⁾

Consta da mesma escritura que Francisco de Sá de Miranda, no seu testamento, mandou que se rezas-

(1) O Marquez de Montebelo, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, afirma que foi este fidalgo, seu bisavô, quem primeiro substituiu a *lutuosa* pela *praserosa* (sic). No foral dado por el rei D. Manuel a S. João de Rei, proibe-se a *gaiosa*, que se cobrava pelo facto de não haver ali *lutuosa*.

(2) Sá de Miranda não receava excluir seu filho, nem este foi tão mau como o *pintou* o Marquez de Montebelo e reproduziu Camilo Castelo Branco.

sem doze missas cada ano pela sua alma e pelas de D. Briolanja, D. Maria de Sousa e Isabel de Freitas.

Deve referir-se ao testamento feito anteriormente e devidamente aprovado, porque o último, em que instituía o vínculo da Tapada, não chegou a ser assinado pelo testador.

A morte antecipou-se às festas do casamento, que dariam ao poeta do Neiva alguns momentos de relativo prazer.

XI

MORTE E SEPULTURA

A data da morte de Sá de Miranda, indicada em tanta precisão e firmesa pelos seus biógrafos, é inexacta. Não faleceu a 15 de Março de 1558, como se tem afirmado, porquanto em 2, 13 e 16 de Maio dêsse ano, ainda êle efectuou as compras de certas propriedades, como provam as respectivas escrituras. (1)

O nosso poeta morreria na sua casa da Tapada, onde tinha, havia poucos anos, fixado residência?

«Velho e enfermo» difficilmente poderia realizar suas necessárias e costumadas visitas à comenda de Duas Igrejas; mas Sá de Miranda foi sempre o

(1) Documentos. Averiguado êste facto, convenci-me de que poderia ter sobrevivido a seu cunhado Manuel Machado que os genealogistas dizem ter falecido a 31 de Outubro de 1558, mas verifiquei posteriormente que esta data é igualmente inexacta. Manuel Machado emprazou o casal de Ancede a 11 de Fevereiro de 1559, como consta da respectiva escritura, que li no tombo da Casa de Crasto.

homem de rija tempera, de antes quebrar que torcer, cuidadoso e exemplar administrador da sua casa e podia, num dêesses períodos traiçoeiros de relativo bem-estar, ter cometido a imprudência de percorrer os longos e arruinados caminhos, os escabrosos atalhos que tantas vezes pisara até Duas Igrejas.

Ali foi surpreendido pela morte, se interpreto bem o soneto de Diogo Bernardes :

É este o Neiva do nosso Sá Miranda,
Inda que tam pequeno, tam cantado ?
É este o monte que foi ás musas dado
Em quanto nele andou quem nos ceos anda ?

O claro rio onde chorar me manda
Saudosa lembrança do passado ?
O monte, o vale, o bosque, o verde prado
Onde sospira Apolo, Amor se abranda ?

Aqui na tenra flor, na pedra dura
Escrevi, ninfas, e no cristal puro
Estes versos que Febo m'inspirou.

Aqui cantava Sá, d'aqui seguro,
Livre do mortal peso, ao ceo voou :
Pastores, vinde honrar a sepultura ! (1)

O facto de não ter feito aprovar seu testamento,

(1) *Poesias*, pág. 637.

de todo me convence de que a morte veio de surpresa aniquilar o nosso poeta.

É possível que, agonizante, se lembrasse da sua canção a Nossa Senhora e que ainda pudesse repetir:

Dos meus erros me espanto
Que me aprouverão tanto,
É agora á so lembrança desfaleço,
Mas lembra me porem que vos fizestes
Paz antre deus e nos,
E a quem por vos chamou sempre a mão destes. (1)

A notícia da morte de Sá de Miranda contristou seus amigos e admiradores e provocou manifestações mais ou menos eloqüentes dos poetas da nova escola italiana em homenagem ao seu introdutor e ao prestigioso mestre de tão preclaros cantores.

Diogo Bernardes, além do soneto atraz reproduzido, escreveu a Égloga *Sa*:

SERRANO

.....
Aqui onde ja ledo estive ouvindo
Á sombra d'este freixo o canto brando
De Sa que está no ceo, da terra rindo.

(1) *Poesias*, pág. 87.

ALPINO

Ah que perda tamanha! ah bom Sá! quando
Cuido que te perdemos, esmoreço,
E pois o cuido sempre, em mim não ando.

SERRANO

Meu mestre, esta capela que urdo e teço
De verde murta e de cheirosas flores,
Aqui onde cantaste te offereço.
Ornar de mil dōis vejo a mil pastores
O teu sepulcro, vejo te cantando
De Apolo, das irmãs e dos amores.

.....

.....

.....

A lira e mão tambem ja m'enfraquece,
Vai se escondendo o sol, vem sombra escura;
Vamos em quanto mais não escurece
Cubrir de louro a sua sepultura! (1)

António Ferreira compôs a *Écloga Miranda*.

ANDROGEO

.....

Aquela lira, a cujo som se veu
Do Tibre e de Arno Apolo a Neiva e Lima,
Por quem verde era o campo, o rio cheo

(1) *Poesias*, pág. 629 a 633.

Corria á voz da nova Tosca rima,
Despois que o bom Miranda, em cujo seo
O santo fogo ardeu, se foi acima,
Pendurou aqui Febo: aqui guardada
Manda ser, dos Pastores sempre honrada.

ALCIPO

Feriste me a alma de tãa ponta aguda,
Androgeo: é morto o nosso bom *Miranda*?

ANDROGEO

Isto fazia a minha lingua muda.

ALCIPO

Oh bom poeta, e ja a tua doce e branda
Voz se calou? ja por aqui não soa,
Nem os ventos serena, o mar abranda?

ANDROGEO

Ah já aquela innocencia santa e boa
Do bom velho, aquela alta e sã doutrina
Nos deixou! Quam de pressa o melhor voa!

ALCIPO

Oh santo velho, de mil anos dina
Era tu vida, e inda mil anos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?

.....

Oh doce e grave lira, temperada
D'aquella mão que assi te fez famosa,
Não consintas ser de outra mão tocada!
.....

ANDROGEO

Não pode à obrigação, Alcipo, humana
Fugir o bom Miranda: aos ceos é ido:
Nunca do campo aos ceos o passo engana.
.....

ALCIPO

.....
Vive tu la, Miranda, imortais dias,
Da coroa de louro ido á da gloria,
E em quanto com tua luz de la nos guias,
Recebe isto que canto em tua memoria:

Aqui Neiva, aqui Lima triste chora,
Quebra seu arco Amor, Apolo a lira,
Seca a fonte Hipocrene, os louros Flora,
O bom canto emudece, Eco suspira.
Mas no ceo leda a inocente alma mora
Do bom Miranda que de la inspira
Santo fogo de amor e santa paz:
La estás, Miranda; aqui só terra jaz. (1)

(1) *Poesias*, pág. 650 a 652.

Pedro de Andrade Caminha escreveu o

EPITAFIO

A FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

A alma no ceo repousa eternamente,
Chea do que ca tinha merecido.
O nome voando vai de gente em gente,
Com inveja e amor e espanto ouvido.
O corpo fraco jaz aqui sômente,
Da alma á força de idade despedido.
A morte desfaz tudo, mas Miranda
Vivo é no ceo, e vivo na terra anda. (1)

D. Manuel de Portugal fez mais tarde um soneto
às obras de Francisco de Sá:

Alma felice, a nos alto decoro
De virtude, por quem os reis deixaste,
Ao som de teu espirito a que cantaste,
Nunca assi respondeu eco sonoro.

Indo d'esta região donde inda moro,
Saudoso de ti que amando voaste
A essa luz, magino, desde entraste,
Que versos cantarás no eterno coro.

Tua voz acordando e teu conceito
Com um e outro espirito que em seu canto
Do que sempre assi ve, sempre se admira!

(1) *Poesias*, pág. 668.

Recebe o que de ti sente este peito
Por devido louvor, e estima quanto
Ora te faz soar uma culta lira. (1)

A primitiva sepultura seria em Duas Igrejas, ou, levado em andas, enterrar-se-ia na igreja de Carrazedo? Não sei.

O biógrafo anónimo afirma que fôra sepultado na capela de Santa Margarida, na igreja de Carrazedo; que ali estava enterrado com sua mulher e cunhados, quando Martim Gonçalves da Câmara lhe mandara melhorar a sepultura e pôr o epitáfio em língua latina.

Êste biógrafo mais uma vez falta à verdade.

Jerónimo de Sá de Azevedo, filho do poeta do Neiva, mandava em seu testamento de 30 de Setembro de 1581, fazer a capela de Nossa Senhora da Apresentação, na igreja de Carrazedo, junto à capela de Santa Margarida (entre esta e a porta principal da igreja) e trasladar para ali os ossos de seus pais, e de sua mulher D. Maria da Silva, pondo-se nessa capela duas campas. A primeira teria a seguinte inscrição:

*Aqui jaz Francisco de Saa de
Miranda e Dona Briolanja
de Azevedo; sua mulher.*

(1) *Poesias*, pág. 628.



Igreja de S. Martinho de Carrazedo (século XVIII) com as capelas de Crasto e da Tapada (século XVI) com a lápide comemorativa de 1923

Na segunda, ler-se-ia:

*Aqui jaz Jeronimo de Saa de
Azevedo e Dona Maria da
Silva, sua mulher.*

Essa capela far-se-ia com a possível brevidade, pondo-se no arco, ou porta, dela, outra inscrição:

*Jeronimo de Saa mandou
fazer esta capela.*

Jerónimo de Sá já era falecido, como veremos, em 23 de Maio de 1583; mas é possível que êle tivesse começado a construção da capela, concluída por seu filho.

A capela de Nossa Senhora da Apresentação, a *capela da Tapada*, já existia na igreja de Carrazedo em 1592, como consta do primeiro testamento de Francisco de Sá de Menezes; e ali se conservava quando o padre Luís Cardoso escreveu o *Diccionario Geographico*, impresso em 1751.

O neto do poeta edificou a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, junto à casa da Tapada; e no testamento que fez em 1602, fala no possível caso dele *trazer para a nova capela os ossos de seus antepassados*.

Francisco de Sá de Menezes, e sua primeira mu-

Iher D. Antónia de Carvalho de Montarroio, edificaram um oratório junto à casa da Tapada em 1589. Esta capela de Nossa Senhora da Guia, passou a denominar-se de Nossa Senhora da Salvação, depois foi edificada a actual igreja de Nossa Senhora da Guia, próximo da casa, mas fora dos muros que vedavam o rocio e os pomares. A nova capela foi edificada por Francisco de Sá de Menezes, Manuel de Lima e Diogo Peçanha. A antiga ainda existia em 1707, junto à casa e no meio dos pomares.

As obras de Nossa Senhora da Ajuda arrastaram-se por muitos anos e seu edificador, no último testamento (de 1615) determina que, se não estivesse acabada a obra da igreja de Nossa Senhora da Guia, seria sepultado ali de maneira que se pudesse dizer missa na capela nova. Em 1617, morreu na casa da Tapada Diogo de Sousa, seu filho, e foi enterrado na capela de Nossa Senhora da Apresentação, em Carrazedo.

A primeira pessoa que se enterrou na capela nova da casa da Tapada, em Fiscal, foi o seu edificador, que faleceu em Ponte do Lima a 16 de Abril de 1626 e foi sepultado na ermida de Nossa Senhora da Ajuda no dia imediato.

O reverendo Pedro de Azevedo de Araújo e Sousa (filho bastardo de Baltasar de Araújo e Sousa, arcepreste em Lamego e irmão de Manuel de Araújo de Sousa e Castro, que, pelo seu casamento, foi se-

nhor do concelho de Entre Homem e Cávado e senhor da casa de Crasto) foi procurador dos segundos Marquezes de Montebelo e abade de Carrazedo. (1) Esta circunstância explica o facto de se encontrarem em fls. 573 do Tombo 10 da casa de Crasto, de que era administrador, a memória autógrafa daquele abade, acêrca das missas das capelas perpétuas que existiam naquela igreja.

Na referida memória faz-se referência à *capela e morgado instituídos pelo «primeiro Jerónimo de Sá de Menezes, filho de Francisco de Sá de Miranda «que ambos estão sepultados nella.»* Hé (continua) administrador de presente Vasco de Azevedo Coutinho, senhor de S. João de Rei.» (2)

Estes factos e a notícia que tenho da vida difficil, e, por vezes, atormentada, dos possuidores da casa da Tapada, de todo me convencem de que Sá de Miranda ainda jaz no lugar para onde foi trasladado no século xvi, não obstante não haver, no recinto onde existiu a capela, sepultura alguma.

Uma grade alta de madeira, encimada por oito

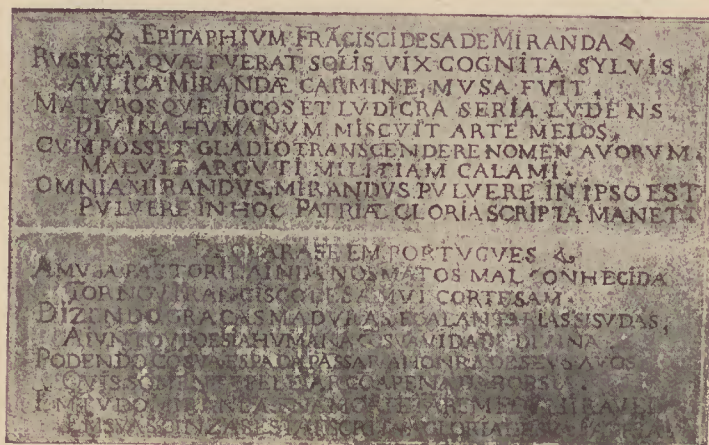
(1) Faleceu em 1687 e na sua vaga foi provido a 27 de Setembro daquele ano o padre António de Sousa de Menezes, apresentado pelo padroeiro António Felix Machado da Silva Castro e Vasconcelos, segundo Marquez de Montebelo.

(2) Vasco de Azevedo Coutinho foi administrador do morgado da Tapada desde 8 de Dezembro de 1674 (data da morte de sua mãe) até ao seu falecimento em 30 de Março de 1690.

tridentes de ferro, veda êsse recinto que ainda conserva o nome de capela da Tapada.

O pavimento é térreo e as paredes estão despidas de qualquer vestígio que indique seu antigo destino.

Conservam-se, todavia, na parede paralela à igreja as seguintes inscrições, gravadas em duas pedras sobrepostas, rectangulares e de grandes dimensões, que a fotogravura reproduz.



Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo afirma que êste epitáfio é obra do padre João Freire, da Companhia de Jesus, (1) e D. Carolina Michaëlis

(1) *Domus Sadica*, pág. 17.

de Vasconcelos notou as divergências entre o original que reproduz o biógrafo anónimo (1) e o epitáfio da capela da Tapada, onde há até duas linhas a menos, omitidas talvez por não caberem na pedra. (2)

O altar de Nossa Senhora da Apresentação ocupava um dos lados (plausivelmente o da parede que a separa da capela de Santa Margarida) que formam ângulo com o corpo da igreja.

Foi esta reedificada na segunda metade do século XVIII, e com manifesto prejuizo das capelas laterais. Daí a alteração feita na capela de Santa Margarida, deslocando seu altar e diminuindo a capacidade do recinto destinado às sepulturas dos senhores da casa de Crasto.

O estado embaraçoso da casa da Tapada impediu a reforma da capela de Nossa Senhora da Apresentação que havia sido igualmente prejudicada com as obras da igreja. E nunca mais ali se realizou qualquer acto de culto e piedade.

Na parede, onde interiormente se conservam os epitáfios que reproduzi, foi colocada exteriormente uma lápide de mármore com a seguinte inscrição, comemorativa da visita da academia bracarense ao túmulo de Sá de Miranda em 8 de Junho de 1923:

(1) *Poesias*, pág. 674.

(2) *Poesias*, pág. xxxix.

FRANCISCVS. DESAA. DE. MIRANDA.

HOC. MONVMENTVM.

SIBI. SVISQ. ELEGIT.

—
OPTIMO. PATRONO. SVO.

INSIGNIQ. VATI.

ALVMNI.

ALMI. LICAEL. BRACARENSIS.

CVI. NOMEN.

SAA. DE. MIRANDA.

EST. DECVS. ET. PRAESIDIVM.

HVNC. POSVÈRE.

ANNO. S. — MCMXXIII.

É obra do erudito e distinto professor do liceu de Braga (Sá de Miranda) dr. José Joaquim dos Santos Mota, que, nessa ocasião, publicou um interessante opúsculo: «*Genealogias da Casa da Tapada, fundada pelo insigne poeta Sá de Miranda e da Casa de Castro, dos Machados, antigos senhores de Entre Homem e Cavado.*»

O sr. dr. Alfredo de Magalhães, sendo ministro da instrução, encarregou, ao distinto architecto sr. Baltasar de Castro, o projecto do monumento sepulcral, onde deviam ser recolhidas as cinzas de Francisco de Sá de Miranda; mas . . . passou a ocasião. Nada se fez, nem se fará. E, todavia, sem estátua e sem monumento, com as cinzas desprezadas, Sá de Miranda continuará a ser uma glória nacional, um exemplo e um motivo de orgulho para os portuguezes que o conhecem e o comprehendem.

XII

O RETRATO

O biógrafo anónimo diz-nos: «Foy homem grosso de corpo, de meaã estatura, muito aluo de mãos, e rostro, com muito pouca cor nelle, o cabello preto, e corredio, a barba muito pouoada, e de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa demasia grandes, o naris comprido, e com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, e humano na conuersaçam, engraçado nella com bom tom de fallã, e menos parco em fallar, que em rir.» (1)

(1) Da edição de 1614. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, referindo-se aos informadores de D. Gonçalo Coutinho, aponta, entre outros, Henrique de Sousa, o comendador de Rendufe (*Poesias*, pág. cxxxiv). Êste comendatário de Rendufe havia sido assassinado na casa de Crasto em 1567. O informador Henrique de Sousa, desembargador do Paço, era filho do desembargador João de Melo de Sousa e de sua mulher D. Filipa Pereira de Castelo Branco, que era filha de João Gonçalves de Castelo Branco e de sua mulher D. Anónia Pereira de Sá, de Coimbra.

António Ferreira, na Elegia que dirigiu ao poeta por ocasião da morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá, referindo-se a Sá de Miranda, dá-nos uma informação aproveitável:

.....
«Co aquele coração prudente e forte
Qual em seu rosto verás logo escrito ... (1)

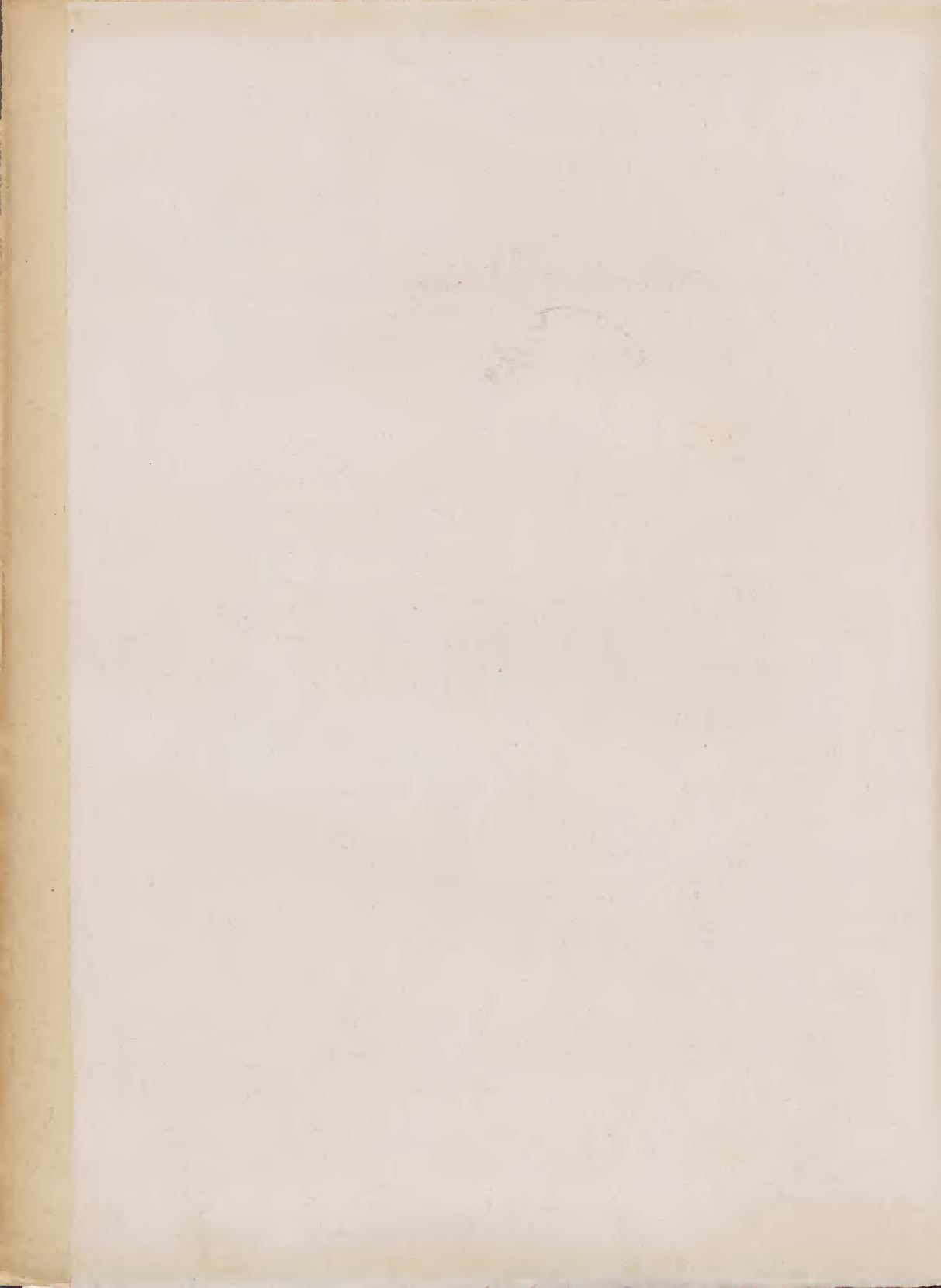
Retirado da côrte, afastado das cidades, longe dos centros onde os nossos pintores viviam, Sá de Miranda difficilmente podia legar aos descendentes seu retrato. Estou convencido de que nunca pensou no caso e de que se não prestaria a ser retratado, se algum artista tivesse tal pretensão.

O retrato mais antigo do poeta do Neiva é o que acompanha a raríssima edição das *Satyras* (1626). O artista procurou aproximar-se das informações dadas na biografia que acompanha a segunda edição das obras poéticas de Sá de Miranda (1614).

Em 1841, Varnhagem mandou gravar novo retrato, alterando arbitrariamente a antiga gravura, sem se distanciar das informações de 1614. É uma gravura inferior na execução. Foi publicado no *Panorama*. Varnhagem aproveitou um exemplar avulso da gravura de 1626, porque como afirma D. Carolina Mi-

(1) *Poesias*, pág. 639.



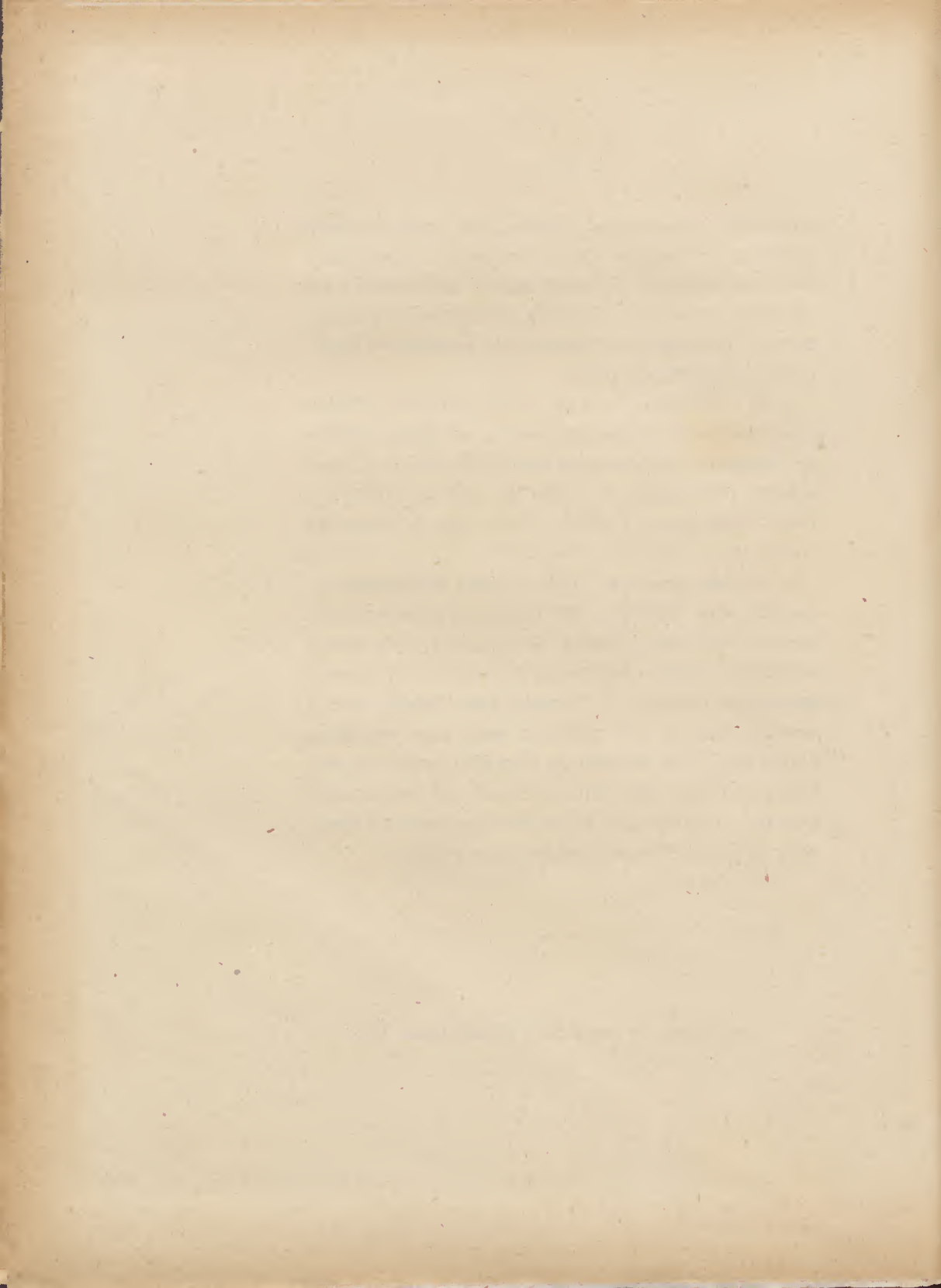


chaëlis de Vasconcelos (*Poesias*, pág. cxxxv) nunca conheceu as *Satyras*. Outro exemplar avulso (existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), cuja fotografia obteve D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, é o original da fototipia que acompanha a edição monumental de 1885.

Na *Collecção Patricia*, criteriosamente dirigida pelo erudito e consagrado escritor sr. Albino Forjaz de Sampaio, da Academia das Ciências de Lisboa, acha-se reproduzido o retrato das *Satyras* (1626) e o rosto dessa preciosa obra, a mais rara do Poeta do Neiva. (1)

As duas gravuras (1626 e 1841) aproximam-se, é certo, das indicações de 1614, mas não tem proporções aceitáveis. Ambas, (a moderna mais que a antiga) lhe roubam a grossura do corpo. «Foy homem grosso de corpo . . . » Notando êsse defeito, tive a ventura de me ser oferecido pelo meu simpático amigo José Luís Brandão de Carvalho, artista de mérito com nome feito entre os nossos mais apreciados pintores, o retrato que acompanha as notícias biográficas de Sá de Miranda que recolhi e publico.

(1) Opúsculo. *Os Poetas*. Sá de Miranda. Lisboa, 1926.



XIII

OBRAS E EDIÇÕES

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos referindo-se aos manuscritos e às edições impressas, de que se utilizou, faz uma desenvolvida e criteriosa descrição das fontes da sua edição monumental das *Poesias* de Sá de Miranda.

Não havia notícia da sobrevivência de qualquer autógrafo do poeta do Neiva.

Em 1908, o sr. Delfim Guimarães, examinando na Biblioteca Nacional de Lisboa papéis do século xvi (ainda não catalogados) teve a felicidade de descobrir numa *Miscelanea*, um caderno de Sá de Miranda, que considerou *autógrafo* do poeta do Neiva, em virtude das numerosas emendas do texto, nas entrelinhas e nas margens do manuscrito, e do facto de ver a assinatura de Francisco de Sá de Miranda.

Comunicou gentilmente a descoberta a D. Caro-

(1) *Poesias*, pág. XLVI a XCIV.

lina Michaëlis de Vasconcelos. Pouco depois, a Academia das Ciências de Lisboa mandou fotografar o precioso manuscrito e, por iniciativa do sr. conselheiro Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda, enviou a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos provas fotográficas, prestando assim homenagem à benemérita editora das *Poesias* e concorrendo para que a sábia académica escrevesse os *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*. (1)

Desde que a letra do texto era do século xvi e as emendas mostravam ser do mesmo punho, era lícito considerar autógrafo o mutilado códice que veio facilitar a revisão de versos alterados nas cópias manuscritas e nas edições impressas, e revelar uma obra de Sá de Miranda inteiramente desconhecida: *Cleopatra*, tragédia em verso, da qual infelizmente apenas reproduz uma *estança*:

Amor e Fortuna são
dous deoses que hos antigos
ambos hos pintaram çegos.
Ambos nam seguem rezão,
ambos hos mores amjgos
poem em mais desassesegos.
Ambos sam sem piedade
ambos se passam, sem tino,

(1) A. S. L. *Boletim da Segunda Classe*, volume v, F, n.º 1.

Jnoy 1556

dir. fr. de Sa de Miranda fidalgo e
comodador de duas Igrejas q' elle compra
certas herdades a ferro piz de francellos
ou da estrada de q' agui lha manda
a apresentar duas cartas de venda das
quais herdades vos pede q' lhe mandes
fazer boas assi e da maneira como nella
se fonte. e q' lhe pague las pensoes
dos annos passados e lhe mandes q' van
fazer conta co elle acerq' das ditas pensoes
e lhe mandes ao dito ferro piz que lhe
deu ha posse e p'piedade das ditas her
dades assi como lhas vedeo. e porque
affora estas lhe te mais vedido q' foy
toda via citado pa ho q' mais lhy q' ser
de mandar assi p'piedades como pes
no q' lhe fareis justica e ho q' de ve
a os - e elly - fr. de Sa de Miranda

do querer ôo nam-querer.
Ambos nam tratam verdade:
Amor he cego e mjinjo
Fortuna, çega e molher. (1)

Em 19 de Outubro de 1925 (data da minha primeira visita à Tapada) descobri, entre os numerosos papéis e pergaminhos desordenadamente guardados no arquivo daquela casa, um requerimento, autógrafo de Sá de Miranda, que ofereço em fotogravura. Vi nele confirmado o juizo do sr. Delfim Guimarães e de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que demoradamente examinaram o precioso autógrafo da Biblioteca Nacional. Então era provável o que hoje é certeza.

Eu, como já disse, conhecia uma minuta para a compra duns moinhos em Caldelas, datada de 2 de Outubro de 1533, onde se lê: *na minha comenda de Duas Igrejas*. Podia considerar-se autógrafa do poeta do Neiva, com as mesmas plausibilidades do código da Biblioteca Nacional.

O documento fotogravado é escrito e assinado por Francisco de Sá de Miranda; é a petição inicial do processo de execução judicial que corria em 1556, na Vila de Prado, contra Fernão Pires de Francelos, ou da Estrada, que se recusava a dar-lhe posse de

(1) *Boletim de Segunda Classe*, vol. v, pág. 137.

certas propriedades que lhe tinha vendido. Está devidamente autoado e incluído no processo.

Este precioso documento valoriza a descoberta do sr. Delfim Guimarães e mostra-nos a verdadeira assinatura do poeta. Rara será a pessoa que escreve seu nome na forma fixada para a sua assinatura, sempre em caracteres caligráficos mais ou menos avançados, onde se descobrem diferenças propositadas ou escolhidos ornatos que facilitem seu reconhecimento e dificultem sua imitação.

Os manuscritos explorados por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos estão minuciosamente descritos nas *Poesias* (pág. XLVI-LXX). Interessam-nos mais as edições impressas das obras de Sá de Miranda, poeta e prosador.

1516

Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende. Entre as poesias ali coligidas, estão, como já dissemos, treze assinadas pelo Doutor Francisco de Sá, que é, sem dúvida, o poeta do Neiva. São as contidas sob os n.ºs 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 37 e 128 a 132 da edição de 1885. (1)

(1) *Poesias*, pág. 57, 11 a 15, 31 e 439 a 443.

1559

COMEDIA DOS/ ESTRANGEIROS. Feyta por
ho/ doutor Francisco de Saa/ de Miranda. / *Impressa
em Coimbra por Ioam de Barreyra.*

No fim: Foy impressa a presente obra por/ Ioam da Barreyra
Impressor da vni /uersidade de Coimbra. Acabouse aos/xiiij dias do
mes de Setembro. / De M. D. LIX. / Com licença impressa. / Com
priuilegio Real. / *erratas.*

8.º — 87 p.

1560

COME/DIA DOS VILHAL-/PANDOS, / Feita
pelo Doutor / Francisco de / Sá de / Miranda. / *Agora
nouamente impressa em / Coimbra em casa de An-/
tonio de Maris. / 1560. / Com priuilegio.*

No fim: Foy impressa a presente comedia dos Vi-/lhalpandos
em Coimbra em casa de / Antonio de Maris. / Acabouse aos vinte
dias de / Março. 1560. / Com licença impressa.

8.º 60 fl. Caracteres góticos.

COME-/DIA DOS VI-/LHALPANDOS. / Feita
pelo Doctor / Francisco de Sá de Miranda. / *Agora
nouamente impressa em Coimbra, / em casa de An-
tonio de Maris. No/ Anno de 1560. / Com Priuilegio.*

No fim: Foy impressa a presente Comedia dos Vi-/lhalpandos,
em Coymbra, em casa de / Antonio de Maris. / Acabou-se aos vinte
dias de Março. / Anno de 1560. / Com licença impressa.

8.º 63 fl. Caracteres romanos.

1561

COME/DIA, INTITV-/LADA OS ESTRAN-/
GEIROS. Ao Iffante/Cardeal Dom Anrique. /Feita
pollo Doctor/ Francisco de Sá de Miranda./ *Agora de
nouo impressa em Coymbra, em/casa de Antonio de
Maris. No Anno/ de 1561. Com Priuilegio.* Tem a
carta dedicatoria ao infante D. Henrique.

8.º 43 fl. Caracteres góticos.

1580

OBRAS DE GARCI LASSO DE LA VEGA con
anotaciones de Fernando de Herrera. En Sevilla,
Alonso de la Barrera, 1580. 4.º de 6 fl. in + 691 pag.
Comentando o soneto de Garcilasso; *Passando el
mar Leandro el animoso* (Soneto xxix) publica o so-
neto de Miranda á morte de Leandro (1) ainda então
inérito.

1595

AS OBRAS | DO CELEBRADO | LVSITANO, |
O doutor Frâncisco de Sà de Mirãda. | Collegidas por

(1) *Poesias*, pág. 76. Catalogo de la Biblioteca de Salvá, I,
pág. 256.

Manoel de Lyra. | *Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ie- | ronymo de Castro &c.*

Segue-se o escudo dos Castros com seis arroelas.

Impressas com licença do supremo Conselho da santa | Geral Inquisição, & Ordinario. | Anno de 1595. | Com priuilegio Real por dez annos.

O formato é in 4.º, de IV (inn.) e 186 folhas numeradas na frente, mais 3 (in.)

Devemos reproduzir os dois documentos que valorizam esta primeira edição :

Documento 1.º

Ao muito illustre | Senhor Dom Jeronymo | de Castro, Manoel de Lyra Impressor, S. P. D.

Costume foi dos Gregos & Romanos, (muito illustre senhor) & d'outras nações ja d'antes, offercer & dedicar seus estudos & trabalhos aos illustres de sua idade: para que ajudados, & favorecidos d'elles, tivessem mais largo caminho para sua gloria, & môr emparo contra as injurias do tempo. Co este meo florescerão tantos insignes varões, como as historias celebrão em Homeros, Aennios, Virgilios, Sallustios, Suetonios, & Livios, que fazendo memoravel a gloria de seus nomes, fiçe-

rão gloriosa a memoria de seus tempos. Não conheço eu menor causa, antes cõfesso ter môr divida, de vos offrescer a vos honra dos Castros, flor de nossa idade, Mecenas dos ingenhos, a grandeza desta obra, (se nella tivera mais que o serviço da impressão) pois estando ella ja desconhecida, trocado, & quasi perdido o esmalte com que foi composta, vós a tornais á primeira verdade, & segurais do segundo naufragio. Não fez mais Diodoro Siculo, que por dar credito a sua historia correo Eüropa, & Asia, a ver a verdade della. E vos porque esta tevesse o preço que lhe o autor deu, passais de Reino a Reino, a ver na primeira lamina a letra do proprio autor. Por onde desaccreditados os erros que enleavão esta obra, & accreditadas as verdades que vos em seus originais alcançastes, fica ella cõ o credito que convem a quem a fez, & vos com a gloria de dar remedio a tão commum desejo, & nossa idade rica, & envejada.

Documento 2.º

Auto da approvação destas obras.

Anno do nacimiento de nosso Senhor Iesu Christo, de mil & quinhentos noventa & cinco annos, ao primeiro dia do mes de Janeiro do dito anno, em a mui antiga, Augusta, nobre, & sempre Leal cidade de Braga, no campo da Vinha, nas pousadas do Senhor

doutor Pero Carvalho, Iuiz ordinario nesta dita cidade, & seu termo, pello illustrissimo Senhor Dõ frey Agostinho de Iesus per merce de Deos, & da sancta See Apostolica Arcebispo, & Senhor de Braga, Primas das Espanhas, nosso Senhor. & c. Estando elle juiç ahi presente, perante elle pareceo Manoel de Carvalhaes, criado do Senhor Dõ Ieronimo de Castro, & lhe apresentou hum livro encadernado em purgaminho branco, ja velho, das obras que fez o doutor Francisco de Saa de Miranda, Comendador que foi da Comenda de Santa Maria de duas igrejas, deste Arcebisado de Braga, juntamente com este transumpto, & treslado que delle fora tirado dizendo a elle juiç, que a elle lhe era necessario justificar em como era verdade que o dito livro era escrito da mão do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda, & aquella era a sua propria letra, para que constando lhe ser assi, elle juiç lhe interposesse a este transumpto sua autoridade judicial: o que visto por elle juiç, mandou perante si vir testemunhas fidedignas, per cujos ditos & testemunhos (que judicialmente lhe forão tomados) lhe constou a letra do dito livro ser escrita da mão & letra do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda, donde este transumpto & treslado se tirara & concertara, & por ser carecente de vicio, & suspeição como delle consta, elle juiç interpos a este sua autoridade judicial, & mandou que lhe fosse dado tanta fee & credito como

ao proprio, se exhibido & mostrado fora, de que mandou fazer este auto de Reconhecimento, & approvação.

E eu Manoel de Lemos taballião que o escrevi, & assinei de meu publico sinal aos dous dias do dito mes & anno.

D. Jerónimo de Castro que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos não pôde identificar ⁽¹⁾ era sobrinho do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (irmão de seu avô) que lhe deu a alcaidaria-mór de Ervedêdo a 3 de Dezembro de 1597. Foi, como seus antepassados, senhor do Paúl de Boquilobo e viveu em Braga com sua mãe D. Joana de Sousa e com sua mulher D. Inês Teles Henriques, filha de D. Diogo Henriques Sotomaior, fidalgo galego, parente de D. Fernando Ozores Sotomaior.

1614

AS | OBRAS | DO DOCTOR | FRANCISCO
DE SAA | De Miranda. | *Agora de nouo impressas
com a Rela- | ção de sua calidade, & vida. | — Com
todas as licenças necessarias. | Por Vicente Alvarez.
Anno de 1614. | Com Priuilegio Real por dez annos. |*

(1) *Boletim de 2.^a Classe*, vol. v, pág. 33.

Domingos Fernandez livreiro. | Tayxadas a 160. reis em papel.

Formato in-4.º, de XII folh. inn. e 160, numeradas na frente.

Devemos, por coêrência, copiar o prólogo, que tem interêsse bibliográfico:

DOMINGOS FERNANDES LIVREIRO

Prologo.

Entre as Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda, que se imprimirão o anno de 1595, & estas que agora imprimimos, sendo as mesmas, ha tamanha differença, que parece forçado dar algũa razão desta dessemelhança, & variedade, constando particularmente que se tresladarão aquellas do proprio cartapacio escrito da mão, & letra de Francisco de Sá, mas posto que nem faltão muitas, nem eu as julgo por desnecessarias de todo, acomodando-me aos gostos deste tempo, que sô polo nome condenão os Prologos, não darey mais que duas naturais, & faceis com que acabaremos este.

Bem se mostra polos primeiros tres Sonetos destes papeis que o Príncipe Dõ João filho del Rey Dõ João o III os mandou pedir a seu Autor por outras tantas vezes, & que elle lhos mandou assi diuididos

(quais de cada hũa não pude alcançar) & sendo assi, natural cousa parecerá a todos que primeiro limou, pollio, & purificou o que mandava a hum Príncipe mancebo, & curioso, & a hũs cortesãos de cujas envejas, calumnias, e murmurações nessas mesmas obras tâ engenhosamente se queixa.

Pequena maravilha he logo, que diffirão estes papeis, que são as copias daquelles, dos que se tresladarão do primeiro original, que nem se mostrava a alguẽ, nem ainda se pode bem ler, segundo está de riscado, entrelinhado, & marginado. Em muitas folhas, & com esta palavra Latina, polas mais das entrelinhas, e margens vel, vel, que mostra bem, que até a seu proprio dono era duvidosa a escolha.

A outra razão seja em contrario desta, & digamos, que alcançando Francsico de Sá em vida ao Príncipe por tempo de quatro annos (morreo hum em Janeiro de 1554 & o outro no de 58) aquellas entrelinhas, riscas, & margens que no seu cartapacio se vêm (o qual está em Salvaterra de Galiza, em poder de Dom Fernando Cores (sic) Sotomayor) forão emmendas que lhe elle fez depois, que com melhor discurso vio, ponderou, riscou, & se arrependeo, do que tinha mandado, & que esta, & não a outra he a causa da desconformidade que suas obras entre si tem.

E postas assi estas duas razões, por cada hum dos textos, o juizo deixo aos curiosos que os quizerem conferir, aos quais offereço o trabalho que tive em

*recolher de muitos, que por varias mãos andavão
espalhados este que aqui lhes presento.*

Domingos Fernandez livreiro.

1622

COMEDIAS / FAMOSAS / PORTVGVESAS /
Dos Doctores Francisco de Saa de Miranda / e An-
tonio Ferreira / Dedicadas a Gaspar Seuerim de Faria.
Em Lisboa / com as licenças, e approvações necessa-
rias. / Por Antonio Aluares Impressor, e mercador de
liuros / E feyta à sua custa. Anno 1622. / Aos VI-
LHALPANDOS (pag. 1 a 37) e aos ESTRANGEIROS
(pag. 39 a 681) seguem-se as comedias de Ferreira:
BRISTO e CIOSA.

1626

SATYRAS / DE FRAN / CISCO DE SAA / DE
MIRANDA. / Impressas no Porto por João / Rodri-
guez. com licenças / necessarias. Anno 1626.

1 vol. in 8.º de IV-240 pag. com um retrato do poeta.

Edição raríssima. D. Carolina Michaëlis de Vas-
concelos não pôde examiná-la; mas aproveitando

excertos de Bluteau e a cópia do Visconde de Jeromenha (infelizmente incompleta pela falta das últimas folhas) conseguiu reorganizar seu conteúdo: as cartas a el-Rei, a João Rodrigues de Sá, a António Pereira, a Pero de Carvalho e a Mem de Sá; e as três églogas — *Basto*, *Dialogo entre Gil e Bieito* (nova redacção da égloga *Basto*) e o *Dialogo entre Bieito e Montano* (égloga *Montano*). Esta última égloga era inédita assim como a respectiva carta dedicatória a João Rodrigues de Sá e Menezes, composta de três estrofes. Foi tudo extraído pelo editor, como êle declara, dum cartapácio antigo que se achou no Pôrto e que continha estas poesias de Sá de Miranda com o título de *Satyras*.

A égloga *Montano* foi, como disse, publicada pela primeira vez nas *Satyras* (1626); mas, como estas são raríssimas, Teófilo Braga publicou-a em 1875 (com a nota de inédita e extraída do manuscrito de Luiz Franco) na *Antologia Portuguesa*, e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, tendo-a considerado inédita a páginas 401 das *Poesias*, reconhece que não é inédita, a páginas 675, e declara, a páginas 731, que devia dizer que era desconhecida até 1875.

*de Menezes Conde de | Penaguiam Camareiro | Mór
de S. Magestade &c. | — | Com todas as licenças
necessarias | EM LISBOA. | Por Pedro Craesbeck Im-
pressor | del Rey. Anno 1632. | A custa de Paulo
Craesbeck | mercador de liuros.*

1 vol. pequenissimo em 32.º (9 cm. de alto e 4 de largo) de XI
(inn.) e 173 folhas.

1651

OBRAS DO | DOVTOR | FRANCISCO | DE
SAA DE | Miranda. | AO SENHOR DOM | *Francisco de Sá de Menezes filho | herdeiro do Senhor
D. Ioam de | Sá de Menezes Conde de Pena | guiam
Camareiro mór de S. | Magestade &c. | — | Com
todas as licenças necessarias. | EM LISBOA. | Por
Paulo Craesbeck, 1651.*

1 vol. in 32.º de XII folh. inn. de preliminares e 181 de texto,
numeradas na frente, com mais tres inn. de indice no fim.

1677

AS | OBRAS | DO DOVTOR | FRANCISCO
DE SAA | de Miranda. | *Agora de nouo impressas.
| — | LISBOA. | A custa de ANTONIO LEITE. |
Mercador de Liuros, na rua noua. | — | M.DC.LXXVII.
| Com todas as licenças necessarias.*

1 vol. in 12. de XVI folh. inn. de preliminares, e 346 paginas
de texto.

1784

OBRAS | DO DOCTOR | FRANCISCO DE SÁ
| DE MIRANDA. | *NOVA EDIÇÃO CORRECTA,*
EMENDADA, | *E augmentada com as suas Come-*
dias. | LISBOA. | Na Typographia Rollandiana. | 1784.
| Com Licença da Real Meza Censoria.

2 vol. in 8.º de XXXII-292 pag. o primeiro, e de 291 o se-
gundo.

1804

AS | OBRAS | DO CELEBRADO LUSITANO |
O DOCTOR | FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.
Lisboa | na Imp. Regia | 1804.

1 vol. in 8.º de uma folha inn., isto é a do titulo, 500 pag. de
texto, e mais uma inn. no fim, com as erratas.

1885

POESIAS / DE / FRANCISCO DE SÂ DE MI-
RANDA / Edição / feita sobre cinco manuscriptos ine-
ditos / e todas as edições impressas / acompanhada
de um estudo sobre o poeta, / variantes, notas, glos-
sario / e um retrato | Por / *Carolina Michaëlis de*
Vasconcellos / Halle / Max Niemeyer / 1885.

1 vol. in 8.º grande de 16 pag. com o titulo e indice; cxxxvi
com a Vida de Sá de Miranda e 950 pag. com as poesias, notas e
glossario. Traz o retrato do poeta e uma arvore genealogica desdo-
bravel.

Repito, com Teófilo Braga: Nenhum clássico português foi ainda tão completa e carinhosamente estudado como Sá de Miranda, nesta edição monumental, verdadeiro modelo bibliográfico e filológico.

1909

SÁ DE MIRANDA / 1481-1558 / VERSOS PORTUGUESES / Edição revista / por Delfim Guimarães / Livraria Editora / Guimarães & C.^a / 68, Rua de S. Roque, 70 / Lisboa — 1909 / Imprensa Libanio da Silva — Lisboa.

In 4.^o — 199 pág. É o vol. II da Biblioteca Classica Popular.

1912

NOVOS ESTUDOS SOBRE SÁ DE MIRANDA, de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, publicados no Boletim de Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa — (Vol. V, pag. 9 a 230) e em separata.

Reproduz, como já se disse, em fotogravura, o manuscrito autógrafa, descoberto pelo sr. Delfim Guimarães e dá impressa a leitura feita pela ilustre académica.

1913

A EGIPCIACA / SANTA MARIA / Poema / de / Francisco de Sá de Miranda / Pela primeira vez publicado / por / Teófilo Braga.

Edição da Livraria Chardron, de Lelo & Irmão. Rua das Carmelitas 144 — Porto. Vol. de XIII — 1 — 228 — 2 pag.

O poema ocupa 181 pag. e a ele se seguem cinco sonetos inéditos de Sá de Miranda; a *Vida de Maria Egípcia* reproduzida do manuscrito do século XIV, que se guarda na Torre do Tombo e pertenceu à antiga Biblioteca de Alcobaça; a *Legenda* (em prosa) de *Santa Maria Egípcia* feita sobre um texto do século XIII; e um excerto sobre a *Morte da Egípcia penitente*, em verso.

Não há outras edições, devendo atribuir-se a êrro de informação, ou facil equívoco, as referências por vezes feitas a edições de 1594, 1605 e 1616.

Supor, como Varnhagen, que em vida de Sá de Miranda se fizera alguma edição e afirmar a existência de edições posteriores à morte do poeta, publicadas em Espanha, é perder tempo e teimar inutilmente contra a realidade. A edição de 1595 (e não de 1594) foi reimpressa em 1804; a edição de 1614 (e não de 1616) foi reproduzida em 1632, 1654, 1677 e 1784; e a edição das *Satiras*, de 1626, que apenas contém as cartas e três Églogas, sendo extremamente rara, ainda não se reimprimiu.

A edição da *Comedia dos Estrangeiros* de 1559

aparece com a data de 1569, evidentemente errada, na *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado e no *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio.

Nesta resenha bibliográfica, atendemos exclusivamente às edições das obras de Sá de Miranda. As duas excepções, que as referências ao *Cancioneiro* de Rezende e às obras de Garci Lasso de La Vega, accusam, tem facil justificação no facto das poesias ali publicadas serem inéditas.

Não indicamos o *Memorial del Marques de Montebello*, que igualmente publica uma poesia inédita de Sá de Miranda, porque nos repugna attribui-la ao Poeta do Neiva. Na nota — *Marquez de Montebelo*, exporemos os fortes motivos que nos determinam a rejeitar essa poesia.

NOTÍCIAS GENEALÓGICAS



Casa da Tapada e capela de Nossa Senhora da Guia (século XVII e XVIII)

TÍTULO I

CASA DA TAPADA

§ 1

1 — O DOUTOR **Francisco de Sá de Miranda** (cuja vida procuramos reconstituir na primeira parte dêste livro) fidalgo da casa Real, comendador de Duas Igrejas (e antes de S. João de Moronho) na Ordem de Cristo, comprou a quinta do Barrio da Fonte em S. Miguel de Fiscal, no antigo concelho de Entre Homem e Cávado (Amares) onde fundou a casa e quinta da Tapada, que pretendeu vincular, tendo casado, pelos anos de 1529-30, com D. Briolanja de Azevedo, senhora que veio a ser da Honra de Avesadas, no extinto concelho de Bemviver (Marco de Canavezes) e filha de Francisco Machado, Snr. da Vila da Louzã e do concelho de Entre Homem e Cávado, (onde viveu na sua casa de Crasto) e de sua mulher D. Joana de Azevedo da casa da Calçada em

Penafiel. Francisco de Sá de Miranda faleceu em 1558 e D. Briolanja de Azevedo havia falecido em 1555. Jazem na capela de Nossa Senhora da Apresentação na igreja de S. Martinho de Carrazedo. Tiveram dois filhos:

2 — **Gonçalo Mendes de Sá**, que recebeu ordens menores em Braga a 17 de Dezembro de 1541. Servindo em Ceuta, foi uma das vítimas da emboscada do alcaide mouro de Tetuão, que com três mil mouros, atacou de surpresa tresentos portugueses, no Monte da Condessa, a 18 de Abril de 1553.

2 — **Jerónimo de Sá e Azevedo** que segue

2 — **Jerónimo de Sá e Azevedo**, Fidalgo da Casa Real, Snr. da Casa da Tapada e da Honra de Avesadas, nasceu em Duas Igrejas e recebeu ordens menores em Braga a 5 de Março de 1546; e casou, precedendo escritura de 14 de Janeiro de 1559, lavrada e assinada na Casa da Taipa, em S. Nicolau de Cabeceiras de Basto, com D. Maria da Silva, filha única e universal herdeira de Francisco da Silva de Menezes, comendador de Moreira na ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Sr. do Paço de Ninães e da Honra de Frazão e de sua mulher D. Leonor de Melo, Sr.^a da Quinta de Val de Flôres em Refojos do Lima, e da quinta de Jolda, onde residiram. Nessa escritura, realizou-se a instituição do morgado da Tapada, projectada pelo fundador desta casa, ficando também

vinculados a êsse morgado todos os bens de D. Maria da Silva, com obrigação dos administradores usarem o apelido *Sá*.

Jerónimo de Sá, já viuvo, fez seu testamento na casa da Tapada a 30 de Setembro de 1581, mas êsse testamento, como o de seu pai, não chegou a ser assinado e aprovado. Vamos, todavia, extractá-lo, porque é interessante.

Manda fazer uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Apresentação, na igreja de Carrazedo, pegada com a de seu primo Francisco Machado «abaixo dessa, descendo para a porta principal da igreja.»

Para aí se deviam mudar os ossos de seu pai, de sua mãe e de sua mulher D. Maria da Silva, para duas campas. Na de seu pai, poriam umas letras que dissessem: *Aqui jaz Francisco de Saa de Miranda e Dona Briolanja de Azevedo, sua mulher;* e na outra, de sua mulher, «posto que elle ahi não jaza se nesta jornada morrer, dirão: *Aqui jaz Jeronimo de Saa d' Azevedo e Dona Maria da Siloa, sua mulher.*

O arco, ou porta da capela, teria o letreiro: *Jerónimo de Saa mandou fazer esta capela.* Na sua mocidade, tivera um filho (Ambrósio) e uma filha (Maria) em Inácio Fernandes; e do seu matrimónio ficaram-lhe dois filhos: Francisco e D. Antónia, ainda menores, «que não esperava ter, porque nasceram depois das muitas doenças de que padeceu.»

Já era falecido em 23 de Maio de 1583, como consta do prazo do Casal de Febros, na Lage, feito por seu filho.

Jerónimo de Sá de Azevedo, ou melhor as suas cinzas, tem servido de pasto a criaturas sem escrúpulos e pouco respeitadoras da verdade. A mentira gerada pelo Marquez de Montebelo e propagada por Camilo Castelo Branco, gosa de geral crédito, porque ninguém fêz reparo nos erros e disparates que a acompanham e que ela não pode desviar.

Como o caso exige, para sua exposição e análise, grande espaço, acrescentarei mais uma *nota*, às que constituem a última parte dêste livro.

Filhos legítimos :

3 — **Francisco de Sá de Menezes**

3 — **D. Antónia da Silva de Menezes**, que casou com D. Fernando Ozores Sotomaior e cuja descendência descreveremos no § 6 e seguintes.

3 — **Francisco de Sá de Menezes**, Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, foi 3.º sr. da Casa da Tapada e sucedeu na Honra de Avesadas, Paço de Ninães etc. Precedendo escritura de 14 de Setembro de 1585, lavrada na Casa de Crasto, casou com D. Antónia de Carvalho de Montarroio (filha do Dr. Vasco de Montarroio, Desembargador do Paço, e de sua mulher D. Beatriz Lopes de Carvalho) já orfã, sobrinha e tutelada de D. Diogo Leitão,

Deão da Sé de Lamego. D. Antónia recebeu, em dote e arras, além do padrão de cem mil reis de juro no pescado de Lisboa (vinculado pelo Dr. António de Carvalho, Fidalgo da Casa do Infante D. Henrique e seu secretário, em testamento de 27 de Setembro de 1574) três mil e quinhentos cruzados em dinheiro, ou em peças.

Edificaram ambos um oratório junto da casa da Tapada, que dotaram, para sua fábrica, por escritura de 11 de Fevereiro de 1590. (1) D. Antónia morreu nova; e Francisco de Sá de Menezes «mal disposto e ainda convalescente e fraco da doença que Deus lhe deo» pediu a Fr. Anselmo da Conceição, abade do Mosteiro de Rendufe, que lhe escrevesse o testamento que êle ditava (13 de Setembro de 1592).

Dele consta que, na sua mocidade, tivera duas filhas ilegítimas: Antónia e Madalena. Manda dizer uma missa, cada semana, na sua capela de Carrazedo, por sua alma e pela de sua falecida mulher D. Antónia; e outra cada semana na ermida de Nossa Senhora da Guia (que êle e sua mulher fizeram na quinta da Tapada) por suas almas. Acrescentou por seu punho êsse testamento, no dia immediato e em 24 de Janeiro de 1593: As duas filhas ilegítimas seriam conversas ou freiras de veu, dotadas pelo seu terço, como dissessem os padres do Colégio de S. Paulo de Braga.

(1) *Arquivo Distrital* — Caixa n.º 251 — Documento n.º 35.

As missas em Carrazedo seriam ditas durante vinte anos e as de Nossa Senhora da Guia seriam perpétuas.

Nomeia testamenteiros Diogo Leitão, Deão da Sé de Lamego, tio de sua falecida mulher e Diogo Pessanha, seu amigo, e roga a intervenção e auxílio do Licenciado Isidoro de Sá, abade de Fiscal e de Gaspar Quinteiro, abade de Carrazedo; e acrescenta: «não pedi ao senhor meu tio Francisco Machado aceitasse este por o não cançar mais nem lhe dar enfadamento porque bem sei que muitos de que me pesa, mas peço-lhe que em tudo se ache presente e ajude *como tanto meu senhor e que eu tinha em lugar de Pai.*»

Francisco de Sá de Menezes passou a segundas núpcias, em Ponte do Lima, a 20 de Maio de 1602, com D. Violante Teixeira, filha de António Teixeira e de sua mulher D. Maria Pereira, snrs. da quinta de Sabadão, em Santa Marinha de Arcozêlo. Em 21 de Maio de 1602 (dia imediato ao do casamento) achando-se na casa da Tapada, fez testamento na nota do tabelião António Fernandes, declarando que desejava ser enterrado, com o hábito de cavaleiro professo na ordem de Cristo, na igreja de Nossa Senhora da Guia, ou na de Carrazedo, onde estão seus antepassados, se aquela não estiver acabada; que de sua mulher, D. Antónia de Montarroio de Carvalho, lhe ficaram dois filhos (Jerónimo de Sá e Diogo de Sousa) e duas filhas (D. Maria, freira em Arouca, e D. Brites) e

que tomava no seu terço tôda a quinta da Tapada em que instituia morgado a favor de seu filho Jerônimo de Sá, com obrigação de uma missa todos os sábados no altar-mór (de Nossa Senhora da Anunciação) da igreja de Nossa Senhora da Guia e de concorrer para a fábrica, se Manuel de Lima e Diogo Pessanha quizerem deixar alguma coisa para isso, porquanto todos ajudaram a fazer a referida igreja. (1) No caso de não deixarem alguma coisa, será fabricada pelo administrador de morgado «pois a maior honra que tinha a quinta da Tapada era a dita igreja, aonde a confraria de S. Pedro (a de cima) em que andavam os padres do concelho de Entre Homem e Cávado e do concelho de Lanhoso, faz seus officios.» Manda que se lhes dê um altar com as imagens de S. Pedro e de Santa Ursula, para dizerem as missas a que se

(1) Vide pág. 139 e 140. A capela de Nossa Senhora da Salvação conservava em 1707 a seguinte inscrição: *Anno de 1589. Esta capela mandou fazer Franc.º de Saa de Menezes, com o titulo de Nossa Senhora da Guia.* A capela nova tem o letreiro: *Esta capela mandou fazer Franc.º de Saa de Menezes. 1615.* Tem na fronteira um escudo com as armas dos *Machados Azevedos Goes e Sás.* É mais antigo: não era dali, devia ter pertencido à outra capela, se não veio de Carrazedo.

Manuel de Lima, primo segundo de Francisco de Sá de Menezes, era filho de Francisco de Abreu e Lima, snr. de Regalados e de D. Francisca da Silva, da Casa de Crasto. Diogo Pessanha era Comendador de Coucieiro.

obrigaram. Se a outra confraria de S. Pedro, que era somente dos padres do concelho (de que também era confrade) desejar fazer seus officios nesta casa de Nossa Senhora, ou no caso dele instituidor trazer para ela os ossos de seus antepassados, dar-se-lhe-ia outro altar com as imagens de S. Pedro (a gôsto dêsses padres) e de Nossa Senhora do Socorro, que já estava feita. (1)

Em 20 de Junho de 1611, residindo em Ponte do Lima, fez novo testamento com o propósito de prejudicar o filho primogénito, favorecendo Diogo de Sousa, seu filho segundo. Extractemos: Se D. Violante Teixeira, sua mulher, quizesse sepultar-se com êle, far-se-ia nova sepultura, com letreiro, na igreja da vila, ou em Santo António, e para ela se trasladariam os ossos de Francisco da Silva de Menezes, seu avô, que estava na capela dos Limas, na igreja de Santo António. Manda que se diga todos os anos, no dia de Nossa Senhora da Ascensão, uma missa pelas almas de seus avós Francisco da Silva de Menezes e D. Leonor de Melo e pela alma de sua tia D. Ana de Lima.

Em vida de sua primeira mulher D. Antónia e na sua viuvez, contraiu algumas dívidas para reparar sua casa e filhos, não tendo D. Violante, sua mulher, a menor responsabilidade. Do seu primeiro matrimónio

(1) D. Fernando Ozores Sotomaior, foi uma das testemunhas.

nio ficaram-lhe três filhos: D. Brites da Silva, já casada, Jerónimo de Sá e Diogo de Sousa. Escolhe para seu terço a quinta da Tapada em que institue vínculo a favor de seu filho Diogo de Sousa e Sá e, para remediar a Casa da Tapada que quasi *está perdida*, pede a sua mulher «que ajude e ordene a êste seu filho que case e que do dinheiro que lhe devem e do que me devem da demanda do arcebispo que Deus tem (1) paguem as minhas dívidas.» Diogo de Sousa e Sá unirá

(1) Refere-se à rija demanda acêrca do prazo de Macieira e S. Pedro do Ó, em Celorico de Braga, que havia sido feito pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, a 20 de Abril de 1515, a favor de Pedro da Silva, seu sobrinho, Fidalgo da Casa Real e a sua mulher D. Isabel Sotomaior, que faleceu viuva em 1562. Devia suceder-lhe Francisco da Silva e Menezes, que não tomou posse por estar em serviço no cêrco de Mazagão, usurpando então êste prazo, sua sobrinha D. Margarida de Vasconcelos, contra a qual aquele obteve sentença de 10 de Julho de 1564. O arcebispo D. João Afonso de Menezes lançou mão do prazo por falta de nomeação de vida; mas Jerónimo de Sá e Azevedo, em nome de seu filho Francisco de Sá de Menezes, ainda menor, demandou a Mitra Primaz, mostrando que sua mulher, já falecida, mãe dêste seu filho sucedera nos prazos como filha única de Francisco da Silva e Menezes. Morto Jerónimo de Sá de Azevedo, continuou seu filho a demanda pendente, em que interveio D. Rui Mendes de Vasconcelos (conde de Castelo Melhor) que, como neto de D. Isabel Sotomaior e de Pedro da Silva, pretendia o prazo. Francisco de Sá triunfou, sendo-lhe julgado o prazo em terceira vida; e a sentença foi confirmada na instância de agravo a 4 de Fevereiro de 1591, sendo condenado o arcebispo, D. Fr. Agostinho de Jesus, a largar os casais e prazos e a pagar as custas da demanda.

logo a sua legítima e terço com o terço de sua mulher, ao morgado da Tapada, devendo requerer provisão (não o fazendo o testador) para que metade do terço de seu pai Jerónimo de Sá e Azevedo e de seu avô Francisco de Sá de Miranda se unam a esta quinta, a fim de se cumprirem, sempre, suas missas e obrigações. Nesses terços nomeia também êste seu filho «por lhe parecer que fará o que deve e Jerónimo de Sá lhe ter mostrado claramente não ser para êsses cargos e nunca querer fazer coisa que êle lhe aconselhasse de sua honra e de seu pai.» «Sabe Deus quanto trabalhei nisso até que, por resolução de tudo, achei, como acho, isto ser mais do serviço de Deus e descargo de minha consciência e de meus antepassados e que fazendo outra coisa me encarregaria muito pelo que peço, se isto vier a ponto de letígio, aos senhores que o julgarem, que vejam bem êste ponto.»

Existem, ainda, no arquivo da Tapada, outros apontamentos para ulterior testamento, escritos, a pedido de Francisco de Sá e Menezes, por Fr. António de S. Paulo, a 14 de Março de 1615. São assinados por ambos. O testador já tinha mudado de parecer, talvez pelo facto do filho primogénito, Jerónimo, ter casado vantajosamente em 1612. Deixa-lhe os terços e faz-lhe nomeação dos prazos. Se à sua morte não estiver concluída a obra da igreja de Nossa Senhora da Guia «será esta reparada de maneira que se possa dizer missa na capela nova e se não perca a

devoção de Nossa Senhora a quem êle era tão devoto.»

A 16 de Outubro de 1618, na quinta de Sabadão, em Santa Marinha de Arcozelo (Ponte do Lima) Francisco de Sá de Menezes e D. Violante Teixeira, sua mulher, fizeram doação de certas medidas sabidas para a fábrica da igreja e oratório que na quinta da Tapada e com a invocação de Nossa Senhora da Guia edificara o doador e Diogo Pessanha, Fidalgo da Casa Real e Comendador de Coucieiro, na Ordem de Cristo. O cabido, *sêde vacante*, por sua provisão de 13 de Novembro de 1618, concedeu licença para ali se dizer missa e celebrar officios divinos. (1)

Francisco de Sá de Menezes faleceu em Ponte do Lima a 16 de Abril de 1626 e foi sepultado, no dia immediato, na capela de Nossa Senhora da Guia, da Casa da Tapada, onde tem sepultura com letreiro: *Sepultura de Frs.º de Sá de Menezes. Anno de 1633.*

D. Violante Teixeirã, sua viuva, faleceu em Ponte do Lima, a 14 de Junho de 1639, e foi sepultada na igreja do Mosteiro de Santo António. Não houve descendência do segundo matrimónio e do primeiro teve:

- 4— **Jerónimo de Sá de Menezes**, Fidalgo da Casa Real, sr. (4.º) da Casa da Tapada, e das Honras de Frazão e Avessadas, e do

(1) *Arquivo Distrital*, Livro do Registo n.º 28 a fl. 170 v.

Paço de Ninães, que governou o concelho de Entre Homem e Cávado, durante dois anos, na guerra da Aclamação, prestando bons serviços a D. João IV em companhia de seu sobrinho Vasco de Azevedo Coutinho. Precedendo escritura de 29 de Janeiro de 1612, casou em Refoios do Lima, a 15 de Novembro dêsse ano, com D. Inês Pereira Barbosa, que teve em dote a quinta da Cascaheira, em Refoios, e que era filha de Fernão Pereira Soares, Cavaleiro Fidalgo e Juiz dos Orfãos naquela vila e de sua mulher D. Isabel Barbosa. Fundaram a capela de Nossa Senhora das Neves, chamada capela das Peireiras, instituindo o vínculo a 6 de Dezembro de 1642 e nomeando sua primeira administradora sua sobrinha D. Isabel Barbosa, a 19 de Janeiro de 1645.

Jerónimo de Sá de Menezes faleceu a 18 de Maio de 1650, com testamento público, feito na Casa da Tapada em 9 dêsse mês, em que instituiu herdeiro seu sobrinho Vasco de Azevedo Coutinho, confirmando, todavia, o morgado da Tapada, cuja administração passava a sua irmã D. Brites. Sua viuva faleceu em Ponte do Lima, a 21 de Setembro de 1651, e jaz na capela de Nossa Senhora das Neves.

4 — **Diogo de Sousa de Menezes**, que faleceu solteiro na Tapada, a 29 de Abril de 1617, sendo achado morto na sua cama. Jaz, na capela da casa, em Carrazedo.

4 — **D. Maria**, religiosa em Arouca

4 — **D. Brites da Silva e Menezes**, que segue

4 — **D. Brites da Silva e Menezes**, foi 5.^a senhora da Casa da Tapada, por morte de seu irmão mais velho (1650) a quem sucedeu nas Honras de Frazão e de Avessadas e no Paço de Ninães, tendo casado, precedendo escritura de 27 de Outubro de 1608, com Diogo de Azevedo Coutinho, Moço Fidalgo da Casa Real, acrescentado a Fidalgo Cavaleiro (alv. 3-vi-1594) Cavaleiro professo na Ordem de Cristo (com 60\$000 reis de tença) que servira nas armadas de Mazagão, filho e sucessor de Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho, Fidalgo da Casa Real e senhor dos concelhos de S. João de Rei e Terras de Bouro e de sua mulher D. Jerónima Coronel.

Diogo de Azevedo Coutinho foi 10.^o snr. daqueles concelhos, por C. R. de 10 de Junho de 1613 (D. Filipe 2.^o) confirmada pelas C. R. de 19 de Julho de 1624 e 9 de Fevereiro de 1627 (D. Filipe 3.^o) e de 25 de Abril de 1647 (D. João iv). Achava-se prêso em 1640, e foi tal a alegria que sentiu com a sua liberdade e com a independência nacional que enlouqueceu, subindo à torre da igreja e tocando os sinos sem descanso, sempre que o deixassem em liberdade. Só

obrigado, à fôrça, deixava a corda dos sinos. Caiu em demência, e sua mulher foi nomeada tutora e administradora de seus bens.

Viveram no Paço de S. João de Rei, onde faleceu Diogo de Azevedo, a 14 de Janeiro de 1655. D. Brites, sua viuva, faleceu na Tapada, a 8 de Dezembro de 1674.

Foram seus filhos:

5 — **D. Antónia de Menezes**, baptisada em S. João de Rei, a 23 de Dezembro de 1609, e ali casada, a 5 de Julho de 1649, com o L.^{do} Sebastião Pereira do Lago, Sr. da quinta de Santa Bárbara, em Braga, que serviu na guerra da Aclamação em Trás-os-Montes. Seu marido faleceu na quinta de Santa Bárbara, a 27 de Outubro de 1556, sobrevivendo-lhe um filho. D. Antónia faleceu em S. João de Rei, a 9 de Fevereiro de 1773 e jaz na capela-mór da igreja paroquial.

6 — **Gabriel Pereira**, baptisado a 13 de Março de 1652. Demente.

5 — **Vasco de Azevedo Coutinho** que segue

5 — **Manuel de Azevedo Coutinho**, abade de Parada de Bouro, que viveu mais de cem anos, falecendo na Casa da Tapada em 1721.

5 — **Jerónimo**, que faleceu moço.

5 — **D. Ana**, solteira.

5 — **D. Mariana** m. m. Baptisada em 1618, sendo

madrinha D. Margarida Machado e padrinho seu filho Felix Machado da Silva.

5 — **D. Leonor**, baptisada a 20 de Março de 1620.

5 — **Francisco de Azevedo Coutinho** (antes Francisco de Sá de Miranda) minorista, beneficiado com a pensão de 200\$000 reis na igreja de S. Clemente de Basto, baptisado a 1 de Abril de 1621 e falecido em S. João de Rei, a 31 de Maio de 1690. Como seu irmão Manuel, foi bom estudante. Na guerra da Independência, serviu com grande valor e distinção, tendo o posto de capitão desde 1 de Julho de 1641 até ser reformado em 11 de Abril de 1643, como consta do Alvará de 16 de Dezembro de 1720, que também refere o facto de Francisco de Sá, depois de reformado, ter assentado praça de soldado, com dois criados à sua custa, marchando para o Alentejo e seguindo com o exército para Valverde, Vila Nova e Figueira de Vargas.

5 — **D. Jerónima**, freira no convento do Salvador em Braga.

5 — **Vasco de Azevedo Coutinho**, baptisado a 15 de Maio de 1612, foi 6.º sr. da Casa da Tapada, mas viveu, como seus pais, no antigo Paço de S. João de Rei, onde faleceu a 30 de Março de 1690, tendo casado com D. Luisa Inácia Coutinho, filha herdeira de Diogo de Castilho Coutinho (o negro) guarda-mór

da Torre do Tombo (C. R. de 11 de Outubro de 1612) Alcaide-mór e Comendador de Moura, na Ordem de Aviz, sr. da grande casa dos Castilhos de Tomar, que faleceu em 1632, e de sua mulher D. Mariana de Castro, filha de Estevão Homem da Silva, comendador da Freiria de Évora e de sua mulher D. Inês de Castro, que era filha de D. Rodrigo de Castro e de sua mulher D. Leonor de Cabedo. D. Luisa Inácia era neta, por seu pai, do Dr. António de Castilho, cronista-mór do Reino.

Vasco de Azevedo Coutinho prestou relevantes serviços na guerra da Aclamação, desde 1640 a 1655, oferecendo-se a D. Gastão Coutinho, capitão general da província de Entre Douro e Minho, para a defesa das terras de que seu pai, Diogo de Azevedo, era donatário. Ocupou com distinção os cargos de Fronteiro-mór e Governador das Armas da Portela do Homem, Mestre de Campo de Infantaria e de Superintendente da criação de cavalos na comarca de Viana. Posteriormente, como capitão-mór de S. João de Rei e como fronteiro-mór da Portela, marcou novos actos de heroismo na sua folha de serviços, bem merecendo as honrosas referências que lhe faz o conde da Ericeira, no seu *Portugal Restaurado*.

Sucedeu nas Honras de Frazão e de Avesadas e no Paço de Ninães; e foi 11.º sr. de S. João de Rei e de Terras de Bouro por carta régia de 20 de Abril de 1655, confirmando os alvarás de lembrança de 16 de

Novembro de 1628 e 25 de Abril de 1647. Teve o fôro de moço fidalgo acrescentado a Fidalgo Escudeiro da Casa Real. Pelo alvará de lembrança de 12 de Maio de 1682 foi-lhe concedida uma comenda da Ordem de Cristo da lotação de 100\$00 reis; e dêle constam os serviços, por êle e por seu tio Jerónimo de Sá de Azevedo, prestados na guerra da Aclamação.

Logrou o hábito de Cristo, mas a comenda não se tornou efectiva. (1)

Vasco de Azevedo Coutinho foi um dos fidalgos mais respeitados da sua época e genealogista autorizado. Manteve as melhores relações com D. Gastão Coutinho, D. Francisco de Sousa, Diogo de Melo Pereira, Manuel Teles de Menezes, figuras prestigiosas nas nossas lutas pela independência nacional; exerceu com distinção os altos cargos que lhe confiaram; mas sofreu os maiores desgostos. Por causa da pescaria no poço negro (Pego Negro) teve grandes questões com D. António Felix Machado da Silva, 3.º Marquez de Montebelo, de que resultou, pelo menos, a morte de Francisco de Sousa Machado, da Bornaria, em 1674; e se não fôra a intervenção do general António

(1) Dêsse alvará e dos honrosos atestados passados por D. Gastão Coutinho, Diogo de Melo Pereira, D. Francisco de Sousa, Manuel Teles de Menezes etc. constam todos os serviços prestados à causa nacional. El-Rei D. João IV escreveu-lhe, a 24 de Maio de 1649, mostrando-lhe seu agradecimento e referindo-se especialmente à criação de cavalos.

Jaques de Paiva, governador das armas do Minho, que avisou el-rei, a questão teria dado mais funesto resultado, porque os dois contendores tinham numerosos amigos no campo da luta. El-rei ordenou que os Azevedos, como os Machados, não voltassem a fazer pescarias, sob penas graves. Pouco antes, seu filho Fernando havia morto, por desastre, o irmão mais velho, o sucessor da casa. A êste grande desgosto, seguiu-se outro não menos cruel: os dois filhos que lhe restavam — Rodrigo e Fernando, em companhia dum criado antigo da casa, assassinaram em Braga Bento Correa Pimentel. (1) Por sentença da Relação do Pôrto de 17 de Maio de 1681, foi condenado Fernando de Azevedo a dar 2:000 cruzados aos queixosos (D. Mariana Pimentel e seus filhos) e 200:000 para as despesas da Relação e a, com pregão pelas ruas, ser levado ao pelourinho da Ribeira, onde morreria degolado, visto ser de notória qualidade. Rodrigo de Azevedo, menos culpado, devia dar 600\$000 reis aos

(1) Era filho legítimo de Bento Correa Barreto Pimentel, sargento-mór de Braga e de D. Mariana Pimentel de Medeiros, senhora da Casa do Arco, à porta de S. João e 5.^{os} avós da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Inácia de Faria Machado Pinto Robi e de seu marido Dr. José Borges Pacheco Pereira de Faria, antigo Deputado da Nação e antigo Presidente da Camara Municipal de Braga. Bento Correa foi morto com um tiro, no dia 15 de Agosto de 1675, como consta do assento do seu óbito, no respectivo livro do registo paroquial de S. João do Souto.

queixosos, e 100\$000 reis para as despesas, e, com cadeia ao pé, iria a pregão pelas ruas do costume, sendo depois degradado, para sempre, no Brasil. O seu Fernando, condenado à morte, poderia ser morto, sem pena alguma, por qualquer do povo que o encontrasse e reconhecesse que era o próprio.»

Vasco de Azevedo Coutinho, a 25 de Março de 1690, achando-se em estado grave, faz doação, a seu filho Rodrigo, dos três alvarás que tinha das mercês feitas pelos reis D. João IV e D. Afonso VI, e ainda não efectuadas: um da tença de 80\$000 reis, outro da sucessão, como donatário, de S. João de Rei e Terras de Bouro; e ainda outro da comenda da Ordem de Cristo. Faleceu, como dissemos, no dia 30 do referido mês, no Paço de S. João de Rei. Começou então a rápida decadência desta grande casa, que compreendia os bens da corôa, de que era antiga donatária, a casa da Tapada e vínculo anexo, as Honras de Frazão e Avessadas, o Paço de Ninães, valiosos prazos, de Vasco de Azevedo Coutinho e o grande dote de D. Luisa Inácia Coutinho, sua mulher, sr.^a do Morgado dos Castilhos de Tomar, e as quintas da Guimareira em Ferreira de Zézere, da Ramalha e da Bica da e Caparica no termo de Almada, e da Várzea no termo de Loure.

A requerimento documentado de Vasco de Azevedo Coutinho, passou-se-lhe nova carta de doação de S. João de Rei e Terras de Bouro, a 9 de Julho de

1655, em que se declarou que lhe pertencia a data de officios e tabeliães e que êstes, com os juizes ordinários «se chamem por êle» na forma da sentença que obteve seu bisavô António de Azevedo :

Foram seus filhos : (1)

6 — **Diogo de Azevedo Coutinho**, capitão de cavalos que prestou bons serviços na guerra da Aclamação, desde 14 de Julho de 1662 até 2 de Maio de 1668. Morreu, por desastre, com um tiro de seu irmão Fernando, em S. João de Rei, a 6 de Fevereiro de 1673.

6 — **Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho** que se segue

6 — **Fernando de Azevedo Coutinho**, baptisado em S. João de Rei a 25 de Agosto de 1647. Matou, por desastre, seu irmão Diogo e, dizem os genealogistas, fugiu para Galisa, onde falecera em vida de seu pai. Não é assim. Fugiu, com seu irmão Rodrigo, para Galisa por causa da morte de Bento Correa Pimentel, de Braga. Foi, como dissemos, condenado a ser degolado no pelourinho da Ribeira, no Pôrto, por sentença de 17 de Maio de 1681. Meses depois, a 1 de Dezem-

(1) D. Carolina M. de Vasconcelos dá-lhe um filho: Francisco de Sá de Azevedo, falecido em 1704, ascendente dos senhores da casa da Tapada. Estas informações não são verdadeiras.

bro dêsse ano, às 7 horas da noite, fez-se o seu entêrro na capela de Nossa Senhora da Guia da Casa da Tapada. Seu cadaver veio de Galisa.

6 — **Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho**, nasceu em S. João de Rei, a 24 de Março de 1646. Fugindo à justiça, pela morte de Bento Correa Pimentel, passou à Galisa em 1675 e ali casou, em Pontevedra, com D. Maria Manuela de Mosquera Sotomaior, filha de D. Luiz de Mosquera Sotomaior e de sua mulher D. Leonor Maria de Vera y Moscoso, das antigas e ilustres casas de Sotomaior e de Altamira.

Teve o fôro de Moço fidalgo (alv. de 28 de Abril de 1690) acrescentado a Fidalgo Escudeiro (alv. de 29 de Abril de 1690); e foi donatário de S. João de Rei e Terras de Bouro, com jurisdição e data de officios, por carta régia de 2 de Fevereiro de 1694, em confirmação dos alvarás de 14 de Outubro de 1655 e 6 de Agosto de 1693 e apostilha de 21 de Janeiro de 1694. Esta carta foi confirmada por outra de 11 de Novembro de 1713.

Serviu, com praça de soldado, desde 4 de Maio de 1697 até 6 de Fevereiro de 1702. El-rei escreveu-lhe solicitando a sua ajuda e favor aos mestres de campo que viessem levantar gente para a guerra; e Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho não só auxiliou, em 1704, com suas justiças, aos mestres de campo, nas terras de que era donatário, mas também assistiu na Portela

do Homem, durante a guerra, guardando a passagem com homens das suas terras, informando os generais, aprisionando soldados castelhanos, procedendo sempre com grande zêlo, cuidado e patriotismo. Por sentença do juizo das justificações, ficou-lhe direito à acção dos serviços prestados por seu tio Francisco de Azevedo Coutinho.

Foi 7.º sr. da casa da Tapada, onde residiu e fez grandes obras, e sucedeu em tôda a casa de seus pais, que deixou a seu filho, sucessor, sobrecarregada de dívidas. Faleceu, com testamento, na casa da Tapada, a 1 de Fevereiro de 1726 e jaz na capela de Nossa Senhora da Ajuda.

D. Maria Manuela de Mosquera Sotomaior faleceu viuva na casa da Tapada, a 25 de Novembro de 1739. Vide a *Gazeta de Lisboa* de 7 de Janeiro de 1740.

7 — **Vasco Luís de Azevedo Sá Coutinho**, baptisado, a 27 de Outubro de 1686, em Fiscal. Sendo moço, formou, em 1704, uma companhia de cavalos, à sua custa, de que foi capitão, servindo em todas as campanhas no Alentejo; mas, por motivo de doença, não acompanhou o partido do Minho quando o nosso exército entrou em Castela. Era coronel em 1710.

Quando realisava uma pescaria no célebre Poço Negro, foi morto, com um tiro de

bacamarte, por Gaspar de Freitas, de S. João de Rei, no dia 12 de Agosto de 1719.

7 — **Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho**, que segue

7 — **D. Luísa Maria Inácia de Azevedo Coutinho**, baptisada em S. João de Rei, a 13 de Março de 1689. Teve a quinta de Santa Bárbara, em Braga.

7 — **Francisco de Sá de Miranda**, baptisado, em Fiscal, a 18 de Junho de 1690, soldado e tenente da companhia de seu irmão Vasco, entrando em todas as acções com valor e distinção. Substituindo seu irmão doente, foi capitão dessa valente companhia de cavalos do partido do Minho, que se dissolveu na Catalunha, a 3 de Abril de 1707, obtendo licença em Barcelona para passar a Portugal, a 20 de Janeiro de 1708 e apresentando-se na vedoria geral do exército, em Lisboa, a 23 de Abril de 1708. Passou depois, como capitão de cavalos, para a companhia do capitão Álvaro Rebelo Pinto, que era do partido do Minho, mas estava no Alentejo, sendo seu coronel João Quental Lobo. Procedeu valorosamente no choque com o inimigo no campo do rio Xevora e na demolição da praça de Valença de Alcântara (1708) e na batalha de 7 de Maio, ferida no campo

das Figueiras, sendo o último que, na retirada, passou o rio Capalathe.

Colocado num dos regimentos de cavalaria do Minho, de que era coronel Gonçalo Pires da Bandeira, acampado em Jeromenha (1709) bateu-se heroicamente com a cavalaria inimiga que atacou os nossos guardas que haviam passado o Tejo para obter forragens; e procedeu com valentia, quando os espanhóis demoliram a ponte de Olivença (1709) e surpreenderam seu esquadrão com três esquadrões de cavalaria no pôrto da Ribeira das Espadas, mantendo-se no mesmo sítio, até ser socorrido pelo seu regimento, que se achava em Elvas. Mais tarde, achando-se o seu regimento aquartelado na Golegã, foi a Lisboa a negócios pertencentes ao regimento, e ali adoeceu gravemente e só pôde incorporar-se no seu regimento em Trás-os-Montes. Durante a sua ausência, deram-lhe três baixas; mas, por alvará de 20 de Agosto de 1712, foi-lhe tomada a apresentação e foram-lhe levantadas as notas do seu assento. Passou, então, ao Alentejo, onde se achava a sua companhia, na campanha de Campo Maior, mas foi avisado de que se não apresentasse com aquele alvará, porquanto o governador das armas e os oficiais maiores

do exército, tinham recebido ordem de el-rei para o prenderem. Voltou à côrte, no propósito de justificar sua inocência e recolher-se ao Minho, mas foi prêso e encerrado no Limoeiro, antes de se justificar. Representou a el-rei que, por seu alvará de 15 de Maio de 1713, ordenou que se registasse e cumprisse o seu alvará anterior, atraz referido.

Na reforma do exército, formaram-se dois regimentos de cavalaria na Beira, sendo um comandado pelo coronel Gonçalo Pires Bandeira; e Francisco de Sá de Miranda, por alvará de 13 de Novembro de 1715, foi nomeado capitão de uma das companhias desse regimento; mas, por alvará de 6 de Julho de 1719, foi autorisada a troca de postos requerida por êle e por D. Duarte de Macedo Sotomaior, passando êste para o regimento de Gonçalo Pires da Bandeira, e Francisco de Sá de Miranda para o regimento do coronel António da Cunha Sotomaior.

Teve patente de tenente-coronel do regimento de cavalaria de dragões que se formou no Alentejo, a 15 de Setembro de 1736. Em 1745, governava a praça de Beja, por ordem do conde da Atalaia, governador das armas da província; mas, em 15 de Agosto

dêsse ano, foi-lhe ordenado que saísse dessa praça e largasse seu govêrno. Foram-lhe concedidas licenças até 13 de Maio de 1747, e demorando-se em Lisboa, com o propósito de averiguar a causa daquele aviso, não conseguiu descobri-la; e recolheu-se ao quartel do seu regimento em Olivença. El-rei, atendendo seu pedido e considerando que o supplicante era um official bem procedido, que tinha prestado bom e efectivo serviço em tôdas as províncias do reino, no de Castela e no principado de Catalunha, mandou, por sua provisão de 3 de Julho de 1751, pagar-lhe o soldo do tempo das licenças.

Teve patente de brigadeiro de cavalaria e coronel do regimento de dragões da província da Beira, a 25 de Janeiro de 1754. Aos 80 anos de idade e com tão larga fôlha de serviços, não tinha recebido mercê alguma!

Acêrca da sua prisão, veja-se o que se diz de seu irmão José António.

- 7 — **José António de Azevedo Coutinho**, baptisado em Fiscal, a 26 de Novembro de 1691, Moço Fidalgo (alv. de 22 de Junho de 1702) acrescentado a Fidalgo Escudeiro da Casa Real, por alvará de 23 de Junho de 1702), e falecido, prêso no Limoeiro, em Lisboa, a 25 de Maio de 1739.

O Desembargador Inácio José Peixoto, fazendo a história do govêrno do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, escreveu:

«Entre os casos acontecidos no seu tempo foi celebre em 1712, mandar prender, pelo seu Ouvidor, um filho do fidalgo da Tapada Rodrigo de Azevedo, culpado na visitação por freiratico. Foi preso nos Remedios, não obstante o resistir e foi assim levado até ao castelo. Estando para entrar, chegou Francisco de Sá, seu irmão, capitão de cavalos e com fôrça impedio a entrada do preso para o carcere. Vieram a partido de falarem ao arcebispo, o que fizeram, quando a ordenança da cidade ja estava junta pelo alvoroço que isto fez. O arcebispo entregou o preso ao irmão para o conduzir ao castelo. Prometeo que sim e se ausentaram, mas passando na cidade dois dias se retiraram dela. Deu-se conta disso a el-rei, que mandou um ministro devassar. O capitão Francisco de Sá foi, por isso, prêso no Limoeiro, em Lisboa.»

Não se refere a José António de Azevedo Coutinho, e é pouco provável que pelos factos narrados, embora graves, se mantivesse, por tantos anos, sua prisão no Limoeiro. Deixou filhos bastardos.

- 7 — **D. Leonor Maria Alexandra de Azevedo e Castro**, baptisada, em S. João de Rei, a 5 de Abril de 1693 e falecida, solteira, na Tapada, a 22 de Fevereiro de 1785.
- 7 — **D. Maria Teresa de Azevedo e Castro**, baptisada, a 29 de Março de 1695, em Fiscal. Falecida solteira.
- 7 — **João António de Azevedo Coutinho**, baptisado a 9 de Julho de 1698 em Fiscal e falecido, solteiro, a 15 de Setembro de 1754.
- 7 — **António Bernardo**, baptisado em Fiscal, a 26 de Novembro de 1696; m. m.
- 7 — **D. Ana Josefa Rosa de Azevedo e Castro Sotomaior**, baptisada em Fiscal, a 24 de Abril de 1700 e falecida, solteira, a 22 de Abril de 1777.
- 7 — **D. Joana Maria Baptista de Azevedo e Castro Sotomaior**, nascida na Tapada a 1 de Julho de 1702 e falecida, viuva, em Roris, a 21 de Julho de 1787, tendo casado, a 22 de Abril de 1743, com Alberto de Seabra de Sousa Magalhães, Moço Fidalgo (alv. de 9 de Setembro de 1734) acrescentado a Fidalgo Escudeiro (alv. de 6 de Outubro de 1734) sr. da quinta de Anquião em Ponte do Lima, do morgado dos Seabras, do Pôrto, e do vínculo da Piedade em Turis (Vila Verde)

e por ele compadroeiro desta igreja. (1) Faleceu na Tapada seu marido, a 1 de Maio de 1747, deixando todos os seus bens livres a Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, seu cunhado.

7 — **Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho** nasceu na casa da Tapada e foi baptisado, em Fiscal, a 28 de Outubro de 1687, e aqui faleceu, em idade avançada, a 26 de Fevereiro de 1773, tendo casado, aos 64 anos, precedendo escritura de 26 de Julho de 1751, com D. Bárbara Micaela Xavier de Ataíde de Menezes e Cunha, dotada com a casa do Faial em Barcelos, filha de D. António José de Azevedo e Ataíde, Fid.º da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Governador de Castelo de Vide, Sr. das Honras de Barboça e Ataíde, e das casas do Faial e da Mourisca, e de sua mulher D. Ana Joaquina de Menezes e Cunha (a grande), filha legítima de D. Pedro Álvares da Cunha, sr. de Taboa e Trinchante d'El-rei D. Pedro 2.º. Sucedeu nas casas de S. João

(1) D. Joana Maria Baptista de Azevedo e Castro, usufrutuária, como viuva, da quinta de Turis, apresentou, na igreja desta freguesia, José Miguel de Vilhena Coutinho, filho bastardo de seu irmão José António de Azevedo Sá Coutinho; mas o legítimo compadroeiro, José Calheiros de Magalhães Barreto, apresentou o abade Luís Custódio da Cunha. Uma transacção terminou o litígio. Fica assim explicada a falsa informação do *Portugal Sacro-Profano*, que attribue à casa da Tapada o padroado da igreja de Turis.

de Rei, Tapada, Honra de Aversadas, Honra de Fração e Paço de Ninães e foi sr. de S. João de Rei e Terras de Bouro, por carta régia de 28 de Novembro de 1731, que efectuou o alvará de lembrança de 16 de Dezembro de 1720. Herdou a casa de seu pai com pesadas dívidas; e, no propósito de se vêr livre de execuções e demandas, solicitou autorização régia para consignar os rendimentos das quintas da Várzea, no termo de Loure, da Guimareira, em Tomar e da Ramalha da Bica, junto a Almada (bens do vínculo dos Castilhos) para o pagamento das suas dívidas superiores a 20:000 cruzados. Ouvido o imediato successor (seu irmão Francisco de Sá de Miranda) foi deferida sua súplica, pela Provisão régia de 31 de Março de 1735.

A situação continuou embaraçosa, agravada com as despesas do seu faustoso casamento; e os credores conseguiram penhorar-lhe os rendimentos de S. João de Rei e Terras de Bouro, atormentando Luís Manuel com sucessivas execuções. A seu pedido e por decreto de 9 de Março de 1758, foi nomeado administrador de tóda a casa, o Desembargador da Relação do Pôrto Nuno Mendes Barreto, que apenas lhe concedeu a mesada de 48\$000 reis para as despesas de sustentação de sua casa e família, reservando a maior parte dos rendimentos para os credores.

Passou a residir em Braga (1758-61) onde nasceram as duas filhas; e em 1751, retirou-se para Lis-

boa, onde esteve até 1764. Nesse ano, representou a El-rei, dizendo que estava na resolução de se retirar para S. João de Rei com seu filho, recolhendo-se sua mulher, como desejava, no convento de Chelas com as duas filhas. Por decreto de 26 de Maio dêsse ano, foi ordenado que do rendimento mais bem parado se dessem 40\$000 reis por mês a D. Bárbara Xavier, enquanto com suas filhas permanecesse no referido convento, e que, a Luís Manuel e seu filho, se desse anualmente a quantia necessária, prudentemente arbitrada, ficando o resto para pagamento dos credores. Deram-lhe 20\$000 reis para se sustentar com seu filho. Suas três irmãs solteiras ficaram na casa da Tapada, recebendo cada uma anualmente cem mil reis. Não parou aqui a infelicidade. Seu filho Rodrigo, ainda moço, e desejando ir a uma espadelada, pediu a um preto, criado da casa, que o acompanhasse; mas êle desculpou-se, alegando doença e cansaço e pedindo licença para se recolher à cama. Rodrigo de Azevedo não desanimou: foi só; e teve a surpresa de reconhecer, entre os mascarados que animavam a espadelada, o seu manhoso criado. Calou a indignação; e o preto retirou-se, altas horas da noite, convencido de que o senhor morgadinho o não havia reconhecido. No caminho, Rodrigo de Azevedo correu sôbre o preto, mas êste deu às de vila Diogo e chegando primeiro ao Paço de S. João de Rei, fechou a porta com medo do merecido castigo. Rodrigo de

Azevedo, que o perseguia para vingar-se, vendo-se impedido de entrar no quarto do criado, pôs fogo a um palheiro que existia nos baixos da casa que habitava o fugitivo; mas o preto, logo que lhe cheirou a chamusco, fugiu por outro lado do edificio e nunca mais foi visto. O incêndio comunicou-se rapidamente ao nobre solar; e Rodrigo de Azevedo, lembrando-se que seu velho pai estava num quarto próximo e que não podia salvar-se sem o auxílio de outra pessoa, correu por entre as chamas até ao leito do doente e conseguiu livrá-lo da morte que lhe estava iminente. Metade do edificio foi destruida e a outra metade do velho paço ficou arruinada. Passaram então definitivamente para a Casa da Tapada. Do seu casamento resultaram dois filhos e duas filhas. (1)

(1) O Doutor Bernardo José de Azevedo e Melo, pai do 1.º Visconde de Oliveira, não era filho de Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, Sr. da Casa da Tapada. Essa errada filiação lhe dá Pinho Leal no seu *Dicionário Portugal Antigo e Moderno*, reproduzindo, talvez, alguma monografia manuscrita.

Luís Manuel Sá Coutinho de Azevedo provou, na justificação, feita em Amarés a 25 de Fevereiro de 1810, que seu pai Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho era filho legítimo e *único varão* de seu avô Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, último senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Do alvará de 20 de Março de 1836, que concedeu o fôro de Fidalgo Cavaleiro, ao Desembargador Antonio de Azevedo Melo e Carvalho (irmão do Visconde de Oliveira) consta que o agraciado

8—**D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho** que se segue

8—**D. António Camilo**, nasceu a 15 de Julho de 1756, em S. João de Rei. m. m.

8—**D. Ana Joaquina de Sá e Ataíde**, Sr.^a da quinta do Faial, nasceu, em Braga, a 10 de Julho de 1758 e casou com José Manuel de Vasconcelos Felgueira Gajo, moço fidalgo da Casa Real, sr. da casa de Fervença em Barcelos; s. g.

8—**D. Maria Antónia Rosa de Ataíde e Azevedo de Sá Coutinho**, cuja descendência se descreve no § 2 e seguintes.

8—**D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho**, 9.^o sr. da Casa da Tapada e sr. das Honras de Avessadas, Frazão, Paço de Ninães etc. não obstante ser o único filho varão à morte de seu pai (1773) e a lei que extinguiu a jurisdição dos donatários ter a data de 24 de Novembro de 1790, não teve os senhores de S. João de Rei e de Terras de Bouro.

Nasceu, em S. João de Rei, a 21 de Junho de 1753. Sendo criança e vivendo seus pais em Lisboa,

era filho do Doutor Bernardo José de Azevedo e Melo e neto do Doutor Manuel de Azevedo e Melo.

Em plena harmonia com os documentos anteriores, está a certidão do baptismo do 1.^o Visconde de Oliveira — Marcelino Maximo de Azevedo e Melo, junta ao seu requerimento de matrícula na Universidade de Coimbra em 1812.

teve o foro de moço fidalgo e foi admitido ao exercício do Paço, por alvará de 16 de Março de 1761.

Falecido seu pai, a casa continuou sempre em administração, vivendo D. Rodrigo em relativa obscuridade até ao casamento de seu filho, em 1807.

O administrador apenas lhe concedeu a casa da Tapada para residência e «uma parte da quinta, circuitada sobre si que podia render 30\$000 reis, porque, apesar de grande, estava sem cultura.» A casa estava arruinada nos telhados, sobrados, portas e janelas em 1796. Do Paço de S. João de Rei apenas restavam, nesse ano, as paredes em ruínas de metade do edificio, porque D. Rodrigo havia dado, ou vendido, os telhados e as madeiras dessas ruínas.

D. Rodrigo assentou praça, como cadete, na 1.^a companhia do regimento de infantaria de Lencastre, da guarnição de Lisboa, mas foi escusado por aviso régio de 5 de Março de 1801, «pelas muitas moléstias que padecia.»

Achando-se gravemente enfermo, casou a 21 de Março de 1806, com D. Joana Angélica da Silva Campelina (filha de António da Silva Campelina e de Maria Sousa Fajardo, lavradores e proprietários da quinta da Carriça, em S. Miguel de Fiscal) para legitimar seus filhos. Sua mulher nasceu a 12 de Dezembro de 1762 e faleceu, viuva, a 17 de Julho de 1854. Não obstante ser o legítimo sucessor do morgado dos Gagos de Andrade e da capela do Santís-

simo Sacramento na Sé de Lisboa, de que fôra última administradora D. Catarina do Pilar de Mendonça, por desleixo ou ignorância, não se opôs à posse que de tudo tomou D. Ana Rufina Soares de Melo Sousa Tavares, 18.^a senhora de Melo, que era parenta de D. Catarina, mas não tinha sangue dos instituidores. (1)

Teve, como seu pai e avós, o fôro de Moço Fidalgo, acrescentado a Fidalgo Escudeiro, por alvará de 23 de Maio de 1814. Dias depois, a 9 de Junho, falecia na Casa da Tapada. Havia renunciado a favor de seu filho Luís Manuel o direito de pedir a mercê das doações de que tinha sido donatário seu pai e da comenda lembrada no alvará de 12 de Maio de 1682.

Foram seus filhos, legitimados por subsequente matrimónio:

9 — **D. Maria Amália de Sá Coutinho**, que casou com seu primo co-irmão Rodrigo Vaz de Carvalho (§ 3 n.º 9) c. g.

9 — **D. Bárbara Xavier de Azevedo Sá Coutinho**, que casou com seu primo co-irmão José Vaz de Carvalho (§ 5 n.º 9) c. g.)

9 — **Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho** que se segue

(1) A senhora de Melo, com justo receio de perder a administração dos bens usurpados, apressou-se a denunciá-los à corôa, como vagos. E assim conseguiu seu usufruto.

9 — D. Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho nasceu em Fiscal, a 7 de Abril de 1790 e foi o 10.^o snr. da Casa da Tapada, por falecimento de seu pai. Em vida dêle e tendo apenas desesete anos incompletos, requereu licença régia para celebrar seu ajustado casamento com sua prima D. Maria Lina de Araújo e Azevedo, filha natural legitimada de António Fernando Pereira Pinto de Araújo e Azevedo. (1) Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alv. de 9 de Janeiro de 1781) do Conselho de Sua Magestade, Comendador da Ordem de Cristo (21 de Maio de 1810) abade de S. João e S. Miguel de Lobrigos, Dom Prior da Colegiada de Barcelos, Inspector das obras do encanamento do rio Lima e das estradas e canais de rega e de transporte e da arborisação a realizar na Província do Minho (carta régia de 27 de Março de 1805) etc. e de D. Joaquina Jacinta de Freitas Castro e Melo, senhora nobre solteira da vila de Guimarães. (2)

(1) Era irmã de António de Araújo de Azevedo Pereira Pinto, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, 1.^o conde da Barca, Conselheiro, Ministro e Secretário de Estado, e snr. das casas de Sá, em Ponte do Lima, da Prova e Choças nos Arcos de Valdevez.

(2) Era filha natural legitimada de Rodrigo de Freitas Castro e Melo, Fidalgo da Casa Real; e casou, a 13 de Agosto de 1793, com João Pinto Coelho Guedes de Macedo Pereira da Silva, Moço Fidalgo da Casa Real e snr. das Casas de Simões e de Cepões. A Ex.^{ma} Sr.^a D. Júlia Leonarda de Noronha Pinto Coelho Guedes

Obtida a referida licença, por alvará de 14 de Março de 1807, e precedendo escritura dotal outorgada no dia immediato, realisou seu casamento; e pouco depois (16 de Julho dêsse ano) assentou praça de soldado no regimento de infantaria n.º 9, sendo reconhecido cadete da 7.ª companhia, em 7 de Novembro do mesmo ano; mas, a seu pedido, teve baixa, na inspecção de redução, em 5 de Fevereiro de 1808.

Reorganizado aquele regimento, D. Luís de Azevedo apresentou-se em 24 de Junho immediato, sendo nomeado alferes da 8.ª companhia por decreto da Junta Provisional do Govêrno Supremo, da cidade do Pôrto, de 3 de Setembro de 1808. Servindo no 2.º batalhão dêsse regimento, foi a Espanha em 1809, sob as ordens do seu comandante, tenente-coronel Carlos Sutton e assistiu à acção que o mesmo regimento teve no Bussaco. Foi promovido a tenente, pela portaria de 4 de Abril de 1809; e, por decreto de 30 de Agosto de 1811, passou a servir no batalhão de caçadores n.º 6. Por motivo de doença, foi demittido do serviço nacional e real (ordem do dia de 24 de Abril de 1814; mas achando-se restabelecido das suas moléstias, regressou, como tenente, ao seu ba-

Pereira da Silva, sua bisneta, casada com seu primo co-irmão Dr. Maximiano Pinto Coelho Guedes de Simães, snr. da Casa de Cepões, é senhora da Casa de Simães.

talhão, a 1 de Julho de 1816, em virtude da portaria de 12 de Outubro de 1815. Teve a graduação de capitão, em 3 de Maio de 1819 (patente de 8 de Julho) e passou, como capitão efectivo, para o batalhão de caçadores n.º 11, pela Portaria de 18 de Dezembro de 1820.

Teve a mercê de Moço Fidalgo da Casa Real e com exercício no Paço, e foi acrescentado a Fidalgo Escudeiro, por alvará de 26 de Julho de 1814. Foi agraciado, por decreto de 3 de Janeiro de 1820, com a comenda da Ordem de Cristo. Realizado seu casamento com a sobrinha do conde da Barca, tentou conseguir, de acôrdo com seu pai e animado do prestígio dêste famoso ministro, a restituição das mercês concedidas aos seus maiores e negadas a seu pai.

Fez, para êsse efeito, uma justificação no conselho de Entre Homem e Cávado (Amares) a 25 de Fevereiro de 1810, provando com testemunhas e documentos: que era filho legítimo, único varão, de D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho e que êste era também filho legítimo, único varão, de Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho; que êste, seu avô, fôra, como seus passados, donatário (com jurisdição e datas de officios) dos concelhos de S. João de Rei e Terras de Bouro; e, finalmente, que seu pai, D. Rodrigo de Azevedo, renunciara no justificante as mercês das doações que tivera seu avô e da comenda concedida por alvará de lembrança de 12 de Maio de

1682. O Tribunal do Conselho da Real Fazenda, por sentença de 7 de Setembro de 1811, julgou provada a identidade do justificante, sua filiação e a renúncia de seu pai para o efeito de poder suplicar as referidas mercês; mas D. Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho faleceu, sem conseguir despacho, a 23 de Junho de 1822. Era sargento-mór (major) de caçadores.

Foram seus filhos:

10 — **D. Rodrigo de Azevêdo Sá Coutinho**, que se segue

10 — **D. João António de Azevedo Sá Coutinho**, bacharel formado em Canones (1831) Juiz de Fora em Freixo de Numão (1831) secretário da administração geral do distrito de Aveiro, Deputado da Nação, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Moço Fidalgo, acrescentado a Fidalgo Escudeiro da Casa Real, nasceu, em Viana do Castelo, a 15 de Outubro de 1810 e faleceu, solteiro, em Lisboa, a 18 de Dezembro de 1854.

Em 1834, sendo Juiz de Fora em Freixo de Numão, proclamou ali o govêrno da Rainha D. Maria 2.^a, não obstante ter sido despachado por El-rei D. Miguel 1.^o; e retirou-se para Braga, onde residiu, com sua mãe, até 1837.

Redigiu em Braga, em 1836, *O Cidadão Philantropo*, de que apenas saíram oito nú-

meros (sendo os primeiros impressos no Pôrto) in-4.º. Foi o primeiro jornal literário desta terra. Filiado no partido *Cartista*, retirou-se de Braga em 1837, para colaborar na malograda reacção contra os *Setembristas*, servindo, como Auditor das fôrças do Barão de Leiria. Após o convénio de Ruivães, emigrou para Espanha, onde se conservou até 1838.

Em 1840, foi nomeado Secretário Geral do Governo Civil de Aveiro; em 1842, achando-se no poder Costa Cabral, que havia passado para o partido *Cartista* e restaurado a Carta Constitucional, foi eleito deputado da Nação, tomando assento na bancada oposicionista. Encerrada a legislatura, voltou para Braga, onde permaneceu até 1852, na companhia de sua mãe e de seus irmãos mais novos. Em 1846, não foi estranho à revolução da *Maria da Fonte*, collocando-se ao lado da Junta do Pôrto, até aos últimos sucessos dessa luta mal compreendida e mal aproveitada.

Em 1852, retirou-se para Lisboa, na doce esperança de obter uma colocação condigna; mas o seu carácter independente, que um temperamento nervoso e inflamável, facilmente exagerava, dificultou sua vida, crian-

do-lhe antipatias, semeando dissabores e roubando prestígio ao seu inegável talento.

Ali faleceu a 18 de Dezembro de 1854. É grande a sua obra como prosador e como poeta; mas quasi tudo jaz esquecido em jornais e revistas inacessíveis. Também é difficil obter hoje qualquer dos seguintes e apreciados livros seus:

— *O conde João ou a côrte de Versailles em 1714* — Drama histórico em seis quadros. — Lisboa 1844.

— *Costa Cabral em relevo, ou Memorias Biographicas deste ministro* — Lisboa 1844.

— *Quadro Politico historico e biographico do parlamento em 1842 por um eremita da serra d'Arga*. Lisboa 1845.

— *O Septico*. Romance publicado no *Nacional* e depois em separado. 1845 (?)

— *Os dois dias de Outubro ou historia da prerogativa*. Porto 1848.

— *O Misanthropo*. Romance publicado no *Nacional* e depois em separado.

— *Henrique Segundo ou o zelo de hum soberano*. Drama tragico, em verso. *Inedito*.

10 — **D. Fernando de Araujo de Azevedo Sá Coutinho**, académico distinto, perdido repentinamente nas trevas da demência. Nasceu, em Viana do Castelo, a 10 de Março

de 1815, e falecido, em Braga, a 28 de Março de 1888.

- 10 — **D. Marquesa Clara de Araújo Azevedo de Sá Coutinho** (Viscondessa da Torre) nascida, em Viana do Castelo, a 6 de Julho de 1818, e falecida, em Soutelo (Vila Verde) a 8 de Fevereiro de 1877, tendo casado, a 4 de Setembro de 1854, com João Feio de Magalhães Coutinho, 1.º Barão e 1.º Visconde da Torre (D. D. de 13 de Agosto de 1847 e 3 de Agosto de 1874) Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Coronel de Milícias de Viana do Castelo e do Batalhão Nacional de Barcelos, Deputado da Nação, snr. da Casa da Torre em Soutelo e do morgado de S. Bento, na vila de Prado, como filho primogénito de José Custódio de Magalhães Feio de Azevedo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e senhor da Casa da Torre e vínculo de S. Bento e de sua mulher D. Maria Justina de Sá Coutinho, da Casa da Aurora, em Ponte do Lima.

Não houve geração.

- 10 — **D. Luís António de Azevedo Sá Coutinho de Miranda**, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Bacharel formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, Major de Estado Maior reformado, Cavaleiro da Ordem de

S. Bento de Aviz, Deputado da Nação, Engenheiro e Director das Obras Públicas nos distritos do Pôrto e Braga, nasceu, em Viana do Castelo, a 27 de Julho de 1822 e faleceu, em Braga, a 12 de Agosto de 1887, tendo casado, a 17 de Julho de 1860, com sua prima D. Francisca Bárbara de Sousa Machado de Abreu Maia e Vasconcelos, senhora das casas da Torre de Vilar, em Figueiredo (Amares) da Fonte em S. Tiago da Faia (Cabeceiras de Basto) de Paredes, em S. Martinho de Ferreiros e da Abelheira em Santo Estevão de Gerás (Póvoa de Lanhoso) que nasceu, na casa de Gondomil, em Moure (Viã Verde) a 4 de Maio de 1826, e faleceu, em Braga, sém descendência, a 1 de Novembro de 1891, instituindo herdeiro seu irmão João Maria de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima, (1) filha de Leopoldo de Sousa de Almeida Pereira, bacharel formado em Leis, capitão-mór de Moure e da Feitosa, comandante da 6.^a e 7.^a brigadas das Ordenanças da província do

(1) Possuiu as casas de seus pais, novamente unidas; e foi casado com D. Ana Amália do Vale Campos Barreto de Magalhães Bacelar, de quem teve, além de outros filhos, o autor destas notícias genealógicas.

Minho, snr. da casa de Gondomil e capela de Nossa Senhora da Conceição em Moure (Vila Verde) e do morgado do Paço de Cabços (Ponte do Lima) etc. e de sua mulher D. Joana Angélica da Maia Abreu Machado de Vasconcelos, sr.^a das referidas casas da Torre de Vilar, Fonte, Paredes e Abelheira.

10— **Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho**, bacharel formado em Leis, Moço Fidalgo da Casa Real, acrescentado a Fidalgo Escudeiro (alvará de 23 de Maio de 1814) com exercício no Paço (alvará de 5 de Novembro de 1819) comendador da Ordem de Cristo (decreto de 29 de Outubro de 1816) Cavaleiro da Ordem de Cristo com doze mil reis de tença efectiva (decreto de 23 de Novembro de 1816) nasceu, em Barcelos, a 7 de Fevereiro de 1809, e foi o 11.º snr. da Casa da Tapada e o último possuidor da Honra de Avessadas, Frazão e do Paço de Ninães, que alienou. Vendeu também as quintas da Guimareira, na freguesia de Areas (concelho de Ferreira de Zézere) e o resto das herdades que advieram à sua casa pelos Castilhos de Tomar. Inutilisou, assim, a benéfica acção de sua mãe que, vencendo dificuldades, havia conseguido que lhe fôsse restituída a posse dos bens que, desde 1758, estavam sob uma ruínosa e vexatória administração judicial.

Faleceu, solteiro, na Casa da Tapada, a 18 de

Dezembro de 1881, ficando herdeiros seus três filhos naturais (1) que sucederam nos bens, mas não na representação de *Francisco de Sá de Miranda*, de *Lopo Dias de Azevedo* e de *João de Castilho* e de outros avós ilustres nas Letras e nas Armas, porque a isso se opunham as antigas e as vigentes disposições legais.

Essa representação, essa honra, passou, pelo falecimento de seu irmão D. Fernando (1888) para sua prima *D. Maria Amália Vaz de Carvalho* (§ 3, n.º 11).

A vocação legal, fixa e cega, teve, neste caso, o acêrto duma escolha ponderada e feliz.

(1) D. Rodrigo de Azevedo perfilhou, por escritura de 16 de Abril de 1863, seus filhos (D. Maria Filomena, Luís e António) havidos em Josefa Clara das Neves, sua criada, natural de Braga; mas essa perfilhação ficou dependente de confirmação régia, que não foi solicitada. Promulgado o Código Civil, que dispensava essa confirmação, D. Rodrigo e Josefa Clara das Neves perfilharam definitivamente aqueles filhos naturais, por escritura de 26 de Fevereiro de 1872.

A D. Maria Filomena coube, no sorteio que precedeu a partilha dos bens paternos, a casa e quinta da Tapada.

Faleceu esta senhora em 1894, tendo casado, em 1884, com Damião José Lopes de Carvalho, que foi recebedor do concelho de Vila Verde, lugar de que foi demittido por ser achado em alcance, que, parece, provinha do seu antecessor. Sendo executado, foi a quinta da Tapada adquirida em hasta pública por Manuel Joaquim de Faria Azevedo, marido de D. Branca de Azevedo Sá Coutinho e genro do executado.

§ 2

8 — D. Maria Rosa de Ataíde de Azevedo Sá Coutinho, filha de Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho (§ 1 n.º 7) nasceu em Braga a 13 de Julho de 1759 e faleceu em Lisboa a 6 de Julho de 1794, tendo casado, a 11 de Outubro de 1778, com José Vaz de Carvalho da Silveira Preto, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de Gonçalo José da Silveira Preto de Carvalho, Juiz da Corôa, Conse-

Falecendo, em 1921, Manuel Joaquim de Faria e Azevedo, e tendo passado sua viuva a segundas núpcias em 1922, a quinta da Tapada foi outra vez posta em arrematação em 1928 para pagamento de dívidas e maior facilidade da partilha entre a Ex.^{ma} Sr.^a D. Branca e seus filhos do primeiro matrimónio. Foi então felizmente adquirida pelo Ex.^{mo} Snr. D. Miguel Carlos Soçomaior, que, pertencendo a uma das mais antigas e nobres famílias do Minho, e sendo parente do fundador desta casa, de D. Maria da Silva (terceira neta do conde de Caminha) que nela casou com Jerónimo de Sá de Azevedo (n.º 2) e de D. Maria Manuela de Mosquera Sotomaior (sétima neta do referido conde) que para aí veio casada com Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho (n.º 6) há-de venerar, com fidalgo carinho, as sepulturas da capela de Nossa Senhora da Guia, onde jazem os pais e avós dos vendedores, e restituir à casa da Tapada seu prestígio de nobresa, fidalguia e distinção.

Da ascendência do Ex.^{mo} Snr. D. Miguel Carlos Sotomaior, 11.º neto, por legítima varonia, do conde de Caminha, me occuparei, resumidamente, numa das *Notas*.

Iheiro da Fazenda e Ultramar, Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Alcaide-mór de Monção e snr. do Morgado de S. Miguel da Acha e de sua mulher D. Filipa Catarina de Aguilár da Gama Sotomaíor.

Tiveram os filhos seguintes :

9 — **Gonçalo José Vaz de Carvalho** que se segue

9 — **Rodrigo Vaz de Carvalho** § 3.

9 — **José Vaz de Carvalho** § 5.

9 — **Luis Manuel**, morto em campanha.

9 — **D. Bárbara**. Faleceu solteira.

9 — **D. Maria Inocência**. Faleceu solteira.

9 — **D. Francisca**. Faleceu solteira.

9 — **D. Teresa**. Faleceu solteira.

9 — **D. Ana**. Faleceu solteira.

9 — **Gonçalo José Vaz de Carvalho**, 1.º Visconde de Monção (D. de 22 de Dezembro de 1849), Alcaide-mór da vila de Monção, Sr. de S. Miguel de Acha, Deputado da Nação (1853), Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Bacharel formado em Leis, nasceu a 17 de Setembro de 1779 e faleceu em 11 de Novembro de 1869, tendo casado duas vezes: a primeira, a 1 de Março de 1805, com D. Maria do Carmo de Noronha, que nasceu a 22 de Janeiro de 1786 e faleceu a 25 de Novembro de 1857, filha de D. Joaquim António Soares Ribeiro de Noronha, Sr. da Casa do Aprestimo, em Lamego; e a segunda, a 28 de Abril de 1859, com D. Luisa da

Graça dos Santos Caldeira de Mendanha, que nasceu a 27 de Janeiro de 1830 e faleceu , filha de Luís Pinto Caldeira de Mendanha, Desembargador da Relação do Pôrto e Juiz Conservador da Universidade de Coimbra, e de sua mulher D. Maria da Glória dos Santos Sequeira.

Os filhos do 1.º matrimónio faleceram sem descendência.

Filhos do 2.º matrimónio :

10 — **D. Maria Rosa de Jesus Vaz de Carvalho** nasceu a 15 de Junho de 1860 e faleceu a 2 de Julho de 1884.

10 — **José Gonçalo Vaz de Carvalho**, que se segue

10 — **José Gonçalo Vaz de Carvalho**, Moço Fidalgo da Casa Real com exercício, Capitão de Mar e Guerra, Engenheiro Construtor Naval, Director do Arsenal etc., nasceu a 27 de Março de 1867 e faleceu a 18 de Abril de 1924, tendo casado com D. Marta Vaz de Carvalho Aires de Magalhães, filha de D. Maria do Carmo Vaz de Carvalho (§ 4, n.º 11). S. G.

§ 3

9 — **Rodrigo Vaz de Carvalho**, filho de D. Maria Rosa de Sá Azevedo Coutinho (§ 2, n.º 8), Cavaleiro (não professo) da Ordem de Malta, casou com sua

prima co-irmã, D. Maria Amália de Sá Coutinho, filha de D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho, snr. da Casa da Tapada (§ 1, n.º 8).

Filhos :

10 — **José Vaz** que se segue

10 — **D. Cecília Amália de Carvalho e Sá**, nascida a 9 de Janeiro de 1827, casou, a 27 de Fevereiro de 1876, com D. Guterre José Maria Vasques Álvares da Cunha, 5.º conde da Cunha, official-mór da Casa Real; s. g.

10 — **D. Maria Rosa**, falecida solteira.

10 — **José Vaz de Carvalho** casou com D. Maria Cristina de Almeida e Albuquerque, filha de Bento de Almeida e Albuquerque e de D. Justina de Moura Furtado. Dêste matrimónio resultaram :

11 — **José Vaz de Carvalho**, que faleceu solteiro.

11 — **D. Maria Amália Vaz de Carvalho**, que se segue

11 — **D. Maria do Carmo Vaz de Carvalho**, cuja descendência se descreve no § 4.

11 — **D. Maria Amália Vaz de Carvalho**, consagrada poetisa e prosadora elegante e de alto valor, considerada pela sua grande illustração, pelo brilho do seu talento e pelas suas excelsas virtudes, a maior escritora portuguesa, casou, a 11 de Março de 1874, com o notabilíssimo poeta António Cândido Gonçalves Crespo, bacharel formado em direito, deputado da Nação, redactor do *Diário das Câmaras*

etc. que nasceu no Rio de Janeiro a 11 de Março de 1840 e faleceu a 11 de Junho de 1883. Ambos nos legaram obras tão conhecidas e estimadas no meio literário, que nos dispensamos de individualizá-las.

Dêste casamento resultaram :

12 — **Luís Vaz de Carvalho Crespo**, bacharel formado em direito.

12 — **D. Maria Vaz de Carvalho Crespo**, já falecida, que foi casada com o distinto bibliófilo e benemérito publicista Edgar Prestage, da Academia das Ciências, de Lisboa, professor de Literatura Portuguesa, na Universidade de Manchester.

§ 4

11 — **D. Maria do Carmo Vaz de Carvalho**, filha de José Vaz de Carvalho (§ 3 n.º 10) é casada com Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda, tenente coronel de cavalaria, Lente da Escola do Exército, sócio e secretário da Academia das Ciências, de Lisboa, Grão-cruz de Isabel a Católica, Comendador da Ordem de S. Tiago, da Coroa Real da Prússia, do Mérito Militar do Número de Carlos III, de Espanha, Oficial da Ordem de Aviz, antigo deputado da Nação, e autor da *Historia organica e Politica do Exercito Portugês*. Esta volumosa obra, que avulta entre as

outras do autor, revela as qualidades de um investigador honesto, inteligente e erudito.

Filhos:

- 12 — **Cristóvão Aires**, tenente-coronel.
- 12 — **D. Marta Vaz de Carvalho Aires de Magalhães**, casada com seu primo José Gonçalo Vaz de Carvalho (§ 2 n.º 10) s. g.
- 12 — **D. Valentina**, casada com José de Oliveira Belo.
- 12 — **D. Maria Amália**.
- 12 — **D. Cândida Aires de Magalhães**, poetisa de reconhecido valor.
- 12 — **Rodrigo Aires de Magalhães**, que segue a carreira diplomática.

§ 5

9 — **José Vaz de Carvalho da Silveira Preto**, filho de D. Maria Rosa de Sá Azevedo Coutinho (§ 2, n.º 8), Cavaleiro (não professo) da Ordem de Malta, Fid.º C. R., casou com sua prima co-irmã D. Bárbara Xavier de Azevedo Sá Coutinho, que faleceu em 1882, filha de D. Rodrigo António de Azevedo Sá Coutinho, snr. da casa da Tapada (§ 1, n.º 8). Tiveram dois filhos:

- 10 — **D. Ana Vaz de Carvalho e Sá**, nasceu em Almada a 24 de Fevereiro de 1829, falecida s. g.
- 10 — **José Vaz de Carvalho** falecido s. g.

§ 6

3 — **D. Antónia da Silva de Menezes**, filha de Jerónimo de Sá de Azevedo, sr. da Casa da Tapada (§ 1, n.º 2), casou com D. Fernando Ozores Sotomaioir, seu parente, snr. de Teães, junto a Salvaterra (Galisa).

4 — **D. Garcia Ozores Sotomaioir**, que se segue

4 — **D. Vasco**, abade de Leirado

4 — **D. Garcia Ozores Sotomaioir**, sucessor, casou com sua prima co-irmã D. Inês de Camba, filha de D. Pedro de Camba e Ribadeneira e de D. Francisca de Zuniga.

5 — **D. Joana da Camba**, mulher de D. Sancho Aires Taboado, snr. de S. Miguel das Penas, de quem teve

6 — **D. Francisca Manoel Ozores**, mulher de Leonel de Abreu e Lima de Magalhães, Cavaleiro da Ordem de Cristo; s. g.

5 — **D. Fernando Ozores Sotomaioir**, que se segue

5 — **D. Pedro Ozores**

5 — **D. Benito Ozores**

5 — **D. Fernando Ozores Sotomaioir**, sucessor, casou com D. Constança de Lemos, filha de D. Afonso Lopes de Lemos, Visconde e Conde de Amarante,

Cavaleiro de Alcântara e de D. Joana da Cunha, filha dos condes de Gondomar.

Foram seus filhos :

- 6 — **D. Garcia Ozores de Sotomaior**, 4.º conde de Amarante, Tenente General, Conselheiro de Guerra, casado com a Marquesa de Valadares, s. g. Vendeu a Torre de Rio de Moinhos em Santa Vaia, a Gonçalo de Melo e Lima.
- 6 — **D. José Ozores**, colegial em Salamanca.
- 6 — **D. Joana Ozores Sotomaior**, que se segue
- 6 — **D. Joana Ozores de Sotomaior**, Dama de honor da rainha de Castela, 5.ª Condessa de Amarante (por morte de seu irmão), casou com D. Sanchó Arias de Taboado Olhoa Caamano, Marquez de S. Miguel das Penas e la Mota e Cavaleiro de S. Tiago, de quem teve:
 - 7 — **D. Fernando Ozores**, Mestre de Campo General de Chave Dourada e 6.º Conde de Amarante s. g.
 - 7 — **D. Pedro Ozores**, Marechal de Campo de Chave Dourada s. g.
 - 7 — **D. Jacinta Arias Ozores**, Dama de Honor.
 - 7 — **D. Constança Arias Ozores**, que se segue
 - 7 — **D. Constança Arias Ozores**, Condessa de Amarante e Marquesa de S. Miguel das Penas e la Mota (por morte de seu irmão), casou com D. André Gayozo Ozorio, Visconde de Orca e snr. de Meifide

e Erosa com todas suas jurisdições, coutos e povoados, Regedor e Alferes mór das cidades e S. Tiago e Orense, de quem teve :

8 — **D. Fernando de Gayozo y Ozores**, que continua

8 — **D. Maria Rosa Ventura Ozores Gayozo e Arias**, cuja descendência se descreve no § 7 e seguintes

8 — **D. Fernando de Gayoso y Ozores**, conde de Amarante, Marquês de la Puebla de Parga y de San Miguel das Penas, Visconde de Junqueras Ferreira y San Esteban de Oca etc., casou com D. Maria Josefa de los Cobos Bolaño Rivadeneira.

9 — **D. Francisco Xavier**

9 — **D. Domingo**, que se segue

9 — **D. António Vicenta**

9 — **D. Maria Josefa**

9 — **D. Domingo Francisco Gayoso y de los Cobos**, 10.º Marquês de Camarasa, Puebla de Parga e S. Miguel de Penas, conde de Ricla, Rivadavia, Amarante e Castrojeriz, Grande de Espanha, Alferes Mór e Regedor perpétuo de Orense, foi baptisado, em Caramiñal, a 6 de Outubro de 1735, casou, em Vivero, a 8 de Junho de 1771, com D. Ana Getrudis Bermudes Castro e Taboada, de quem teve

10 — **D. Joaquim Maria**, que segue.

10 — **D. Joaquim Maria de la Concepcion Gayoso de los Cobos y Taboada**, 11.º Marquês de

Camarasa e mais títulos da sua casa, casou, em Madrid, a 21 de Dezembro de 1800, com D. Josefa Manoela Teles Giron Pimentel Pacheco y Teles Giron, filha dos IX Duques de Osuna e Benevente.

Foram seus filhos:

11 — **Don Francisco de Borja Joaquim José Gayoso de los Cobos Teles Giron**, XII Marquês de Camarasa, conde de Ricla, Amaranate y Castrojeriz, Grande de Espanha, Gran Cruz de Carlos III; San Juan de Malta, Maestrante de Sevilha etc., nasceu em Madrid a 1 de Janeiro de 1805 e faleceu solteiro a 21 de Fevereiro de 1860.

11 — **Don Jacobo Maria Sarmiento de Mendoza** que se segue

11 — **Doña Maria Josefa**, Dama de la Emperatriz de Austria, de la Cruz Estrellada y de la Banda de Maria Luisa, casada en primeras nupcias con el Conde Lazaro Brunetti, Embajador de Austria y en segundas nupcias con D. Fernando de Nieulant, Marques de Perija, Caballero de Calatrava. Murio el 27 Sept 1850.

Hijos del primero matrimonio:

12 — **Don José Ambrosio**

12 — **Doña Sofia**, Duquesa de Mandas

12 — **Doña Christina**, Duquesa de Villa Nueva

12 — **Doña Laura**, Duquesa de Monteagudo

12 — **Doña Ignez**

11 — **Doña Maria del Pilar**, Dama de la Orden de Maria Luisa, casada dos veces la primera con D. Luis Sanchez Pleites, Marques de Villamagna de quien no tuvo sucession y la segunda con D. José Queipo de Llano, Conde de Toreno, de quien tuvo:

12 — **D. Francisco de Borja**, conde de Toreno

12 — **D. Alvaro**, conde de Mayorga

12 — **Doña Isabel**, condessa de Supercenda

11 — **Doña Joaquina**

11 — **Doña Maria de la Encarnacion**, Marquesa de San Miguel das Penas y de la Mota

11 — **Doña Angela Andrea Gayoso de los Cobos y Tellez Giron**, nascida em Santiago em 1815 e caso em 1852, com D. José Maria Mesia y Pando, Marques de Campollano e 3.º Duque de Tamanes.

11 — **Don Jacobo Maria Sarmiento de Mendoza Gayoso de los Cobos y Tellez Giron**, que siendo Conde de Rivadavia y adelantado mayor perpetuo del Reino de Galicia, sucedio al anterior su hermano, fue XIII Marques de Camarasa e caso en Paris, el 2 de Julio de 1853, con D. Ana Maria de Sevilla y Villanueva, hija de los terceros Marqueses de Negron. Padres de

12 — **D. Francisca de Borja**, que continua;

12 — **D. Maria Josefa**, Condessa de Amarante, nascida, en Paris, 19 Mayo 1855, casada, en Madrid, el 1 Mayo de 1880, con D. Narciso

de Heredia y Saavedra, inmediato sucesor en el Título de Marques de Heredia con Grandeza y luego poseedor del mismo en 1913.

- 12 — **D. Maria del Pilar**, Duquesa de Plasencia, Grande de España, nacida, en Paris, el 3 Diciembre 1856, casada, en Madrid, 15 Junio 1882, con D. Juan de Quiñones de Leon y de Francisco Martin.

12 — **D. Francisca de Borja Jesusa Ana Francisca de Asis Gayoso de los Cobos y Sevilla**, XIV Marquesa de Camarasa, Marquesa de la Puebla de Parga, Condesa de Castrogeriz y de Ricla, nacida, en Napoles, el 12 de Mayo de 1854, que sucedio a su padre el 13 Agosto de 1877 y caso, en Madrid, el 10 de Abril de 1877, con D. Ignacio Fernandez de Henestrosa y Mioño, Maestrante de Sevilla, Gentilhombre, de la casa de los Marqueses de Villadarias, Condes de Moriana del Rio, principes de Santo Mauro. Padres de

13 — **D. Ana Maria**, nacida Madrid 30 Marzo 1879.

13 — **Don Ignacio Jacobo Francisco de Borja Manuel Marianó del Pilar Fernandez de Henestrosã y Gayosó de los Cobos**, nacido en Madrid el 30 de Abril de 1880, Conde de Rivadavia, Adelantado mayor perpetuo de Galicia, Conde de Castrojeriz y de Ricla, xv Marques de Camarasa, desde 1927, actual poseedor.

- 13 — **D. Maria Rafaela**, nacida en las Fraguas el 15 de Diciembre de 1882
- 13 — **D. Casilda Fernandez de Henestrosa y Gayoso de los Cobos**, nacida en San Sebastian el 2 de Octubre de 1887. (1)

§ 7

8 — **D. Maria Rosa Ventura de Ozores Gayoso e Arias**, filha de D. Constança Arias Ozores (§ 6, n.º 7) casou com D. João António de Caamanho e Lamas de Mendonça Marinho y Varela, snr. de Romelhe e Goyares em Galisa, seu primo segundo.

9 — **D. Jorge Caamanho Gayoso**, que segue

9 — **D. Fernando Caamanho**, beneficiado em Moanha.

9 — **D. Vicente**, Cavaleiro de Malta.

9 — **D. Jacob**

9 — **D. Mariana Joaquina Caamanho de Mendonça**, cuja descendência segue no § 8 e seguintes.

(1) A penhorante gentileza do Ex.^{mo} Sr. Marques de Cia-doncha, senhor de Rujula, Cronista Rei de Armas de Suas Magestades Católicas, habilitou-me a actualisar a descendência de Sá de Miranda em Espanha. Renovo e consigno aqui meu cordial agradecimento, mantendo o idioma em que me foram dados os solicitados esclarecimentos.

- 9 — **D. José**
9 — **D. António**
9 — **D. Raymon**
9 — **D. Maria Rosalia** s. g.
9 — **D. Maria**, freira em S. Paio.
9 — **D. Benita**, freira em S. Paio.
9 — **D. Joaquina**.
9 — **D. Joana**.
9 — **D. Maria Teresa**, casada, em Madrid, com
D. Francisco Laci.
9 — **D. Jorge Caamanho Gayoso**, sucessor, Ca-
pitão de cavalos em Flandres, casou com D. Mariana
Salemas, filha herdeira de D. Pedro Salemas, comen-
dador da Ordem de Calatrava.
10 — **D. João José Camanho y Pardo**, que se-
gue
10 — **D. João José Camanho y Pardo**, snr. de
Romelhe e Goyanas etc., Coronel de granadeiros de
S. Tiago, casou com sua prima D. Romana Escolás-
tica de Pardo de Figueiroa, Condessa de Macedo,
Marquesa de Figueiroa, da Atalaia e Fefinanes, de
quem teve a filha única e falecida em vida de seus
pais:
11 — **D. Joana Caamanho Pardo de Figueiroa**,
casada com D. António Ramires de Haro y
Cordoba, conde de Bornos s. g.

§ 8

9 — **D. Mariana Joaquina Camanho de Mendonça Ozores de Lemós**, filha de D. Maria Rosa Ventura Gayoso Arias (§ 7, n.º 8), casou com Gaspar de Queirós Ribeiro de Seixas Vasconcelos Coimbra, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Fid.º da C. R., snr. das quintas do Pinheiro e Pousada, em Amarante, do praso de Escaris em Vila Real, do morgado dos Coimbras de Braga, filho de João de Queirós e Vasconcelos, snr. do morgado do Pinheiro e de sua mulher D. Serafina Josefa Coimbra de Andrade.

10 — **João de Queirós**, que faleceu em Braga

10 — **Joaquim de Queirós Camanhô**, que se segue

10 — **D. Maria Ventura**

10 — **Joaquim de Queirós Camanho Coimbra de Vasconcelos**, Cavaleiro de S. João de Malte, sucessor, casou com D. Margarida Antónia de Lencastre e Barros, que nasceu a 28 de Março de 1755, filha de Lopo de Barros de Almeida Moura e Albuquerque, Fid.º da C. R., Cav. da Ordem de Cristo, Comendador e Alcaide mór da Vila do Cano, snr. das Saboarias da comarca de Portalegre, Familiar do Santo Officio, snr. da Casa de Real em Braga e dos vínculos anexos, e de sua mulher D. Joaquina Rosa de Lencastre de Menezes Portugal, da Casa da Cavalaria.

11 — **Gaspar de Queirós Vasconcelos**, que segue

11 — **José Maria**

11 — **D. Marianã Vitória** (§ 9) s. g.

11 — **D. Ana Rita** (§ 13) s. g.

11 — **D. Arcângela Angélica** (§ 24) c. g.

11 — **Gaspar de Queirós Vasconcelos Sousa Coimbra Camanho e Lencastre**, sucessor, Fid. da C. R., Tenente coronel de milícias de Basto, nasceu em Amarante, em 1782 e casou com D. Maria do Carmo de Queirós Almeida Carvalhais, filha herdeira de António de Queirós da Mesquita Pimentel, snr. da Casa do Pinheiro em Sanhoane (Penaguião) e de sua mulher D. Ana Preciosa de Almeida Carvalhais, da Casa da Portela, em Sedielos.

12 — **Joaquim de Queirós**, que faleceu solteiro.

12 — **António de Queirós Camanho Sousa Coimbra e Lencastre**, que se segue

12 — **António de Queirós Camanho Sousa Coimbra e Lencastre**, Fid. Cav. da C. R. (alv. de 25-8-1823), snr. das Casas do Pinheiro em Sanhoane (Penaguião), Pinheiro e Pousada em Amarante, dos Coimbras, em Braga, etc., casou com D. Joaquina Soares, para legitimar seus filhos:

13 — **D. Maria da Glória de Queirós Lencastre**

13 — **D. Maria do Carmo**

13 — **José Maria de Queirós Vasconcelos Coimbra e Lencastre**, formado em Direito, actual senhor das casas de seu pai.

13 — **D. Maria do Rosário**

§ 9

11 — **D. Mariana Vitória de Queirós Camanho e Lencastre**, filha de Joaquim de Queirós Camanho Coimbra de Vasconcelos (§ 8, n.º 10), casou, a 24 de Junho de 1806, com João Gomes de Abreu e Lima Pinto Cardoso, Moço Fidalgo da C. R. (alv. 31-3-1791) snr. da Casa do Outeiro em Arcozelo e do Paço de Refojos (Ponte do Lima) em sucessão de seus pais e avós, e da Casa de Paço Vedro na Ponte da Barca e da Portagem em Coimbra etc. por morte de seu parente Francisco de Abreu e Lima, falecido a 5 de Agosto de 1823. Faleceu João Gomes, a 19-1-1848, no Outeiro e jaz no convento de Santo António.

12 — **Gaspar de Abreu Lima**, que se segue

12 — **D. Mariana José de Lencastre**, que nasceu a 23 de Dezembro de 1809 e faleceu, solteira, em 1870.

12 — **D. Maria Margarida Antónia**, que nasceu a 4 de Setembro de 1810 e morreu criança.

12 — **D. Maria Ramona de Moscoso Camanho**, casada com Miguel de Antas de Abreu e Silva. Nasceu a 13 de Agosto de 1811 e faleceu em 1893; s. g.

12 — **Francisco de Abreu**, nasceu a 5 de Agosto de 1814 e faleceu solteiro.

- 12 — **António de Abreu**, formado em Direito, nasceu a 21 de Maio de 1817 e faleceu solteiro em 1893.
- 12 — **Rui Gomes de Abreu**, que nasceu a 30 de Outubro de 1818 e faleceu solteiro a 11 de Outubro de 1847.
- 12 — **Bruno António Cardoso de Menezes** (§ 12) c. g.
- 12 — **Fernão Pinto de Lencastre e Abreu**, que nasceu a 17 de Outubro de 1823 e faleceu em 1905, tendo casado com D. Mariana Pereira Forjaz de Sampaio; s. g.
- 12 — **D. Maria Margarida Antónia de Queirós Lencastre**, que nasceu em 1821 e casou com Luís Cândido Pereira Pinto, de quem teve:
- 13 — **D. Mariana Pinto de Lencastre**, que faleceu solteira.
- 12 — **D. Maria Leonor Teles de Menezes**, que nasceu em 1827 e faleceu de tenra idade.
- 12 — **Gaspar de Abreu e Lima de Magalhães e Menezes Pinto Cardoso Correia de Moraes**, sucessor, Moço Fid. C. R., nasceu a 12 de Novembro de 1807 e faleceu a 7 de Junho de 1863, tendo casado, em 1850, com D. Maria da Glória da Veiga Cabral da Câmara, que faleceu em 1909, filha de José Maria da Veiga Cabral, Fid. C. R., bacharel formado em Leis, Juiz de Fora em Odemira, corregedor da Ilha de S. Miguel, da Casa do Outeiro em Cidadelhe e de sua

mulher D. Maria da Felicidade Pereira Caldas, da Casa de Sende em Monção. Filhos:

13 — **João Gomes**, que se segue

13 — **D. Maria Felicidade**, que faleceu solteira em 1914.

13 — **Francisco de Abreu**, que faleceu solteiro em 1881.

13 — **D. Mariana Vitória**, que faleceu solteira.

13 — **José Maria de Abreu e Lima** (§ 11) c. g.

13 — **João Gomes de Abreu e Lima de Magalhães e Menezes**, sucessor e actual senhor das casas do Outeiro e Paço Vedro, nasceu a 26 de Janeiro de 1852 e casou com D. Maria Luisa Martins de Queirós Montenegro, que faleceu a 2 de Outubro de 1903, filha de Luís Martins da Costa e Araújo, snr. da casa de Minotes em Guimarães, Fid. Cav. da C. R., Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e de sua mulher D. Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro, do Marco de Canavezes. Filhos:

14 — **Gaspar de Abreu e Lima**, que se segue

14 — **Luís**, no Brasil.

14 — **João Gomes de Abreu e Lima**, capitão de infantaria, casado, s. g.

14 — **Gonçalo de Abreu e Lima**, casado com D. Maria Guilhermina de Abreu Maia, filha de Alípio de Abreu Pereira Maia e de sua

mulher D. Maria Isabel Fiusa de Matos, de Ponte do Lima.

14 — **D. Constança de Abreu e Lima** (§ 10) c. g.

14 — **D. Filomena**

14 — **D. Maria da Glória**

14 — **D. Mariana**

14 — **D. Maria Ramona**

14 — **D. Maria Manuela de Abreu e Lima**, viuva de António Pereira de Sá Sotomaior (Milhundos), bacharel formado em Direito, s. g.

14 — **Gaspar de Abreu e Lima**, formado em Direito, Deputado da Nação etc., casou, a 10 de Julho de 1907, com D. Maria do Carmo Peixoto Pereira de Vasconcelos Côrte Real, filha do Dr. António Pereira Pimentel de Brito Côrte Real, da casa da Lama, no Marco de Canavezes e de sua mulher D. Emília Peixoto Soares Pereira Côrte Real.

15 — **D. Maria Emília**, falecida.

15 — **D. Maria Luisa**

15 — **João Gomes**

15 — **D. Maria Constança**

15 — **D. Maria da Glória**

§ 10

14 — **D. Constança Vitória de Abreu e Lima**, filha de João Gomes de Abreu e Lima (§ 9) é viuva

de seu primo co-irmão, Damião Martins Pereira de Menezes, capitão de artilharia, cavaleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, ajudante do governador de Macau, etc. que faleceu em 1909, filho de José Martins de Queirós Montenegro, Fid. Cav. da C. R., snr. da casa de Minotes e de sua mulher D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes, snr. das casas da Pena em Braga e de S. Gens em Ramalde (Pôrto) etc.

15 — **D. Maria Luisa Martins Pereira de Menezes**, casada com seu primo co-irmão Augusto Ferreira Martins de Queirós.

15 — **D. Maria da Conceição**

15 — **D. Maria Constança**

§ 11

13 — **José Maria de Abreu e Lima**, filho de Gaspar de Abreu e Lima (§ 9), casou, em 1883, com D. Joaquina Maria da Conceição de Abreu e Lima, sua prima, filha herdeira de Rodrigo Luciano de Abreu e Lima, filha de Rodrigo Luciano de Abreu e Lima, Fid. da C. R., e de sua mulher e sobrinha D. Carlota Joaquina de Abreu e Lima, snr. da casa da Lage em Beiral do Lima e da Quinta de Nossa Senhora de Guadelupe em Souto de Rebordãos.

14 — **Rodrigo Luciano de Abreu e Lima**

- 14 — **Gaspar**, falecido.
- 14 — **Francisco**
- 14 — **Rui de Abreu e Lima**
- 14 — **D. Carlota Joaquina de Abreu e Lima**, que faleceu em 1923, tendo casado com Francisco Malheiro de Sousa e Menezes, filho de José Malheiro de Sousa e Menezes, snr. da casa da Fernandeira em Ponte do Lima e de sua mulher D. Mariana de Sousa Pereira Caldas Malheiro, snr.^a da casa do Rosal, em Monção; s. g.
- 14 — **D. Maria da Glória de Abreu e Lima**, casada com Manuel da Fonseca, formado em Direito e advogado em Paredes de Coura.

§ 12

12 — **Bruno António Cardoso de Menezes**, filho de D. Mariana Vitória de Queirós Camanho e Lencastré (§ 10), bacharel formado em Direito, administrador do concelho de Oliveira de Azemeis, nasceu a 29 de Janeiro de 1820 e casou duas vezes: a primeira, com D. Carlota Joaquina de Abreu e Lima, viuva de Rodrigo Luciano de Abreu e Lima; e a segunda, no Cartaxo, com D. Maria José Gomes Mayer, que faleceu, viuva, a 22 de Fevereiro de 1907.

13 -- **Fernão de Lencastre de Abreu e Lima**, que segue

13 — **D. Elisa Mayer**, casada com Carlos de Amaral Osório (Almeidinha), aspirante de alfândega em Lourenço Marques, filho dos Viscondes de Almeidinha.

13 — **Fernão de Lencastre de Abreu e Lima**, casou com D. Amélia de Sousa Carqueja, filha de Bento de Sousa Carqueja e de D. Maria Amélia Soares de Pinho de Sousa Carqueja.

14 — **D. Maria Antónia Carqueja de Abreu e Lima**

14 — **D. Virgínia de Abreu e Lima**

§ 13

11 — **D. Ana Rita de Queirós Camanho Lencastre**, filha de Joaquim de Queirós Camanho Coimbra de Vasconcelos (§ 8), casou com Jaime de Magalhães e Menezes, Fid. da C. R., snr. das casas da Torre de Vila Cova da Lixa e da Quintã em Santa Cruz de Riba Tâmega, filho de António de Magalhães e Menezes, snr. daquelas casas e de sua mulher D. Maria Tomasia Pinto de Mesquita Magalhães.

12 — **D. Maria José de Magalhães e Menezes de Lencastre**, que se segue

12 — **D. Margarida Efigénia de Lencastre Queirós Camanho e Menezes** (§ 17) c. g.

12 — **D. Maria José de Magalhães e Menezes de Lencastre**, herdeira da casa de seu pai, casou com seu tio paterno Joaquim de Magalhães e Menezes, Fid. da C. R., Coronel de Infantaria.

13 — **D. Maria Emília**, que nasceu em 1828

13 — **António de Magalhães e Menezes de Lencastre**, que segue

13 — **João de Magalhães**, alferes de caçadores.
Nasceu em 1833.

13 — **José Maria**. Nasceu a 16 de Setembro de 1835.

13 — **Luís Adriano de Magalhães e Lencastre** (§ 14) c. g.

13 — **Francisco de Magalhães e Menezes de Lencastre** (§ 16) c. g.

13 — **António de Magalhães e Menezes de Lencastre**, 1.º Barão da Torre de Vila Cova da Lixa (D. 25 de Novembro de 1852), Fid. da C. R., nasceu a 22 de Fevereiro de 1832, e casou, a 15 de Agosto de 1863, com D. Maria Ana Romana de Jesus Ferreira, que nasceu a 2 de Setembro de 1830 e faleceu a 20 de Outubro de 1898, filha de José António Dias Ferreira e de sua mulher D. Rosa Maria Durães. António de Magalhães faleceu a 5 de Agosto de 1901.
Foram seus filhos:

14 — **D. Maria José**. Nasceu a 24 de Maio de 1864.

14 — **D. Rosa Emília.** Nasceu a 15 de Outubro de 1865.

14 — **António de Magalhães e Menezes,** que segue

14 — **D. Maria Miquelina,** que nasceu a 11 de Fevereiro de 1868, casada com António de Vasconcelos Maia; s. g.

14 — **D. Maria das Dores de Magalhães e Menezes,** que nasceu a 3 de Fevereiro de 1873 e casou com João Augusto Pereira, s. g.

14 — **António de Magalhães e Menezes** nasceu a 23 de Janeiro de 1867 e casou com D. Maria da Glória Moreira Ferreira, filha de Tectónio Álvares Moreira Ferreira e de sua mulher D. Ana Ferreira de Mesquita, da Lixa, de quem teve:

15 — **Joaquim de Magalhães e Menezes**

15 — **D. Maria da Assunção**

15 — **Carlos**

15 — **Rogério**

§ 14

13 — **Luis Adriano de Magalhães e Lencastre,** filho de D. Maria José de Magalhães e Menezes (§ 13) do cons. de S. Mag., Juiz da Relação de Lisboa, Par do Reino electivo, Deputado da Nação, Moço Fid. da C. R., nasceu em 1835 e casou com D. Maria Eduarda Vasques da Cunha, filha herdeira dos 1.^{os} Viscondes de Maiorca. Faleceu em 1901.

14 — **D. Maria da Natividade de Magalhães Lencastre** (§ 15) c. g.

14 — **José Maria**, demente.

14 — **Francisco Xavier de Magalhães Lencastre Vasques da Cunha**, que se segue

14 — **Francisco Xavier de Magalhães Lencastre Vasques da Cunha**, 2.^o Visconde de Maiorca, casou, a 11 de Outubro de 1893, com D. Maria Ana Calheiros de Menezes, que nasceu a 29 de Outubro de 1871, filha única de D. Francisco Lopes Calheiros, sr. das casas de Novais e Cartemil s. g.

§ 15

14 — **D. Maria da Natividade de Magalhães e Lencastre Vasques da Cunha**, filha de Luís Adriano de Magalhães Lencastre (§ 14) é viuva do doutor José Bruno de Cabêdo de Almeida e Lencastre, Lente de Matemática na Universidade de Coimbra, filho dos 1.^{os} Marquezes de Reriz.

15 — **D. Maria das Dores Antónia José de Lencastre**, mulher do Dr. Goterres da Cunha de Almeida Eça.

§ 16

13 — **Francisco de Magalhães e Menezes Lencastre**, filho de D. Maria José de Magalhães e Menezes (§ 13) nasceu em 1837 e casou com D. Maria Amália de Mesquita e Vasconcelos, filha de Joaquim de Mesquita Queirós e Vasconcelos, da casa de Fundevila em S. Romão da Carvalhosa e de D. Maria do Carmo Pinto de Magalhães, da casa de Lamas, em Real.

14 — **Francisco Adriano de Magalhães Menezes de Lencastre**, que se segue

14 — **D. Maria José**

14 — **Francisco Adriano de Magalhães e Menezes de Lencastre** casou com D. Rosa Adelaide de Vasconcelos Teixeira de Carvalho, filha de José António de Melo Gaspar, da casa das Teixeiras em Travanca e de D. Emília Cândida Teixeira de Carvalho e Vasconcelos, da casa de Nogueira, em Travanca.

Tiveram:

15 — **D. Emília Adelaide**

15 — **Francisco Adriano**

15 — **Cristóvão Gaspar**

§ 17

12 — **D. Margarida Efigénia de Lencastre Queirós Camanho e Menezes**, filha de D. Ana Rita de Queirós Camanho e Lencastre (§ 13) nasceu a 22 de Setembro de 1809 e casou, a 22 de Setembro de 1830, com Cristóvão de Almeida Soares de Barros Gavião, snr. das casas de Alentem em Unhão, do Robalde em Idães, da Cruz de Real em Mancelos, Amarante, de Josim, em Ponte do Lima e Guilhaderes nos Arcos etc., tenente de voluntários realistas de Penafiel, Fid. da C. R., que nasceu a 16 de Junho de 1808 e faleceu em Janeiro de 1862. Filhos:

13 — **Miguel** que faleceu joven.

13 — **D. Carlota Joaquina** (§ 21) c. g.

13 — **António Barreto de Almeida Soares de Lencastre**, que segue

13 — **João de Almeida Soares de Lencastre**, Fid. da C. R., nasceu a 4 de Março de 1837 e faleceu solteiro em 1893, em Vila Boa do Bispo.

13 — **Bernardo Pinto de Almeida Soares de Lencastre** (§ 19) c. g.

13 — **Luís Pinto de Almeida Soares** (§ 20) c. g.

13 — **António Barreto de Almeida Soares de Lencastre**, sucessor, formado em Direito, Fid. da C. R., 1.º Visconde e 1.º Conde de Alentem, Deputado

da Nação, Governador Civil de Viana do Castelo, nasceu a 14 de Julho de 1835 e faleceu em 1897, tendo casado, a 29 de Maio de 1859, com D. Carolina Cândida Pita Malheiro, que nasceu a 23 de Março de 1835, filha de João Pinto de Sousa Freire e de sua mulher D. Maria Rita Malheiro Freire, snrs. da casa da Costilha.

Filhos:

14 — **D. Maria Margarida**, religiosa em Vizeu, nasceu a 12 de Abril de 1861.

14 — **Cristóvão de Almeida Soares de Lencastre**, 2.º Conde de Alentem, que nasceu a 7 de Março de 1862 e faleceu solteiro.

14 — **D. Laura Augusta Malheiro de Almeida e Lencastre** (§ 18) c. g.

14 — **António Barreto de Almeida Soares de Lencastre**, que segue

14 — **António Barreto de Almeida Soares de Lencastre**, formado em Direito, snr. da casa da Cruz em Real, herdou a casa de Alentem por morte de seu irmão Cristóvão. Casou com D. Maria Carolina de Albuquerque do Amaral Cardoso, filha de Sebastião de Albuquerque do Amaral Cardoso, snr. da casa de Vila Boa de Quires e de D. Maria Eduarda Rui do Amaral Coutinho, da casa de Dalvaes na Beira. É o 3.º conde de Alentem.

15 — **D. Maria Eduarda** nasceu a 3 de Novembro de 1900 e casou, a 9 de Novembro de 1921,

com Tomás Augusto Salgueiro Fragoso, capitão de cavalaria, governador civil de Bragança etc.

- 15 — **Luís de Faria**, que nasceu a 19 de Novembro de 1905 e faleceu, solteiro, em 1926.

§ 18

14 — **D. Laura Augusta Malheiro de Almeida e Lencastre**, filha do 1.º conde de Alentem (§ 17) nasceu a 25 de Outubro de 1864 e casou com seu primo segundo Cristóvão de Almeida Soares Peixoto, filho e sucessor de Luís Pinto Soares de Almeida e de sua mulher D. Mariana Júlia Peixoto de Sousa Vilas Boas, senhores da casa de Barrimau, em Lousada.

15 — **D. Maria das Dores** nasceu a 16 de Maio de 1888. Falecida

15 — **Luís** nasceu a 7 de Dezembro de 1889.

15 — **José** nasceu a 9 de Fevereiro de 1892. Falecido

15 — **António** nasceu a 27 de Dezembro de 1893. Falecido.

15 — **D. Maria Carolina**, nascida a 28 de Novembro de 1895 e casada com Henrique de Castro Neves Pereira Leite, snr. da casa do Carregal; c. g.

§ 19

13 — **Bernardo Pinto de Almeida Soares de Lencastre**, Fid. da C. R., (§ 17) nasceu a 26 de Outubro de 1839 e faleceu a 4 de Novembro de 1895, tendo casado com D. Maria Amélia Teixeira Leite, que nasceu a 29 de Outubro de 1852, filha de Jacinto Teixeira Leite, médico, e de sua mulher D. Umbelina Máxima Leite Soares.

Filhos:

14 — **Cristóvão de Lencastre** nasceu a 6 de Dezembro de 1876.

14 — **Bento** nasceu a 14 de Março de 1878.

14 — **D. Maria das Dores** nasceu a 17 de Fevereiro de 1884.

§ 20

13 — **Luís Pinto de Almeida Soares**, Fid. da C. R., filho de D. Maria Efigénia de Lencastre Queirós Camanho e Menezes (§ 17, n.º 12) nasceu a 11 de Março de 1846 e faleceu em 1927, tendo casado com D. Ana Rita Barbosa, de quem teve:

14 — **Luís de Faria e Lencastre**, que segue

14 — **Luís de Faria e Lencastre** nasceu a 14 de Dezembro de 1887 e casou, em 1914, com sua prima

D. Maria Amélia de Magalhães Lencastre (§ 23, n.º 15)
de quem teve:

15 — **D. Laura**

15 — **António**

• 15 — **D. Maria Manuela**

15 — **José Luís**

15 — **D. Maria de Lourdes**

§ 21

13 — **D. Carlota Joaquina de Almeida e Lencastre**, filha de D. Maria Efigénia de Lencastre Queirós Camanho e Menezes (§ 17, n.º 12) nasceu a 22 de Outubro de 1833 e faleceu a 15 de Janeiro de 1922, tendo casado com Augusto Antero de Madureira, bacharel formado em Direito, comissário geral de polícia civil do Pôrto, oficial do govêrno civil dêsse distrito etc. que nasceu a 18 de Março de 1832 e faleceu em 1896, filho e sucessor de José Pedro de Madureira, snr. da casa do Beiral, no Marco de Canavezes, e de sua mulher D. Francisca Felismina Teixeira de Melo. Foram seus filhos:

14 — **D. Margarida Augusta**, falecida solteira

14 — **D. Maria Augusta das Dores Madureira de Lencastre**, que segue

14 — **José Augusto de Madureira e Lencastre**, que nasceu a 29 de Outubro de 1866 e fa-

leceu, demente, em 1905, no Asilo do Conde de Ferreira.

14 — **D. Beatriz de Almeida e Lencastre** (§ 22)

c. g.

14 — **D. Carolina**, que faleceu solteira.

14 — **Cristóvão**, que faleceu solteiro.

14 — **D. Laura de Madureira e Lencastre** (§ 23)

c. g.

14 — **João de Madureira e Lencastre**, no Brasil.

14 — **D. Maria Augusta das Dores Madureira de Lencastre** nasceu a 29 de Junho de 1865 e casou com Joaquim de Almeida Novais, bacharel formado em Direito e Juiz Auditor do Ministério da Fazenda, filho do Doutor António de Almeida Novais, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

Filhos:

15 — **D. Maria Carlota de Lencastre Madureira**

Novais, que nasceu a 27 de Novembro de 1890 e casou, a 6 de Fevereiro de 1918, com seu tio António de Almeida Novais, chefe de repartição no Ministério das Colónias.

15 — **D. Maria Margarida de Lencastre Novais**.

Nasceu a 24 de Julho de 1893.

15 — **António de Lencastre Madureira de Almeida Novais**, que nasceu a 12 de Maio de 1895 e faleceu a 29 de Maio de 1905.

§ 22

14 — **D. Beatriz de Madureira e Lencastre**, filha de D. Carlota Joaquina de Almeida e Lencastre (§ 21, n.º 13) casou duas vezes: da primeira, com Alfredo Soares de Ancede, 3.º Barão de Ancede, que nasceu a 25 de Outubro de 1864 e faleceu a 1 de Setembro de 1902; e da segunda, em 1907, com António Carneiro Pinto.

Filhos:

Do primeiro matrimónio

15 — **Frederico Soares de Ancede**, que nasceu a 11 de Novembro de 1889 e casou, em 1919, com D. Maria Angélica de Artayette Magalhães.

15 — **D. Beatriz**, que nasceu a 28 de Janeiro de 1893 e faleceu solteira.

15 — **D. Clementina**, que nasceu a 14 de Junho de 1892 e casou com António Geraldo Guimarães Kounlsman.

Do segundo matrimónio

15 — **Luis**

15 — **António**

§ 23

14 — **D. Laura de Madureira e Lencastre**, filha de D. Carlota Joaquina de Almeida e Lencastre (§ 21, n.º 13) nasceu a 22 de Abril de 1873 e casou, a 18 de Julho de 1895, com António Correa de Magalhães Ribeiro, engenheiro civil, que faleceu a 30 de Janeiro de 1929, filho do 1.º Visconde da Gândara.

Tiveram :

15 — **D. Maria Amélia de Magalhães Lencastre**, que nasceu a 19 de Abril de 1896 e casou com seu primo Luís de Faria e Lencastre (§ 20, n.º 14) c. g.

15 — **Augusto António de Lencastre Magalhães**, engenheiro electro-técnico, que nasceu a 2 de Janeiro de 1898.

§ 24

11 — **D. Arcângela Angélica de Queirós e Vasconcelos Camanho e Lencastre**, filha de Joaquim de Queirós Camanho Coimbra e Vasconcelos (§ 14) casou, em 1811, com Joaquim Pereira de Menezes Sotomaior, Coronel de Milícias de Penafiel, Comendador de S. Bento de Aviz, Fid. da C. R., snr. da casa de Cabanelas em S. Miguel de Bustelo (Penafiel).

- 12 — **Rodrigo Pereira Sotomaior e Menezes**,
que segue
- 12 — **Luís**, formado em Direito e falecido solteiro
- 12 — **D. Mariana**, solteira.
- 12 — **D. Ana de Menezes e Lencastre** (§ 28) c. g.
- 12 — **D. Carlota Adelaide de Lencastre e Menezes** (§ 32) c. g.
- 12 — **João Eduardo de Lencastre Sotomaior e Menezes**, general de Divisão, casado com D. Henriqueta da Silva e Menezes, da casa da Fábrica, no Pôrto; s. g.
- 12 — **Rodrigo Pereira Sotomaior e Menezes**, sucessor, casou com D. Rosa Clara Soares de Moura, que faleceu em 1905, filha do Dr. António Pinto Coelho Soares Moura, snr. da casa da Lama em Lodaes (Lousada) de quem teve:
- 13 — **Joaquim Pereira Sotomaior**, que segue
- 13 — **D. Margarida**, casada com Manuel Monteiro Taveira Brandão, snr. da casa da Pousada; em Amarante; s. g.
- 13 — **António Afonso Pereira Sotomaior** (§ 26) c. g.
- 13 — **Luís Pereira Sotomaior** (§ 27) c. g.
- 13 — **Joaquim Pereira Sotomaior de Lencastre e Menezes**, sucessor, casou, em Paços de Ferreira, com D. Silvana Ferreira Neto de Meireles Freire, filha de José Ferreira Neto e de D. Maria de Meireles Freire. Filhos:

14 — **Rodrigo Pereira Sotomaior**, que segue

14 — **D. Maria Augusta Ferreira Neto Sotomaior**,
que nasceu a 18 de Agosto de 1884 e casou,
a 24 de Maio de 1905, com seu primo Ma-
nuel Neto de Freitas e Vasconcelos, snr. da
casa do Reguengo, em Paços de Ferreira.
Passou a segundas núpcias com Manuel Fer-
nandes Pôrto Júnior.

14 — **José Joaquim Pereira Sotomaior** (§ 25) c. g.

14 — **Rodrigo Pereira Sotomaior e Menezes**
nasceu a 27 de Outubro de 1884 e casou com
D. Laura Cândida Soares de Moura. Filhos:

15 — **D. Alcina**

15 — **D. Maria Cândida**

15 — **D. Engrácia**

15 — **D. Silvana**

15 — **Joaquim**

15 — **José**

§ 25

14 — **José Joaquim Pereira de Sotomaior e Menezes**, snr. da casa de Cabanelas, filho de Joaquim António Sotomaior (§ 24, n.º 13) nasceu a 28 de Fevereiro de 1890 e casou com D. Lídia da Assunção de Sousa Donas Boto. Filhos:

15 — **D. Clotilde Maria**

15 — **D. Maria Benedita**

15 — **Joaquim**

§ 26

13 — **António Afonso Pereira Sotomaior de Lencastre e Menezes**, filho de Rodrigo Pereira Sotomaior (§ 24, n.º 12) casou com sua prima D. Adelaide Sofia Soares de Moura, filha de António Manuel Pinto Coelho Soares de Moura, bacharel formado em Direito, snr. da casa da Lama, em Lousada, e de sua mulher D. Ana de Magalhães e Menezes, da casa do Vilar em Santa Marinha de Lousada. Teve filhos:

14 — **Rodrigo**, falecido.

14 — **Luís Pereira de Lencastre e Menezes**, bacharel formado em Direito, Notário em Torres Vedras e casado com D. Maria Soares Andréa.

14 — **D. Rosa Clara de Lencastre Soares de Moura e Menezes**, viuva de João de Vasconcelos Carneiro de Menezes, que nasceu a 20 de Outubro de 1881 e faleceu a 24 de Julho de 1905, filho de João de Vasconcelos Carneiro de Menezes, snr. das casas da Quintã e Souto no Marco de Canavezes; s. g.

§ 27

13 — **Luis Pereira de Menezes Sotomaior e Lencastre**, recebedor do concelho de Lousada, filho de Rodrigo Pereira Sotomaior (§ 24, n.º 12) casou com D. Maria do Carmo de Vasconcelos Carvalho e Menezes, filho de António de Vasconcelos de Carvalho, Fid. da C. R., snr. da casa do Carvalho em Real (Amarante) e de D. Inês Virgínia da Costa Pereira Peixoto, da casa da Portela, de quem tem:

14 — **D. Maria do Carmo**, casada com João Pereira Teixeira de Vasconcelos, da casa de Pascoais, em Amarante.

14 — **Rodrigo Pereira Sotomaior de Lencastre**.

§ 28

12 — **D. Ana de Menezes e Lencastre**, filha de D. Arcângela Angélica de Queirós Lencastre (§ 24, n.º 11) casou com Rodrigo Augusto Teixeira de Azevedo Monterroio, snr. da casa de Vila Nova em Castelões, filho de Bernardo António Teixeira de Azevedo Monterroio. Filhos:

13 — **Bernardo Augusto Teixeira de Lencastre**, que segue

- 13 — **Miguel Teixeira de Menezes Lencastre**
(§ 30) c. g.
- 13 — **Joaquim**, que faleceu solteiro.
- 13 — **Ernesto Teixeira de Lencastre** (§ 31) c. g.
- 13 — **João de Lencastre**, tenente de caçadores,
falecido, solteiro, na campanha do Bonga.
- 13 — **D. Maria José**, viuva de Júlio César Pi-
mentel Perdigão, oficial de infantaria; s. g.
- 13 — **D. Maria da Piedade Teixeira de Len-
castre e Menezes**, mulher de António de
Miranda, c. g.
- 13 — **Bernardo Augusto Teixeira de Lencastre
Sotomaior e Menezes**, sucessor, casou com D. Maria
Teresa Garcês Pinto de Madureira, que nasceu a 23
de Outubro de 1838, filha dos 1.^{os} Barões da Várzea
do Douro, de quem teve:
- 14 — **Rodrigo Garcês de Lencastre**, que segue
- 14 — **D. Henriqueta Garcês de Lencastre**, ca-
sada com Alfredo Cardoso de Castro s. g.
- 14 — **Adriano Garcês de Lencastre**, (§ 29) c. g.
- 14 — **Alberto Lencastre**, que faleceu, solteiro, a
18 de Dezembro de 1906.
- 14 — **Rodrigo Garcês de Lencastre e Menezes**
casou com D. Laura Alves Pôrto, viuva de Eduardo
Alves e teve:
- 15 — **D. Maria Teresa**
- 15 — **Manuel**
- 15 — **Júlio**

§ 29

14 — **Adriano Garcês de Lencastre**, filho de Bernardo Teixeira de Lencastre (§ 28, n.º 13) é casado com D. Olga Pinto Basto, de quem tem :

15 — **D. Maria Alice**

15 — **Bernardo António.**

§ 30

13 — **Miguel Teixeira de Menezes Lencastre**, filho de D. Ana de Menezes Lencastre (§ 28, n.º 12), faleceu em 1911, tendo casado com D. Henriqueta Garcês Pinto de Madureira, irmã de suas cunhadas, filha do 1.º Barão da Várzea do Douro.

14 — **Antão Garcês de Menezes Lencastre**, solteiro.

14 — **D. Ana Garcês de Lencastre**, mulher de José M. Corrêa Viana, de quem teve :

15 — **D. Maria José**

14 — **D. Maria Augusta Garcês de Menezes Lencastre**, que faleceu a 5 de Abril de 1909, casada com Carlos da Mota Ribeiro; c. g.

14 — **António Garcês de Lencastre**, que segue

14 — **Alberto Garcês de Lencastre**, solteiro.

14 — **António Garcês de Lencastre** casou com

D. Elvira Cardoso de Castro, de quem teve uma filha:

15 — **D. Maria Eduarda.**

§ 31

13 — **Ernesto Teixeira de Lencastre e Menezes**, coronel médico, filho de D. Ana de Menezes Lencastre (§ 28), casou com D. Leopoldina Garcês Pinto de Madureira, que nasceu a 2 de Outubro de 1841, filha dos 1.^{os} Barões da Várzea, e irmã de suas cunhadas.

14 — **D. Maria Teresa**, m. m.

14 — **Ernesto**, m. m.

14 — **D. Maria Teresa**, solteira.

14 — **Ernesto de Lencastre**, oficial do exército, casado com D. Maria da Glória Cirne; s. g.

14 — **Júlio Garcês de Lencastre.**

§ 32

12 — **D. Carlota Adelaide de Lencastre e Menezes**, filha de D. Arcângela Angélica de Queirós Vasconcelos e Lencastre (§ 24, n.º 11), casou com José Feliciano Vaz Pinto Barbosa da Veiga, bacharel formado em Direito, filho de Manuel Francisco Leal Pinto da Veiga, snr. da casa da Fôlha em Penafiel e de sua mulher D. Maria da Conceição José Moreira.

13 — **Alfredo Vaz Pinto da Veiga**, Lente da Escola do exército.

13 — **D. Maria Teresa da Veiga Lencastre Sotomaior**, que segue

13 — **José Eduardo de Lencastre e Veiga**, capitão de Artilharia, que faleceu solteiro.

13 — **D. Beatriz da Veiga Lencastre e Menezes**.

13 — **Basilio Alberto de Lencastre e Veiga**, formado em Direito, juiz do S. Tribunal de Justiça.

13 — **D. Maria Teresa da Veiga Lencastre Sotomaior** casou com Luís Zeferino Carneiro de Vasconcelos de Melo Cabral, 3.º Barão das Lages, filho e sucessor de Luís Venâncio Carneiro de Vasconcelos, do conselho de S. Magestade, Fidalgo de Cota de Armas etc. e de sua mulher D. Ana Benedita Teixeira Cirne Cabral da Mesquita, da casa das Lages em Penafiel.

Filho único :

14 — **Luis de Lencastre**, que segue :

14 — **Luis de Lencastre Carneiro de Vasconcelos Melo Cabral**, bacharel formado em Direito, 4.º Barão das Lages, casou, a 14 de Janeiro de 1905, com D. Maria Júlia Ancede Ferreira Girão, que nasceu a 9 de Março de 1884, filha herdeira dos 3.ºs Viscondes de Vilarinho de S. Romão, de quem teve :

15 — **Francisco José Carneiro de Vasconcelos**.

15 — **D. Maria Adelaide**.

TITULO II

SENHORES DONATÁRIOS DE S. JOÃO DE REI E TERRAS DE BOURO

§ 1

El-rei D. João 1.^o confirmou a Lopo Dias de Azevedo, seu vassalo (filho de Diogo Gonçalves de Azevedo, snr. da Casa de Crasto, em Carrazedo, no antigo concelho de Entre Homem e Cávado, e de sua mulher Aldonça Coelho, a quem aquele monarca, sendo ela viuva, concedeu o couto de Souto, que D. Afonso 3.^o havia coutado, em 1254, a João Soares Coelho) as terras que, como Regedor dos reinos, lhe havia dado «por cartas e sem cartas.» (1)

(1) João Afonso de Beça, fidalgo castelhano, passou a Portugal, servindo el-rei D. Fernando contra D. Henrique de Castela e, na paz celebrada por intervenção do cardeal de Bolonha, foi um dos vinte e cinco a quem foi permitido ficar em Portugal. Partiu para

A carta de doação, ou confirmação, vai na terceira parte dêste livro. Dela consta que Lopo Dias de Azevedo abandonara seus bens para servir o Mestre de Aviz, no cêrco de Lisboa, e em todas as guerras, achando-se com êle na *batalha*, e que nada lhe pedira, nem requerera.

El-rei fez-lhe «livre e pura doação entre vivos valedoura para todo sempre para êle e seus descendentes lidimos» das terras de Aguiar de Pena, Jales, S. João de Rei e Terras de Bouro, com todas suas rendas, direitos, foros, prois e tributos e com todas suas jurisdições civeis e crimes, mero e mixto impe-

Inglaterra, mas para cá voltou na companhia do conde de Cambridge, ficando desde então ao serviço de D. João 1.º que, por carta de 2 de Fevereiro de 1384, lhe deu várias terras, entre as quais se comprehendia S. João de Rei. Pouco depois, seduzido pelas promessas de Castela, pretendeu matar o rei português e fugiu para a sua pátria evitando o castigo da traição. D. João 1.º tirou-lhe logo as terras que lhe havia dado, e delas fez mercê a Lopo Dias de Azevedo, por carta dada em Lisboa a 15 de Setembro do mesmo ano. Lopo Dias de Azevedo já tinha o senhorio de Aguiar de Pena e de Jales, de que o Mestre de Aviz lhe havia feito mercê, por carta de 13 de Dezembro de 1386; mas o voluvel monarca, depois do cêrco de Guimarães, fez mercê dessas terras a Aires Gomes da Silva e a Rui Gomes, seu filho, esquecendo os relevantes serviços de Lopo Dias de Azevedo! A surpresa agravou a ingratidão, e Lopo Dias de Azevedo que prestara relevantes serviços e que fôra um dos seus aclamadores nas côrtes de Coimbra, não ocultou a sua legítima

rio.» Resalvava as alçadas e a correição anual para a corôa, mas os donatários podiam pôr ouvidor e dêle apelar e agravar para o Rei e apresentar e dar as igrejas, daquelas terras de que o doador era padroeiro.

Esta carta, assinada por D. João 1.º «*no Arreal de sobre Melgaço*», tem a data de 8 de Fevereiro de 1388 (era de 1426).

queixa. D. João 1.º arrependeu-se e restituiu as terras ao leal e valeroso cavaleiro de Aljubarrota, que nada lhe pedira, nem requerera.

Aldonça Coelho era filha de João Coelho, que venceu a batalha campal a Paio de Meira, e de sua mulher D. Joana Pires de Alvim; neta de Estevão Coelho e de sua mulher D. Maria Mendes da Silva, que fundou em 1345 o Mosteiro de S. Domingos (Corpus Christi) do Pôrto, onde jaz; bisneta de Pedro Anes Coelho, Meirinho mór da Beira e de sua mulher D. Margarida Esteves Teixeira; e terceira neta de João Soares Coelho, guarda mór de D. Afonso III, que lhe coutou a sua quinta do Souto da Ribeira do Homem, em 1254, e de sua mulher D. Maria Fernandes Dordia, natural de Galisa. João Coelho, pai de Aldonça Coelho, perdeu o couto do Souto por ser irmão de Pedro Coelho, conselheiro de D. Afonso IV, que interveio na morte de D. Inês de Castro. D. Pedro I mandou matar Pedro Coelho, mas êste, antes de lhe ser arrancado o coração, disse que el-Rei havia de achá-lo tão forte como o do touro e tão leal como o do cavallo.

Aldonça Coelho, dona viuva de Diogo Gonçalves de Azevedo, foi metida na posse da jurisdição do Couto de Badim, por Lopo Gomes de Lira, Meirinho mór de Entre Douro e Minho, em cumprimento da carta del Rei D. Fernando de 10 de Outubro de 1377. Por carta, dada em Évora a 18 de Março de 1391, D. João 1.º confirmou a Aldonça Coelho o couto do Souto, que D. Pedro 1.º havia devassado e tirado a seu pai.

Na impossibilidade de fazer aqui a história genealógica da grande casa dos Azevedos, senhores de S. João de Rei e Terras de Bouro, limito-me a registar a serie dêsses donatários:

1.º — **Lopo Dias de Azevedo**, alcaide mór de Lindoso (C. R. 1-VIII-1376), armado cavaleiro na batalha de Aljubarrota, casado com Joana Gomes da Silva, filha de Gonçalo Gomes da Silva, snr. de Vagos e de sua mulher Leonor Gonçalves Coutinho. Sucedeu-lhe seu filho primogénito.

2.º — **João Lopes de Azevedo**, Comendador da Ordem de Cristo, Embaixador ao Papa Eugénio IV, que serviu em Ceuta muitos anos e esteve nos seus dois cercos. Casou com Leonor Leitão, filha de Vasco Martins Leitão, Alcaide mór de Portalegre e de Castelo Mendo e de sua segunda mulher Inês Pimentel, snr.ª da Torre da Silveira. D. Afonso V, por carta de 23 de Julho de 1440, privilegiou os caseiros e amos de Leonor Leitão, mulher que foi de João Lopes de Azevedo, seu criado. Nesse documento, D. Afonso V refere-se à carta del-rei D. João 1.º, seu avô. Foi seu filho primogénito e immediato sucessor:

3.º — **Diogo Lopes de Azevedo**, que viveu no Paço de S. João de Rei e em Santiago de Soutelo (Aguiar da Pena), com sua mulher Catarina Lopes, filha de Martim Gonçalves Carvalhal e de sua mulher D. Violante Pereira, irmã do santo condestavel D. Nuno Álvares Pereira. Leonor Leitão teve grande

desgosto com o casamento dêste seu filho, chegando a amaldiçoar sua descendência. Porque? Não sei.

Os senhorios de S. João de Rei e de Terras de Bouro abrangiam, nos termos da doação régia, os padroados das igrejas de S. João de Rei, Santa Marinha de Chorense e S. João do Campo.

D. Afonso v apresentou, nesta última igreja, Álvaro Gonçalves, capelão da rainha, sua mulher, mas Diogo Lopes de Azevedo protestou. O rei, reconhecendo o direito do reclamante, pediu a Diogo Lopes de Azevedo que desse, como deu, seu consentimento àquela apresentação. Tudo isto consta da carta de 20 de Abril de 1442, dada em seu nome por autoridade do infante D. Pedro, tutor e curador del-rei.

Diogo Lopes de Azevedo passou a segundas núpcias com Inês Pereira, filha de Gonçalo Rodrigues de Abreu, Alcaide mór de Elvas e de sua mulher Teresa Tavares Pereira, irmã do santo condestavel.

Sucedeu na casa seu filho do primeiro matrimónio :

4.º — **Diogo de Azevedo**, que havia recebido ordens menores em 1452. Foi Cavaleiro Fidalgo (1462) e do Conselho del-Rei e foi casado com D. Maria da Cunha (filha de Fernão Coutinho, snr. de Celorico de Basto, Montelongo etc. e de sua mulher D. Maria da Cunha) a quem prometeu em arras duas mil dobras de oiro, a que obrigou os bens próprios e os da corôa, por escritura outorgada, no Pôrto, a 10 de Fe-

vereiro de 1466. Passou a segundas núpcias com D. Leonor de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, Alcaide mór de Castelo de Vide; s. g.

Apresentou João Aires Ramos na igreja de S. João de Rei, vaga pela renúncia de Martim Anes, e Vicente Anes na igreja de S. João do Campo. Estas apresentações foram respectivamente confirmadas, a 8 de Março de 1487 e a 13 de Maio de 1497, pelo arcebispo D. Jorge da Costa. Em 1499, apresentou na igreja de S. João do Campo António de Azevedo, seu filho. Por alvará, assinado por sua mão a 31 de Maio de 1497, apresentou em S. João de Rei, João Anes, abade de Rande, que foi confirmado a 22 de Junho do mesmo ano. Herdou a casa seu filho:

5.º — **Diogo Lopes de Azevedo**, casado com D. Leonor de Menezes, filha de Henrique de Sá de Menezes, snr. de Sever, Matosinhos etc. e de sua segunda mulher D. Brites de Menezes, da casa de Cantanhede. Parece que passou a segundas núpcias, mas não houve filhos nem do primeiro nem do segundo matrimónio. Era tresloucado e brigão, e tantos crimes praticou que foram confiscados seus bens. Os senhores de S. João de Rei, de Terras de Bouro e de Aguiar de Penas voltaram à corôa.

Manuel de Sousa e Silva refere no seu nobiliário êsses crimes, que outros denominam desmandos ou excessos filhos das manias que tinha. Deu uma cutilada no rosto de D. Leonor de Menezes, sua mulher;

tomou à ponte de Caldelas uma donzela do povo que vinha com o noivo da igreja onde se haviam casado; e matou um padre que estava no altar a dizer missa.

Morreu contrito em Roma.

Diogo Lopes de Azevedo já era senhor da casa em 1505, porque, nesse ano, apresentou, como senhor de Aguiar da Pena, Gonçalo Gil, na igreja de S. Martinho de Barroso.

6.º — **Os senhorios de S. João de Rei e de Terras de Bouro** passaram à corôa e foram dados ao infante D. Luís, com os respectivos padroados, jurisdições e data dos tabeliães, devendo os juizes *chamar-se por elle*.

7.º — **Pedro Lopes de Azevedo**, irmão de Diogo Lopes de Azevedo e seu immediato sucessor, prestou tão relevantes serviços ao inclito infante que este lhe fez, por carta, doação destes senhorios, como consta da doação feita a seu filho António de Azevedo.

Pedro Lopes de Azevedo, Fid. da Casa Real com 15:000 reis de tença (1473) serviu em Arzila, onde casou com D. Maria Ribeiro, filha de Diogo Fernandes, escrivão dos coutos daquela praça. Morreu gloriosamente no escalamento de Arzila, no dia 15 de Outubro de 1519, sem tomar posse das terras que lhe doou o infante D. Luís. D. João III, por carta de 26 de Fevereiro de 1521, mandou a Fernão Álvares que desse a D. Maria, viuva de Pedro Lopes de Azevedo,

40:000 reis que lhe havia mandado dar no ano anterior, para a criação de seu filho Francisco de Azevedo, ainda menor.

8.º — **António de Azevedo Coutinho** (filho do anterior) a quem o infante D. Luís «de praser e com consentimento del-rei» fez doação em sua vida, de S. João de Rei e Terras de Bouro com tôda a jurisdição, com reserva dos padroados (1) a 18 de Abril de 1520. A confirmação régia tem a mesma data. Foi Escudeiro Fidalgo da Casa del-rei D. João 3.º, que lhe fez nova confirmação daquelas terras, a 29 de Agosto de 1542.

Por sentença de 8 de Julho de 1552, foi reconhecido que lhe pertencia a data dos tabeliães dos concelhos de que era donatário, ordenando-se. que os juizes ordinários se chamassem por êle.

Teve a comenda de Coucieiro na Ordem de Cristo, foi Fidalgo do conselho del-rei D. Sebastião e casou com D. Maior da Cunha (filha de Sisto da Cunha (2) comendatário do Mosteiro de Santa Maria de Oliveira (Barcelos) e de Maria de Araújo, ainda solteira, snr.ª da Quinta das Cónegas em Braga) per-

(1) O Infante D. Luís apresentou na igreja de S. João de Rei, o abade Rodrigo Afonso, que foi confirmado pelo arcebispo cardeal D. Henrique, a 20 de Outubro de 1535.

(2) Justificou sua nobre ascendência em 1524 e viveu em Braga «com três e quatro homens de cavalo e muitos de pé e com muito grande casa como homem fidalgo que era.»

filhada por seus pais e legitimada por carta régia de 1 de Abril de 1516.

9.º — **Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho**, filho do anterior, foi Fidalgo da casa del-rei D. Sebastião que, por alvará de lembrança (que Vasco Fernandes Coutinho devia guardar em segredo) lhe fez mercê, por falecimento de seu pai, dos concelhos, coutos, terras, rendas, foros e direitos de S. João de Rei e Terras de Bouro, em dias de sua vida sòmente, como os tinha seu pai António de Azevedo, não obstante a provisão régia para, à morte dêste, irem ao Infante D. Duarte, seu tio, por êle consentir (Alvará de 12 de Agosto de 1573).

Êste alvará, que se refere aos bons serviços prestados por Vasco Fernandes de Azevedo nas partes da Índia, onde morreram, servindo lealmente, seus irmãos Pedro Lopes de Azevedo, Francisco de Azevedo, Diogo de Azevedo e Lopo Dias de Azevedo e aos serviços de seu pai António de Azevedo, tem uma apostilha, datada de 4 de Abril de 1579 e firmada pelo cardeal Rei D. Henrique, mandando que se cumpra e que se faça a doação.

Vasco Fernandes de Azevedo, Fidalgo da casa del-rei D. Henrique, tendo falecido seu pai, apresentou êste alvará e foi-lhe passada, sem dificuldade, a 20 de Maio de 1579, a carta de doação de S. João de Rei e de Terras de Bouro.

El-rei D. Filipe 1.º, havendo respeito aos serviços

de Vasco Fernandes de Azevedo, Fidalgo da sua casa, fez-lhe mercê para, ao seu falecimento ficarem a seu filho mais velho, varão lídimo, que à hora da sua morte se achasse, os concelhos de S. João de Rei e Terras de Bouro, que os haveria e possuiria em sua vida sòmente, como se declara no alvará de lembrança de 26 de Setembro de 1581.

Êste monarca confirmou, a seu pedido, a doação de S. João de Rei e de Terras de Bouro, feitas pelo cardeal rei D. Henrique.

Atendendo aos seus serviços, D. Filipe 1.º, por alvará de 4 de Outubro de 1601, fez-lhe doação, por mais uma vida, das terras da corôa de que era donatário. Vasco Fernandes de Azevedo casou, em Lisboa, com D. Jerónima Coronel, filha do Dr. Leonardo Nunes Coronel, Físico mór del-rei D. João III e de sua mulher D. Isabel da Fonseca. Faleceu, no Paço de S. João de Rei, a 9 de Março de 1612. Sucedeu na casa seu filho:

10.º — **Diogo de Azevedo Coutinho**, casado com D. Brites da Silva e Menezes, snr.^a da casa da Tapada. T. 1.º, pág. 185. Os donatários imediatos são os senhores da Casa da Tapada.

11.º — **Vasco de Azevedo Coutinho**, casado com D. Maria Inácia Coutinho. Pág. 187.

12.º — **Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho**, casado com D. Maria Manuel de Mosquera Sotomaior. Pág. 193.

13.º — **Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho**, casado com D. Bárbara Micaela Xavier de Ataíde Menezes e Cunha. Pág. 201.

Foi o último snr. de S. João de Rei e Terras de Bouro. (1)

§ 2

A primogenitura de João Lopes de Azevedo afirmada nos nobiliários quinhentistas (entre os quais se conta o escrito por D. António de Lima — seu bisneto) foi, no século XVIII, impugnada por alguns genealogistas acreditados, como José Freire de Montarroio Mascarenhas, que afirma que o filho mais velho do grande Lopo Dias de Azevedo, foi Martim Lopes de Azevedo. Felgueiras Gajo, cujo nobiliário se conserva na Misericórdia de Barcelos, segue Montarroio e concede a João Lopes de Azevedo o quarto lugar na serie dos filhos varões do 1.º snr. de S. João de Rei e Terras de Bouro!

(1) Passados anos, extinta a jurisdição dos donatários (Lei de 19 de Junho de 1790) o senhorio de S. João de Rei, meramente honorífico, foi concedido, por decreto de 9 de Agosto de 1807, a Matias António de Sousa Lobato que, mais tarde, teve os títulos de Barão e Visconde de Majé.

Sucedeu-lhe na mercê do senhorio de S. João de Rei seu filho Joaquim José de Sousa Lobato, 2.º Visconde de Majé.

Montarroi, Felgueira Gajo e outros linhagistas mais ou menos respeitáveis, fundaram-se na sentença alcançada por Martim Lopes de Azevedo (neto do suposto primogénito) em 30 de Agosto de 1533; e na inscrição gravada em 1536 na Torre da casa solar dos Azevedos.

O meu bom amigo e prezado parente Conde de Azevedo, actual senhor e digno representante da casa solar dos Azevedos, no seu valioso e apreciado livro *Cartas Ineditas de Camilo Castelo Branco ao 1.º Conde de Azevedo*, perfilha essa opinião, e reproduz, a páginas 218, *as decisivas palavras do memorável documento*, ao oferecer a fotogravura da inscrição.

Eu, mais experimentado nas investigações genealógicas, afirmo, sem hesitação, a primogenitura de João Lopes de Azevedo, porque os documentos valem mais que uma inscrição gravada a capricho, séculos antes da *censura libaral* (que ainda não passou do papel à pedra) e porque a cópia da sentença, cujo original não aparece, está pejada de inexactidões, que lhe roubam prestígio para ser respeitada por quem não foi citado no respectivo pleito.

O processo de fazer lançar nos livros de notas *antigos documentos* foi muito usado no século XVIII, e, todavia, ainda não consegui ler qualquer desses preciosos originaes, em papel ou pergaminho, que seus detentores tanto apreciavam que até temiam o apetite das democráticas e vorazes ratazanas.

Os documentos provam :

1.º — que João Lopes de Azevedo sucedeu nos senhorios e padroados que teve seu pai, com excepção de Jales (que ficaram a sua irmã D. Maria Coelho e passou por sucessão aos Lemos, snr. da Trofa) e de Souto, que teve seu irmão Martim Lopes de Azevedo.

2.º — que os netos de João Lopes de Azevedo (filhos de Diogo Lopes de Azevedo) receberam em Braga ordens menores nos anos de 1452, 1455 e 1457; e que Diogo de Azevedo, filho e sucessor de Martim Lopes as recebeu em 1456. (1) Os netos do primogénito foram, sem dúvida, coevos dos filhos de Martim Lopes.

3.º — que Diogo de Azevedo, snr. da casa de Azevedo, filho, repito, de Martim Lopes, sobreviveu a Pedro Lopes de Azevedo, bisneto de João Lopes de Azevedo. Morreu nonagenário em 1529; mas seu pai não podia ser mais velho que João Lopes de Azevedo 3.º avô de António de Azevedo Coutinho que já em 1520 era snr. de S. João de Rei e de Terras de Bouro.

4.º — que Martim Lopes de Azevedo viveu em Santa Maria do Souto de Riba de Homem, onde nasceram seus filhos.

5.º — que a quinta de Azevedo não estava vin-

(1) *Arquivo Distrital*. Matriculas dordês gerais.

culada e pertenceu a seus irmãos Lopo de Azevedo e Inês de Azevedo.

6.º — Que Lopo de Azevedo, snr. da Casa de Crasto, fez doação a sua irmã D. Inês, a 15 de Fevereiro de 1439, da parte que lhe havia tocado na quinta de Azevedo; e que Fernão Afonso, marido de D. Inês de Azevedo «por se achar fraco e cançado e não poder correger a Quintã de Azevedo de que era senhor a vendera por 12:000 reais a Diogo de Azevedo, filho de Martim L. de Azevedo a 15 de Junho de 1454.

7.º — Que Diogo de Azevedo, filho de Martim Lopes de Azevedo, teve o padroado de Santa Maria de Galegos e da sua anexa S. Salvador de Quirás, por doação dos respectivos *fregueses*, a 23 de Maio de 1480. O arcebispo D. Diogo de Sousa confirmou essa doação em 1505.

8.º — E que Diogo Lopes de Azevedo, neto de Lopo Dias de Azevedo, e 3.º snr. de S. João de Rei, teve os padroados da coroa dados por D. João 1.º e foi compadroeiro de S. Clemente de Basto, como herdeiro de Diogo Gonçalves de Crasto. A 23 de Dezembro de 1466, foi confirmado em *S. Clemenso de Basto*, o abade Diogo Gonçalves, apresentado por Diogo Lopes de Azevedo e Fernão de Sousa, herdeiros de Diogo Gonçalves de Crasto e de Martim Afonso Botelho. (1)

(1) *Arq. Dist.*—Livro de Mostras de D. Diogo de Sousa, fl. 405.

O snr. Conde de Azevedo, que usa um nome illustre e o sabe honrar, merece-me o conceito de juiz imparcial ainda mesmo quando seja interessado. Não sacrifica a Verdade ao interêsse, como eu, neste caso e sempre, a não pretiro para ser lisongeiro.

Há de concordar, como espero, com a solução dêste problema de mero interêsse genealógico; mas, se eu não lograr convêncê-lo, resta-me a certeza de que não duvida da minha sinceridade e da consideração e simpatia que lhe consagro. (1)

A História não regista a primogenitura de João Lopes de Azevedo, nem discute a pretensão dos descendentes de seu irmão Martim: narra, comovida, os feitos dêsses dois heróis em Ceuta, Tânger e Arzila e conta-os entre os mais intrépidos mártires da nossa Pátria.

Ambos morreram em Arzila, em serviço del-Rei, para dilatar a Fé e ennobrecer Portugal.

(1) Luís de Azevedo, irmão inteiro de Diogo de Azevedo, snr. da Casa de Azevedo (como mostra a justificação feita em Prado, pelo tabelião Simão da Rocha Pimentel, a 29 de Janeiro de 1592, na qual juraram, além de outras testemunhas, Martim Lopes de Azevedo, snr. de Azevedo e sua mulher D. Leonor da Silva) é ascendente da casa da Torre de Vilar que possui e represento. Êste facto torna-me absolutamente insuspeito para considerar primogénita a linha dos senhores de S. João de Rei e Terras de Bouro.



A tôrre da casa de Crasto, reformada em 1699

TITULO III

CASA DE CRASTO (1)

No cole central da esplanada de Carrazedo, concelho de Amares, assenta, como cidadela vigilante, a histórica vivenda dos Machados, senhores de Entre Homem e Cávado. O velho solar, reedificado e ennobrecido, conservou as linhas e o perfil medieval, ao transformar-se, no comêço do século xvi, na faustosa e soberba residência senhoril de Manuel Machado, cunhado do poeta do Neiva; mas os lastimosos *mehoramentos*, realizados, nos fins do século xvii, pelo 2.º Marquês de Montebelo, macularam a nobresa do seu aspecto e quebraram a harmonia que só a Arte realisa e mantém. Decrépito e empobrecido (a des-

(1) Em 1906, descrevi esta casa na *Ilustração Portuguesa*, na secção *Palácios, Castelos e solares de Portugal*, aceitando como boas algumas informações que hoje rejeito.

peito dos abastados haveres dos senhores e representantes desta nobilíssima casa) Crasto conserva ainda seu inegável prestígio entre os mais vaidosos solares da velha aristocracia portuguesa.

Foi dos Penelas e dêles passou, por descendência, aos Vasconcelos e dêstes aos Azevedos, a quem foi confiscada por D. Afonso v que deu esta casa a Pedro Machado, hoje representado, com fidalga distinção, pelo Ex.^{mo} Sr. Conde da Figueira, seu 12.^o neto, actual possuidor dêste antiquíssimo solar.

Vou registar a serie dos seus primeiros possuidores e faser uma breve resenha genealógica dos Machados, senhores de Entre Homeim e Cávado.

1 — **Rui Vicente de Penela** (1) foi senhor da honra de Crasto e teve de D. Froile de Belmir, sua mulher:

2 — **D. Mencia Roiz**, que segue

2 — **D. Mencia Rodrigues**, herdeira e sucessora, casou com Rui Anes de Vasconcelos, snr. da Honra de Vasconcelos (Título iv) de quem teve, entre outros filhos:

3 — **D. Maria Rodrigues de Vasconcelos**, que se segue

(1) Lê-se nas Inquirições de D. Afonso III, na parte relativa à freguesia de S. Martinho de Carrazedo (Entre Homem e Cávado): A quintã de Crasto que foi de Rui Vicente de Penela se há provado que es honra desde que se acordam as testemunhas — *Este honrada porque hes de hidalgos, enquanto for de hidalgos.*

3 — **D. Maria Rodrigues de Vasconcelos**, snr.^a da Casa de Crasto casou com Vasco Pais de Azevedo, snr. de Azevedo. Foi seu filho segundo:

4 — **Gonçalo Vasques de Azevedo**, que segue

4 — **Gonçalo Vasques de Azevedo**, foi senhor das Casas de Crasto e de Azevedo (que não estavam vinculadas) e casou com D. Berengueira Vasques da Cunha, filha de Martim Vasques da Cunha (o sêco) Alcaide mór de Lisboa, de quem teve:

5 — **Diogo Gonçalves de Crasto**, que segue

5 — **Diogo Gonçalves de Crasto** (assim conhecido por ter reedificado a casa de Crasto e nela fixar sua residência) casou com Aldonça Coelho (filha de João Coelho e de sua mulher D. Joana Pires de Alvim) de quem teve:

6 — **Lopo Dias de Azevedo**, snr. de S. João de Rei, Terras de Bouro, Aguiar da Pena, Jales etc., snr. das casas de Crasto e Azevedo, Alcaide mór de Lindoso, armado cavaleiro na batalha de Aljubarrota, casado com D. Joana Gomes da Silva, filha de Gonçalo Gomes da Silva, snr. de Vagos e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Coutinho. Sucedeu-lhe em Crasto, seu filho:

7 — **Lopo de Azevedo**, snr. de Ponte de Sor e da casa de Crasto etc., Alcaide mór de Sintra, a quem foram confiscados os bens, por se achar na batalha da Alfarrobeira (1449) com o infante D. Pedro. Lopo de Azevedo apresentou, na igreja de Car,

razedo, a 26 de Setembro de 1442, Rodrigo Anes, capelão de Santiago da Sé de Braga, e obteve confirmação do arcebispo D. Fernando da Guerra, no dia 28 daquele mês. (1) Foi casado com D. Brites Garcês, Dama da Infanta D. Isabel, mulher daquele infante D. Pedro, c. g.

A casa de Crasto, com o padroado de Carrazedo, passou à coroa e desta aos

MACHADOS

SENHORES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

1 — **Pedro Machado** (filho de Vasco Machado, alcaide mór de Chaves e de Ervedêdo e neto de Gonçalo Machado, Alcaide mór do castelo de Lanhoso (1410) snr. da Honra de Pinho, perto de Chaves) foi fidalgo da casa del-rei D. Afonso v e esteve na batalha de Alfarrobeira contra o infante D. Pedro, pelo que teve mercê da quinta de Crasto, confiscada a Lopo de Azevedo e outras terras confiscadas a outros fidalgos. Desejando D. Afonso v galardoar os grandes serviços que Pedro Machado lhe havia prestado fez-lhe doação (para êle, seus herdeiros e descendentes seus sucessores) das terras de Entre Homem

(1) *Arquivo Distrital de Braga*. Livro das confirmações de D. Fernando da Guerra. Fl. 111 v.

e Cávado com todas as rendas, foros, montados e marinhas, direitos e pertenças e cousas que a coroa ali tinha e bem assim da jurisdição civil e crime enquanto sua mercê fôsse (C. R. de 29 de Abril de 1450) mas só teria efeito esta doação desde o dia em que Pedro Machado pagasse a D. Maria de Azevedo, viuva de Álvaro de Meira, snr. de Jales, as quinhentas coroas em oiro que el-rei D. João I lhes dera em casamento, e a cujo pagamento estava empenhada aquela terra de que continuariam senhores até se realizar êsse pagamento.

Foi Trinchante do infante D. Fernando (pai del-rei D. Manuel) e teve também as terras de Vilarinho e Pedregal e a Vila da Louzã pelo seu casamento com D. Inês de Goês, filha herdeira de Pedro de Gois, comendador de Vera Cruz e snr. da Louzã e de D. Margarida Cabral. Morreu em África. Seus ossos foram enterrados na Matriz da Louzã.

A viuva, D. Inês de Gois, passou a segundas núpcias com Álvaro da Cunha, snr. de Lanhoso.

2 — **Francisco Machado**, que segue

2 — **Pedro Machado**, morto em Tânger em 1437.

2 — **Fernão Machado**

2 — **Simão de Gois**, instituidor do morgado de Olivais c. g. extinta.

2 — **Diogo Machado**, c. g.

2 — **Francisco Machado**, 2.^o snr. de Entre Homem e Cávado, recebeu del-rei D. Manuel a mercê de

poder assistir ao apuramento dos juizos e officiaes da terra quando ali fôsse presente e de por ouvidor e dar cartas de confirmação aos juizes. Ficou prisioneiro na batalha de Castroqueimado (1476) a que assistiu com quarenta homens de cavallo à sua custa. Foi como seus pais e ascendentes maternos, snr. da vila da Louzã, Vilarinho e Pedregal que lhe foram confirmados em 1497 e que êle, passados anos, trocou com D. Jorge, Duque de Coimbra, pela comenda de Sousel na ordem de S. Bento de Aviz. A escritura tem a data de 23 de Outubro de 1511. Era padroeiro de Carrazedo no tempo do arcebispo D. Luís Pires (1467-1480).

Sua tia D. Ana de Goes fez-lhe doação de terras de Barroso em 1514.

Faleceu a 27 de Agosto de 1518, tendo servido D. Afonso v, D. João II e D. Manuel, e tendo casado com D. Joana de Azevedo (filha de João Peixoto, snr. de Penafiel e de D. Briolanja de Azevedo, da casa dos senhores de Felgueiras e de Vieira ⁽¹⁾ que

(1) D. Joana de Azevedo, mulher de Francisco Machado, era irmã de Duarte Peixoto de Azevedo, do conselho de D. Manuel I e D. João III, snr. de Penafiel, e filha de João Peixoto, snr. de Penafiel e da Honra de Canelas, Vedor e Mordomo mór do Principe D. João (D. João II) e de sua mulher D. Briolanja de Azevedo, que era irmã de Gonçalo Coelho, snr. de Felgueiras e Vieira e Alcaide mór de Tânger e filha de Martim Coelho, snr. de Felgueiras e Vieira e de sua mulher D. Joana de Azevedo. Esta D. Joana era, como

em seu testamento de 5 de Maio de 1534 instituiu o Morgado de Crasto, vinculado à capela de Santa Margarida na igreja de Carrazedo. A yiuva e filhos de Francisco Machado, padroeiros da igreja de Carrazedo «por razão da quinta de Crasto d'Airo de que são herdeiros, apresentaram naquela igreja Gil Rodrigues, que foi confirmado a 19 de Abril de 1521. (1) Foram seus filhos:

3 — **Pedro Machado**, que faleceu solteiro, e jaz em S. Martinho, do Pôrto.

dissemos, filha de Lopo Dias de Azevedo, snr. da casa de Crasto etc. Este facto tem servido para explicar a sucessão dos Machados na casa de Crasto; mas essa explicação não pode aceitar quem não ignora que Lopo de Azevedo foi senhor deste solar e, por êle, padroeiro de Carrazedo. O Marquês de Montebelo, receando êsse facto que menos aceitável tornaria o falso casamento de Gonçalo Machado com D. Mor de Vasconcelos — suposta senhora da casa de Crasto e Vasconcelos, diz a páginas 108 do seu *Memorial* que D. Briolanja de Azevedo, mulher de João Peixoto era filha de N. de Azevedo, senhor de Aguiar da Pena!

(1) *Arquivo Distrital de Braga* — Livro das *Confirmações* de D. Diogo de Sousa, fl. 222. A apresentação foi feita por Bernardim Machado como procurador dos herdeiros de Francisco Machado. A denominação *Crasto d'Airo* era desconhecida. Na *Vida de Sá de Miranda* que acompanha a 2.^a edição das suas obras (1614) diz-se **Castro de Arega**. O Marquês de Montebelo afirma, apresentando o testemunho de Gomes Machado que êste escrevera *Castro da Geira*, corrupção de Castro Xeris! Quem tiver paciência para o aturar, deve ler o *Memorial* a páginas 199 e 200.

- 3 — **Manuel Machado de Azevedo**, que segue
- 3 — **D. Helena Machado**, casada com Martim Teixeira de Macedo, snr. de Teixeira e Alcaide-mór de Vila Pouca de Aguiar que se achou na conquista de Azamor em 1511 ; c. g.
- 3 — **Bernardim Machado**, que recebeu ordens menores em 1511 e que foi comendador de S. João da Guarda e de Oliveira do Hospital, na ordem de Malta.
- 3 — **D. Briolanja de Azevedo**, snr.^a da quinta da Torre em Penela e da Honra de Avessadas em Bemviver (Marco de Canavezes) casada com o Doutor **Francisco Sá de Miranda**, Comendador de Santa Maria de Duas Igrejas na Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, fundador da Casa da Tapada, cuja descendência ficou descrita no Título I.
- 3 — **Vasco Machado**, que foi assassinado
- 3 — **Simão Machado**, que recebeu ordens menores em 1522.
- 3 — **Manuel Machado de Azevedo**, 3.^o senhor de Entre Homem e Cávado (cartas régias de 3 de Julho de 1520 e de 22 de Maio de 1530) comendador de Sousel, cuja vida escreveu e imprimiu o Marquês de Montebelo, seu bisneto. (1) Fez a capela de Santa

(1) Nesta obra, hoje rara e geralmente apreciada pelos bibliófilos, como em todos os escritos do Marquês de Montebelo, as inexactidões são tão numerosas que prejudicam as verdades.

Margarida e viveu na casa de Crasto com sua mulher D. Joana da Silva, Dama da rainha D. Leonor e filha de Manuel da Silva e Sousa, do conselho del-rei D. Manuel e seu Aposentador-mór e de sua mulher D. Inês da Cunha, da casa de Pombeiro. Morreu velho, porque ainda vivia a 11 de Fevereiro de 1559. (1) D. Joana havia falecido a 3 de Outubro de 1555, como se lia na inscrição da sua sepultura, na capela de Santa Margarida, onde jazia com seu marido. No livro de registo do arcebispo D. Fr. Baltasar Limpo (fl. 232) está a Bula apostólica do Papa Paulo 3.º, de 7 idos Janeiro de 1546, que desmembrou, a requerimento de Manuel Machado, snr. de Entre Homem e Cávado e padroeiro da capela de D. Margarida duas partes da igreja de S. Martinho de Carrazedo, concedidas para a fábrica da referida capela, a fim de dar cumprimento às várias obrigações como tudo consta dos estados da dita igreja que se acham na câmara eclesiástica.

Foram seus filhos: (2)

4 — **D. Francisca da Silva**, que faleceu no Paço de Coucieiro a 19 de Maio de 1612, viuva

(1) Não faleceu, como se tem afirmado, a 31 de Outubro de 1558. Veja-se a nota a páginas 131.

(2) Teófilo Braga afirma que D. Joana da Silva falecera, em 1538, do parto de seu terceiro filho varão; mas alguns genealogistas disem que morrera do parto de três filhos varões. Só tenho notícia dum filho varão.

de Francisco de Abreu e Lima, snr. de Regalados c. g.

4 — **Francisco Machado da Silva**, que se segue

4 — **Francisco Machado da Silva**, 4.º snr. de Entre Homem e Cávado (C. R. de 20 de Abril de 1595), comendador de Sousel, casou com D. Maria da Silva (filha de Manuel de Magalhães, snr. da Barca e de sua mulher D. Margarida da Silva, da casa de Regalados) que êle matou, por infiel, na casa de Crasto, em 3 de Fevereiro de 1567, momentos depois de ter sido, por sua ordem, assassinado Henrique de Sousa, comendatário de Rendufe. Como êstes factos tem de ser ponderados numa das prometidas *notas*, não devo antecipar o comentário, nem interromper estas notícias genealógicas. Em 1574, já tinha passado a segundas núpcias com D. Mécia de Melo, da casa de Sergude, filha de Gonçalo Coelho, snr. de Felgueiras e Vieira e de sua mulher D. Maria de Melo, de Pombeiro.

Faleceu em 1598, instituindo herdeira D. Mécia, sua mulher.

Filhos:

Do primeiro matrimónio:

5 — **D. Margarida Machado da Silva**, que segue

Do segundo matrimónio:

5 — **Manuel**, que morreu menino.

5 — **D. Joana Machado da Silva**, que, pela provisão régia de 30 de Junho de 1586, devia

suceder na casa e senhorios de seu pai, tinha ajustado seu casamento, por escritura de 18 de Junho de 1595, com Gaspar Cotta Falcão, Fidalgo da Casa Real, morador em Lisboa, mas faleceu pouco depois, solteira, em vida de seu pai, que viu assim frustrados seus planos contra D. Margarida, sua filha.

5 — **Manuel**, que viveu quatro anos.

5 — **D. Margarida Machado da Silva**, casou, por amores, com Manuel de Araújo e Sousa, filho de Diogo de Araújo e Sousa, snr. da Torre de Tora, na freguesia de S. Pedro do Vale (Arcos de Valdevez) e de sua mulher D. Isabel Lobato Zuniga. Êste casamento desgostou seu pai, Francisco Machado, que, levou tão longe sua vingança que requereu a el-Rei, pedindo-lhe que ficasse sem efeito a mercê da jurisdição das terras de Entre Homem e Cávado para a pessoa que casasse com sua filha mais velha (por sua morte e na falta de filho varão) porquanto «esta sua filha lhe fugira de casa com um homem baixo, filho de um almocreve, tornando-se por êste crime, incapaz daquela mercê. El-rei, informando-se do caso, houve por bem que a mercê não tivesse efeito em D. Margarida e passasse para a filha segunda (D. Joana) nos termos da Provisão de 30 de Junho de 1586. (1)

(1) Esta provisão foi registada na correição e Provedoria da comarca de Viana da Foz do Lima, e foi junta aos autos acêrca dos

Manuel de Araújo e Sousa obteve perdão del-rei, mostrando ser falso o que se dizia da sua qualidade e nascimento. Seu pai, Diogo de Araújo e Sousa era fidalgo de antiga linhagem, e seu irmão Pedro de Araújo e Sousa, para ser cavaleiro da Ordem de Malta, havia justificado a nobresa e fidalguia de seus quatro avós.

Até à morte de Francisco Machado, viveram na quinta da Torre em Ferreiros (Póvoa de Lanhoso) mas em 1606, a despeito da oposição de D. Mécia, já estavam na posse dos bens vinculados da casa de Crasto, e a-pesar da má vontade da côrte de Madrid, foram senhores de Entre Homem e Cávado. Manuel de Araújo faleceu a 20 de Julho de 1626. D. Margarida fez doação dos senhorios de Entre Homem e Cávado, a seu filho, por escritura de 2 de Abril de 1631; e faleceu, na casa de Crasto, a 23 de Fevereiro de 1635.

Foram seus filhos:

- 6 — **Felix Machado da Silva**, que segue
- 6 — **D. Eugénia Machado de Menezes e Silva**, que nasceu, na casa de Gerás, a 4 de Dezembro de 1596 e faleceu em 1667, tendo casado, em 1615, com Duarte Carneiro Rangel, Fi-

senhorios de Entre Homem e Cávado, que, em 1633, estavam em poder do escrivão João Rodrigues Carreira.

dalgo da C. R., snr. da Casa de Vila Boa de
Quires c. g. (1)

6 — **D. Belisa**

6 — **D. Isabel**, recolhida em Santa Clara de Vila
do Conde.

6 — **D. Maria de Sousa**, freira em Vila do Conde.

6 — **Felix Machado da Silva** teve o título de
Marquês de Montebelo (Itália) quando, em 1629, ca-
sou com D. Violante de Orosco e Lodron, Dama de
honor da infanta D. Mariana (irmã de Filipe iv de
Espanha) e filha de D. Rodrigo Orosco e Ribera e de
sua mulher D. Vitória de Porcia — Marqueses de
Mortara. D. Filipe iv promoveu êste casamento, por
intermédio do Bispo confessor, fazendo animadoras
promessas a Felix Machado, porque era urgente dar
um marido à filha da Marquesa de Mortara. Pelo al-
vará de lembrança, dado em Lisboa a 20 de Março
de 1631, foi autorizada D. Margarida Machado a re-
nunciar logo em seu filho Felix Machado a doação
das Terras de Entre Homem e Cávado e seus direitos.
Nesse documento, aquele monarca, referindo-se ao
casamento da filha da Marquesa de Mortara, usa dê-

(1) A escritura de casamento foi lavrada em S. Salvador de
Ruivães (em casa de António Correia da Cunha, Fid. da C. R.) a 2
de Setembro de 1615. Seu filho, Mateus Mendes de Carvalho e Me-
nezes, administrou a casa de Crasto e os bens sequestrados ao Mar-
quês de Montebelo, seu tio, ausente em Espanha, até 1668.

tes termos que merecem atenção: «*para que tenha efeito e contemplando os serviços da dita Marquesa e para faser merce a sua filha.*»

D. Margaridã Machado fez, como dissemos, doação do senhorio de Entre Homem e Cávado, a seu filho Felix Machado da Silva, por escritura de 2 de Abril de 1631. (1)

A carta régia, dada em Lisboa a 14 de Junho de 1631, confirmando o alvará de lembrança, faz doação de todos os officios do conselho de Entre Homem e Cávado, em duas vidas, isto é a Felix Machado e um filho, filha ou descendente *daquele matrimónio*.

Foi comendador de S. João de Coucieiro, na Ordem de Cristo, e faleceu em Madrid, onde se conservou depois da aclamação de D. João IV, em 1662. Seu filho, 2.º Marquês de Montebelo, trasladou seus ossos para a igreja de Carrazedo, onde tem sepultura brasonada na capela-mór. A inscrição já não pode ler-se; mas seu filho deixou-a registada no tomo 8.º da casa de Crasto: *Epitaphio da Sepultura de meu Pay que Deos tem. Aquil jaz Felix Machado comendador de São João de Coucieiro e D. Violante de Horosco e Lodron. Marqueses, que forão de Monte Bello, e Srs. deste C.º e Dõ Fr.º e Dõ D.º Mac.º*

(1) O Marquês casou em 1629, como afirma no seu *Memo-rial* a pág. 109, e, todavia, em 1631, recebeu o senhorio de Entre Homem e Cávado para ter efeito êsse casamento!

seus f.ºs forão trãsladados de Madrid a esta capela en 22 de 7.º do anno 1664. O Marques de Montebelo.

Na nota — *Marquês de Montebelo* — completarei a notícia dêste senhor de Entre Homem e Cávado.

Tiveram filhos :

7 — **Francisco**, que morreu aos caõzete anos.

7 — **Manuel**, baptisado em Carrazedo a 11 de Junho de 1636. m. m.

7 — **Manuel**, baptisado em Carrazedo a 2 de Fevereiro de 1638. m. m.

7 — **Diogo**, que nasceu em Madrid a 30 de Maio de 1643 e ali faleceu a 24 de Janeiro de 1652.

7 — **António Felix Machado da Silva e Castro**, que segue

7 — **D. António Felix Machado da Silva e Castro**, 2.º Marquês de Montebelo, regressou a Portugal, logo que em 1668 foi assinado o tratado de paz entre as duas nações beligerantes, obtendo, pouco depois, sentença favorável na junta de Represália que julgou legítima a sua sucessão nos bens da Corõa. Foi comendador de Coucieiro e teve a segunda e última vida do senhorio de Entre Homem e Cávado, pela carta de D. Pedro, regente, dada em Lisboa a 18 de Setembro de 1674. Casou em Lisboa, em 1675, com D. Luisa Maria de Mendonça, filha de Manuel de Sousa e Silva, Aposentador mór del-rei D. João iv, comendador da Ordem de Cristo etc. e de sua mulher D. Joana de Mendonça.

Alegou serviços de seu pai, que dava informações da situação das tropas de Castela; mas não conseguiu o título de conde de Amares, que pelo facto do marquesado de Montebelo em Itália não ter grandeza em Portugal, ambicionava como seu pai pretendia a mercê de conde de Vasconcelos. Aborrecido, vendeu Montebelo e comprou, à corôa, a alcaidaria mór de Mourão, que era muito rendosa. Foi governador de Pernambuco, deixando boa fama. Era grande cavaleiro, muito cortês e de honrado procedimento. Foram seus filhos, além doutros que morreram na infância:

8 — **Felix José Machado de Mendonça**, que se segue

8 — **Manuel de Sousa e Silva**, cónego na Sé de Braga. Renunciou, e foi depois capitão de infantaria na Côrte e Mestre sala do príncipe D. Teodósio. Faleceu, em Lisboa, a 30 de Outubro de 1736.

8 — **D. Joana Maria de Mendonça**, que casou, contra vontade de seus irmãos, a 23 de Agosto de 1711, com Simão de Melo Cogominho Marmeleiro de Noronha, Fid. C. R. c. g.

8 — **Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos**, sucessor, do conselho de Sua Magestade, Alcaide mór de Mourão, Coronel de Infantaria, Governador de Pernambuco, faleceu a 15 de

Julho de 1731, tendo casado, em 1703, com D. Eufrásia Maria de Menezes da Silveira, filha de D. Luís Baltasar da Silveira, Comendador de S. Tomé da Correlhã, de S. Cosme e Damião de Garfe etc. na Ordem de Cristo e Alcaide mór de Viseu e de sua mulher D. Luisa Bernarda de Menezes, filha dos Marqueses das Minas.

Foi muito erudito e reimprimiu e ilustrou o *Memorial do Marquês de Montebelo*, seu avô, cuja biografia escreveu e incluiu nessa segunda edição.

Além doutros filhos que morreram meninos, teve:

9 — **Luís Carlos Machado de Mendonça**, que segue

9 — **D. Luisa Vicencia de Mendonça**, casada com Bernardino de Sousa Tavares e Távora.

9 — **Luís Carlos Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos**, Moço Fid. da C. R., Alcaide mór de Mourão, comendador da Vila de Casal do Seixo e Casal na Ordem de Aviz, snr. de Entre Homem e Cávado, casou, a 31 de Maio de 1724, com D. Isabel Catarina Henriques, filha de D. Jorge Henriques, snr. de Alçaçovas e Alcalá e de sua mulher D. Madalena Bourbon, filha dos 2.^{os} condes de Avintes. Foram seus filhos:

10 — **Fr. José Francisco Machado**, religioso graciano.

10 — **Jorge Francisco Machado de Mendonça**, que segue

10 — **D. Margarida Francisca Quitéria Rita de Bourbon**

10 — **António Francisco Machado**, s. g.

10 — **Fr. Luís de Santo Agostinho**, graciano.

10 — **Manuel Machado**

10 — **Jorge Francisco Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos de Magalhães Lorena e Menezes Orosco de Lodron**, Moço Fid. da C. R., Provedor do Hospital de Lisboa, Comendador de Aviz, Alcaide mór de Mourão, Coronel de Infantaria do Pôrto na guerra de 1762, governador de Évora, snr. de Entre Homem e Cávado, Honra de Pinho, e das casas de Crasto, Barroso e Tôrre etc., casou com D. Luisa Antónia de Saldanha, filha de João Pedro de Saldanha Oliveira e Sousa, snr. do Morgado de Oliveira e de sua mulher D. Inês Antónia da Silva, Dama do Paço, que faleceu a 20 de Março de 1785.

11 — **Francisco António**, s. g.

11 — **Luís Machado de Mendonça**, que segue

11 — **António Machado**

11 — **Joaquim Machado**

11 — **D. Francisca**, mulher de Fernando da Costa Ataíde Freire, Tenente general Gran cruz de Santiago c. g.

11 — **D. Joana Margarida**, mulher de D. Jorge de Menezes Portugal, c. g.

11 — **D. Ana**

11 — **D. Maria**

11 — João

11 — **Luis Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos**, Brigadeiro de Infantaria na guerra Peninsular, Condecorado com a granada de ouro pela guerra da Catalunha e Rossilhon, valoroso Coronel de Infantaria n.º 16 no combate de Grijó e corrida de Soutl em 1809, Comendador de Aviz, Alcaide mór de Mourão, Moço Fidalgo, sucedeu na casa e senhorio de seu pai e faleceu a 20 de Agosto de 1822, tendo casado, a 22 de Novembro de 1802, com sua prima D. Mariana de Saldanha e Oliveira Daun, filha dos condes de Rio-Maior, que nasceu a 1 de Dezembro de 1779 e faleceu a 31 de Janeiro de 1827; de quem teve:

12 — **D. Maria Amália Machado Mendonça** que segue

12 — **D. Maria Amália Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos Orosco e Ribera**, herdeira, nasceu a 11 de Fevereiro de 1805 e faleceu, em Lisboa, a 28 de Dezembro de 1863, tendo casado, a 11 de Fevereiro de 1822, com D. José Maria Rita de Castelo Branco Correa da Cunha de Vasconcelos e Sousa, 1.º conde da Figueira (D. de 13 de Maio de 1810) Par do Reino, Comendador de Santa Maria de Gualfar e de S. Pedro de Val-de-Ladrões, na Ordem de Cristo, Grão Cruz da Conceição da Torre e Espada e de Carlos III de Espanha, Brigadeiro reformado e Governador e Capitão general do Rio Grande

de S. Pedro do Sul (Brasil) ajudante de el-rei D. Miguel, 1.º Comandante em chefe do exército em 1823 (filho dos 1.ºs Marqueses de Belas e 6.ºs condes de Pombeiro) que nasceu a 5 de Fevereiro de 1788 e faleceu a 16 de Março de 1872. D. Maria Amália Machado sucedeu, a 23 de Junho de 1828, como descendente da 1.ª Marquesa de Montebelo, nos títulos e senhorios de D. Benito Palermo Ozorio de Orosco, grande de 1.ª classe, Marquês de Mortara em Milão, e de Olias e de Zarial na Catalunha, snr. de Cabra, Arranca, Cepas e doutras vilas em Espanha. Filhos:

13 — **D. Ana Maria**, nascida a 18 de Abril de 1823.

13 — **D. Maria Rita**, nascida a 23 de Setembro de 1824, casada com o 3.º conde de Almada, c. g.

13 — **D. Maria Ana**, nascida a 9 de Fevereiro de 1826 e casada a 26 de Abril de 1848, com António Pereira da Cunha e Castro, Fid. da C. R., snr. da Torre de Cunha em Paredes de Coura c. g.

13 — **D. José Luis Machado de Mendonça**, que segue

13 — **D. Maria Amália**, nascida a 26 de Abril de 1831 e casada, em 1845, com Duarte Taveira Pimentel, filho herdeiro do Visconde de Guiães, s. g.

13 — **D. Maria de Jesus**, nascida a 9 de Dezem-

bro de 1848 e casada duas vezes sem geração: da primeira com António Augusto de Almeida Portugal Correia de Lacerda, Governador geral de Moçambique etc. e, da segunda, com o 2.º conde de Fonte Nova.

13 — **D. Maria da Conceição**, nascida a 6 de Janeiro de 1849.

13 — **D. José Luis Machado de Mendonça Eça Ozorio de Castel-Branco Vasconcelos e Souza**, 2.º conde da Figueira, Oficial mór da Casa Real, successor da casa de seus pais, nasceu a 1 de Outubro de 1828, casou, a 28 de Outubro de 1854, com D. Isabel Maria de Oliveira Pinto de França, que nasceu a 4 de Junho de 1841 e faleceu a 18 de Novembro de 1878, filha dos 1.ºs condes de Fonte Nova. Filhos:

14 — **D. Maria José**, nascida a 31 de Agosto de 1855, sr.ª da quinta da Tôrre, em Ferreiros (Póvoa de Lanhoso).

14 — **D. José Jorge**, que faleceu no berço

14 — **D. Maria Amália**, que nasceu a 1 de Junho de 1859 e casou a 10 de Junho de 1878 com José de Carvalho Daun e Lorena, filho dos 5.ºs Marqueses de Pombal c. g.

14 — **D. Maria Bárbara**, nascida a 11 de Outubro de 1860

14 — **D. Luis José Machado Castelo Branco**, que segue

14 — **D. Maria Ana**, nascida a 3 de Fevereiro de

1864, é viuva do Almirante Pedro da Gama Berquó, c. g.

14 — **Jorge Francisco**, nascido a 3 de Setembro de 1865.

14 — **D. Maria Rita**, que faleceu menina.

14 — **D. Isabel Maria** que morreu de tenra idade.

14 — **D. Luís José Machado Castelo-Branco Mendonça Eça Castro e Vasconcelos**, 3.^o conde da Figueira, actual snr. da casa de Crasto, nasceu a 29 de Outubro de 1861 e é casado com D. Francisca Xavier de Mendonça Rolim de Moura, que nasceu em 1870, filha dos 3.^{os} condes de Azambuja. Não há descendência.



Ruínas do solar e honra de Vasconcelos em Ferreiros (Amareis) construção românica (século XIII)

TITULO IV

HONRA DE VASCONCELOS

Nas inquirições de 1258, em Santa Maria de Ferreiros (Entre Homem e Cávado) encontramos a primeira referência a êste velho solar, de que ainda restam as soberbas ruínas que a fotogravura representa. (1) «*Item, dixerunt que Vasconcelos é Onra.*» Pelas inquirições de 1288, se verifica que *Vasconcelos, Rio-Bom e Banaria* formavam a honra ali constituída, muito antes, por D. Egas Fafes. Possuíam também os Vasconcelos a honra de S. Salvador de Amares que, por escambo, receberam da Ordem do Hospital. Estas honras, confirmadas por sentença de 1290, como a de

(1) Pertencem actualmente ao abastado proprietário sr. Manuel José Fernandes, de Navarra, que as comprou ao sr. conde da Figueira, no propósito de utilizar a cantaria noutras construções; e que, reconhecendo o valor histórico dessas ruínas, as tem conservado.

S. Salvador de Vilar do Monte, pertenciam então a Rodrigo Anes e Pero Anes de Vasconcelos, filhos que foram de João Peres de Vasconcelos (o Tenreiro) primogenitor desta tão antiga como esclarecida família.

O solar de Vasconcelos é, sem dúvida, um dos nossos mais antigos edifícios civis e nenhum dos sobreviventes tem maiores e mais gloriosas tradições. E, todavia, ainda não foi classificado monumento nacional! É um documento *inédito* e valioso para a história da arte românica neste país.

Construído sôbre a penedia que do Sul forma varanda sôbre o vale e que, ao Norte, era isolada pelo ribeiro que hoje corre em canal subterrâneo, o edificio não podia guardar a regularidade costumada. Assim a torre que, do Norte, mede 8^m,10, tem, no Sul, 9^m,85; a casa, quebra a linha da torre, inclinándose um pouco mais para o Norte; e a parede do Sul recua, junto à torre, 0^m,80 e tem apenas 18^m,16, quando a do Norte mede 27^m,27. A tôrre, ao contrário, tem, como dissemos, maior dimensão na parede Sul. A medição total dá, ao Norte, 35^m,42 e ao Sul, 28^m,1. Mas, quem não medir, supõe o edificio regular. Tem essa aparência. A tôrre, cujas paredes tem a grossura de 1^m,74, tem, aberta ao Nascente, uma janela no primeiro pavimento: e na parede do Poente uma porta estreita para a casa que lhe fica um pouco inferior. A casa tem ao Norte apenas uma porta com a largura exterior de 1^m,67 e de 2^m,29 no interior.

A parede tem aí 1^m,9 de grossura e no Sul mede apenas, 0^m,91. Portas e janelas são em arco pleno exteriormente e ligeiramente abatido do lado de dentro. Do andar nobre nada resta, mas pedras salientes indicam a situação da escada no ângulo formado pelas paredes do Norte e do Poente.

As ruínas na tôrre atingem 5 metros de alto e na casa pouco menos; mas a parede do Sul tem perdido muita cantaria, medindo pouco mais de um metro, na extremidade do Poente.

A Honra de Vasconcelos nunca pertenceu aos Machados. Gonçalo Machado não fêi casado com D. Maior Mendes de Vasconcelos, que o Marquês de Montebelo afirma ser a avó paterna de Pedro Machado sr. de Entre Homem e Cávado. Vasco Machado, pai dêste, era filho bastardo legitimado de Gonçalo Machado. Para evitar a prova documental desta *quebra*, Montebelo inventou-lhe um irmão *legítimo* do mesmo nome, filho de D. Maior Mendes, *senhora das casas de Crasto e de Vasconcelos*.

Na Biblioteca Pública de Braga, guardam-se os restos (1) dos estudos genealógicos do Padre Marcelino Pereira, da congregação do oratório, a quem fazem boa companhia algumas cartas que foram dirigidas

(1) O que não caiu nas mãos de indesejáveis *coleccionadores* de coisas alheias, até à posse do seu actual director.

àquele incansável investigador. Ali copiei a carta que vou reproduzir:

«Recebi a sua estimavel carta e respondo que começo a dar-lhe a linha dos Barbosas na forma que a tenho ajustado e provado com authoridades no meu tit.º de Barbosas, contra outros genealógicos q. sem fundamento seguem o contrário; e siga cada hum o q. quiser, q. como eu estimo o estudo critico, não posso seguir o q. me parece affectado e destituído de verosimilidade ao menos.

O Marques de Monte Bello foi genealógico neste tempo, e escreveu o seu Memorial em Castella porque quis avantajar-se em Fidalguia para alcançar o tit.º de conde em Portugal, depois de se lhe haver dado o tit.º de Marques em Millão, e assim fingio hua varonia de Castros q. não tinha pela ignorancia de que era Araujo, dividindo a Vasco Machado em dous, hum legitimo, e outro bastardo por deixar este Pagem do Condestable e faser o outro, que nunca houve, seu ascendente, fatulando a ascendencia d'El-Rey D. Sancho 1.º, sem mais razão, q. haver na casa dos Machados huns panos de ráz, que tinhã sido da Casa Real, supondo nas terras de Entre Homem e Cávado a maior parte dos sollares deste Reino, e suppondo-se chefe de Castros e Vasconcellos, sendo a casa de Crasto ou de Castro, fundada por Diogo Gonçalves de Azevedo e depois transmitida aos Machados por casamentos e pertencendo aos condes de Villa Nova

a Torre de Vasconcellos, de q. os senhores de Entre Homem e Cavado eram administradores pelos ascendentes dos mesmos condes que por amizade lhes encarregavam o cuidado da cobrança; e depois lh'a usurparam, sobre o que correo demanda que ainda está por sentença etc. Lisboa 1 de Junho de 1743.

JOSÉ FREIRE DE MONTARROYO MASCARENHAS.

Não interessa, aqui, a varonia dos Machados, senhores de Entre Homem e Cávado, nem a dos Araújo, senhores de Casal Soeiro e da Torre de Tora, ambas desastradamente, propositadamente alteradas pelo Marquês de Montebelo.

Comento apenas o que interessa à Torre de Vasconcelos.

Montebelo, na ousada pretensão de iludir os leitores do seu *Memorial*, descreve a páginas 166 e seguintes a descendência de Vasco Machado, irmão bastardo de Vasco Machado, snr. da casa e solar de Machado; mas, como a Providência não dorme, a mentira, cedo ou tarde, perde o disfarce que lhe deu prestígio.

Casa-o em Lisboa com uma mulher de que «*se ignora el nombre*»; dá-lhe um filho, António Machado, que casou com D. Maria Ribeiro, e um neto Vasco Machado, que casou, em Ponte do Lima, com D. Leo-

nor Pereira. Os factos desmentem estas afirmações de Montebelo. Vasco Machado, casado com a referida D. Leonor Pereira, faleceu a 30 de Abril de 1563 e jazia na igreja dos Remédios (Braga). Era filho de António Machado, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Constança de Azeredo. António Machado não era filho de Vasco Machado, bastardo de Gonçalo Machado: era filho bastardo de Francisco Machado, snr. de Entre Homem e Cávado e da Vila da Louzã como declara a inscrição da sua sepultura que estava na igreja do convento dos Remédios, demolida há poucos anos. (1)

A Cronologia desfaz a fábula genealógica. Como poderia Vasco Machado, falecido em 1563, ser neto de Vasco Machado e bisneto de Gonçalo Machado, da Honra de Pinho em 1353? Neto dêste e filho de Vasco Machado era Pedro Machado, 1.º snr. de Entre Homem e Cávado em 1450.

D. Maior de Vasconcelos, fundadora da capela de S. Plácido na igreja de Rendufe, não casou; mas, ainda que tivesse casado com Gonçalo Machado, não podia trazer aos Machados a casa de Crasto e a Honra de Vasconcelos, que se uniram pelo casamento de Mencia Rodrigues com Rui Anes de Vasconcelos

(1) A pedra brasonada, com a referida inscrição, está guardada para ser oportunamente recolhida no futuro (sempre futuro?) Museu D. Diogo de Sousa.

(páginas 278) mas que pouco depois se apartaram, ficando em Crasto sua filha D. Maria, casada com Vasco Pais de Azevedo (páginas 279) e herdando Vasconcelos seus irmãos Mem Rodrigues de Vasconcelos e D. Estevão, cónego em Lisboa.

Braamcamp Freire, no *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra* (2.^a edição, pág. 172) referindo os filhos de Mem Rodrigues de Vasconcelos, menciona, em quarto lugar:

4 — D. Mor Mendes que o Marquês de Montebelo diz herdara a tórre de Vasconcelos e os mais bens da casa Entre Homem e Cávado, os quais passaram a seus descendentes e de seu marido Gonçalo Machado.

E continua: «Poderá ser que assim fôsse; mas Estevão Rodrigues de Vasconcelos, irmão de Mem Rodrigues instituiu em 1308 o morgado, fazendo dêle cabeça a quinta de Vasconcelos com tôdas as suas pertenças, Entre Homem e Cávado e nomeando primeiro administrador êste seu irmão e sua mulher e em sucessão a êles seu filho Gonçalo Mendes e sua geração.»

E acrescenta: Gonçalo Mendes de Vasconcelos teve muita geração, descendendo dêle todos os bons Vasconcelos e *portanto não se entende como a quinta deste nome passou aos descendentes de sua irmã.»*

Desconhecia, o incansável investigador, os factos referidos na carta de Montarroio aqui publicada, mas

reconhecia a impossibilidade de Vasconcelos pertencer ao Marquês de Montebelo. No t^omo 2.^o da Casa de Crasto a fl. 332 encontrei uma petição do Marquês, embargando a sentença que contra êle havia alcançado o Conde de Figueiró. O agravo do Marquês tinha sido rejeitado por não haver provado que estava na posse de cobrar os foros dos casais de Vasconcelos; mas nos embargos não devia faltar a fácil prova.

Montarroiio refere-se aos condes de Vila Nova (aliás Vila Nova de Portimão) que eram e são os representantes dos Vasconcelos, Condes de Figueiró.

A demanda correu durante gerações: perpetuou-se, sem decisão final!

Pedro Machado recebeu a casa de Crasto por doação régia, e seus descendentes adquiriram a casa de Vasconcelos e o domínio directo de seus casais aforados, pela prescrição positiva.

TÍTULO V

SÁS SOTOMAIORES, DE COIMBRA

1 — **Rodrigo Anes de Sá** (filho de João Roiz de Sá (*o das Galés*) Camareiro mór del-Rei D. João 1.º, Alcaide mór do Pôrto, snr. de Sever, Matosinhos etc. e de sua mulher D. Isabel Roiz Pacheco ⁽¹⁾) casou em Coimbra com Luisa de Barros, de quem teve:

(1) O perito genealogista Braamcamp Freire, na *Vida e Obras de Gil Vicente* (vide pág. 172) faz reparos a esta filiação, que rejeitou sem reserva. Eu aceito-a em presença dos documentos que adiante reproduzirei, mas devo confessar que outra consideração mais poderosa me levou a admiti-la: o crédito que deve dar-se às palavras de Sá de Miranda. Na carta a João Rodrigues de Sá e Menezes, escreveu o poeta do Neiva:

*Dos nossos Sás Colunses
gram tronco, nobre coluna.*

Braamcamp Freire conhecia o valor dessa afirmação e preten-

- 2 — **Mem de Sá**, que casou com uma irmã de Gil Fernandes das Coberturas, Escrivão da Fazenda del-Rei D. João 2.^o. Foi bisavô de Estácio de Sá, que morreu pelejando no Brasil, onde tinha sido armado cavaleiro por seu tio Mem de Sá.
- 2 — **Gomes de Sá**, que disem fôra Prior da Colegiada de Guimarães, mas que não está no respectivo catálogo, nem é mencionado em qualquer documento.
- 2 — **Filipa de Sá**, que segue
- 2 — **D. Isabel de Sá**, freira em Santa Clara de Vila do Conde.
- 2 — **Filipa de Sá** ⁽¹⁾ casou com João Gonçalves

deu inutilisar-lhe o efeito genealógico por uma forma infantil pouco feliz: Resta saber, diz o mestre, se *nossos* indica consanguinidade ou nacionalidade.

Braamcamp Freire procedeu na genealogia como João Pedro Ribeiro na Diplomática. As numerosas falsidades verificadas deram-lhes motivos para dúvidas e reservas, chegando, por vezes, a rejeitar a Verdade.

(1) Filipa de Sá, *nunca* D. Filipa de Sá, adverte o grande genealogista, para confirmar sua opinião. Mas acrescentarei: como pode um homem, tam erudito como sagaz observador, esquecer tanto para considerar prova o que nem leve indício me parece ser?

No século XV, rara era a dama que usava e tinha dom; como hoje é rara a cozinheira que o não tenha com a respectiva excelência, nos sobscritos das cartas que recebe. Num rápido exame de documentos, verifiquei que nas condições de Filipa de Sá, sem dom,

de Miranda e Sotomaior, com quem viveu em S. Salvador do Campo (Barcelos) Buarcos e Coimbra. Era sobrinho de D. Pedro Álvares Sotomaior, Conde de Caminha, como afirmam alguns genealogistas e atestam os documentos que ofereço e que igualmente

estavam na segunda metade do século XV, além doutras senhoras da velha aristocracia:

1 — Inês Pereira, filha de Gonçalo Rodrigues de Abreu, Alcaide mór de Elvas e de sua mulher Teresa Álvares Pereira, irmã do condestável D. Nuno Álvares Pereira, que estava casada com Diogo Lopes de Azevedo, snr. das terras de Aguiar de Pena, S. João de Rei e Terras de Bouro.

2 — Maria Ribeiro, filha de Fernão Pais, dotada, como sua parente, por D. Afonso V para casar com Fernão Pereira, Cavaleiro Fidalgo, snr. de Castro Dairo e de Canelas, que viveu na sua casa de Geje.

3 — Maria Pinheiro, filha do Doutor Pedro Esteves Cogominho, Ouvidor das Terras do Duque de Bragança^a e de sua mulher Isabel Pinheiro (que jazem em nobres mausoleus brasonados na Colegiada de Guimarães) que estava casada com Pedro de Sousa, Fidalgo da C. R., snr. de Paiva, Baltar, Prado etc. e Meirinho mór das Terras do Duque D. Fernando.

4 — Genebra Pereira, filha de Vasco Pires de Sampaio, snr. de Vila Flor e de sua mulher Maria Pereira, já casada com Aires Ferreira, snr. de Cavaleiros, Alcaide mór de Trancoso etc.

5 — Brites Pereira, filha de Martim de Freitas, Alcaide mór de Trancoso e de sua mulher Mecia Vaz de Sampaio, da casa de Vila Flor, sendo casada com Álvaro Ferreira, snr. da quinta de Arganil, em Barcelos e Comendador de S. Pedro do Sul — filho dos anteriores.

provam a filiação de Rodrigo Anes de Sá. João Gonçalves serviu D. João Galvão, bispo de Coimbra que lhe era muito afeiçoado. Na lista dos moradores da Casa Real, aparece, como Cavaleiro Fidalgo nos anos de 1474 e 1477 «João Gonçalves do Bispo de Coimbra.» Presumo que fôsse irmão de Rui Gonçalves Sotomaior que igualmente tinha moradia naquela época. Na matrícula para ordens, guardadas no Arquivo Distrital de Braga, a que logo me devo referir, diz-se: João Gonçalves de Crecête. Como a casa de Crescente andava nos Sotomaiors, da Galisa, não me repugna acreditar que descendesse desta família por bastardia.

Tiveram o prazo do Curval, que lhes deu o bispo D. João Galvão. Foram seus filhos: (1)

6 — Isabel de Sousa, filha de Heitor Homem de Sousa, snr. de Bordonhos e Várzea e de sua mulher Isabel de Sousa, da casa de Carrazedo, estando casada com Fradique Lopes, Alcaide mór de Chaves, filho de Fradique Lopes, fidalgo inglês que veio para Portugal com a rainha D. Filipa, e de sua mulher D. Isabel Alvim, que era irmã de D. Leonor Alvim, mulher do condestável D. Nuno Álvares Pereira.

A falta do dom não indicava, nessa época, origem burguesa ou humilde posição.

(1) Quasi todos os nobiliários lhe dão mais duas filhas: Maria Fernandes Sotomaior, mulher de João Cirne (o velho) que veio de Galisa com o conde de Caminha, reinando D. Afonso V e que jaz sepultado na igreja de S. Salvador do Campo (Barcelos) onde foi snr., por sua mulher, da quinta de Crescente ou Creste; e Catarina

3 — **João de Sá**, criado do bispo de Coimbra (D. João Galvão) armado cavaleiro, por Nuno Fernandes de Ataíde, governador de Safim, e confirmado, por D. Manuel I, a 30 de Janeiro de 1512. Teve o prazo do Curval, foi o 1.º Provedor do Hospital de Coimbra, e Comendador da Ordem de Santiago. Foi 6.º avô de João Rodrigues de Sá, 1.º conde de Anadia; e de D. Francisca Correia de Lacerda Pita, senhora de Farelães, que faleceu a 8 de Dezembro de 1829, sem descendência, tendo sido casada duas vezes: da primeira com D. Pedro Álvares da Cunha, conde da Cunha e da segunda, com D. Gregório Ferreira d'Eça, 2.º conde de Cavaleiros. É hoje re-

Fernandes Sotomaior, viuva do França, natural de Biscaia, que teve comércio de estanho no Pôrto, e mulher de Pedro Carneiro, de quem teve António Carneiro, secretário de Estado e progenitor dos Condes de Idanha e da Ilha do Príncipe.

Braamcamp Freire, sempre prudente, aceitou agora sem hesitação esta ascendência de António Carneiro, que, nesta hipótese, seria primo co-irmão do poeta do Neiva; mas eu desconfio da existência destas filhas de Filipa de Sá, que dizem casada com João Fernandes Sotomaior, suposto irmão do Conde de Caminha, para explicar o patronimico Fernandes.

A filiação de António Carneiro é um dos mais complicados problemas genealógicos. Uns dizem que era filho de Francisco Carneiro e neto de João Carneiro, outros afirmam que seu pai fôra

presentado pela sua 10.^a neta D. Eugénia Teles da Silva Caminha de Menezes, 12.^a condessa de Tarouca; mas dêle descendem também os Marqueses de Reriz, os Condes de Vila Pouca, os Viscondes de Balsemão, do Amparo e do Ervedal, os Barões de Anciães e Zambujal, a casa da Silva em Barcelos, do Espírito Santo em Lamego, do Arco em Viseu etc., as famílias descritas nos §§ 8 a 32 do Título I, dêste livro, e o grande poeta Eugénio de Castro, eminente professor da Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra e meu prezado amigo.

3 — **Gonçalo Mendes** que segue

3 — **Fernando de Sá**, Provedor dos Resíduos em Coimbra, de quem descendiam os Sás, de Antiquera em Espanha, cuja geração se extinguiu e de quem procedem: os condes de Bertandos, de Tarouca, da Aurora, de Calheiros, de Azevedo, de Camarido e de Bobadela; os Viscondes de Paço de Nespereira,

Vasco Carneiro, casado com Milicia Novais e ainda outros dão lhe por pai João Carneiro e por avô Martim Carneiro!

• Maria Fernandes Sotomaioir e seu marido foram, dizem, pais de João Cirne (o moço) que, sendo criado em Galisa por seus tios Sotomaiores, serviu D. Afonso V e passou a África, onde pelejou e morreu na tomada de Azamor. É neste João Cirne, casado com Maria Anes Rua, que alguns começam a genealogia dos Cirnes, do Pôrto.

de Vila Nova do Souto de El-Rei, da Torre da Murta e de Maiorca; o Barão de Alcobaça e muitas famílias ilustres: Albuquerque, de Viseu, Cerveiras Montenegros, de Sinfães, Coelho Vilas Boas, de Viana do Castelo, Falcões Cotas, de Braga, Gaivões, Guedes, da Aveleda (Penafiel) Mancelos, Mousinhos de Albuquerque, Paes, da Pesqueira, Silvas Ataídes, de Leiria, Sousas Cirnes, do Pôrto e os senhores das casas da Pena em Pousada (Braga) da Barbeita (Monção) da Fábrica (Pôrto) das Lágrimas (Coimbra) do Pôço (Lamego) etc. etc.

3 — **Rui de Sá**, Escudeiro Fidalgo, Vedor do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Fronteiro mór de Safim e Comendador da Tôrre de D. Chama, ascendente dos senhores da Tôrre de Lanhelas, dos Marquesses de Pomal e de Pomares, dos Condes de Anadia, Louzã, Azevedo, Oeiras, Redinha, Santiago, Sampaio e Lumiães e dos Viscondes de Alverca, Balsemão e de outras famílias de distinta nobreza.

3 — **Duarte de Sá**

3 — **Filipa de Sá**, casada em Viana da Foz do Lima (Viana do Castelo) com Afonso da Rocha, snr. do Morgado de Deucriste. Dêles descendem os Condes da Aurora, do Paço

de Vitorino, de Calheiros, do Casal, de Azevedo, e os Viscondes de Cortegaça, da Torre das Donas, da Torre, de Sampaio dos Arcos de Valdevez, de Paço de Nespereira, de Milhundos, e do Mato, e os Sás Sotomaioredos Arcos, e de Braga, Figueiredos Sarmentos de Bragança; Malheiro Reimão, de Viana etc.

3 — **Guiomar de Sá**, casada com Afonso de Barros, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real. (1) Ambos jazem na sua capela de Nossa Senhora, na igreja do Salvador, em Coimbra.

3 — **Violante de Sá**, casada com António Gonçalves de Chaves, irmão de D. Álvaro de Chaves, Bispo da Guarda, de quem teve:

4 — **António de Sá Chaves**, Vedor das

(1) Francisco de Sá de Menezes afirma que D. Guiomar, sendo solteira tivera um filho de D. João Galvão, Bispo de Coimbra, e 1.º conde de Arganil: Lopo Esteves Galvão, 1.º arcediogo de Lavra na Sé de Évora, de quem descendiam os Bandeiras Galvões senhores do Morgado do Ladario; mas alguns genealogistas duvidaram desta informação.

Fr. Luís de Sá, religioso de S. Bernardo, Lente de Prima na Faculdade de Teologia na Universidade «de quem há celebres historias» publicou a sua ascendência, afirmando que seu terceiro avô *Fernão de Sá de Barros* era filho do matrimónio de Afonso de Barros com D. Guiomar de Sá; e o genealogista Cristóvão Alão de Moraes aceitou, sem reserva, esta filiação na sua *Pedatura Lusitana*, que se conserva na Biblioteca Pública e Municipal do Pôrto.

Obras de Coimbra, que foi nomeado procurador da Gafaria daquela cidade, pela carta régia de 28 de Janeiro de 1530.

3 — **Brites de Sá**, casada, no Mogadouro, com Madureira, de quem teve:

4 — **D. Fr. António de Sá**, monge de Monserrate, Dom abade de Tibães, Carvoeiro e Arnoia, na ordem de S. Bento, e instituidor, em 1550, da capela e vínculo de que foi 1.º administrador seu sobrinho Rui de Sá Sotomaior, snr. da Torre de Lanhelas, pelo seu casamento.

3 — **Gonçalo Mendes** ou **Gonçalo Mendes de Sá**, natural da freguesia de S. Salvador do Campo (Barcelos) sendo cônego em Coimbra, recebeu ordens de missa em Braga, a 29 de Março de 1483. Teve, sendo minorista, em Inês de Melo, mulher solteira e nobre os primeiros filhos seguintes:

Legitimados por Cartas régias de 5 de Dezembro de 1490

4 — **Doutor Francisco de Sá de Miranda**, Comendador de Santa Maria das Duas Igrejas, F. C. R., casado com D. Briolanja de Azevedo, senhora da Honra de Avessadas, cuja descendência descrevi no Título I.

4 — **Fernando de Sá**, Mamposteiro mór dos cativos.

Legitimados por cartas régias de 7-12-1490.

4 — **Baltasar de Sá**

4 — **Gaspar de Sá**, que serviu na Índia, onde casou com D. Clara Pinheiro

4 — **D. Guiomar de Santo António**, abadessa de Santa Clara de Vila do Conde (1544).

Legitimados por Cartas régias de 20 de Novembro de 1499.

4 — **Henrique de Sá**, cónego em Coimbra (pela renúncia de seu pai) que teve filhos naturais legitimados, a 19 de Maio de 1541:

5 — **Tristão de Sá**, que morreu em Diu.

5 — **Ambrósio de Sá**, cónego em Coimbra, que acrescentou a capela instituída por seu pai c. g.

5 — **D. Inês de Melo**, mulher de Luís Pessoa de Andrade, de Montemor-o-Velho, que faleceu a 19 de Outubro de 1606 c. g.

4 — **Manuel de Sá de Miranda**, Prior de Nogueira e Ameal. Pretendeu renunciar a igreja de Nogueira em seu irmão Mem de Sá, mas o bispo, D. João Soares, não consentiu.

4 — **D. Margarida**

Não legitimados: (1)

(1) Não me repugna supor que seu pai solicitou apenas a legitimação dos filhos havidos em Inês de Melo e que estes não legitimados tiveram outra mãe.

- 4 — **Mem de Sá**, que segue
- 4 — **D. Filipa**, freira em Celas
- 4 — **D. Ursula**, freira em Lorvão
- 4 — **D. Helena**, freira em Celas
- 4 — **D. Isabel de Sá**, freira em Santa Clara de Vila do Conde.

4 — **Mem de Sá**, licenciado em Direito, Desembargador de Suplicação (12 de Maio de 1532) Corregedor dos feitos civis da côrte (1536) Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação (7 de Novembro de 1556), Conselheiro, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Governador do Brasil com poderes latitudinarios (23 de Julho de 1556) prestou grandes serviços assim na guerra como na paz. Faleceu a 2 de Março de 1572, tendo casado com D. Guiomar de Faria, filha do Doutor Afonso Anes, Desembargador do Paço.

Filhos :

- 5 — **Fernão de Sá**, que acompanhou seu pai e morreu, pelejando contra os indigenas, na capitania do Espirito Santo (Brasil).
- 5 — **João Rodrigues de Sá**, morto em Ceuta, combatendo ao lado de D. Pedro de Menezes (1553).
- 5 — **Francisco de Sá**, que faleceu em Lisboa a 20 de Dezembro de 1572.
- 5 — **D. Maria de Sá**, mulher de Rui de Figueiredo s. g.

5 — **D. Beatriz de Sá**, que faleceu em Lisboa aos 12 anos.

5 — **D. Filipa de Sá**, mulher de D. Fernando de Noronha, 3.º conde de Linhares e de Ambrósio de Sá Pessoa, F. da C. R.

Tendo falecido em tenra idade seus filhos, fundou e dotou o colégio de Santo Antão de Lisboa, dos P. da Companhia de Jesus, onde foi sepultada, na capela mór, em magnífico túmulo.

DOCUMENTOS

I

**Compra feita pór Francisco de Sá de Miranda
e D. Briolanja de Azevedo a 3 de Maio de 1530**

(Página 74)

Anno do nascimento de nosso senhor jhsxpo de mil e quinhētos e corēta e dous annos aos vinte e nove dias do mēs doutubro na quinta do Sobrado, que he neste concelho dentre homē e quavado honde estava Di.^o pires do quassal iuis ordinairo con elle mesimo e por my t.^{an} lhe foy dito como fr.^{co} Ssa de Mirāda fidalgo da quassa dell rey noso senhor lhe pedia que lhe mādasse elle iuis dar sua carta que estava no livro das notas do t.^{an} e ātecesor de my t.^{an} segundo eu t.^{an} logo a mostrey e vista por elle iuis ella estar bem ssam e sem nenhum vyciyo nē antrelynha que duvyda faca mādou a my t.^{an} que lha dese sob meū synall públquo a carta tall he Saybam quātos esta carta de pura vēda e fermydom deste dia

para todo o sempre vyrem que no ano do nascy-
mento de noso senhor jhsxpo de mill e quinhētos
trinta annos terça feyra tres dias do mes de Mayo na
quytam de Crasto que hé no concelho e tera dantre
homem e quavado ẽ presēça de my t.^{an} e test.^{as} ao
dyante nomeadas pareceo G.^o dabreu escudeyro e
morador na Vyla de Vyana da foz de Llyma e disse
que por falecym^{to} de p.^o Tynoquo seu sogro fiquaram
certos bens moves e de rais de que Guimar Frz sua
molher delle p.^o Tynoquo e Ana da Costa filha delle
p.^o Tynoquo molher delle G.^o dabreu sam lygytymos
erdeyros dos quaes bens ele dito G.^o d'abreu ẽ seu
nome e das dytas sua molher e sogra procuração
ante os quaes bens de que assy estava de pose era a
metade da quytam do bario ssyta na freygesia de
fysqual do dito conceylho e que ora elle ẽ seu nome
e das ditas sua sogra e molher e por vertude de huã
percuracom abastãte para ho tall quaso sofycyēte e
abastãte tinha elle vëdya como logo defeito vëdeo a
dita metade da sobredyta quytam convë a ssaber a
fra.^{co} de Saa de Mirãda e a senhora dona briolãja
dazevedo ssua molher que presētes estavam por
preco logo nomeado e certo de corëta e cynquo mill
res brãquos desta moeda ora corëte de seis ceytis ho
reall do qual preço ele vëdedor em seu nome e das
sobredytas ssua sogra e molher el ouve por bem
pago e entregue por os já ter recebydos ẽ ssy e dava
aos dytos compradores por quytes e llyvres do dyto

preço nênhum coussa lhe fiquar por pagar deste dya para todo sempre e assy a elles como seus erdeyros e aquall metade lhe vëdyam fora e por dysimo a Deus somênte quatro allqueires de gram meado que se paga a Igreja de Ssanta hovaia e todo o mays lhe vëdyam foro e isento como dito he todo de mõnte em fonte roto e por romper e por honde ho elles compradores mylhor poderem aver com todas êtradas e ssaydas novas e antigas e augoas e arvores de fruto e sem fruto todo e pella manëra que ho elles vëdedores tynham e erdaram por morte do dyto p.^o tynoquo e assy como ho elle p.^o tynoquo tynha e ouvera por carta de compra de seu pay e may Luis Afõso e m.^a dias e por aquella mesma maneyra e o que nella se contem lha vëdyam e am por vëdida e por esta lhe dava a pose e dominyo e senhorio. e dyreyto que na dita quytam tynham que elles compradores a tomë e ajam deste dya para todo sempre sem mays autorydade de justiça e bem assy dyseram que se hy ouvese allguã outra erdade e porpryadade dado quaso que a dita mea quytã não pertëcerem e do dito p.^o Tynoquo fora lha avyam por vendyda com ho mays sobredyto asima dita que lhe vedyam todos os bens de rais somëte que a o dito p.^o tinoquo pertëcyã e ora pertëce a elles ditos erdeyros em testemunho de verdade mãdaram ser feyta esta no dito dya e mes e ano da quall os ditos compradores pediram o trelado e ele G.^o d'abreu ã seu nome e das ditas ssua

molher e sogra lho mādou dar test.^{as} que presētes, foram Gill Alvares Alves, morador em este conselho, e Duarte pires cryado dos dytos senhores e Manoell Afōso. Eu Luiz Fernādes. t.^{an} de pubriquo judycyal em ho dyto concelho por el rey noso senhor que no llyvro das notas escryvi e os sobreditas ha assinaram de ssuas marcas e raso as que tais sam, eu d.^o de nātes t.^{an} em elle mesmo por el rey noso senhor ho assino aqui meu prubriquo synall fiz que tal he.

Sinal publico

II

**Gonçalo, filho de Francisco de Sá, recebe ordens
menores em 1541**

(Páginas 99 e 112)

Matricolla dordēs Jerais que cellebrou ho bispo dom Andre de torquemada de 1.^{ca} dos señores do cabido a se vaguante demtro na see desta çidade sabado das 4^o temporas depois de dia de samta lluzia

dezasete dias do mes de dezembro de mill e quinhentos e cooremta e hü e promoveo a hordes menores e depistolla e evangelho e misa as p.^{as} adiamte scriptas as quaes fforõ examinadas pollo l.^{do} sebastiam gil provisor que esta matricolla asinou e seguemse lloguo os hordenados de menores / fernã Roiz (p.^o) por simã freyre ho escrevy

Menores

8 g.^o f.^o de fr.^{co} de saa comëndador de duas Igreias e de sua molher dona briolamja da freg.^a de samta m.^a de duas igreias istius diocesis.

III

**Jerónimo, filho de Francisco de Sá, recebe ordens
menores em 1546**

(Página 99)

Matricula dordês gerais que se celebrarão na cidade de braga na Igreya do espritall de são marquos de fora dos muros dela per dom andre de torquemada bispo dumemse de L^{ca} do muito illustre e

R.^{mo} sñor dom manuell de Sousa arçebispo e sñor da dita çidade primas das espanhas & (etc.) as quaeis se celebrarão sabado das quatro temporas depois de çinza çimquo dias do mes de março do ano de Mill e quinhentos e quorenta e seis e os que no dito dia forão ordenados dordêes de prima tonsura e a todas as menores e de pistola e evangelho e misa forão primeiro examinados per manuell alexandre e per fr.^{do} Roiz capelaeis do dito sñor arcebispo per seu mamdado e foy espriuão eu greguorio da costa espriuão da camara deste arcebispado e os nomes dos ordenados debaixo cada-hü de seu titulo são os seguintes e primeiramente de prima tonsura.

de prima tonsura e as outras quatro menores geronimo de saa f.^o de fr.^{co} de saa e de sua molher dona briolamja da freg.^a de santa m.^a de duas Igrejas desta dioc.

(Arq. Dist.^{al} de Braga. Matriculas, cad. de 1546, fls. 1 e 1 v.^o)

IV

**Doação de Bernardino Machado a seu sobrinho
Francisco Machado (1552)**

(Página 104)

Em nome de Deos amem. Saybam quantos este estormento de doacom doje pera todo sempre byrem que no ano do nacymento de noso senhor Jesus xpto de mil e quinhentos e cyncoenta e dous anos aos cynco dias do mes de mayo do dito ano em a quymtam do Crasto que he neste conselho dantre o omem e cauado em presença de mym tabeliam e das testemunhas todo ao dyante nomeadas pareceo ho senhor frey bernaldym machado comendador de Sam Joam da guarda e dollybeyra do espytall. . . . e asy pareceo ho senhor francisco machado fylho do senhor manoeil machado erdeyro e sobrynho do dito senhor frey bernaldym machado y logo por ho dito senhor frey bernaldym machado comendador foy dito: que ele tynha huma llycença do gram mestre do espytall de Gerqsallem e do combento que ao presente he como bem a saber de frey Joam de Omedes

aquall llogu apresentou aquall bynha escripta em llatim e asellada com ho selló do dito gram mestre em cera negra segundo seu antigo costume feyta em mallta no combento a bynte e cynco dyas do mes d'aguosto do ano de mill y quynhentos e cyncoenta anos e registada em çancellarya pelo bysçamceler que ao presente era em aquall llycença lhe era concedido poder por elle dito gram mestre e combento llycença e poder para que elle dito senhor frey bernaldym machado comendador podese bender e dar e doar . . . quaysquer bens que a elle pertencerem por quallquer bya que seja . . . de . . . por virtude da quall carta de llycença e facultdade ho dyto senhor frey bernaldym machado foi dito: que elle abendo respeyto que ho dito seu sobrynho francisco machado era ho berdadeiro erdeyro desta casa donde todos decendem a que elle he muito hobrgado por decender dela e dela esperar sempre aquellas hobras que se debem aos tays parentes elle abia por bem de trespassar no dito francisco machado seu sobrynho todos hos bens que a elle dito frey benaldym machado comendador pertencyam por erança de seu pay francisco machado que Santa Glorya aja e asy por fallycymto de sua may dona Joana d'asevedo que asy mesmo esta em santa grorya pera byr a elle dito francisco machado e que elle possa faser dos ditos bens como de seus propios como som deste dya pera todo sempre porque esta era a sua bontade de elle dito frey bernal-

dym machado doador e trespassar e conceder por todas as mylhores byas e modos que ser podesse e de maneyra que toda a sua erança e llygytyma asy de pay como da may byese e benha e a aja o dito francisco machado e delle lhe fasya pura doacom e trespassacom e dysto tudo lhe mandou dar hum e muytos estromentos e quantos lhe compreysem e necessarios fossem e ho dito francisco machado que estava presente ho aceytou em sy e se oube de todo por emposado encorporado embystydo e de todo pedyo hum e muytos estormentos elle dito comendador lhos mandou dar e eu tabeliãan vy a dita bula e llycença acyma dita e me foi lyda de maneyra aquall foy e entregue ao senhor francisco machado para conservacom de seu dyreito. Testemunhas que a tudo presentes estavão ho senhor francisco de Sá de Myranda e G.º Frz allfayate morador no couto de Randufe deste dito concelho, francisco duarte e antonyo gonçalves houtrosy allfayates moradores na cydade de braga no arrabalde de Santa Ana elle dito comendador e testemunhas asynarom todo em meu llybro de notas donde na berdade tyro este eu gaspar de nantes tabeliam de publico jydycyall em elle mesmo por el Rey noso Senhor o escreby e asyno de meu publyco synal fyz que tall he

Sinal publico

V

Testamento de Francisco de Sá de Miranda (1)

(Página 127)

Aprouve a Nosso Senhor de levar minha molher Dona Briolanja de Azevedo para si, sem deixar outro herdeiro de seus bens, salvo Jeronimo de Sá, hum só filho dantre ambos herdeiro nosso universal por ser hum só e ella falecer ab intestada. E eu tenho feito meu testamento como acima he declarado deixando

(1) Como este testamento não chegou a ser assinado e aprovado, seu filho Jerónimo de Sá de Azevedo fê-lo exarar na escritura de seu casamento com D. Maria da Silva e confirmou suas disposições ao instituir ali o Morgado da Tapada.

Essa escritura, de onde extrai a cópia do testamento, foi lavrada pelo tabelião João Gonçalves e assinada na casa da Taipa em Cabeceiras de Basto a 14 de Janeiro de 1559, sendo testemunhas o senhor António Pereira, Fidalgo da Casa del-rei nosso senhor e de seu conselho, ali morador, o senhor Nuno Alvares Pereira, Fidalgo da Casa del-rei Nosso Senhor, João Rebelo creado do senhor António Pereira e João Martins tabelião em Cabeceiras de Basto. Outorgaram pessoalmente Francisco da Silva e Jeronimo de Sá de Azevedo, ambos fidalgos da casa del-rei nosso senhor.

ao dito nosso filho por hum só herdeiro da nossa fazenda assim o que tegora possuímos como o que acquerir no provir e de toda ella / convem a saber / da propriedade instituimos hum morgado para todo sempre que ande no filho mais velho varão per filho, neto ou bisneto / e que não havendo filho vira a filha que não for freira nem o filho clerigo ou frade, por que então passará a successão adiante ao mais chegado cõvem a saber a mim instituidor, e seguirá pella linha chamando-se todos de Saá / isto primeiramente durando a linha direita q saltando na transversal, se Deus assim o quiser. E por que ao presente temos concertado casamento com Francisco da Silva de Jolda e eu, em nossos filhos que so os temos / convem saber eu o dito Jeronimo de Sá e elle da sr.^a sua molher Dona Leonor de Mello / de que tambem não tem mais que Dona Maria / só filha dantre ambos. E assim mesmo o fasem de toda a sua fazenda morgado que venha a elles e a seus herdeiros e successores segundo da nossa parte fica declarado. E falecendo tal herdeiro por linha direita do morgado da nossa parte se fará o que acima he dito, e do seu o que os ditos senhores ordenarem em sua instituição, porem durando a dita linha direita como Deus queira haver por seu serviço / os ditos morgados andarão ambos juntos como se fossem hum só e apartando-se os seus carregos acima declarados ficarão com este da nossa parte. E assim por meu falecimento logo

todo o aqui contheudo haverá effeito da minha parte por ser uma só pessoa e da sua parte delles por serem duas declarar-se-ha nisto o que se determinar delles a quem releva. E a cabeça deste morgado que hora instituo será nesta minha quinta a que chamamos da Tapada, em que ao presente vivo e que fiz de novo no fogo morto como se diz / mas da primeira pedra, sita na freguesia de Fiscal terra de Entre Homem e Cavado, que he de meu cunhado Manoel Machado sobre dito. E não se poderão vender, trocar, nem escambar / em parte nem em todo / com nenhuma pessoa, sob pena de todo ser nenhum e o tal herdeiro que o cometer perder todo / em direito ipso jure, e passar ipso facto ao herdeiro a que apos elle tal herança e soçessão pertencer. E enquanto ali houver filho varão não será admitida femea nem menos herdeiro transversal, havendo abi algum da linha direita, inda que seja femea por que em caso herdara a mulher. E com estas mesmas condições se ajuntarão neste mesmo morgado pelo tempo ao diante todos aquelles bens que nossos sucessores acrescentarem aos dagora que ainda que ao presente sejam poucos, Deus pela sua misericordia os acrescentará. Não se levarão aos nossos caseiros, quer encabeçados quer por encabeçar nem luctuosa nem entrada por me parecer ser serviço de Deos ainda que o costume seja em contrario. Mais declaro que esta instituição vindo pelo tempo adiante a caber esta herança e vir

a molher a mingoa de varão que a tal molher seja bôa e de bôa fama, virtuosa e sem voto de religião, ou daquelas que hão mister dispensação apostolica doutra maneira passe adiante e siga por sua linha e dos homens assi mesmo que sejão de bons costumes e verdadeiros fidalgos doutra maneira salte adiante. Isto se entenda por fama geral e notoria e não por malicia das partes. E serãõ obrigados a cumprir todo o assi aqui ordenado como pelo tempo adiante. E por aqui hei meu testamento por acabado.

VI

Compra feita por Sá de Miranda a 17 de Maio de 1558

(Página 131)

Saybam quãtos esta carta de pura venda doje pera todo sempre virem que no ano do nascimento de nosso snr. Jhu.xpoº de mil e quinhentos e cincoenta e oytto anos aos desesete dias do mes de mayo do dito ano em a quintã do bario novo que he neste

concelho d'antre homem e Cavado em presença de mim tabeliam e das testemunhas todas ao diante nomeadas pareceu ho senhor fr.^{co} de Saa de Miranda fidalgo digo de Miranda fidalgo da casa del-Rey nosso senhor comendador de Duas Igrejas e com ele pareceram pero Anes Luis Salas Gregorio fr.^{co} e sua mulher Fran.^c Rodrigues Fr.^{co} Rodrigues e sua mulher violante Afonso, moradores todos no casal do pumar e de Ryal no concelho de Regalados e logo por eles todos foi dito (1)

VII

Doação régia (1426)

(Página 262)

Dom João por Graça de Deos Rey do Reyno Unido de Portugal, e do Brazil e Algarves d'aquem, e d'álem Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista Navegação, e Commercio da Ethiopia Arabia,

(1) O resto da escritura não tem interêsse.

Persia, e da India &.^a Faço Saber que a requerimento de Dom Luiz Manoel de Azevedo Sá Coutinho foi expedida pelo Tribunal do meu Dezembargo do Paço ao Guarda Mór do Real Archivo da Torre do Tombo a Provizão do theor seguinte = Dom João por Graça de Deos Rey do Reyno unido de Portugal e do Brazil, e Algarves, d'áquem, e d'álem Mar em Africa Senhor de Guiné & Mando a Vós Guarda Mór da Torre do Tombo que deis a D. Luiz Manoel de Azevedo Sá Coutinho, Moço Fidalgo com exercicio na Minha Caza o Treslado da Doação, ou dote, que o Senhor Rey Dom João Primeiro fez dos Senhorios de S. João de Rey, e Coutos de Terras de Bouro a Luiz Dias de Azevedo decimo quinto Seu Avô, e juntamente a Sua Confirmação em seu filho João Lopes de Azevedo, afsim como a Confirmação, e data dos mesmos Senhorios de São João de Rey, e Coutos de Terras de Bouro a Luiz Manoel de Azevedo Sá Coutinho, Avô d'elle Supplicante, Confirmação em onze de Novembro de mil setecentos e treze, Alvará de dezaseis de Dezembro de mil setecentos e vinte, e Confirmação aos vinte e oito de Novembro de mil sete centos trinta e hum, cujo Treslado lhe dareys na conformidade das Ordens passadas para se darem semelhantes traslados: Cumprindo-se esta Provizão como nella se contem. Pagou de Novos Direitos trinta reis, que se carregarão ao Thezoureiro delles a folhas trinta e sinco verso do Livro vigefsim oitavo

de sua Receita, e se registou o conhecimento em forma no Livro Octogessimo oitavo do Registo Geral a folhas dezasete verso. El Rey Nofso Senhor o Mandou pelos Ministros abaixo assignados do Seu Conselho, e seus Dezembargadores do Paço. Nuno Pereira do Valle a fez em Lisboa a vinte e dois de Junho de mil oito centos e dezanove annos. Desta oito centos reis e de assignaturas dois mil e quatro centos reis = Bernardo Jozé de Foios Cabral a fez escrever = Manoel Antonio da Fonseca digo escrever = Luiz Freire da Fonseca Coutinho = Manoel Antonio da Fonseca e Gouvêa» E sendo passada pela Chancellaria, foi apresentada ao Guarda Mór do Real Archivo, e em seu cumprimento se buscarão os Livros delle, e no Livro Primeiro da Chancellaria do Senhor Rey Dom João Primeiro se achou a folhas cento noventa e sete verso a Carta de Doação de que se faz menção a qual he do theor seguinte»

Dom João & A quantos esta Carta virem fazemos saber que nós vendo, e considerando os muitos, e estremados Serviços, que nós e estes Reynos recebemos e entendemos de receber mais ao diante de Lopo Dias de Azevedo nofso Vassallo, eperando bem nentes em como elle deixou seus bens, e se lançou comnosco em o Cerco de Lisboa, e nos Serviu em todas estas Guerras, que houvemos muy lialmente e serve hoje em dia, e foi comnosco na batalha E por que lhe nós fizemos mercê de algumas terras quando

heramos Regedor destes Reynos, dellas por Cartas, e dellas sem ellas; e porque nos somos bem lembrado, e querendo-lhe fazer mais firme, e mais sabido digo mais stavel, e querendo-lho nós conhecer, e galar-duar o què cada hum bom Rey deve fazer áquelles que o bem, e verdadeiramente servem asim como nos servio digo nos elle servio e serve em cada hum dia; E querendo nós fazer Graça e mercê ao dito Lopo Dias de nossa livre vontade e serta sciencia, e poder absoluto sem nolo elle pedir, nem requerendo lhe damos e doamos, e fazemos livre e pura doação entre vivos valedoura deste dia para todo o sempre para elle, e para todos seus descendentes lidimos que delle descenderem por linha direita das nossas terras de Aguiar de pena, e da terra de galles, e de Sanhoanes de Rey, e de Terra de Boiro com seus Coutos e Termos Velhos, e novos, e com todos seus limites per hu as elle melhor puder haver, e lhas damos com todas suas rendas, e direitos foros, e proes, e trabutos e com todas suas jurisdicoens Civeis e Crimes mero e mixto Imperio resalvando pera nós as alçadas, porem nós damos lugar ao dito Lopo Dias que todos aquelles que delle descenderem que as ditas Terras herdarem que possão poer Ouvidor, e delle appellar, e gravar pera nós. E que os nossos Corregedores possão hir por as Terras huma vez no anno e fazer Correição e que elle possa apresentar e dar as nossas Igrejas das ditas Terras quando vaga-

rem, assi como nós mesmo. E outro sy lhe damos as ditas Terras e Coutos que elle nem seus descendentes que as nom possão vender, nem escambar, nem dar nem emalhear, nem fazer dellas Capellas, nem de parte dellas nenhum alheamento se nom que andem juntas e todas suas rendas, e jurisdiçoens salvo fazendo ao Filho primeiro que não entenda em elle: Porem mandamos aos das ditas Terras e Coutos que lhe respondão, e acudam com todollos direitos, rendas, e foros, e trabutos e juridiçoens, e lhe obedeção como devem; E que o dito Lopo Dias persi, ou por outrem possa tomar a posse das ditas Terras e direitos dellas. E Mandamos aos Juizes que lhe fação acudir com todas as rendas, e trabutos, e foros, e leixarem haver as ditas Terras a elle e a seus descendentes com suas jurisdiçoens como suso dito he, e nom consentam que nenhum lhe ponha sobre elle Embargo, por quanto lhe nós fazemos doação dellas pela guisa suso dita ho mais firmemente que seer podé; e porque nosso vontade foi e he quando lhe primeiramente fizemos doação das ditas Terras de lhas darmos por esta meesma guiza e mais fortes estaveis que seer podesse nem embargando quaesquer Lex, e direitos Costumes, façanhas e outras quaes coizas que sejam contra esta doação, ou a contradigão por quanto nós queremos e mandamos que nom aiam em ella lugar nem lhe possão empecer; mais que esta Doação seja firme, e valedoura pera todo sempre, e prometemos

de a não revogar, nem hir contra ella; e rogamos aos Reys que de pôs nós vierem sobpena de beenção, e de maldição que a nam contradigão mais que lha guardem e fação guardar. Em testemunho disto lhe Mandamos dar esta nossa Carta assignada per nossa mão e Sellada de nosso Sello do Chumbo dante no Arreal de Sobre Melgaço oito dias de Fevereiro. El Rey o mandou Alvaro Gonçalves a fez Era de mil quatro centos vinte e seis annos digo E não se dizia mais em a referida Carta de Doação que aqui vai trasladada apedimento do Recurente, e lhe mandei dár nesta como Sello das Minhas Armas a que se dará tanta fé e credito como ao proprio Livro de que foi extrahida e vay com o mesmo concertada. Dada nesta cidade de Lisboa aos seis dias do mez de Julho. El Rey Nosso Senhor o Mandou por João Antonio Salter de Mendonça do Seu Conselho, Secretario e Membro do Governo nas Repartiçoens do Reyno digo Repartiçoens dos Negocios do Reyno, e Fazenda, Guarda Mór do Real Archivo da Torre do Tombo. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e dezanove. Estavay escripta em nove laudas de papel com o Sinete. E eu Gaspar Feleciano de Moraes Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, Escrivão Proprietario do mesmo Real Archivo a fiz e Sobrescrevi e assignei «Gaspar Feleciano de Moraes» «Lugar do Sello das Armas Reaes»

João Antonio Salter de Mendonça» De feitio mil nove centos e vinte» De busca e papel duzentos e vinte» De assignatura seis centos reis.»

E tresladado o concertei com o proprio a que me reporto o qual entreguei. Lisboa quinze de Julho de mil oito centos e dezanove. E eu João Luis Fernandes Braga tabellião a subscrevi e asignei em publico &.

JOÃO LUIS FERNANDES BRAGA.

VIII

Atestado genealógico de João Roiz de Sá e Menezes

(Página 307)

Eu Joam Rois de Saa de Menezes do cons.^o de el-Rei nosso Sr. Alcaide mor da cidade do Porto, dou de mim fee e assim juro pello abito de Cristo q. D.^o de saa Sotto-Mayor foi f.^o legitimo de Fernão de Saa Sotto Mayor ambos fidalgos da casa do dito S.^{or} moradores na cidade de Coimbra, o coal Fernão dessa foi netto de Rodrigo Annes de Saa q. foi filho de Joam

Roiz de Saa meu tresavo e Irmão de meu visavo Fernam de Saa, e tio de meu Auo João Roiz de Saa filho de seu irmão e assim foi o dito Fernão de Saa filho de Joam Glz de Miranda Sotto Mayor, o coal Joam Glz foi filho de hum Irmão do Conde de Caminha D. P.º Alvares de Sotto Maior, e isto de João glz de Miranda Sotto Mayor ui por instrumentos publicos, e o de meus auôs sei pello parentesco q por esta parte o dito Diogo de Saa tem comigo, porq por a sobredita maneira o dito Diogo de Saa desce de por linha direita, e sem bastardia das gerações e troncos de ambas estas linhagens de Saas e Sotto Mayores porq he visnetto do dito Rodrigo Annes de Saa e tresnetto do dito Joam Rois de Saa meu tres auo e Netto do dito João Glz sobrinho do dito Conde, feito por mim assinada e sellada do senete de minhas Armas aos 8 dias de Abril e 562.

JOÃO ROIZ DE SAA DE MENEZES

Reconhecida judicialmente pelo tabelião Vicente Serrão de Brito, do Pôrto, a 2 de Abril de 1592.

Reconhecida pelo tabelião Simão Leal, de Coimbra, a 15 de Abril de 1592.

IX

Atestado genealógico de Francisco de Sá de Menezes

(Página 307)

Eu Francisco de Saa de Menezes do conselho de Sua Mag.^{de} e capp.^{am} da sua guarda, dou de mim fee e juro pelo abito de cristo que Diogo de saa Sotto Mayor Fidalgo da casa do dito senhor foi filho legitimo de fernão de Saa de Sotto Mayor m.^{or} q. foi na cidade de Coimbra o coal fernão de Saa foi netto de Rodrigo Annes de Saa q. foi filho de Joam Roiz de Saa meu 4.^o Auo e Irmão de meu tresauo Fernão de Saa e tiç de meu visauo Joam Roiz de Saa filho de seu Irmão, e isto sei por huma carta e por hua certidam de meu Pai e assi ui por hum instramento publico q. o dito Fernão de Saa foi filho de João Glz de Miranda de Sotto Mayor que foi f.^o do Irmão do Conde de Caminha D. P.^o alvares de Sotto Mayor feito por mim e asinado e selado com o senete de Minhas armas a 20 de julho de 1562.

FRAN.^{co} DE SAA

Reconhecido pelo escrivão da camara de Coimbra Pedro Cabral da Costa e pelos tabeliães da mesma cidade António Martins e Antonio de Gouvea a 7 de Março de 1592.

X

**Gonçalo Mendes, sendo cónego, recebe ordens
de missa em 1483**

(Página 315)

Em nome de deus hamem

Anno do nascim.^{to} de nosso snor Jhū xpto de mill üy Lxxxxy anos sabado vespera de pascoa reessx^{ão} de nosso sr. Jhūxpô vynte e nove dias do mes de março do dito anno o senhor Dom Gil bp.o titopolitano de licença do muyto R.^{mo} em xpo e senhor Dom Joham por merce de deus elleito confirmado em a egreja e arcebispado de bragaa e sñor da dita cidade primaz das espanhas prioll de santa Cruz de coymbra etc. dentro na see dessa mesma na capella mayor de santa maria celebrou ordens geraaes

E fforom examinadores o bacharel João brass vigario e Lopo Afonso ambos conigos em a ditta see de bragaa etc. E eu Nuno Fernandes por o bacharel João Bras escripvam da puridade do dito snor que esto esqrevy.

Titulo das ordem de missa

G.º Meendes conigo na see de coymbra f.º de João Gonçalves e de filipa de Saa da diocese deste arcebisgado da freguesia de sã salvador do Cãpo.

XI

Doação da terra de Entre Homem e Cávado a Pedro Machado a 29 de Abril de 1450

D. Affonso por graça de Deos Rey de portugal e dos algarues, senhor de Seita, aquantos esta carta virem fasemos saber que nos somos certo que Dona Maria de Azevedo mulher que foi de alvaro de Meira senhor de Jales, traz de nos apenhados por quinhentas croas de ouro que por el-rey meu avoô cuja alma Deos haja forão dadas ao dito seu marido em casamento por pertencerem a ella e a seus herdeiros delle por sua morte todolos direitos que nos avemos em a nossa terra dantre homem e cavado ate que lhe mandemos pagar as ditas quinhentas croas e nom por mais tempo ora considerando nos os muitos e gran-

des serviços que ate ora recebemos e ao deante entendemos receber de Pero Machado fidalgo da nossa casa e querendo-lhos galardoar como he resão queremos que pagando elle a dita Dona Maria as ditas quinhentas croas de ouro segundo nos della formos tidos que elle dito Pero Machado aja des o dia que o dito pagamento for feito em diante pera todo o sempre para elle e pera todos seus herdeyros e susesores que depois delles vierem a dita terra dantre homem e cavado com totalas Rendas foros montados e maninhos e direitos e pertenças e cousas que nos em ella avemos e de direito devemos aver assi como se fosse pera nos recadaveis e mais queremos que alem dello elle haja amquoanto nossa merce for a jurisdição da dita terra civil e crime de mero e misto Imperio que possa por juises e meyrinho e outros quois quer officiaes segundo se observa nas terras que os outros fidalgos trasem da nossa croa asi de juro e erdade como de merce resalvando pera nos a correição e alçadas; porem mandarnos ao nosso Contador e almoxarifes da dita comarqua e aos nossos Corregedores juises e justiça e a outros quoaesquer ofeciaes e pessoas della que savendo . . . avera elle e a todos seus erdeyros e sussesores que dapos delle vierem as ditas Rendas direitos foros peissões terras e cousas que a nos della dita pertensem segundo nos tudo aviamos se pera nos tirassem e mais a elle a dita jurisdição enquanto nossa merce

for como dito he sem lhe porem sobre ello outro nenhum embargo e prometemos por nossa fe real deminuição em algum tempo lhe hirmos contra esta doação em parte nem em todo nem lhe tirarmos a dita terra nem direitos della por a guisa sobredita para a avermos de dar a outra nenhũa pessoa de quoaquer estado e condição que seja salvo que a tomando que lhe mandamos primeyro pagar as ditas quinhentas croas que elle assi pagou por nos á dita dona Maria e lhe serão entregues como atraz faz menção mostrando conhecimento por escriptura publica como as pagou a ella sem della descontarmos ao dito Pedro Machado nem a seus erdeyros nenhuã Renda nem pensões digo nem direytos que da dita terra tenham recebidos nem ser della desapoderados ataa lhe as ditas croas serem pagas como dito he E isto lhe outorgamos assim sem embargo de quoiasquer Leys e Ordenasões e direitos canonicos e opi niões de Doutores que em contrario dello forem ou dello sejam porque queremos que nom aja em esto lugar. Dada na era de vinte e nove de Abril — Gonçalo Anes a fez ano de 1450. (1)

(1) Copiada da pública forma do pergaminho que lhe foi apresentado pelo R.^{do} António de Sá de Menezes, abade de Carrazedo, procurador do snr. D. Feliz José Machado de Mendonça Eça e Castro, senhor de Entre Homem e Cávado, ao escrivão de Amares Manuel de Almeida Lobo e por este passada a 14 de Fevereiro de 1719. Está no 3.º tomo da casa de Crasto.

NOTAS

HONRA DE AVESSADAS

A quinta e honra de Avessadas, na frèguesia de S. Martinho de Avessadas, no Marco de Canavezes, ficava no extinto concelho de Bemviver, que D. João I deu a Nuno Fernandes de Freitas em 1384 e confirmou a seu filho Martim Fernandes de Freitas em 1385.

Êste foi casado com Mecia Vasques de Sampaio, da casa de Vila Flor, que era senhora da Honra de Avessadas em 1429. Sucedeu-lhe sua filha Catarina de Freitas que a possuía em 1450 e foi mulher de Fernão Coelho, snr. de Felgueiras e Vieira e mãe de Martim Coelho, casado com D. Joana de Azevedo, filha de Lopo Dias de Azevedo, como se disse a páginas 282 e 283. Gonçalo Coelho, snr. da casa de Sergude e das terras de Felgueiras e Vieira, era filho dêste matrimónio de Martim Coelho.

Por escritura de 28 de Maio de 1506, lavrada por

Diogo Alves, tabelião em Felgueiras, Aires Coelho e sua irmã Maria de Sousa — filhos de Gonçalo Coelho «que Deus haja» poseram termo às demandas pendentes acêrca da herança de sua mãe e de seu pai.

Aires Coelho, por si e por seus irmãos, deixou a Maria de Sousa, sua irmã, o «corpo da quinta de Avessadas com todas suas lavras e auguas e com todo o que pertence, assi como sempre a trouxeram seus avós.»

D. Maria de Sousa instituiu, no seu testamento público, a 19 de Agosto de 1541, o vínculo de Avessadas, nomeando administradora sua sobrinha D. Briolanja de Azevedo, casada com Francisco de Sá de Miranda.

D. Maria de Sousa quis ser enterrada na igreja de S. Martinho de Avessadas «no moimento onde jasia D. Mecia Vaz de Sampaio, sua bisavó.» No arquivo da Tapada, há muitos documentos relativos à Honra de Avessadas, e entre êles dois muito interessantes. O primeiro, com a data de 11 de Janeiro de 1429, é um praso de certo casal em Avessadas, feito por Diogo Soares de Paiva com sua mulher Mecia Vasques de Sampaio. O outro começa nos seguintes termos: «Saibão quantos este intrumento de requerimento e dotamento virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor e Redentor Jesus Christo de mil quinhentos e vinte e um anos aos vinte dias andados do mes de Outubro do dito ano, debaixo do Alpen-

dre do Paço da Onra de Avessadas que hé termo do julgado de bemviver sendo hi Pedro Afonso da Lama juis na mesma Onra segundo o costume da dita Onra perante ele juis e em seu juiso e perante mim Tabelação adiante nomeado e na minha presença e das testemunhas que ao diante são escritas pareceram partes Scilicet de hua parte a Senhora Maria de Sousa, senhora da sobredita Onra e da outra parte o muito onrado João de Araujo, Abbade e Reitor da Igreja de S. Martinho do dito logo de Vessadas, sito na dita onra

Mecia Vasques de Sampaio havia dado para sempre á igreja de Avessadas, no dia de Santos, dez reis ou uma galinha por eles; e Maria de Sousa dá outros dez reis ou um «par de bomas galinhas por eles perpetuamente e no mesmo dia de Sanctos.

II

MIRANDAS

O poeta do Neiva pertencia, por sua avó paterna, aos Sás do Pôrto e por seu avô João Gonçalves de Crescente, aos Mirandas e Sotomaiores.

A linha dos Sotomaiores é mais ou menos conhecida, mas a dos Mirandas continua a ser um problema indecifrável.

Camilo Castelo Branco supunha que Sá de Miranda descendia dos Mirandas, descendentes de D. Martino Afonso Pires da Charneca, arcebispo de Braga e instituidor do morgado da Patameira, afirmando que era sobrinho neto de António Borges de Miranda, senhor de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho e primo de Simão de Miranda Henriques. (1)

Mem de Sá usava, no sêlo, um escudo partido em pala com as armas dos *Sás* e dos *Mirandas*, reproduzido na moldura do retrato do Doutor Francisco de Sá de Miranda, seu irmão, que ilustra êste livro. Minhas pesquisas, no Arquivo Distrital de Braga, começadas com justificada esperança dum feliz êxito, terminaram sem resultado seguro e proveitoso; mas merecem registo os factos verificados porque é provável que não sejam indiferentes à genealogia de Sá de Miranda.

Em vida do poeta, era abade de S. Salvador do Campo o Licenciado Jorge de Miranda, que, na freguesia de Santa Leocádia de Tamel, anexa à sua igreja, fundou a capela dos Passos. Como dêle descendem, pelas filhas que perfilhou e conseguiu legitimar, muitas famílias ilustres, procurei sua ascendên-

(1) *Historia e Sentimentalismo*, II, pág. 35.

cia em vários nobiliários. Era filho do comendador Francisco de Miranda Henriques, Alcaide mór de Fronteira e de sua mulher D. Joana da Silveira; neto de Henrique Henriques de Miranda, comendador e Alcaide mór da Fronteira, e de sua mulher D. Maria de Sousa; bisneto de Aires de Miranda etc. etc.

Mas, os documentos examinados inutilizaram tôda essa falsa ascendência do abade de S. Salvador do Campo, onde residiu, como sabemos, João Gonçalves de Crescente e sua mulher Filipa de Sá.

Jorge de Miranda era filho de presbítero e de mulher solteira, sendo dispensado dêsse defeito pelo Papa Alexandre VI em 1494; tomou ordens menores e sacras em Braga, recebendo as ordens de missa em 1506. Tudo isto consta do Livro de *Mostras* de D. Diogo de Sousa (pág. 106).

João de Miranda, seu antecessor, havia sido colado na igreja de S. Salvador do Campo e suas anexas S. Pedro de Alvito e Santiago do Couto, a 20 de Dezembro de 1463, achando-se vagas pela renúncia de Mestre Rodrigo.

João Anes, filho de João Anes e de Maria Gonçalves, sua mulher, moradores na frêguesia de S. Miguel de Vila Boa (bispado de Viseu) «que por tanto tempo quanto de direito abasta he morador na diocese de Braga» recebeu prima tonsura e ordens menores a 2 de Março e 30 de Maio de 1455, de subdiácono em 1460, de diácono e de presbítero a 13 de

Março e 3 de Abril de 1462; e estas datas coincidem plenamente com as declarações feitas em 1489 pelo abade João de Miranda, constantes do livro de *Mos-tras* do arcebispo D. Jorge da Costa a fl. 85.

Na freguesia de S. Salvador do Campo viveram, como dissemos, os avós do poeta do Neiva, que ali possuíram a quinta de Creste. (1)

III

MARQUÊS DE MONTEBELO

A despeito dos louvores cantados pelos seus ilustres panegiristas, entre os quais devo especialisar Pinheiro Chagas, que o eleva a categoria duma das

(1) Esta propriedade pertence aos herdeiros do conselheiro Francisco Roberto de Araújo Magalhães Barros, distinto magistrado, sogro do Ex.^{mo} Sr. Dr. António Baião, conservador da Torre do Tombo, secretário da Academia das Ciências de Lisboa e eminente escritor, cuja amizade muito me honra e penhora.

Foi adquirida, no século xvii, por um dos seus ilustres antepassados, quando o perdulário Rui Pinheiro de Lacerda (o Rui Palheiro) vendeu todos os bens livres que herdara, ficando reduzido ao Morgado de Pouve e vínculos anexos.

maiores glórias de Portugal, (1) eu considero-o mais perigoso que Faria e Sousa, seu amigo e protegido e que Fr. Bernardo Brito, seu precursor, no campo das averiguações históricas. Foi homem de talento, estudioso e erudito, grande humanista; «versejava e pintava a óleo com subido gosto» diz Pinheiro Chagas. Tem poucos exemplos êste exemplo: afirmou o Conde da Ericeira. Não tenho razões para negar seus reconhecidos méritos literários e artísticos, mas sobejam motivos para regeitar a maior parte da sua obra genealógica, onde a sua vaidosa imaginação semeou erros e falsidades sem conta. O «*Memorial*» é um livro escrito sem nobreza e sem brio; é um documento que envergonha o seu autor, ofendendo mais a Verdade do que fere a Marquesa de Monte Belo, sempre mal colocada nas súplicas e protestos do marido que el-rei D. Filipe IV lhe deu à pressa e a necessidade lhe impôs.

Não era facil encontrar na côrte de Madrid quem se prestasse a casar com a filha da Marquesa de Mortara, cujos amores com el-rei eram conhecidos e bem manifestos. Feliz Machado casou, confiando nas promessas do título, honras, mercês e adiantamentos que el-rei lhe fez por intermédio do arcebispo inquisidor geral, seu confessor. «Casó solamente por este respecto, confessa o Marques.» (2)

(1) *História de Portugal*, vol. v, pág. 614.

(2) *Memorial*, pág. 212.

No *Memorial*, como na *Vida de Manuel Machado de Azevedo*, as inexactidões tropeçam nos erros e êstes atropelam os factos; mas as afirmações tem aparência de honestidade na forma habil, na exposição cuidadosa que geralmente agrada e convence.

Dentro do curto perímetro das terras de Entre-Homem e Cávado pôde acomodar uma multidão de nobres e antigos solares; à sua casa de Crasto deu uma origem tão remota que pouco faltou para a considerar e identificar como o berço da humanidade... fidalga; e para os Machados conseguiu uma varonia real, ennobrecendo a el-rei D. Sancho I com honra de ser pai de Martim Martins Machado. Arranjou tudo com tanto engenho, com tanta arte, que a maioria dos leitores do *Memorial*, não tendo paciência para muitas e tão necessárias averiguações, supõe o Marquês de Monte Belo o mais illustre fidalgo português, senhor da maioria dos grandes solares do Norte e representante dum ramo varonil da nossa Casa Real e consequentemente dos Capetos. Não subiu mais para não mostrar que descendia, como toda a gente, do mísero Adão de pé descalso e sem gravata! Para documentar a falsa varonia, a novidade genealógica, viu-se obrigado a fazer uso das suas prendas literárias plausivelmente auxiliado pelo seu grato amigo Faria e Sousa, que, como é sabido, foi recolhido em casa do Marquês e ali faleceu.

Sá de Miranda foi a vítima sacrificada, a escrava

testemunha *falsa* que havia de confirmar, com a sua autoridade, a disparatada intrujice genealógica.

Ouçamos Montebelo :

«Para alguna comprobaciõ de todo lo dicho traeremos aqui unas coplas del Dotor Frãcisco de Sa i Miranda, escritas a Manuel Machado su cuñado en respuesta, segun se colige, de otra en que le pedia escribiesse algo de Familias.

- I. He Senhor grande trabalho
Escrever de Geraçoens,
Nem todos sam Scipioens;
E podem cheirar ao alho,
Ricos homës, è Infânçoens.
- II. Se dizeis verdade a todos,
De nenhũ estais seguro :
Que não ha sangue tão puro,
Nem para Avòs tantos Godos,
Que hũ nam achẽ no mõturo.
- III. Escrever com louvaminhas
Não he minha profissam ;
Tirar unhas ao Leam
Para polas nas galinhas
Outros o façam, que eu nam.
- III. No tempo dos Reis primeiros
Era a Corte nestes montes.
Vim beber de suas fontes,
Que hà là por baixo atoleiros
Que nam tem barcas nẽ pontes.

- V. Dinheiro, officios, privanças,
A nobreza nos desterra:
Iudeus e Mouros à terra,
Nos trazem suas lianças,
Que he nesta paz mayor guerra.
- VI. Estes querem tingir tudo
Com poder mais soberano:
Quem nam veste do seu pano
Convemlhe fazerse mudo
Por evitar mayor dano.
- VII. *Os del Rey Sancho guarday*
Que bom testemunho dão:
Cante a Cigarra ò Verão
Mas ò Inverno lhe aguarday
Que vos viram ter da mão.
- VIII. *Entam sem cõtradiçoens*
Vossos Avòs mostrareys
Que Reys derãm, e foram Reys:
Deixailhes dourar brassoens,
Que vos lhos desdourareys.
- IX. *Se nove Torres tiraram*
Que gnardavam tres Machados,
Com dous maes bem vos pagaram;
Pois Torres novas entraram
Martim co'os quatro criados.
- X. *Se o Primàs os ayjdou,*
Com informações erradas;
Outro Primàs nos deixou,
Por suas cartas firmadas,
O que Sancho confessou.

XI.

Por mais que queiram, Senhor,
Nada vos ham de empecer :
Que nam leva o jogador,
Maes paos por maes se torcer,
Se lança a bola peor.

Grifei as quatro quintilhas, que não são, não podiam ser do poeta do Neiva; porque, quanto às outras, não tenho motivo decisivo para rejeitá-las apenas a natural suspeita de que sejam obra do mesmo temerário falsificador.

Quem não vê nestas quatro quintilhas a intenção preocupante de consolidar a novíssima varonia real dos Machados, que tanto trabalho e canseira dera ao Marquês de Montebelo?

Só os cegos, os ingénuos que não observam os disparates, as desatinadas afirmações e os erros históricos e dispensam a Cronologia, inimiga formidável da mentira genealógica.

Só quem esquecer as virtudes, qualidades, erudição e talento dêsse

Homem d'um só parecer
D'um só rosto, uma só fé.

É notável a facilidade com que Montebelo esclarece alguns indecifráveis versos do poeta. Só o autor podia faser tam acertada interpretação.

«*Os del-Rey Sancho guarday*» quer dizer que conserve os panos e tapetes da casa de Crasto (*adquirida e não herdada por seu avô*) que aquele monarca deixara por intermédio do arcebispo eleito, seu testamenteiro, a Martim Martins Machado, filho de D. Maria Monis e do testador! Mentira inverosímil que não podia ser repetida por Sá de Miranda.

Vossos Avos mostrareys
Que Reys deram e foram Reys.»

É a varonia real dos Machados, que Sá de Miranda ignorava porque ainda não tinha nascido o autor dessa infeliz invenção genealógica, que os factos contrariam e os documentos desmentem.

Não é menos repugnante o *antigo* brasão dos Machados, cercados por nove torres para lembrar a entrada de Torres Novas, com manifesto desprezo pela História, pela Cronologia e pela crítica dos leitores.

«*Se o Primaç os ajudou
Com informações erradas ;
Outro Primaç nos deixou
Por suas cartas firmadas
O que Sancho confessou.*»

Para a reforma heráldica, realisada no tempo de D. Manuel, colheram-se, é certo, informações em

todo país; mas os arcebispos de Braga não deram nem podiam dar informações de carácter meramente artístico e nenhum dêles (D. Jorge da Costa, D. Diogo de Sousa e o Infante D. Henrique) era inimigo dos Machados.

As cartas do arcebispo com a confissão de el-rei D. Sancho I deviam ser a plena confirmação da varonia real dos Machados; mas ninguém conseguiu vê-las e a noticia da sua *existência* conservou-se inédita até à publicação do *Memorial* que nos roubou o praser de faser a leitura de qualquer cópia de tão preciosos documentos.

Pode dar-se o caso de algum leitor ménos versado nestes assuntos, não ver motivos para se rejeitar esta poesia attribuída a Sá de Miranda. Daí a necessidade de insistirmos.

Sá de Miranda não podia ignorar que D. Sancho I reconheceu seus filhos bastardos havidos em D. Maria Aires de Fornelos e em D. Maria Pais Ribeira e não reconheceu qualquer filho de D. Maria Moniz; não leu nem podia ler a confissão de D. Sancho ao Arcebispo, nem as cartas dêste Primaz, que nunca existiram, porque não podiam existir.

Maria Moniz, tia de D. Maria Pais Ribeira, podia ser avó de D. Sancho! Tal era a diferença de idade.

Em 1162, Maria Moniz, arrependida de seus peccados, ofereceu ao Arcebispo, cabido e altar de Braga, por carta de testamento e doação, determinados bens

avoengos em Crespos e Geraz do Lanhoso, estabelecendo cláusulas piedosas e pedindo sepultura na igreja de Braga. (1) Nesse ano, quando Maria Moniz, já pensava mais na vida futura do que nos prazeres mundanos, D. Sancho contava catorze anos! Dela e não de D. Sancho, procedem os Machados.

A lenda heráldica alude ao *facto* de Martim Martins ter arrombado a porta do castelo de Santarém a golpes de machado; mas o Marquês, para explicar o *antigo* brasão dos Machados (que me parece ser uma invenção sua) diz que aquele acto de heroísmo foi praticado na tomada de Torres Novas. Acêrca dêste *facto* nada poderia informar o Arcebispo Primaz, como não tinha competência para aconselhar mais dois machados na modificação do brasão.

Sá de Miranda nunca mentiu e nunca escreveu disparates: não são dêle as coplas publicadas em seu nome no *Memorial* do Marquês de Montebelo.

Considero também apócrifas as duas cartas de Manuel Machado de Azevedo a seu cunhado Francisco de Sá de Miranda, igualmente *inéditas* e desconhecidas, mas publicadas pelo Marquês de Montebelo, seu bisneto. (2)

Se eu as considerasse autênticas, teria aprovei-

(1) *Liber Fidei*, doc. n.º 484, no Arquivo Distrital de Braga.

(2) *Vida de Manuel Machado de Azevedo*, pág. 16 e 86.

tado para confirmação do parentesco do poeta do Neiva com os Sás, do Pôrto, uma das quadras:

«Vosso parente e amigo
Joane de Sá — ber tanto
Descantou tanto em seu canto
Que deu num canto comsigo.»

Uma outra quadra tira tôda a autenticidade aos versos apócrifos de Manuel Machado:

«Ha de enfrear sua pena
Como um potro desatado
Quem quiser ser mais medrado
Que Camoes (1) e João de Mena.»

Bem sei que o Visconde de Jeromenha, Júlio de Castilho e outros aceitaram a referência a Luís de Camões porque se esqueceram de verificar a idade do grande poeta quando Sá de Miranda abandonou a côrte. Era criança. Nunca tiveram relações pessoais; e nas obras do poeta do Neiva não há a menor referência a Camões. O bisavô dêste Vasco Pires de Ca-

(1) Teófilo Braga, confiando no Marquês de Montebelo, mas reconhecendo a impossibilidade de Manuel Machado se referir ao genial cantor dos *Lusiadas*, supôs, com notável ingenuidade, que se alude aqui ao poeta Vasco Pires de Camões, terceiro avô de Luís de Camões, que fôra favorecido com grossas doações por el-rei D. Fernando.

mões não se notabilizou como poeta, mas pelos serviços prestados a D. Fernando; e, se *medrou*, como outros, com as doações e mercês régias, tudo lhe foi, pouco depois, confiscado.

Camões aparece ali, porque a Providência não dorme: está ali para nos mostrar que na falsificação colaborou Faria e Sousa, que no Comentário às Rimas de Camões, afirma que *Sá de Miranda mofava do poeta com palavras e acções.*

IV

JERÓNIMO DE SÁ DE AZEVEDO

O filho herdeiro e sucessor de Sá de Miranda, que na biografia anónima nos aparece *extremado musico*, desce à categoria de fidalgo devasso, degenerado, arruaceiro e criminoso, por decreto do Marquês de Montebelo, referendado pelo nosso imortal romancista Camilo Castelo Branco!

Os documentos existentes no Arquivo da Tapada, os factos averiguados, não confirmam antes contrariam as acusações assacadas a Jerónimo de Sá de Azevedo, muitos anos depois da sua morte.

Não estranho a indesculpável attitude do Marquês de Montebelo; mas lamento o procedimento de Camilo Castelo Branco, que não devia repetir, fortalecendo com a sua incontestável autoridade, afirmações gratuitas, que evidentemente se afastam da Verdade e que a sua consciência não podia deixar de considerar falsas.

É conhecida a má vontade de Camilo a D. João de Azevedo Sá Coutinho e a seus irmãos; e o facto explica o doentio praser que êle sentiu ao reproduzir na *História e Sentimentalismo*, a lenda dos três assassinatos, que o Marquês de Montebelo attribue a responsabilidade de Jerónimo de Sá de Azevedo.

Ouçamos Camilo crédulo ou irónico, mas com evidente e malévola intenção:

«Este homem, primo-coirmão de Francisco Machado, insinuára-lhe no espirito a suspeita de que sua mulher D. Maria da Silva o atraçoava com o Commendador de Rendufe, Henrique de Sousa, pôr que este renunciára a Commenda em um irmão de D. Maria da Silva, quando Jeronymo de Sá lhe pedia a renuncia a favor de um seu amigo. Um dia andava Francisco Machado caçando, uma legoa distante da casa de Castro, com intenção de pernoitar fóra. Disseram-lhe Martim Coelho e Jeronymo de Sá que, se elle n'aquella noite entrasse com uma chave mestra até ao quarto de sua mulher a encontraria com o Commendador, e poderia legalmente matal-os ambos.

Bandeára-se na intriga um criado do Commendador que em hora e sitio determinados na vizinhança de Castro, devia estar com a mula em que Henrique de Sousa costumava cavalgar. Partiram os trez alta noite, e viram a mula presa de redea a uma oliveira. Francisco Machado, que ainda duvidava, convenceu-se. Entrou em casa despercebido, penetrou na alcova da mulher, e encontrou-a dormindo serenamente, cingida de cilícios. Retrocedeu em busca dos amigos, que lhe disseram terem visto o Commendador cavalgar a mula, pouco depois que elle entrára em casa. Francisco Machado concentrou-se em um silencio torvo, esperando certificar-se. No emtanto a mulher de Jeronymo, que se chamava Maria da Silva e Menezes, avisou sua prima da conjuração tramada contra ella, — que se acautelasse, que fugisse para casa de seu pae, Manoel de Magalhães, senhor da Ponte da Barca. A innocente respondeu: que — Antes morrer sem culpa em casa, que fugir com infamia para casas alheias. E a Jeronymo de Sá, disse: Veja o que faz, Jeronymo, que em mulheres como eu não pegam nodoas. — Jeronymo, entendendo que a denuncia partira de sua mulher, deu-lhe uma punhalada n'um dos seios, e assistiu na Tapada áquella agonia de trez dias. Enterrada a mulher proseguiu na traça de fazer morrer a outra. O Commendador recebeu aviso de que não fosse ao Castro, que o matariam. Desprezou o aviso; não comprehendia que o matassem innocente.

Foi. Sentou-se a uma banca jogando. Veiu por detraz um negro com uma barra de ferro que o matou de uma pancada. Jeronymo de Sá estava presente. D. Maria da Silva acudiu ao ruido da queda. O marido vibrou-lhe um golpe de espada; mas a lamina, sem a ferir, saltou dos copos. Este incidente extraordinario conteve-o. Saíu a uma sala para onde o primo se afastára, e contou-lhe o caso. Jeronymo disse-lhe: — Se não matares tua mulher, a morte d'este homem custa-nos as vidas. — E deu-lhe a sua propria espada. Francisco Machado com a espada do primo voltou dentro e matou a mulher. Depois chamaram um escravo para que cortasse no cadaver do Commendador o instrumento do crime: era um complemento de vingança tradicional nos velhos nobiliarios. Quando o escravo ia executar a ordem, viram que esse instrumento não existia, e lhe acharam um tubo de prata por onde o infeliz expellia as secreções. Francisco Machado, desvairado de terror e remorso, quiz matar com uma adaga o primo; mas Jeronymo de Sá, mais destro e possante, por um tris que o não matava a elle. O Commendador foi enterrado secretamente no mosteiro de Rendufe, e D. Maria foi levada ao jazigo de seus avós á Ponte da Barca. O povo orava-lhe como a santa, e acreditava que a terra da sua sepultura curava sezões.

«Jeronymo de Sá morreu, volvidos annos, devorado por piolhos, chagado até ás entranhas . . . *como*

repugnante como inacreditável. *A luta entre os dois primos*, em que o vigoroso Francisco Machado ficou vencido pelo enfraquecido Jerónimo de Sá, continua, sem desmancho, a fabulosa e ridícula anedota.

Se Jerónimo de Sá tivesse a menor responsabilidade nos dois assassinatos e Francisco Machado se convencesse da inocência das vítimas e da traição de seu primo, o snr. de Entre Homem e Cávado não tomaria um desforço violento, não quebraria para sempre suas relações com a Casa da Tapada?

A fábula é desmentida pelo facto dessas relações de íntima amizade continuarem inquebrantáveis durante largos anos e mantidas em sucessivas gerações.

Jerónimo de Sá não morreu *devorado por piolhos, nem chagado até às entranhas*. No seu testamento feito em 1581, nas vésperas duma jornada, pouco antes do seu falecimento, declara-se bom de saúde, e refere-se às muitas doenças de que *padeceu*, antes do nascimento de seus filhos (vide páginas 175). Nesse testamento, nomeia tutores de seus filhos, ainda menores, seus primos Francisco Machado, Martim Coelho da Silva e Francisco Machado de Goes «*a quem lembra o amor que sempre lhes teve.*»

V

O ACTUAL POSSUIDOR DA CASA
DA TAPADA

D. Miguel Carlos Sotomaior é filho de D. Carlos Maria Sotomaior e Ávila e de D. Inês Augusta de Carvalho Peixoto e Vasconcelos (1.^a mulher); neto de D. Miguel Carlos Sotomaior e Azeredo, snr. da Casa de Esmoriz em Baião e de D. Leonor Adelaide Lobo de Ávila; bisneto de D. Carlos Manuel de Macedo Sotomaior e Castro Muito Nobre, Moço Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Bacharel formado em Leis, Desembargador e Chanceler da Relação da Baía, e de D. Ludovina de Azeredo Pinto, senhora da Gasa de Esmoriz; terceiro neto de D. Henrique Manuel Sotomaior e Castro Muito Nobre, snr. da Casa de Carvalhais e vínculos de Ponte das Táboas e de Mirandela, e de D. Mariana Josefa de Sousa e Menezes; quarto neto de D. Alexandre de Macedo Sotomaior e Castro Muito Nobre, Fidalgo da Casa Real, Capitão mór da Vila de Murça, snr. da Casa de Carvalhais e do vínculo de Mirandela e de D. Caetana de Sousa Cabral e Castro, snr.^a do morgado de S. Lucas da Ponte das Táboas (segunda mulher);

quinto neto de D. Duarte de Macedo Sotomaior e Castro Muito Nobre, Fidalgo da Casa Real e de D. Mariana Pessoa de Vasconcelos; sexto neto de D. Pedro Taveira Sotomaior, Fidalgo da Casa Real, Comendador de Castelo Rodrigo, na Ordem de Cristo, Capitão de mar e guerra na restauração da Bahia, Capitão de couraças nas guerras de Castela e de sua mulher D. Filipa da Silva e Castro. Êste sexto avô, na varonia, de D. Miguel Carlos Sotomaior, alcançou judicialmente o título de *Dom*, como quarto neto, legítimo, do Conde de Caminha; e recebeu del-rei D. João IV a mercê de apelido — **Muito Nobre**. Continuando, registo que D. Miguel Carlos Sotomaior é sétimo neto de João de Macedo Sotomaior e de D. Filipa Correia da Mesquita; oitavo neto de Pedro de Macedo Sotomaior e de D. Inês de Sousa; nono neto de Baltasar da Estrada Sotomaior, Comendador de Vale de Nogueira, na Ordem de Cristo, e de D. Guiomar Taveira; décimo neto de João da Estrada Sotomaior, que passou a Portugal, onde casou, em Vila Real, com D. Isabel de Azevedo; e décimo primeiro neto de D. Pedro Álvares de Sotomaior, Visconde de Tui e Conde de Caminha e de sua segunda mulher D. Francisca da Estrada.

Êste décimo primeiro avô de D. Miguel Carlos Sotomaior descendia por legítima varonia de D. Paio Mendes Sored de Sotomaior, em quem o Conde D. Pedro principia o título — de Sotomaior.

VI

ARQUIVO DA TAPADA

Na minha primeira visita à Tapada (14 de Outubro de 1925) não pude examinar todos os documentos do arquivo, mas escolhi duas pastas que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Branca de Azevedo Sá Coutinho teve a gentileza de me confiar, sem minha solicitação.

Êsses documentos, entre os quais estava o autógrafa de Sá de Miranda que o leitor conhece, foram por mim lidos e copiados, ou extratados. Mostrei-os a várias pessoas e muito especialmente ao snr. José Gomes da Silva e Matos que freqüentava minha casa e se dizia amigo leal e grato, mas que não soube resistir à tentação de os possuir e conseguiu que me fossem pedidos, para imediatamente lhe serem emprestados todos os documentos do arquivo!

Em 18 de Outubro de 1926, data da minha última visita à Tapada, o segundo marido da snr.^a D. Branca afirmou-me, perante os Ex.^{mos} Srs. Doutores Alberto Feio Soares de Azevedo ⁽¹⁾ e Artur Cardoso Pinto

(1) Êste meu velho e prestimoso amigo, ilustrado Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, prestou-se, com

Osório, que os documentos não tinham sido dados, mas emprestados e que, logo que o snr. José Gomes, agente do Banco de Portugal (a cuja instância me tinham sido pedidas as duas pastas) os restituísse, os ofereceria ao Arquivo Distrital de Braga, onde poderiam facilmente ser examinados.

O snr. José Gomes, todavia, não se cansava de dizer a tôda a gente (variando apenas quanto à forma ou título) que o arquivo era seu, porque lhe tinha sido dado pela sr.^a D. Branca.

A propósito do anúncio para a arrematação da casa, capela e quinta da Tapada «*que fundou o poeta Sá de Miranda*» o distinto escritor, snr. D. João de Castro publicou um artigo crítico no *Primeiro de Janeiro* que me causou viva impressão e me determinou a enviar àquele considerado jornal outro artigo em que, nas últimas linhas e veladamente, me referi à tristíssima história do arquivo daquela ilustre casa.

O snr. José Gomes veio a público, no *Correio do Minho*, de Braga, declarando ser êle o *livreiro*, a que me referi, detentor do arquivo da Tapada.

penhorante gentileza, ao fastidioso trabalho da revisão das provas na impressão das *Notícias biográficas*, e, de boa vontade, completaria a revisão do livro, se eu não receasse abusar da sua generosa benevolência. Consigno aqui meu vivo reconhecimento por êste facto e pela delicadesa com que sempre me aturou e auxiliou nas pesquisas que realizei no Arquivo Distrital, que êle soube organizar com grande acerto e admirável brevidade.

Não interessa, aqui, a polémica que travei com esse ex-agente do Banco de Portugal, que pretendeu defender-se com umas cartas em que se afirmava que o arquivo lhe havia sido dado . . . pelo primeiro marido da snr.^a D. Branca, falecido em 1921!

Não me foi difícil pôr em evidência a falsidade dessas cartas; mas, como podia dar-se o caso de algum ingénuo leitor lhes conceder imerecido crédito, a Providência, que nunca dorme, veio em auxílio da Verdade, restituindo o arquivo à snr.^a D. Branca.

Uma surpresa para mim, como para tôda a gente, que os interessados me explicaram, descrevendo-me as teimosas insistências que os obrigaram a copiar e assinar as tais cartas de defesa, depois do snr. José Gomes lhe garantir, *por escrito*, a entrega ou restituição do arquivo que lhe haviam simplesmente emprestado!

Restituído o arquivo, pude fazer-lhe novo exame que não foi inútil, porque encontrei valiosos documentos e entre êles o instrumento da posse judicial da quinta do Barrio dada a Francisco de Sá, *comendador de Duas Igrejas*, a 30 de Outubro de 1530.

Ignorava êste facto quando escrevi e revi o capítulo ix das *Notícias biográficas*.

VII

RECTIFICAÇÃO

Não obstante a informação de dois bibliófilos, não posso afirmar a existência da segunda edição do *Memorial del Marques de Montebelo*, a que me referi na página 293, porque a não indicam os catálogos que examinei, nem o *Dicionário Bibliográfico*. O neto do Marquês de Montebelo escreveu a bibliografia dêste, ilustrou o *memorial* e fez-lhe o índice, mas não creio que chegasse a fazer a segunda edição.



Santiago — Grosseira e disforme escultura (século xvii) que pertenceu a uma fonte, há anos destruída. Conserva-se junto à nova fonte que ennobrece o escadório da capela da Tapada

ÍNDICE

	PÁGINA
Consagração	5
Introdução	7

NOTÍCIAS BIOGRÁFICAS

I — O Poeta e seus biógrafos.	15
II — Nascimento e mocidade	23
III — Estudos em Coimbra e em Lisboa.	31
IV — Na Côrte — Trovador	37
V — Viagem a Itália e Espanha	41
VI — Regresso a Coimbra	45
VII — Saída da Côrte	49
VIII — No Minho — Casamento.	73
IX — Comendas de Moronho e de Duas Igrejas.	81
X — Na Casa da Tapada	101
XI — Morte e sepultura	131
XII — O Retrato.	147
XIII — Obras e edições.	151

NOTÍCIAS GENEALÓGICAS

tÍTULO	I — Casa da Tapada	173
»	II — Senhores donatários de S. João de Rei e Terras de Bouro	261
»	III — Casa de Crasto	277
»	IV — Honra de Vasconcelos.	299
»	V — Sás Sotomaiors de Coimbra	307

DOCUMENTOS

I — Compra feita por Francisco de Sá de Miranda e D. Briolanja de Azevedo a 3 de Maio de 1530 . .	321
II — Gonçalo, filho de Francisco de Sá recebe ordens menores em 1541	324
III — Jeronimo, filho de Francisco de Sá, recebe ordens menores em 1546	325
IV — Doação de Bernardim Machado a seu sobrinho Francisco Machado (1552).	327
V — Testamento de Francisco de Sá de Miranda	330
VI — Compra feita por Francisco de Sá de Miranda a 17 de Maio de 1558	333
VII — Doação régia (1426)	334
VIII — Atestado genealógico de João Roiz de Sá e Menezes	340
IX — Atestado genealógico de Francisco de Sá de Menezes	342
X — Gonçalo Mendes, sendo cónego, recebe ordens de missa em 1483	343
XI — Doação da terra de Entre Homem e Cávado a Pedro Machado a 29 de Abril de 1450	344

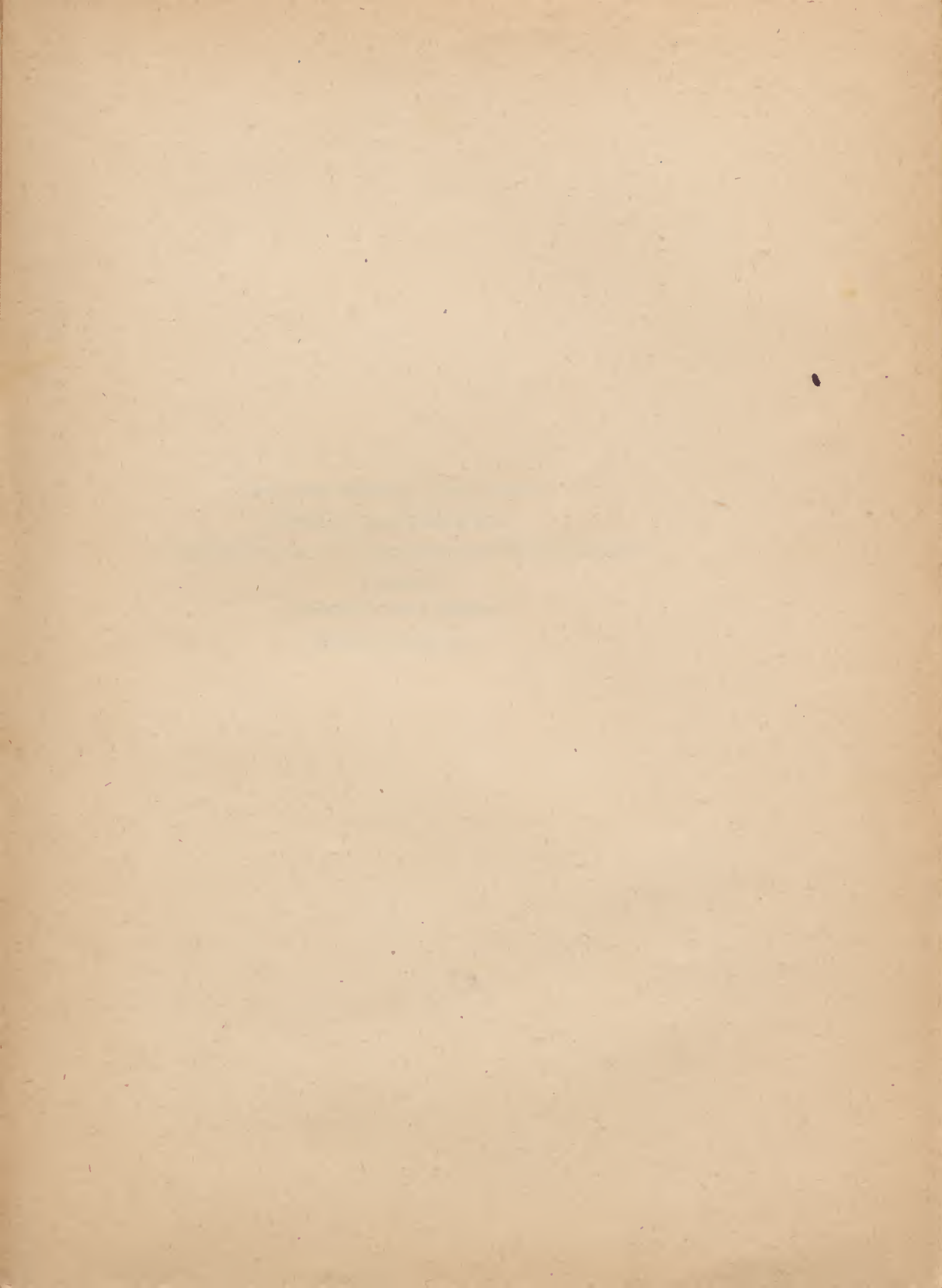
NOTAS

I — Honra de Avessadas	349
II — Mirandas	351
III — Marquês de Montebelo	354
IV — Jerónimo de Sá de Azevedo	364
V — O actual possuidor da casa da Tapada.	371
VI — Arquivo da Tapada	373
VII — Rectificação	376

ERRATAS

PÁGINA	LINHA	ÉRROS	CORRECÇÕES
2	17	Braga 1923	Ponte do Lima 1923
24	16	aplicação	publicação
42	22	Laurazatro, Giovanni, Rusellai, Lathauri Tolommei	Sanazaro, Juan Rucellai, Lattanzio Tolomei
72	18	1534	1532
83	11	meses	anos
83	14	1535	1533
83	18	nesta	na
91	22	por que	porque
96	10	(²)	
96	23	(¹)	(²)
104	5	Bernardino	Bernardim
131	6	16 de Maio	17 de Maio
140	9	Peçanha	Pessanha
174	22	Moreira	Moreira de Rei
175	25	Inacio	Inacia
181	11	Celorico de Braga	Celorico de Basto
208	20	irmã	irmão
214	1	falecido	faleceu
216	8	Rodrigo	D. Rodrigo
237	10	s. c.	c. g.

PÁGINA	LINHA	ÊRROS	CORRECÇÕES
238	11	primo co-irmão	primo
245	9	Guilhaderes	Guilhadeses
273	5	Coelho	Asevedo
300	4	tão	tam
301	23	fasem	fazem
304	22	traser	trazer
317	8	de Suplicão	da Casa de Suplicação
327	2	Bernardino	Bernardim
336	3	Nofso	Nosso
336	8	afsinatura	assinatura
336	23	nofso	nosso
346	24	Antonio de Sá de Menezes	Antonio de Sousa de Menezes
350	17	jasia	jazia
354	11	panegiristas	panejristas
354	14	magistrado	majistrado



ACABOU DE SE IMPRIMIR ÊSTE LIVRO
AOS 6 DE JULHO DE 1929
NA TIPOGRAFIA AUGUSTO COSTA & C.^A L.^{DA}, DE BRAGA
PARA A
LIVRARIA CRUZ — EDITORA
DA MESMA CIDADE



